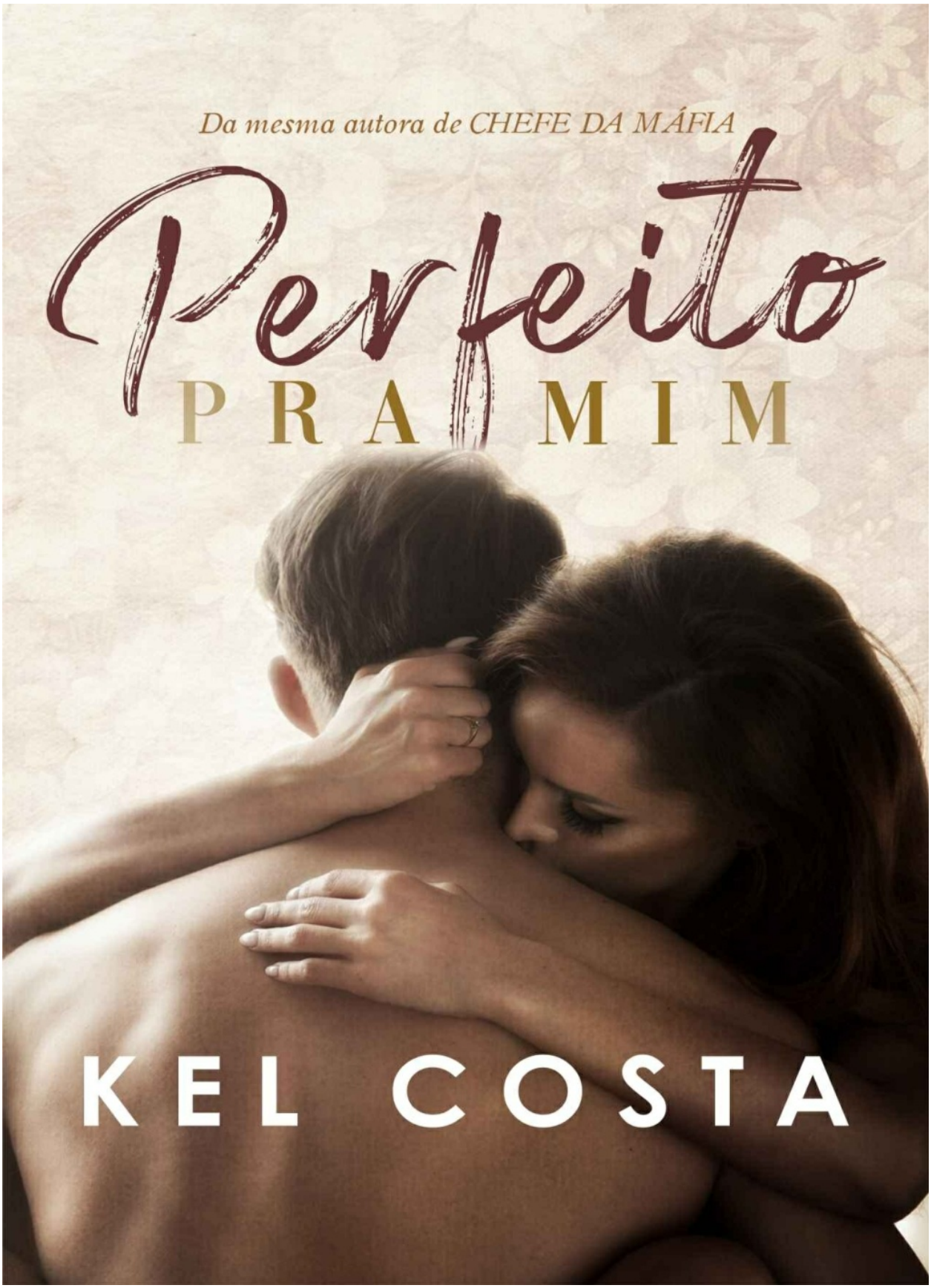
Da mesma autora de CHEFE DA MÁFIA

Perfeito PRA MIM



KEL COSTA


Da mesma autora de CHEFE DA MÁFIA
Perfeito
PRA MIM
KEL COSTA

Perfeito PRA MIM

KEL COSTA

Copyright © 2019 Kel Costa

Capa: Décio Gomes

Revisão e Diagramação: Kel Costa

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

1ª edição - 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora sob penas criminais e ações civis.

Aviolação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro a todas as pessoas que sofrem preconceito diariamente, seja de qualquer tipo e forma.

Que vocês sejam vistos, compreendidos e respeitados.



O botão aceso do elevador era uma das poucas fontes de luz funcionando naquele horário avançado. E isso era um aviso para que eu parasse com a mania de ficar até tarde no escritório. Não que a culpa fosse inteiramente minha. *Não era.* Meu chefe era um babaca que gostava de me entregar trabalho extra minutos antes do expediente acabar e eu era uma idiota que não fazia nada para

mudar o mau hábito dele.

Estremeci quando um barulho metálico soou no final do corredor, mas não tive coragem de olhar. Era em momentos assim que o assassino surpreendia as mocinhas nos filmes de terror. Cruzei os braços e me aproximei ainda mais da parede, esperando que o elevador chegasse para me jogar dentro dele.

—Olá —o meu grito abafou o sussurro atrás de mim e pulei de frente para o agressor, levantando a bolsa no alto, pronta para dar na cara dele. — Ah, meu Deus! Desculpe, Senhorita Martínez!

— Oliver! — Abaixei a bolsa e apoiei as mãos nos meus joelhos gelatinosos. Inspira, expira.

— Não queria assustá-la — ele murmurou e eu ergui meus olhos. O faxineiro da noite era um homem de quase sessenta anos que sempre fora cordial comigo, mas tinha a péssima mania de ser silencioso demais. — Não vi que estava distraída.

Eu ajeitei o corpo e joguei meu cabelo para trás, tentando recuperar minha compostura e dignidade. Abri um sorriso fraco para o homem e coloquei de volta a bolsa no ombro. Oliver deu um tapinha no meu braço e pegou a vassoura que estava dentro do carrinho de limpeza. Observei quando a água com sabão foi espalhada pelo piso enquanto o homem dava continuidade ao seu trabalho.

Não tive tempo de pedir desculpas pelo meu *showzinho* descontrolado porque o elevador apitou atrás de mim e as portas se abriram. Murmurei um boa noite para Oliver e entrei, apertando o botão do térreo e me encostando à parede espelhada. Esperava que, enquanto percorresse o caminho de quinze andares, meu coração voltasse a bater no ritmo normal.

—Espero que você não tenha *mesmo* visto um fantasma —disse o homem ao meu lado.

Eu o olhei pela primeira vez desde que entrara no elevador. A primeira coisa que chamaria a atenção de qualquer pessoa era a cadeira de rodas. E meu olhar demorado não parecia perturbá-lo, pelo contrário, fez com que abrisse um sorriso para mim.

— O quê? — perguntei, constrangida por ter passado tempo demais olhando para as pernas inertes dele. —Desculpe... O que disse?

O homem abriu um sorriso maior, exibindo dentes tão perfeitos que tive vergonha de mostrar os meus, nem tão impecáveis assim.

—Perdoe-me se não entendeu a piada. Quis dizer que você parecia ter visto um fantasma. Foi uma brincadeira. — Ele deu de ombros e apontou com o queixo para as portas metálicas. — Você estava um pouco pálida quando entrou aqui.

— Ah! — Baixei a cabeça para esconder minha risada e depois olhei para

ele. —Sim, foi quase isso. Pensei que fosse um fantasma ou um assassino, mas era só o Oliver.

—Oliver? —Ele franziu a testa.

— O faxineiro noturno. Eu achava que estava sozinha no andar e ele me deu um susto. —Encolhi os ombros e olhei de relance para o visor que exibia o andar atual, onde o número 5 aparecia em vermelho. — Acho que é isso que a gente ganha por trabalhar demais e sair tão tarde.

O homem balançou a cabeça, parecendo se divertir às minhas custas e o elevador chegou rápido demais ao térreo. Pensei em perguntar seu nome e me apresentar, mas ele desfez nosso contato visual e digitou alguma coisa no celular. Quando a porta abriu, deixei que passasse primeiro por ela.

— Primeiro as damas. — Ele esticou a mão para que eu saísse e veio logo atrás de mim em sua cadeira de rodas.

—Boa noite! —falei ao me virar e acenar antes de sair do prédio.

—Tchau. —O bonitinho piscou e eu quase bati de cara na porta de vidro. Saí do prédio um pouco desestabilizada. Tinha que admitir que o cara era muito bonito e eu tinha um *sério* problema com homens bonitos. Aquele tipo de problema que basta um sorriso para me fazer cair de quatro, completamente apaixonada, e depois descobrir que a pessoa não quer nada sério comigo.

∞

Estava de pijama quando saí do meu apartamento e fui bater na porta de frente para a minha. Ela foi aberta por Kiara, uma criatura baixinha que se tornara minha melhor amiga desde que me mudei para o prédio há três anos. Apesar de nossas personalidades muito distintas, fazíamos parte da vida uma da outra como se tivéssemos nascido irmãs.

— O que tem pra comer? — perguntei, fechando a porta atrás de mim e seguindo Kiara até a mesinha quadrada de dois lugares que era a única que cabia na sala minúscula.

— Pizza. — Ela se sentou numa cadeira e apoiou as mãos na mesa. Com duas unhas pintadas de rosa, segurou um palito de madeira entre os dentes enquanto desenroscava a tampa de um vidrinho de esmalte. Quando falou, a frase saiu quase indecifrável. —*Ôce em que edir* .

— Hein?

Kiara largou o esmalte sobre a mesa e tirou o palito da boca.

—Você tem que pedir a pizza porque eu paguei a da semana passada. Além do mais, estou desempregada, não esqueça desse detalhe importante.

Puxei a outra cadeira e me sentei, apoiando o celular na perna e deslizando

um dedo pela agenda para encontrar o telefone da pizzaria.

—Está na hora de pararmos de comer essas porcarias. —Suspirei, com um pouco de enjoo ao pensar em comer pizza gordurosa pela segunda vez na semana, sendo que ainda era quarta-feira.

— Está na hora de você começar a ter tempo para cozinhar — ela rebateu, ácida.

—Por que você não cozinha?

— Porque eu passo o dia procurando emprego — Kiara cantarolou, deslizando o pincel do esmalte pela unha do polegar.

— E eu passo meu dia trabalhando, queridinha. — Revirei os olhos. — Já falei que seria muito melhor se você viesse morar comigo. Economizaríamos nas contas e você respiraria mais aliviada enquanto não arranja nada.

—Que Deus me livre da penitência de ter um dia que dividir o mesmo teto contigo! — Ela lançou para o alto a mão que já estava pintada, forçando um sotaque latino para brincar com minha cara.

Ergui meu dedo do meio enquanto levava o celular ao ouvido e esperava ser atendida. A pizza de calabresa demoraria meia hora para ser entregue e aproveitei o tempo para ouvir as histórias de Kiara sobre mais um dia em busca de emprego. Cada noite ela tinha um fato hilário para contar, pois geralmente, tudo de ruim acontecia com ela.

Daquela vez não foi diferente. Kiara me fez colocar refrigerante pelo nariz quando gargalhei ao ouvir sobre o sapato que ficou preso na escada rolante. Parei de fazer rir como uma hiena, mas mantive o sorriso no rosto, aliviada por mais alguém além de mim ter passado vergonha naquele dia. Acabei contando sobre o meu vexame diante do faxineiro.

—Por que você se desesperou que nem uma doida? Quais as chances reais de um assassino entrar no complexo da *Ocean's King*? Eles devem pedir até escaneamento de retina para liberar o acesso de visitantes.

—Se você estivesse no meu lugar...

—Se *eu* estivesse no seu lugar, o tal do Oliver teria um dente a menos na boca agora. —Ela sorriu. —Lembre-se das minhas aulas de *krav magá* .

Kiara sempre usava essa mesma carta do *krav magá* quando queria se fingir de forte. No entanto, ela tinha pouco mais de um metro e meio e mal conseguia mover o sofá do lugar. Quando sentia vontade de mexer na decoração de casa, era eu quem arrastava os móveis para todos os cantos.

Quando a pizza chegou, corri até meu apartamento para pegar a carteira enquanto o entregador subia os três andares de escada. O elevador daquela espelunca estava há sete meses com defeito e o síndico não fazia questão de consertar, mesmo sob os intermináveis protestos dos moradores.

Paguei nosso jantar e o levei para a mesa de Kiara, abrindo a caixa e respirando aquele aroma abençoado da *muzzarela* bem derretida, misturada às cebolas fatiadas e o tempero especial da calabresa. Salivei, sem conseguir esperar que minha amiga trouxesse os pratos. Peguei uma fatia com a mão e mordi o primeiro pedaço delicioso.

— Apesar do susto com o Oliver, conheci um rapaz legal no elevador — falei meio que pisando em ovos, tentando iniciar o assunto de forma casual, pois sabia exatamente o que Kiara diria em seguida.

— Ah, meu Deus! Você se apaixonou por alguém que conheceu no elevador???

—Não! —retruquei com firmeza e dei um tapa no ombro dela. —Eu nem conheço o cara. Ainda.

Ela resmungou e engoliu a comida antes de olhar firme para mim.

—Isso nunca foi um obstáculo para a rainha das paixonites absurdas.

— Tá bom, deixa pra lá. — Fechei a cara e peguei mais um pedaço de pizza, desistindo de ter uma conversa normal sobre homens. A gente sempre se desentendia porque nossas experiências eram muito diferentes. Kiara sempre teve namoros longos e apaixonados; eu sempre gostei dos caras que não gostavam de mim ou que apenas me usavam para sexo.

Ela buscou um refrigerante na geladeira e voltou a se sentar, dessa vez de frente para mim, cruzando as pernas sob o corpo.

—Vamos, desembucha!

— Não quero mais falar. — Puxei uma calabresa gigante e me deliciei de olhos fechados quando a pimenta explodiu na minha língua.

—É claro que quer. E eu quero ouvir, pois preciso dar um sermão no final. Eu realmente queria falar, mas deixei ela de castigo até que acabássemos de comer. Quando fechamos a caixa de papelão vazia e eu lambi meus dedos cheios de gordura, preparei-me para contar o caso, mesmo sabendo que não havia nada demais para dizer.

— Então, esse cara do elevador... — comecei, brincando de rodar meu celular em cima da mesa. —Ele é cadeirante.

—Ah. —Kiara franziu a testa.

— É. — Pressionei os lábios. — Talvez eu seja uma pessoa horrível, mas por um instante, não sabia como agir com ele.

Minha amiga balançou a cabeça como se entendesse o que eu queria dizer. Porém, nem eu mesma sabia se entendia. A verdade era que eu nunca tive que conviver com pessoas deficientes, não conhecia nenhuma que fosse próxima a mim. E quando eu via alguém em cadeira de rodas, podia ser um preconceito enraizado e inconsciente, mas sempre me parecia que a pessoa era triste ou tinha

inúmeras defesas incapazes de deixar alguém se aproximar. Sempre me senti envergonhada por rir ou parecer feliz na frente de um cadeirante. E isso me quebrou dentro do elevador, pois aquele homem estava feliz e sorridente. Parecia de bem com a vida e se mostrou preocupado em me fazer rir. Eu olhei para ele. Realmente *olhei* para ele.

— Ele é bonito demais! — falei num rompante que assustou Kiara e a fez arregalar os olhos.

Ela pareceu aliviada por não ter mais que manter o ar fúnebre que se instalara depois da minha revelação sobre a cadeira de rodas. Seus olhos brilharam porque, convenhamos, um homem bonito sempre será um homem bonito.

— Ótimo! Dessa parte a gente entende! Loiro, moreno, negro, ruivo...? — perguntou.

—Tem cabelo escuro, mas não é moreno. E os olhos são duas lindas pedras azuis. Ah, e ele foi muito simpático.

Minha amiga mexeu as sobrancelhas de uma forma que lhe era única — e um pouco assustadora. Mas queria dizer algo como *“você vai se dar bem”* .

Não demorei muito tempo ali e nem dei mais detalhes sobre o bonitão porque Guapo, meu cachorro da raça *pug*, tinha começado a latir avisando que eu estava demorando a alimentá-lo.

Voltei para meu apartamento, encontrando-o com os olhos que ficavam sempre arregalados, sentado numa posição estranha enquanto tentava lamber a pata que tinha acabado de enfiar no ouvido. A operação fazia com que a sua bunda gorda roçasse contra minha almofada, que eu provavelmente teria que lavar no dia seguinte.



Eu era muito idiota e não havia salvação para minha alma. Se fosse normal, chegaria no trabalho e faria o de sempre: receber e acatar ordens, sair para almoçar, voltar quinze minutos antes, sentar a bunda na cadeira e só levantar de novo na hora de ir embora. Só que eu não era normal. Eu era obsessiva.

Depois que voltei do almoço, tive a grande ideia de passear um pouco no elevador da empresa, na esperança de encontrar o deus grego motorizado de novo. Como se naquele complexo monstruoso fosse muito fácil encontrar com

uma pessoa dentro de apenas um dos dez elevadores de cada ala — havia a ala leste e a oeste, pois a suntuosa *Ocean's King* era nada mais nada menos que composta por dois edifícios modernos e espelhados interligados por pontes de vidro em alguns andares.

Eu trabalhava numa multinacional do ramo de construção naval e ficara imensamente feliz por ter conseguido o emprego. Não estava dentro da minha área — eu era formada em Medicina Veterinária — mas era o que pagava bem, uma vaga como assistente de secretária do Gerente do Departamento de Vendas. Um ano depois, fui promovida a secretária quando a outra foi demitida. Não era o emprego dos sonhos e eu ralava bastante, sempre fazendo hora extra, mas o salário era suficiente para manter uma vida simples no Brooklyn e juntar uma graninha para abrir minha clínica veterinária no futuro.

— Sobe ou desce? — uma mulher perguntou para mim e esperou a resposta.

Numa rápida olhada para o visor, vi que estávamos no décimo andar. Meu passeio pelo elevador já tinha se estendido por cinco longos minutos e nada de encontrar quem eu queria. Suspirei, resignada.

—Sobe. Vou para o 15, obrigada. — Sorri.

Pela primeira vez em todo aquele tempo que trabalhava ali, voltei do almoço cinco minutos depois do horário. Meu chefe esperava de pé diante da minha mesa, com cara de poucos amigos, como se eu cometesse aquela infração todos os dias.

—Se perdeu pelo caminho, Rosa?

Pressionei meus lábios ao passar pelo ingrato e balancei a cabeça, tentando fingir arrependimento, quando na verdade queria acertar um chute nos colhões dele.

— Desculpe, Senhor Mitchell. A comida demorou um pouco mais que o habitual porque a lanchonete estava bem cheia. —Juntei minhas mãos e fiz uma careta, pois eu era educada, mas não levava desaforo pra casa. — Não vai acontecer de novo, assim como nunca havia acontecido antes, não é mesmo? Incrível como que em mais de um ano e meio trabalhando nessa empresa, hoje foi a primeira vez que me atrasei.

Acarranca dele era assustadora, mas como eu não abaixei a cabeça nem me curvei à sua arrogância, o homem desviou o olhar. Eu nunca desviava quando achava que estava com a razão. E se tem algo que é capaz de assustar alguém, é o olhar ferino de uma mulher com sangue latino correndo nas veias.

Trabalhei sem pestanejar o resto do dia, agendando reuniões e viagens, arquivando documentos e digitando algumas pautas. Meu chefe, desprezível na maior parte do tempo, saiu no horário de sempre, assim que o relógio bateu

cinco horas. Eu, uma pobre e mortal secretária, fiquei até mais tarde para terminar de digitar duas pautas de reuniões do dia seguinte.

Passava das sete quando entrei no elevador e desci no térreo, pronta para ir

embora. Puxei meu crachá e o aproximei da catraca automática exclusiva para funcionários.

Quando caminhava na direção das portas de vidro, ouvi um som baixo que parecia muito com uma discussão. Olhei ao redor, procurando a origem da briga e meu sangue gelou no mesmo instante. Há alguns metros de onde estava, no meio do corredor que dava acesso à ala oeste, um cadeirante discutia energicamente com um brutamontes que parecia bem agressivo. Apesar da distância, eu tinha certeza de quem era o rapaz na cadeira. E de jeito nenhum deixaria que ele apanhasse de um troglodita.

— Está duvidando de mim? — O maluco levantou a voz o suficiente para que ela ecoasse pelo saguão amplo. —Quem você acha que eu sou?

Vi quando ele virou de costas e chutou uma lata de lixo para, em seguida, voltar a encarar o rapaz. O segurança idiota daquele turno estava piscando para evitar cair no sono enquanto mexia no celular. Inacreditável! Eu precisava agir. — Ei! Ei! — Corri na direção dos homens, sacudindo minha bolsa pesada

na mão. Os saltos finos não me deixavam ser tão rápida, mas eu esperava estar fazendo um bom trabalho. —Seu idiota! Saia de perto dele!

Quando me aproximei, notei que o homem de pé tinha mais de um metro e noventa de altura e, provavelmente, o triplo do meu peso em músculos. Mas não me acovardei. Joguei minha bolsa na cabeça dele e ele se encolheu com a agressão.

—Por que não escolhe alguém do seu tamanho? —gritei e dei um chute na canela dele. O ato quase esmagou meus dedinhos dentro do sapato de bico fino, mas segurei a dor e contive o grito. —Deixe-o em paz!

O Gato Motorizado, como eu o apelidei imediatamente, olhou-me boquiaberto e pareceu me reconhecer. O troglodita recuou, esticando as duas mãos na frente do corpo.

— Quem é essa maluca? — perguntou, tocando o lado da cabeça onde minha bolsa o atingira.

Eu me abaixei para pegá-la do chão e agradeci por sempre carregar meu

desodorante *spray* que deve ter feito um estrago naquele crânio.

— Está tudo bem — o Gato Motorizado falou, parecendo se esforçar para não sorrir. Ele se aproximou de mim e tocou minha mão, o que me deixou meio tensa. —Ele já estava de saída.

Por “ele”, eu entendi que fosse o imbecil que ainda me encarava com raiva. E tive certeza que era quando o outro homem lançou um olhar gélido para o

cadeirante. Eu mesma evitei encarar o troglodita porque meu sangue ainda estava fervendo. Só quando foi embora é que me senti mais aliviada e passei as mãos no cabelo.

—Caramba! Você está bem? —perguntei, finalmente me deixando encará- lo. Os olhos azuis penetrantes me fitavam com atenção. — Quem era aquele idiota?

—Era um... amigo. —Ele sorriu primeiro com os olhos e depois o sorriso chegou aos lábios, exibindo aqueles dentes incríveis.

— Por que está sorrindo assim? — indaguei, incomodada. Ele parecia se divertir.

—Nunca fui defendido por alguém menor que eu —respondeu, encarando- me dos pés à cabeça sem nem disfarçar. — Eu não estava em perigo, mas fico grato por ter se importado.

As duas afirmações me deixaram pouco à vontade. Cruzei os braços, quase arrependida de ter me metido em história que não era minha. Também não ajudava o fato de que eu tinha procurado pelo cara na hora do almoço e, talvez, estivesse começando a me importar com ele.

Pelo amor de Deus, Rosa García Martínez! Você o conheceu ontem. Ontem!

—Um: eu posso ser muitas coisas, mas não sou pequena. —Eu estava com meu dedo indicador levantado, enumerando os fatos para ele. — Tenho um metro e setenta e dois de altura. E, dois: aquele homem parecia prestes a bater em você.

— O que ele poderia fazer? — O cadeirante encolheu os ombros. — Quebrar minhas pernas?

Meu cérebro levou cinco segundos para processar a piada infame, mas fiquei com medo de rir. E se não fosse uma piada? Para meu alívio, o dono dos olhos azuis jogou a cabeça para trás e gargalhou alto.

—Vamos lá. Eu pago um café para minha heroína. —Ele piscou da mesma forma do dia anterior, quando me deixara desconcertada. Notei que a cadeira se moveu, mas eu não conseguia sair do lugar enquanto digeria a situação. Ele estava me convidando pra um café? —Por mais que eu goste muito da empresa, não pretendo passar a noite aqui. Vamos?

O bonitão estava mais à frente, encarando-me com uma sobrancelha arqueada e a cabeça levemente inclinada. Aceitar estender o contato com ele além de um simples encontro casual no elevador poderia me colocar numa enrascada. Eu era uma pessoa difícil demais de lidar com sentimentos. Mas, quando ele girou a cadeira de rodas duas vezes que nem um louco e partiu em disparada na direção da rua, não tive outra opção a não ser seguir o maluco.

O Gato Motorizado acompanhava o meu ritmo pela calçada, assobiando e sorrindo para cada pessoa que passava por nós. O café para onde ele estava me levando ficava apenas dois quarteirões de distância, mas acabou parecendo mais longe por causa dos desvios que tivemos que fazer.

Pela primeira vez na vida eu estava acompanhando a rotina de uma pessoa com limitações motoras numa cidade grande e movimentada como Nova York. O Gato Motorizado não parecia se abalar com nada, mas precisava descer e subir da calçada toda vez que alguma lixeira ou poste ou qualquer outra coisa absurda impedia sua passagem. Andei ao lado dele por ridículos dez minutos e senti vontade de matar cada cidadão que deixava algo largado pelo caminho.

— E então, quando vou saber o nome da minha salvadora? — perguntou enquanto olhava para as gotas de uma poça que espirraram em seu sapato social. —Apropósito, eu me chamo Christopher.

—Sou Rosa.

— Ro-sa — brincou com meu nome e eu gostei muito de ouvir o som que emitia ao pronunciar a última sílaba. —Você é latina?

— Sou neta de porto-riquenhos que imigraram na década de quarenta, mas meus

pais eram americanos.

Ele murmurou um som de concordância e nós entramos na cafeteria quase vazia. Christopher me indicou a mesa mais próxima da porta, com fácil acesso para a cadeira dele e depois se dirigiu ao balcão.

Não pude deixar de reparar em tudo que ele fazia. A forma como movimentava com destreza a cadeira, os gestos, o sorriso para a funcionária e as brincadeiras com o garoto que preparava nossos cafés. Não demorei a entender que ele não era daquele jeito simpático e cativante apenas comigo, era algo natural de sua personalidade.

Enquanto eu o observava minuciosamente, senti o rosto queimar quando Christopher virou a cabeça na minha direção como se sentisse que eu o encarava. Ele estreitou os olhos e deu um sorriso que arqueou somente um lado dos lábios, ideal para fazer as mulheres suspirarem.

Equilibrando os copos no colo, ele voltou para a mesa, mantendo os olhos fixos em mim. Eu não desviei o olhar, como ele provavelmente esperava que fizesse. Nós nos encaramos até que o Gato Motorizado chegou bem perto. Então, finalmente, perdeu a batalha e me entregou um copo antes de levar o outro aos lábios.

Rodei o meu entre as mãos, sentindo a fragrância gostosa do café com algo mais que não consegui identificar. Costumava tomar café puro e forte.

— Seu olhar é intenso — disse Christopher, apoiando o copo na mesa e cruzando as mãos no colo. —Fiquei tímido.

Engasguei com a bebida, quase cuspindo o café em cima dele. Meus olhos chegaram a lacrimejar e ele riu da cena, estendendo-me um guardanapo.

— Não acho que você tenha um único fio de cabelo tímido — retruquei, dessa vez muito ciente do quanto meu rosto estava quente. Christopher abriu um sorriso enorme e os ombros tremeram de divertimento. Balancei a cabeça, fingindo estar decepcionada. —E é claro que você estava apenas fazendo graça com a minha cara.

Dei mais um gole no meu café, sentindo a bebida tocar minha língua e esquentar

minha garganta. Olhei para dentro do copo.

— O que tem nesta maravilha? — Resisti ao impulso de lamber meus lábios.

—Pedi um café árabe pra você. Que bom que gostou.

—E como sabia que eu ia gostar? —indaguei, avaliando a expressão dele. —Eu nem falei se gostava de café.

— Você não parece ser uma mulher que aceitaria tomar um convite para tomar café com um cara maluco, se não gostasse de café. E, além do mais, algo me diz que você gosta de sabores exóticos. Aí dentro tem canela e cardamomo. Eu não quis dizer que não fazia ideia do que era cardamomo, mas me prontifiquei a pesquisar assim que chegasse em casa. O café era absurdamente bom e se tornaria um dos meus preferidos.

Assenti para tudo que ele disse, impressionada por sua leitura rápida. Observei meus dedos deslizarem pelo copo de isopor e fiquei pensando em algo inteligente ou espirituoso para dizer.

—Você gosta de trabalhar na *Ocean's King*? —ele me perguntou enquanto ainda mantinha o olhar sobre mim.

— Eu gosto de pagar as contas. — Sorri. — Não tenho do que reclamar. Meu chefe é um babaca que me faz sair tarde todo dia, mas eu gosto da função em si.

—Qual seu departamento? —Franziu a testa, curioso. Por um instante, tive medo de responder e descobrir que ele era amigo do meu chefe. Mas não havia essa possibilidade. Eu *esperava* que não. — Vendas. Sou secretária de Evan Mitchell. Você o conhece?

Christopher deu de ombros.

—Já estive uma ou duas vezes no mesmo ambiente que ele. Nada demais. — Bem, ele com certeza se acha o dono da porra toda. —Revirei os olhos.

—Se ouvisse você dizer que não é nada demais, cortaria sua cabeça.

O Gato Motorizado passou as mãos cuidadosamente pelos fios negros, num ato

muito despretensioso que me hipnotizou. O cabelo de Christopher era escuro e ondulado e mesmo o corte sendo moderno e curto, ele precisava afastar os fios

que caíam a todo momento perto dos olhos. Lindo.

— E você? — Eu quis saber, cruzando meus braços sobre a mesa. — Trabalha em qual departamento?

—Presidência —respondeu casualmente, como se não fosse importante ele trabalhar no setor mais prestigiado.

—Que droga pra você. — Sorri.

— Por quê? — Christopher se remexeu na cadeira, pelo menos a parte do corpo que ele podia mexer, do quadril para cima. Eu não tinha a menor ideia do quanto aquilo podia ser desconfortável.

— Porque se trabalha no setor da Presidência, você faz parte do topo da cadeia alimentar. — Encolhi os ombros e fiz careta. — Provavelmente tem que conviver com os figurões que mandam em tudo lá dentro. É até impressionante que seja simpático e agradável e não se deixe contaminar. — Observei o terno que ele vestia, muito alinhado, coisa chique mesmo. Parecia se importar com a aparência, obviamente. A barba rala milimetricamente aparada, o colarinho e a gravata impecáveis apesar do expediente ter terminado há horas. Estava na cara que Christopher era vaidoso e devia possuir um *status* importante na empresa. Felizmente, ele não era arrogante. —Viver cercado pelos tubarões de terno e não se transformar num dos predadores, deve ser difícil. Esses caras costumam ser meio babacas e acham que o mundo está aos pés deles. Também canso de ouvir histórias de assédios que rolam ali dentro, geralmente vindas sempre dos andares superiores.

Ele deu um tipo de sorriso que eu ainda não vira em seu rosto. Um sorriso que não alcançava os olhos e parecia um pouco forçado.

—Eu não sou santo, apenas paraplégico. —Eu o encarei, sem saber se era mais uma de suas piadas ou se ele estava falando sério. Mas não precisei retrucar nada porque ele emendou uma pergunta. — E se eu *fosse* um dos figurões citados? Nunca viu um CEO em cadeira de rodas?

Gargalhei e dei mais um gole no meu café. Estava acabando e já me sentia triste por não ter mais aquele sabor agraciando minhas papilas gustativas.

—Você não estaria perdendo seu precioso tempo tomando café a essa hora com uma funcionária do Departamento de Vendas. Esse tipo de coisa só acontece em livro e filme, não é mesmo? O bonitão milionário e mulherengo que se encanta com a pobre menina inocente.

— Sim, mas não esqueça que, na ficção, normalmente, esses homens são empresários gostosos com duas pernas que funcionam. O que você já percebeu que não é meu caso — ele fez questão de acrescentar, mas não comprei sua jogada de pobre coitado.

—Eu sei. E as mocinhas também não são nada parecidas comigo. Elas são

sempre tímidas, puras e virgens. —Senti vontade de apagar as últimas palavras, mas era tarde. Meu rosto queimou e olhei para dentro do copo vazio. — Tinha álcool aqui dentro?

Christopher gargalhou tão alto que os dois funcionários e os últimos clientes da cafeteria nos olharam. Quis bater nele, mas não se bate em quem mal se conhece. Meus pais souberam me educar.

— Sem álcool, Rosa. Você está se entregando por conta própria. — Ele continuou sorrindo e meu Deus, que sorriso de fazer o coração correr uma maratona dentro do peito. —Acho que está na hora de deixar a *bela* voltar para casa.

Pisquei algumas vezes e saí do transe em que ele me aprisionara. Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e peguei minha bolsa. Christopher tinha se afastado da mesa para que eu pudesse passar, mas acabei encostando minha perna em seu joelho sem querer. Ele não tinha como sentir o contato, mas eu senti e estremeci. Que diabos estava acontecendo comigo?

É hora de parar a palhaçada, Rosa García!

O ar fresco da calçada tocou meu rosto e respirei fundo por um segundo. Com a mente em ordem, olhei para Christopher ao meu lado, que digitava rapidamente no celular.

— Acho que precisamos chamar um táxi pra você — avisei, sem ter a menor ideia se a cadeira caberia em qualquer automóvel.

— Acabei de fazer isso. — Ele guardou o aparelho no bolso interno do paletó e levantou os olhos para mim. — Foi um prazer, Rosa. Espero ser salvo novamente por você. Nunca se sabe quando um maníaco estará à espreita na esquina. Estou pensando em contratar um ator para fazer isso algum outro dia dessa semana.

—Eu bateria em você agora —disse, estreitando meus olhos para ele.

—Mas eu sou um cadeirante. —Ele piscou, todo charmoso. —Você nunca faria isso.

Como eu sabia que ele tinha me dado bastante abertura para agir de forma descontraída, não pensei duas vezes antes de dar um tapa em seu peito. Que descobri, em seguida, ser mais firme do que imaginava. O que aquele homem comia?

Ele riu e fechou os dedos em volta do meu pulso, deixando-me arrepiada e constatando o fato. Seus dedos deslizaram pelos meus até que o sedutor aproximou a boca e beijou minha mão.

— Minha carona chegou — avisou, afastando os lábios o suficiente para poder falar. Eu olhei para a rua e vi quando um sedã preto de gente rica parou atrás de mim. Um motorista engravatado saiu do carro e deu a volta na nossa

direção.

—*Isso* é o seu táxi?

—Táxi executivo, pago pela empresa. Posso 1levá-la em casa?

— Obrigada, mas prefiro ir sozinha — declinei do convite. — Sei que parece ter boas intenções, mas não gosto de dizer onde moro para quem mal conheço. Não é nada pessoal, eu garanto.

— É justo. — Ele balançou a cabeça e gesticulou para que o motorista se

aproximasse.

Observei o homem abrir a porta traseira e esperar que Christopher se ajeitasse dentro do carro, antes de pegar a cadeira de rodas e guardar no porta- malas. Aproveitei para pegar meu celular e conferir o horário, percebendo que já estava tarde e eu tinha que ir logo para casa.

— Rosa — a voz aveludada me chamou e me aproximei mais do carro. — Pode me emprestar seu celular?

—Você vai mesmo fazer aquela coisa clichê de anotar seu número nele? — perguntei, sem conseguir segurar o riso.

—Caramba! —Os olhos azuis mais incríveis que já vi brilharam para mim e ele passou uma mão pelo cabelo negro. Ah, meu senhorzinho. Me salve dessa tentação! — Os empresários gostosos da ficção costumam se dar bem com as mocinhas ingênuas. Onde está a *sua* ingenuidade?

Lancei um olhar para o céu escuro e sorri, sentindo a sensação atrevida querendo chegar até a ponta da minha língua. Não consegui me controlar e me curvei para aproximar o rosto do dele.

— Você leu o livro errado. — Lambi meus lábios sensualmente. — Neste enredo em especial, não existe mocinha ingênua e, convenhamos, o empresário gostoso não é nada como os outros desse tipo.

Christopher abriu a boca e cutucou a ponta de um dente com a língua. Parecia prestes a dizer algo sacana, mas acho que pensou duas vezes e fechou a boca novamente. Fiquei triste em não saber o que ele diria.

Entreguei meu celular a ele, claro. Era uma idiota que não aprendia de jeito nenhum que o sexo masculino só existia para destroçar nossos corações. Esperei enquanto o Gato Motorizado digitava o número em meu aparelho, depois me devolveu e piscou. Um sorriso lindo brotou naquele rosto másculo que poderia muito bem ser emprestado para o papel de algum herói, tipo o *Superman* .

—Boa noite, Rosa.



Acordei desesperada com o sonho que tive. Eu e o Gato Motorizado estávamos enrolados num lençol depois de eu ter vivenciado mais um orgasmo — que infelizmente aconteceu só no sonho. Sentada na cama, descabelada, ofegante e excitada, olhei com raiva para o despertador que interrompeu o momento.

— Só mais um pouquinho... — choraminguei e afundei a cabeça no travesseiro novamente, torcendo para conseguir recuperar alguns vestígios do sonho.

Desisti depois de três minutos quando percebi que não me embolaria de novo com Christopher naquela cama fictícia. Sendo assim, tomei meu banho com o coração amargurado e vesti a roupa enquanto olhava minha carranca no espelho.

Guapo me encarava da porta do quarto, com a língua para fora à espera da sua porção de ração do dia. Fui até ele e me agachei para receber umas lambidas no rosto e apertar aquelas banhas recheadas de gostosura. Desde que meus pais morreram, ele se tornara meu companheiro.

Eu o adotei há três anos, quando trabalhava num *pet shop* e a proprietária de um canil de *pugs* apareceu por lá querendo doá-lo. Guapo era um filhotinho de cinco meses que tinha sido atacado por um cão de porte grande e um ferimento no olho esquerdo o deixou cego. A dona não conseguiu lucrar ao tentar vendê-lo e cansou de cuidar do animal. Eu não pensei duas vezes ao dizer que ficaria com ele, pois mesmo com apenas um olho bom, ele parecia olhar

dentro de mim e me entender.

Trouxe Guapo para casa naquele mesmo dia e agora nem conseguia mais imaginar minha vida sem ele. Tantas lágrimas minhas ele secou enquanto eu chorava, com lambidas que eram sua forma de demonstrar amor.

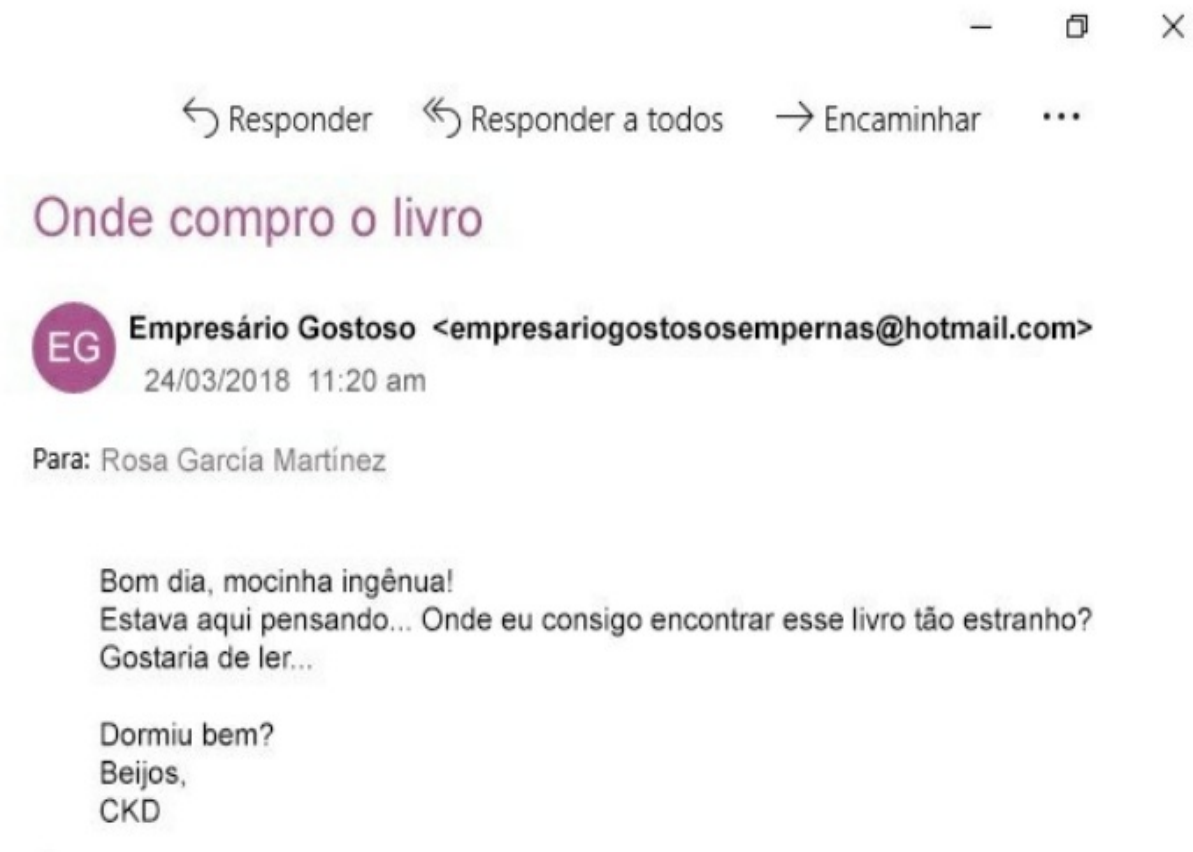
Dei um beijo sobre o olho esbranquiçado e acariciei sua cabeça.

—Te amo, gordinho.

∞

Evan Mitchell estava endemoniado! O homem conseguiu acordar mais insuportável do que sempre foi, passou a manhã gritando com alguns funcionários e humilhando outros. A mim, ele não dirigiu mais que duas palavras, apenas quando pediu por café.

Eu estava na minha mesa, tentando me transformar num ser invisível e rezando para que o relógio marcasse logo a hora do almoço, quando recebi uma notificação de e-mail. Tive que colocar a mão na boca para tapar a gargalhada que quase escapou ao ver que o remetente se identificava como Empresário Gostoso.



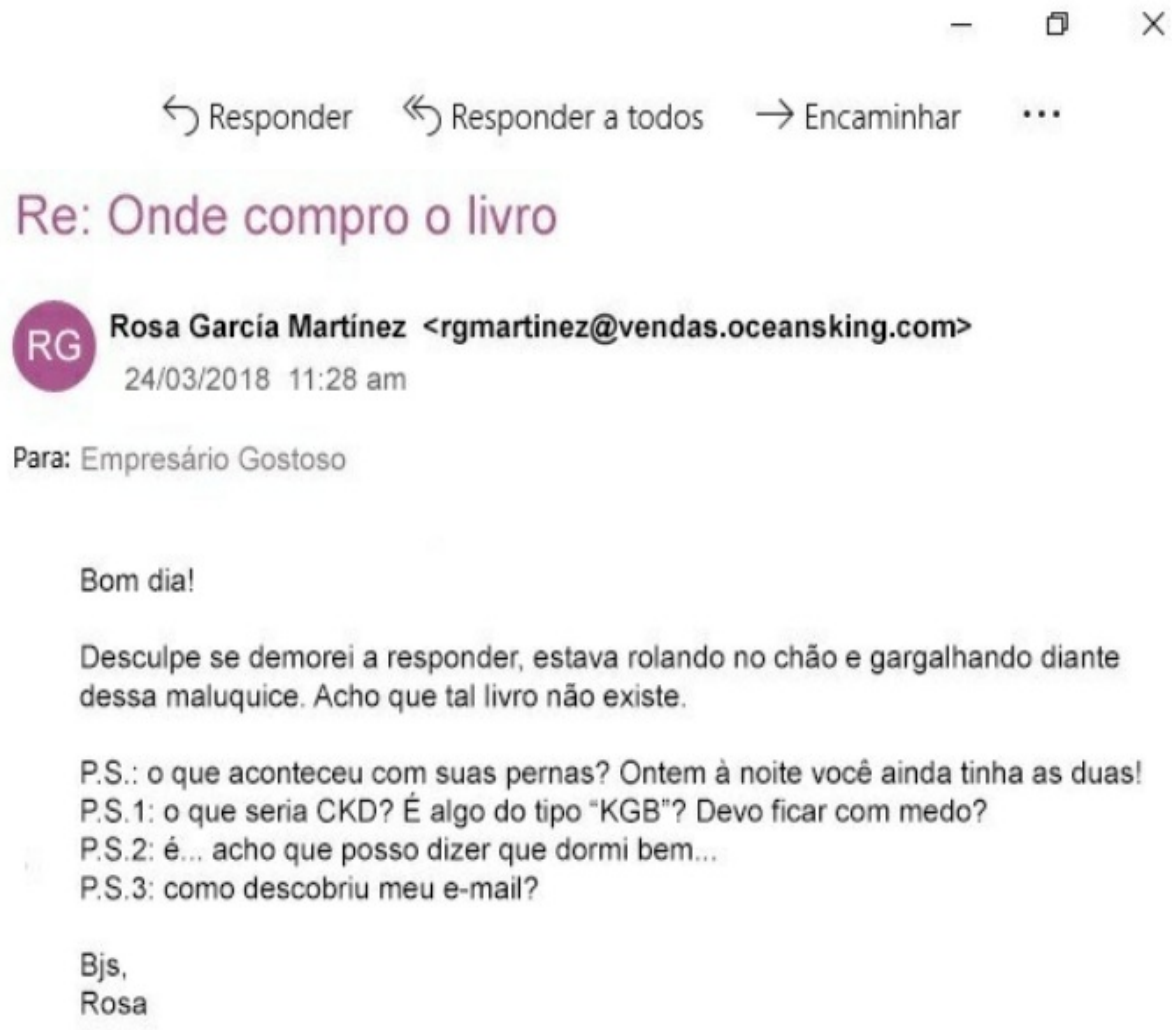
Eu não conseguia parar de rir e estava tremendo de ansiedade, sem acreditar

que Christopher perdeu tempo e teve todo aquele trabalho de criar um endereço de e-mail para brincar comigo. Não consegui resistir por muito tempo e cliquei em responder.

Estava mordendo o lábio inferior e com os dedos parados sobre o teclado, pensando no que ia escrever, quando Mitchell apareceu na minha frente.

—Que bom que está feliz. Use essa felicidade para fazer hora extra.

Abri a boca para responder, mas deixei para lá. Ele já estava irritado, se eu tentasse argumentar poderia ser pior. Desisti da ideia e esperei que entrasse em sua sala antes de retornar meu e-mail.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Onde compro o livro

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
24/03/2018 11:28 am

Para: Empresário Gostoso

Bom dia!

Desculpe se demorei a responder, estava rolando no chão e gargalhando diante dessa maluquice. Acho que tal livro não existe.

P.S.: o que aconteceu com suas pernas? Ontem à noite você ainda tinha as duas!
P.S.1: o que seria CKD? É algo do tipo "KGB"? Devo ficar com medo?
P.S.2: é... acho que posso dizer que dormi bem...
P.S.3: como descobriu meu e-mail?

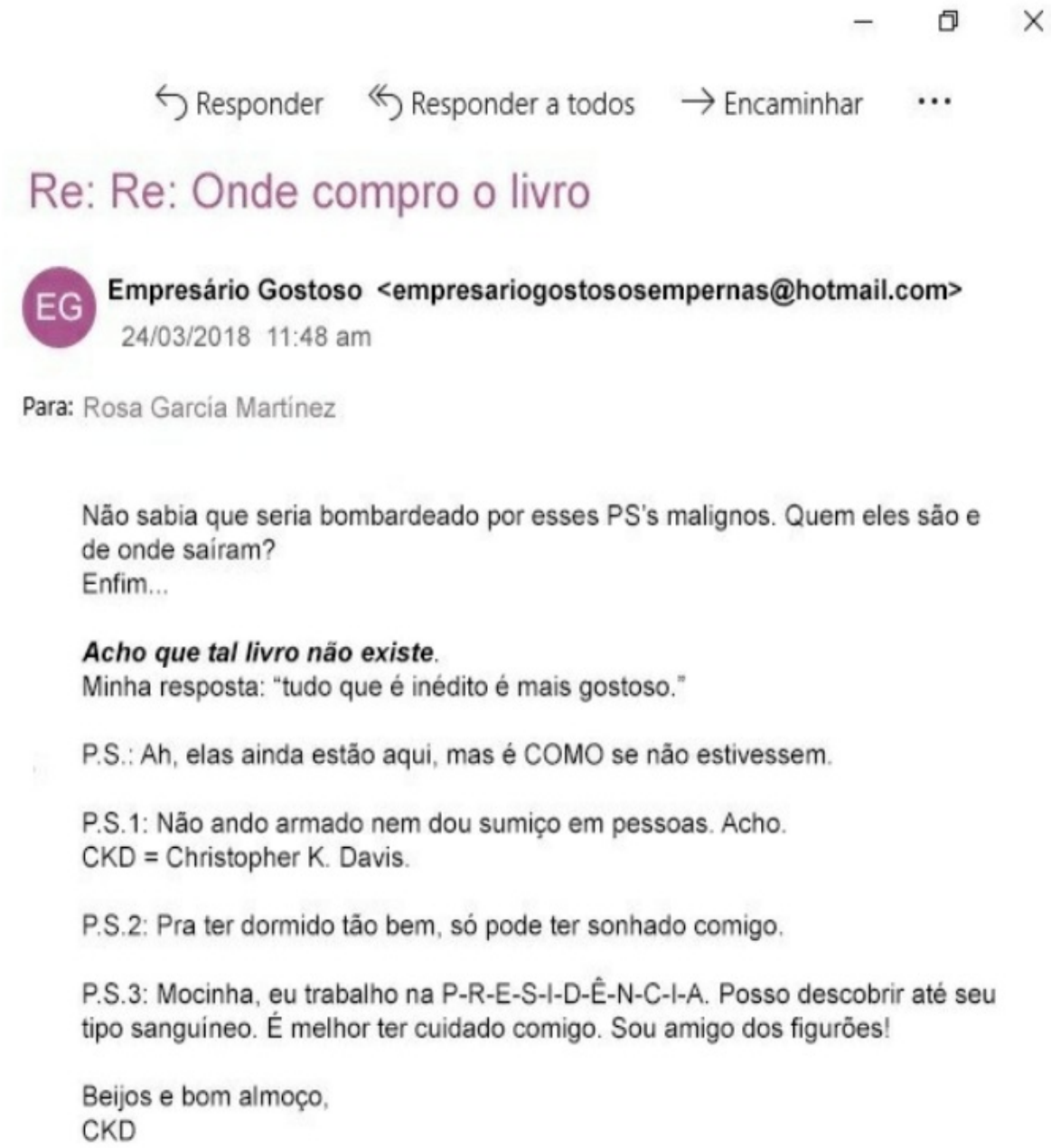
Bjs,
Rosa

Meu Deus, quantos anos eu tinha? Sete? Estava ansiosíssima para receber a resposta dele e fiquei atualizando a caixa de entrada a cada dois minutos. O tempo passou e nada da resposta chegar, para minha infelicidade. Era só o que me faltava, passar meu expediente sonhando acordada com um cara que eu mal conhecia e que só tinha sorrido um pouco mais que o normal para mim.

Ele não está flertando com você, Rosa!

Mas então, pouco antes do horário do almoço, quando eu já tinha arrumado

minha bolsa para descer, recebi notificação e mexi no mouse para acender a tela do monitor.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Re: Onde compro o livro

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
24/03/2018 11:48 am

Para: Rosa García Martínez

Não sabia que seria bombardeado por esses PS's malignos. Quem eles são e de onde saíram?
Enfim...

Acho que tal livro não existe.
Minha resposta: "tudo que é inédito é mais gostoso."

P.S.: Ah, elas ainda estão aqui, mas é COMO se não estivessem.

P.S.1: Não ando armado nem dou sumiço em pessoas. Acho.
CKD = Christopher K. Davis.

P.S.2: Pra ter dormido tão bem, só pode ter sonhado comigo.

P.S.3: Mocinha, eu trabalho na P-R-E-S-I-D-Ê-N-C-I-A. Posso descobrir até seu tipo sanguíneo. É melhor ter cuidado comigo. Sou amigo dos figurões!

Beijos e bom almoço,
CKD

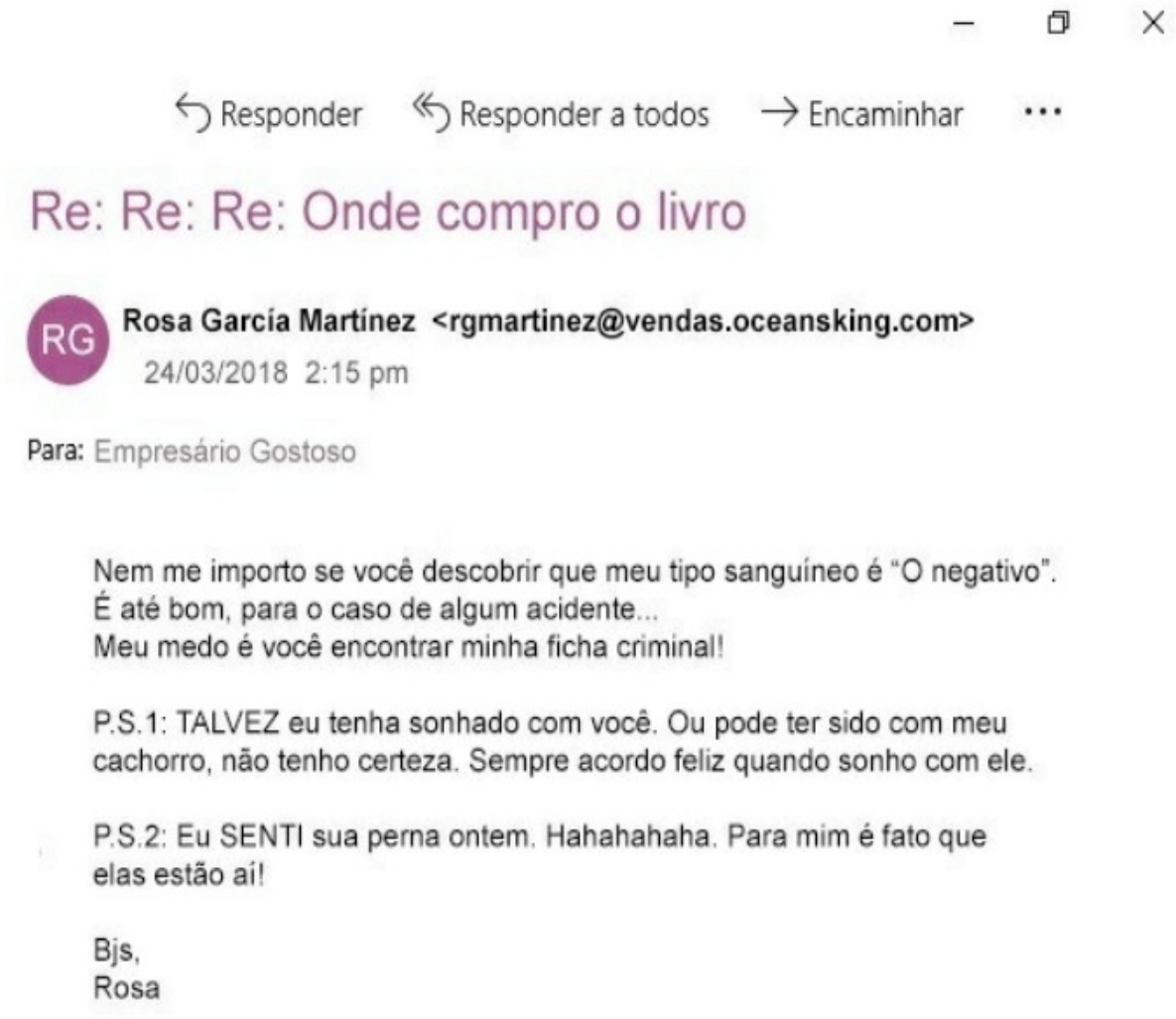
Li e reli o e-mail três vezes antes de desligar o computador. Suspirei e fui pegar o elevador com um sorriso no rosto. Para ser sincera, havia sentido uma pitadinha de desânimo por ele não ter me convidado para almoçar nem nada do tipo. Acho que a eterna apaixonada em mim gostaria de receber um convite assim.

Almocei no mesmo lugar de sempre, uma lanchonete com um jeitinho legal, comida boa e barata que ficava a um quarteirão do prédio. Usei aquele tempo sozinha para pensar em coisas interessantes na hora de responder o e-mail de

Christopher. Ele era sempre irreverente, o que eu adorava e me cativava. Ainda não sabia o que estava acontecendo entre nós muito menos onde aquela

brincadeira toda ia dar, mas se havia alguma chance de rolar algo entre a gente, eu queria dar meu melhor para conquistá-lo. A paquera, o flerte do início eram algumas das coisas que eu mais gostava num relacionamento.

Voltei para a empresa flutuando nas nuvens e nem mesmo o mau humor de Evan Mitchell abalou minha felicidade. Depois de ter reunido alguns arquivos que ele me solicitou, pude retornar para minha mesa e ligar o computador. Coloquei em ação a minha resposta.



Deveria ter tirado o P.S.2 porque eu não era tão íntima e nem me sentia tão à vontade para fazer brincadeiras do tipo.

Mitchell abarrotou minha mesa de pautas para digitar e me encheu de pedidos para reservas de passagens e hotéis de suas viagens do próximo mês. Passei a tarde sem conseguir nem mesmo ir ao banheiro e quando ele foi embora às cinco horas, eu deitei a cabeça sobre a mesa, tentando descansar. Estava com enxaqueca e precisava de uma pausa.

Fui ao banheiro e joguei uma água no rosto, aproveitando para me despedir de alguns colegas que eu só veria novamente na segunda-feira. Quando voltei

para minha mesa, esfreguei o pescoço, sentindo a tensão em meus músculos. A pilha de trabalho me encarou e eu fiz algo que nunca imaginava ser capaz: desliguei o computador, peguei minha bolsa e fui embora.

∞

Ouvi a música vindo do apartamento de Kiara assim que terminei de subir o último lance de escadas. Como se tivesse sentido meu cheiro, ela abriu a porta e saiu com o lixo na mão, dispensando-o na lixeira e virando-se para mim.

—Que cara podre é essa? —perguntou com uma careta. —E que milagre é esse de chegar cedo em casa?

— Estou morrendo e chutei o balde — respondi, passando por ela e enfiando a chave na minha fechadura. —Sério, por favor, abaixa um pouco esse volume. Minha cabeça está sendo martelada há horas.

Quando entrei no meu apartamento, ela colocou metade do corpo para dentro e deu um sorrisinho safado. Kiara vestia uma saia minúscula e uma blusa com um decote vertiginoso. Lancei um olhar para a porta oposta à minha e franzi os lábios.

—Tem gente aí?

— É aquele cara que eu conheci no chá de bebê da Maggie — cochichou. — Lembra?

Murmurei alguma coisa positiva e me despedi dela com um beijo na bochecha. Kiara estava solteira há dois meses e eu tinha quase certeza que até o início da

próxima semana ela estaria namorando o rapaz do chá de bebê. E eles namorariam por um ou dois anos como se fossem almas gêmeas ou, quem sabe, pelo resto da vida. Porque ela era assim, apaixonante, meiguinha, fofa e delicada como todo homem sonhava para uma esposa.

Eu me joguei no sofá sem nem mesmo me dar ao trabalho de soltar a bolsa. Fechei um pouco os olhos e Guapo subiu no meu colo, fazendo questão de melecar todo o meu rosto com sua baba quente.

— Oi filhote — murmurei, com a cabeça no braço do sofá, acariciando a barriga do babão. — Mamãe está dodói hoje. Você poderia pegar um copo d'água pra ela? Não? Ok.

Acho que cochilei onde estava, porque abri os olhos quando a língua de Guapo deslizou pelo meu pescoço e me fez gritar de cócegas. Sentei-me no sofá e ele rebolou a bunda com um cotoco de rabo. Esfreguei os olhos, sentindo que a pressão na cabeça tinha diminuído e eu me sentia um pouco melhor. Peguei meu celular na bolsa e me assustei com o horário. Passavam das dez horas!

— Desculpa Guapo, você deve estar morto de fome, bebê. — Segurei a

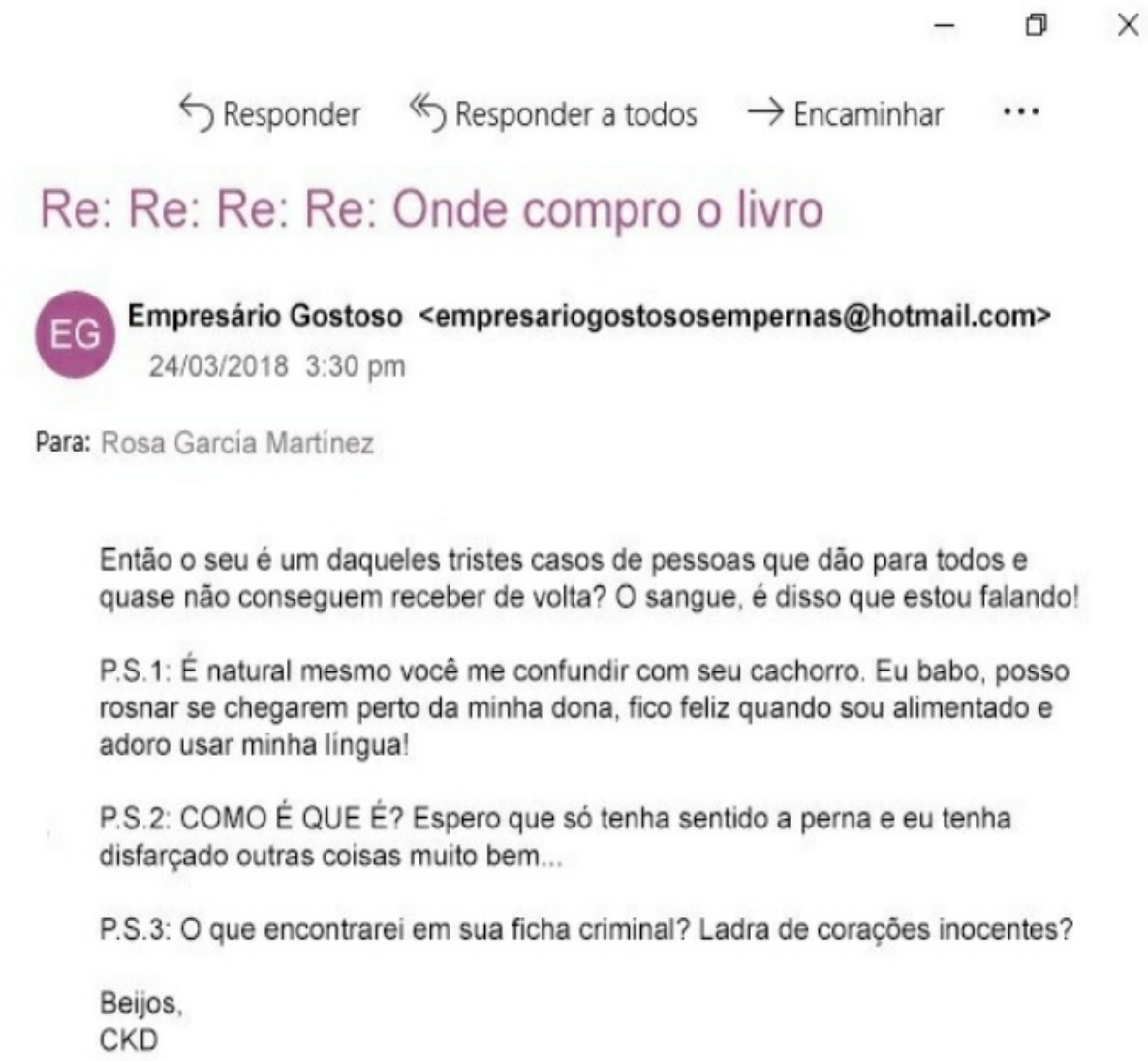
cabeça dele entre as mãos e dei um beijo no focinho preto.

Ele latiu uma vez e pulou do sofá, balançando a bunda. Correu até a cozinha e voltou para me chamar, com aqueles olhos arregalados, um preto e outro de um branco leitoso.

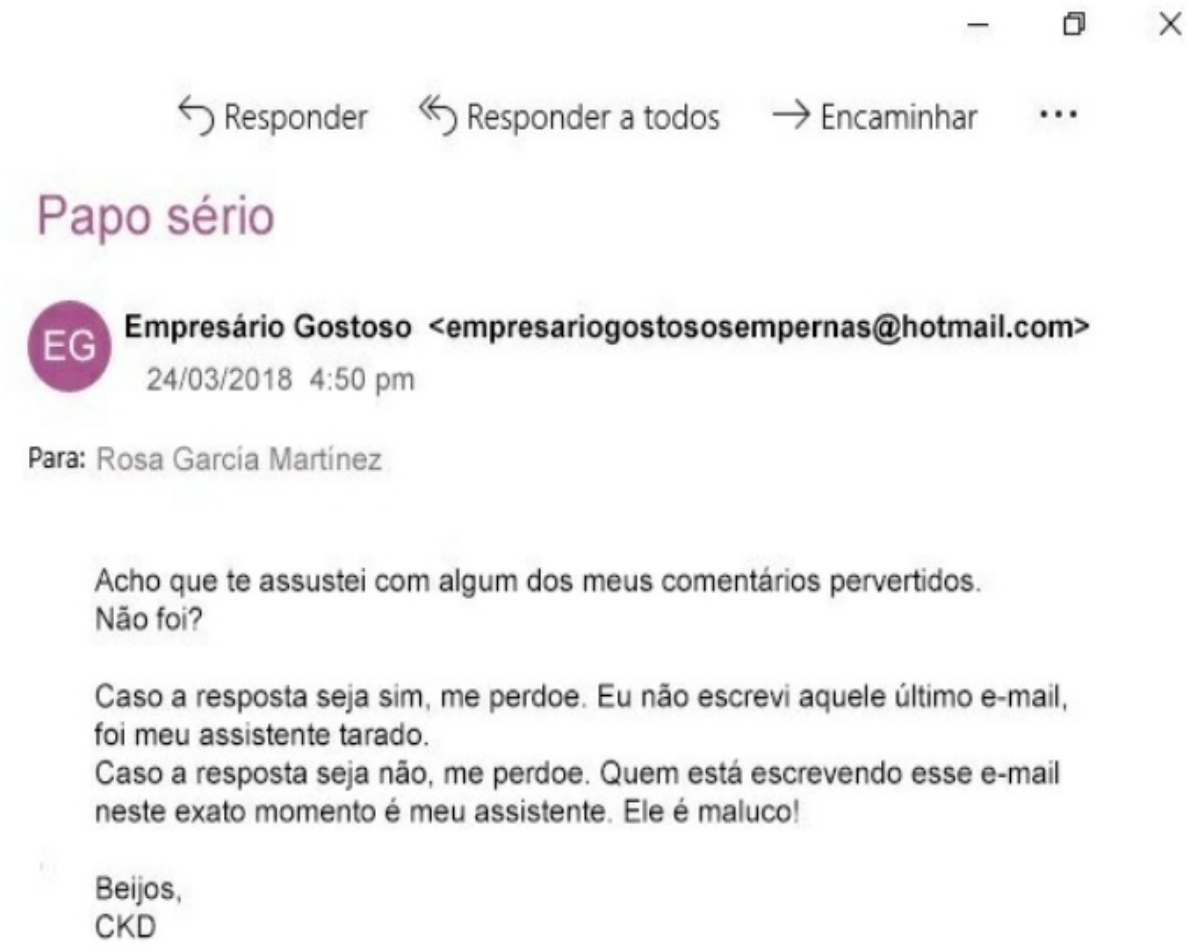
— Sim, vamos comer, né? Quem vai comer? Quem vai? — Fiz minha melhor voz de idiota própria para falar com animais.

Antes de ir para a cozinha, liguei o *notebook* em cima da mesa e fui providenciar a janta de Guapo. Despejei a ração na vasilha azul e branca e a coloquei no chão. Fiquei observando meu cachorro por alguns segundos e quando ouvi o barulho de notificação de e-mail me senti como se tivesse sido tragada de volta ao escritório. O e-mail! Eu tinha esquecido!

Peguei o *notebook* e o levei comigo para o sofá. Meu coração se aqueceu quando vi que tinham três e-mails de Christopher para serem lidos.



Fiquei quente com o P.S.1 e em especial, as últimas duas palavras. Que safado! Sorri, pulando logo para o próximo antes de responder aquele.



Incrível como ele nunca perdia o senso de humor, mesmo quando, na cabeça dele, eu estava lhe dando um gelo. Fiquei chateada por não ter conseguido ver o e-mail mais cedo e ter demorado tanto a responder. Fui para o próximo.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Preocupado

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
24/03/2018 8:00 pm

Para: Rosa García Martínez

Agora estou mesmo preocupado. Está tudo bem? Eu realmente falei alguma coisa da qual você não tenha gostado? Tenho esse meu jeito de ser idiota e, às vezes, acabo passando dos limites. Não pretendia desrespeitá-la com nenhum comentário.

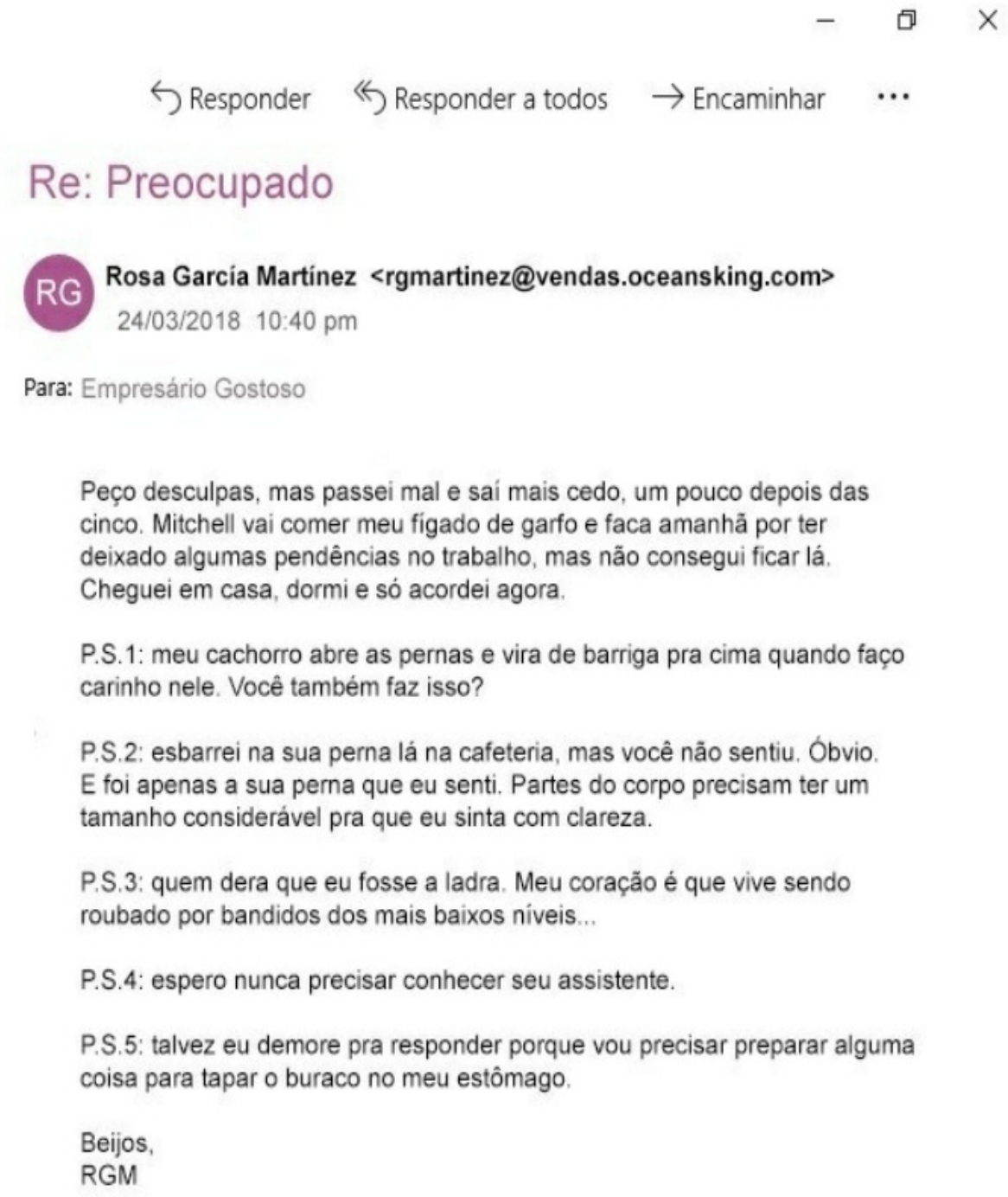
P.S.: não tinha ninguém hoje para me proteger... O que farei da vida?

P.S.1: tenha pena do cara sem as duas pernas!

Beijos,
Christopher

Ri sozinha com aquele e-mail. Ele achava mesmo que eu estava chateada com alguma coisa e, pior, ele não conseguia de jeito nenhum escrever algo completamente sério.

Também notei que a assinatura tinha mudado, se tornado mais íntima. A sigla estranha ficou de lado, finalmente. Não perdi tempo e cliquei logo para responder.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Preocupado

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
24/03/2018 10:40 pm

Para: Empresário Gostoso

Peço desculpas, mas passei mal e saí mais cedo, um pouco depois das cinco. Mitchell vai comer meu fígado de garfo e faca amanhã por ter deixado algumas pendências no trabalho, mas não consegui ficar lá. Cheguei em casa, dormi e só acordei agora.

P.S.1: meu cachorro abre as pernas e vira de barriga pra cima quando faço carinho nele. Você também faz isso?

P.S.2: esbarrei na sua perna lá na cafeteria, mas você não sentiu. Óbvio. E foi apenas a sua perna que eu senti. Partes do corpo precisam ter um tamanho considerável pra que eu sinta com clareza.

P.S.3: quem dera que eu fosse a ladra. Meu coração é que vive sendo roubado por bandidos dos mais baixos níveis...

P.S.4: espero nunca precisar conhecer seu assistente.

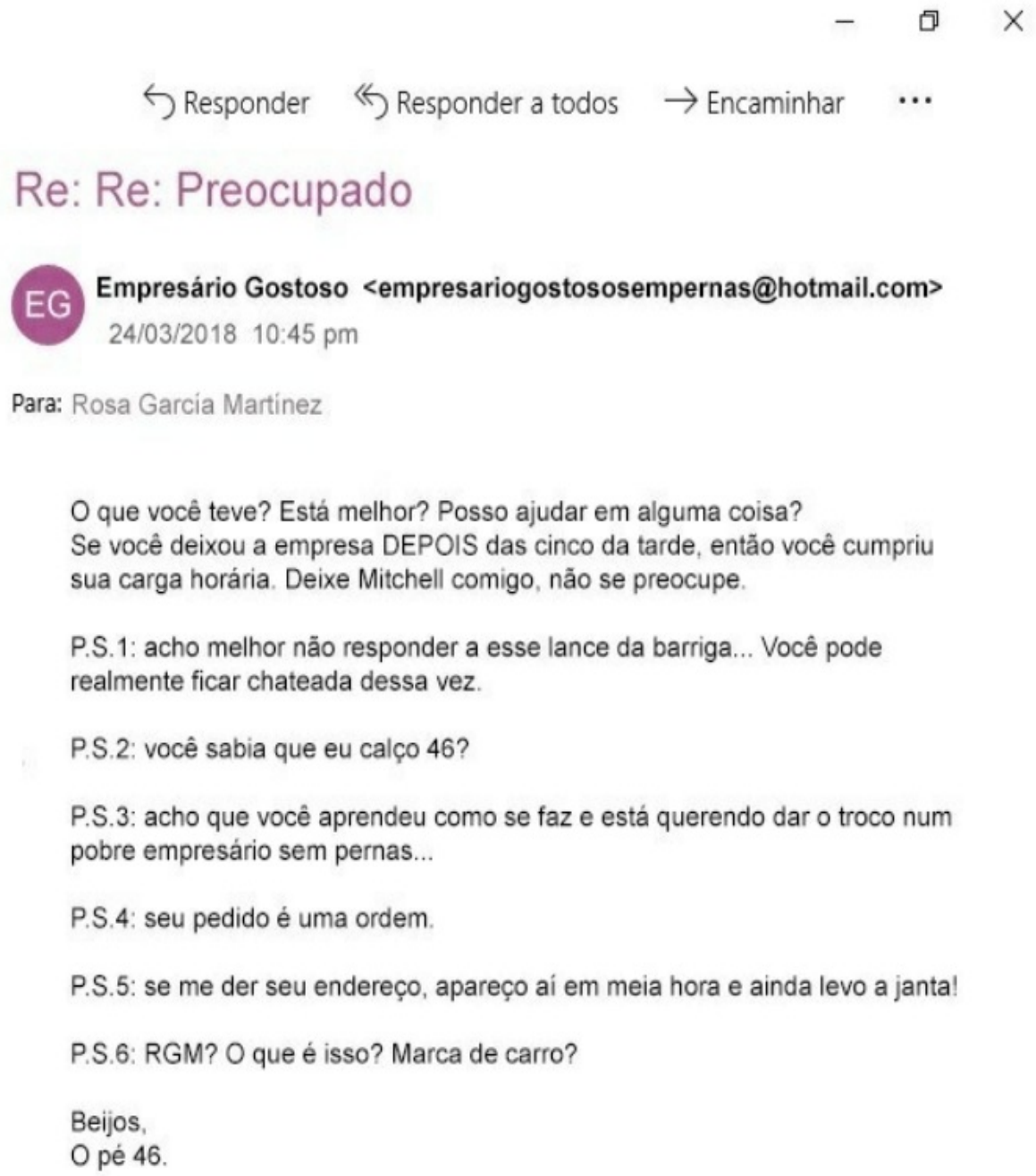
P.S.5: talvez eu demore pra responder porque vou precisar preparar alguma coisa para tapar o buraco no meu estômago.

Beijos,
RGM

Enviei, com um fogo subindo pelo meu pescoço. Eu estava brincando em território de campo minado. E pior, estava gostando! Meus pseudo relacionamentos não costumavam vir acompanhados dessa leveza que impregnava a conversa quando se tratava de Christopher. Era como se nós estivéssemos realmente flertando, mas não houvesse nenhuma pressão de ambas as partes. Há muito tempo eu não me enxergava sendo natural e eu mesma com um homem que me interessasse.

Levantei e fui tentar cozinhar alguma coisa rápida. Os armários vazios me deixaram um pouco decepcionada e me lembraram de que precisava ir ao mercado. Encarei o único pacote de macarrão que ainda tinha em casa e abri com uma certa tristeza. Sabia que não tinha nem sequer um molho de tomate

para jogar em cima. Coloquei uma panela com água para ferver e voltei ao *notebook* quando a notificação chegou. Christopher era rápido!



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Re: Preocupado

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
24/03/2018 10:45 pm

Para: Rosa García Martínez

O que você teve? Está melhor? Posso ajudar em alguma coisa?
Se você deixou a empresa DEPOIS das cinco da tarde, então você cumpriu sua carga horária. Deixe Mitchell comigo, não se preocupe.

P.S.1: acho melhor não responder a esse lance da barriga... Você pode realmente ficar chateada dessa vez.

P.S.2: você sabia que eu calço 46?

P.S.3: acho que você aprendeu como se faz e está querendo dar o troco num pobre empresário sem pernas...

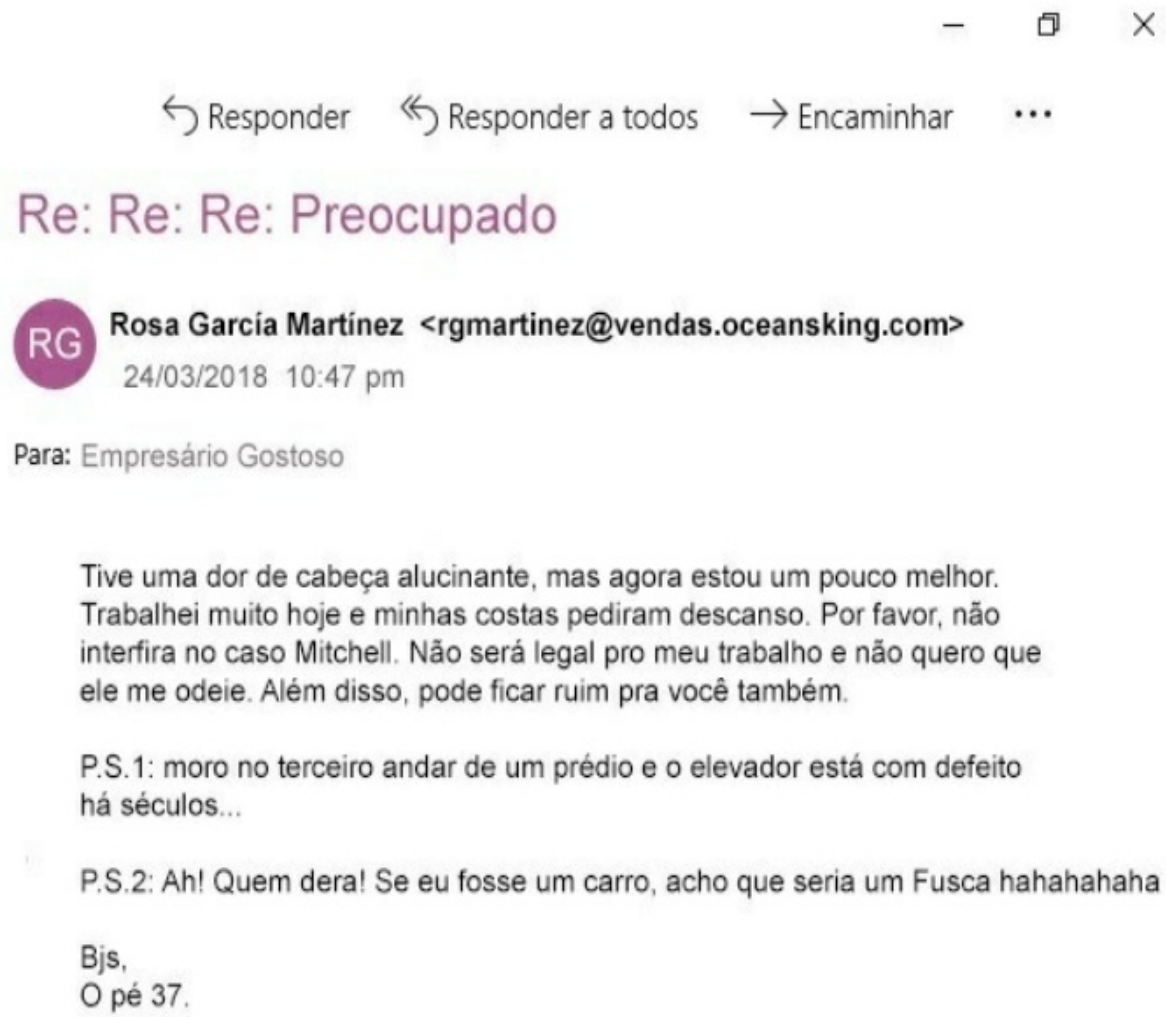
P.S.4: seu pedido é uma ordem.

P.S.5: se me der seu endereço, apareço aí em meia hora e ainda levo a janta!

P.S.6: RGM? O que é isso? Marca de carro?

Beijos,
O pé 46.

Ele realmente sabia como me deixar sem graça mesmo à distância. Sorri e mordi meu lábio enquanto digitava com rapidez.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Re: Re: Preocupado

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
24/03/2018 10:47 pm

Para: Empresário Gostoso

Tive uma dor de cabeça alucinante, mas agora estou um pouco melhor. Trabalhei muito hoje e minhas costas pediram descanso. Por favor, não interfira no caso Mitchell. Não será legal pro meu trabalho e não quero que ele me odeie. Além disso, pode ficar ruim pra você também.

P.S.1: moro no terceiro andar de um prédio e o elevador está com defeito há séculos...

P.S.2: Ah! Quem dera! Se eu fosse um carro, acho que seria um Fusca hahahahaha

Bjs,
O pé 37.

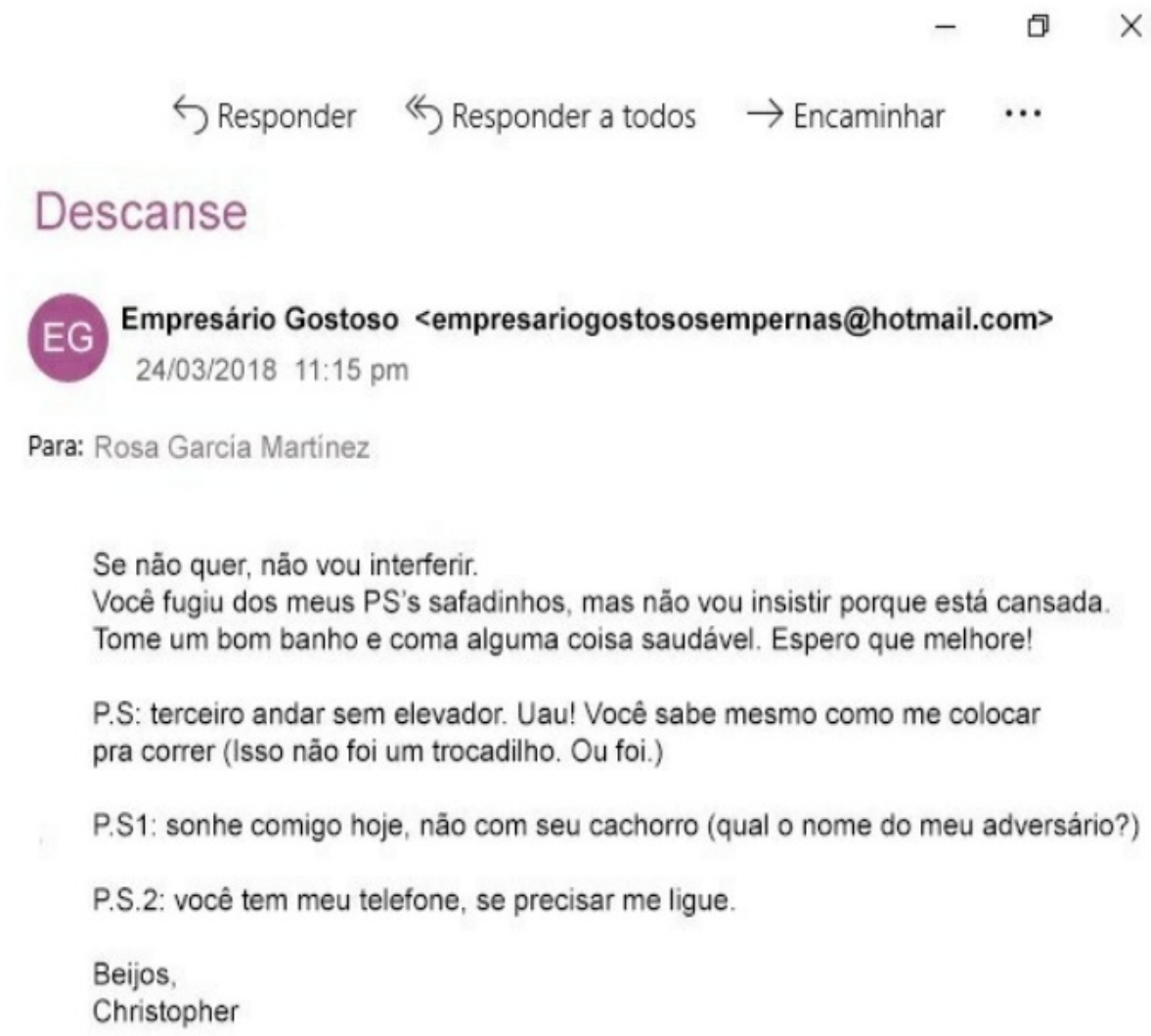
Coloquei o *notebook* de lado e me alonguei no sofá, imaginando Christopher na minha sala. Parecia tudo pequeno para seus ombros largos e sua cadeira de rodas. No entanto, se ele estivesse aqui, a noite seria muito melhor do que sozinha com Guapo.

— Desculpe, gordinho. — Olhei para o meu cachorro que tinha limpado a vasilha e agora lambia o focinho sujo. —Não quis te ofender.

Enquanto Christopher não respondia, aproveitei para colocar o macarrão para cozinhar e tomar um banho quente. Resisti à vontade de me tocar no chuveiro quando pensei nos olhos azuis penetrantes me olhando de forma lasciva. Não queria ir por aquele caminho naquela noite; estava mesmo cansada. Vesti um pijama de moletom e corri para a cozinha antes que a massa cozinhasse demais e virasse purê. Enchi meia taça com vinho branco, servi meu prato e voltei para o

aconchego do sofá, ao lado de Guapo que se esticara numa almofada.

Notei que havia chegado uma resposta quando eu ainda estava no banho e abri o e-mail com pressa, impaciente até com a demora do computador para carregar o texto.



Responder Responder a todos Encaminhar •••

Descanse

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
24/03/2018 11:15 pm

Para: Rosa García Martínez

Se não quer, não vou interferir.
Você fugiu dos meus PS's safadinhos, mas não vou insistir porque está cansada.
Tome um bom banho e coma alguma coisa saudável. Espero que melhore!

P.S: terceiro andar sem elevador. Uau! Você sabe mesmo como me colocar pra correr (Isso não foi um trocadilho. Ou foi.)

P.S1: sonhe comigo hoje, não com seu cachorro (qual o nome do meu adversário?)

P.S.2: você tem meu telefone, se precisar me ligue.

Beijos,
Christopher



Terminei de comer e fiquei digerindo o e-mail dele. Sim, eu tinha o número do celular de Christopher e nem lembrava. O que me levava a um questionamento: aquilo foi um convite para realmente ligar ou foi apenas uma forma educada de se despedir?

Fechei o *notebook* para não pensar mais no Gato Motorizado. Mal nos conhecíamos e ele já vinha tomando grande parte dos meus pensamentos. Kiara tinha razão sobre todas as coisas que vivia falando sobre mim. Eu não era confiável quando se tratava de um rostinho bonito e uma conversa educada. Sempre achava que todo mundo me dava mole e sempre quebrava a cara. Ou então, caía como um patinho em conversa fiada de sedutor barato.

Não achava que esse fosse o caso do Christopher. Ele não parecia em nada com o tipo de canalhas que passaram pela minha vida. *Mas ele era homem!* E se tem uma coisa que homem parece ter nascido para fazer, é sacanear uma mulher pelo menos uma vez na vida.

Fui para o meu quarto e deixei Guapo dormindo no sofá. Acendi a luz e parei diante do espelho, olhando para o meu corpo. Havia épocas em que estava satisfeita com tudo e me achava a mulher mais linda do universo, em outros momentos, não aguentava nem olhar para o meu próprio nariz.

—Como você se sente hoje, Rosa? —perguntei, fazendo poses e exibindo minha silhueta no pijama de flanela.

Para começar, não podia reclamar da minha altura. Ter um metro e setenta e dois me deixava muito feliz e eu gostava bastante das minhas pernas compridas. Aos meus olhos, meu corpo era normal, mas a cintura fina e os seios fartos se tornavam um prato cheio para o público masculino, que não me deixava

esquecer que eu chamava a atenção deles. Meu cabelo era longo e levemente ondulado, com luzes douradas que mesclavam com o castanho escuro natural. Minha pele era bem morena num tom escuro de caramelo e meus olhos eram pretos, grandes e levemente puxados. Eu me achava linda, como uma princesa exótica.

As coisas ficaram um pouco diferentes quando entrei na adolescência e comecei a me interessar pelos meninos. O ano letivo começava, eu decidia me apaixonar por alguém e investia na paquera. Aquela coisa de olhar, trocar sorrisos, mandar recado pelos amigos, tudo muito inocente. Então, acabava descobrindo que o menino não queria sair comigo. Passava o ano todo com dor de cotovelo e fingindo não me interessar por mais ninguém. No ano seguinte, uma nova paixão surgia só para acabar da mesma forma que a anterior.

Meu primeiro beijo tinha acontecido com dezessete anos, tarde demais para a maioria das garotas. Eu já começava a entrar em depressão e achar que tinha algum problema. Era um verão bem quente em Los Angeles, onde nasci e cresci, e consegui emprego no clube onde os ricos passavam as férias. Lá, conheci Elliot, um garoto da minha idade que começou a gostar de mim. Trocamos beijinhos durante todo o verão e Elliot era sempre muito gentil. No entanto, logo que as aulas começaram, descobri que ele ficou comigo só para dizer aos amigos que tinha beijado uma índia. Mesmo que todo mundo soubesse que eu nasci em solo americano e não conhecessem nada sobre a história da minha família. O preconceito era enraizado pela cor e pelos traços físicos.

Parei de pensar no passado e me encarei no espelho. Com o passar dos anos, entendi que eu era bonita demais, exótica demais e chamava atenção demais. Muitos me enxergavam somente como um pedaço de carne e não era a porra da minha culpa se os homens não conseguiam viver sem pensar com seus paus.

Peguei meu celular e me deitei na cama, apertando o número que Christopher salvara na agenda. Sem pensar duas vezes para não me arrepender, levei o telefone ao ouvido.

—*Christopher* —ele atendeu e eu prendi a gargalhada.

—Rosa —respondi, divertida.

Ouvi uma risada abafada do outro lado da linha e um suspiro.

—*Sabia que não conseguiria ficar longe de mim.*

— Você sempre atende as ligações dessa forma? — pigarreei e engrossei a

voz numa tentativa de imitá-lo. — Christopher!

— Sou um homem importante e ocupado. E se eu souber que você está rindo de mim, vou fazer pedir desculpas quando nos encontrarmos.

Aquilo significava que ele tinha intenções de me ver novamente, certo? Estiquei minhas pernas e afofei o travesseiro sob minha cabeça. Quando estava bem confortável, sorri.

— Entendo. Você tem algum animal de estimação ou quando se considera importante está se referindo à relação que mantêm com o porteiro do seu prédio? Christopher riu tão alto que achei que Guapo pudesse ter escutado lá da sala.

— Você é muito boa nisso. — Eu sorri, sentindo-me vitoriosa. — *Mudando de assunto, ainda não sei quantos anos tem. Está velha demais para contar?*

—Nem um pouco. Tenho 26 e você?

Ouvi uns murmúrios ao fundo e não soube se ele aprovava ou estava me sacaneando como sempre.

— Estou numa idade ótima, tenho 32. — Ouvi sua respiração pesada, parecia que estava se mexendo, fazendo algum esforço físico. — *Você melhorou?*

— Um pouco. O banho realmente ajudou e minha cama está me deixando com sono...

—*Se eu estivesse aí tudo que você não teria seria sono.*

O sorriso que se abriu em meu rosto quase rasgou meus lábios, mas tomei cuidado para não me denunciar ao fazer barulho. Rolei de bruços e mudei o telefone de lado.

—Você aqui não seria nada saudável.

Eu podia jurar que ele estava franzindo a testa do outro lado da ligação. *—Por que não?*

—Porque não.

Christopher riu e fez um barulho que parecia um estalar de língua.

—E isso parece uma resposta muito coerente. —Fechei os olhos, ciente de que estava enrolando. *— Então, Rosa, vamos mudar de assunto. Conte mais sobre você.*

Mais um pouco de respiração ofegante do outro lado e novamente a sensação de que ele fazia algum esforço físico. A curiosidade foi grande demais para não perguntar.

—O que está fazendo? Estou ouvindo uns barulhos estranhos.

— Estou trabalhando com minha mão numa situação imprópria para menores de idade.

Eu abri e fechei a boca sem saber o que responder. Sabia que ele tinha esse

jeito sincero de ser ou, pelo menos, fingia. Mas confessar algo daquele nível me pegou desprevenida.

— Você acredita mesmo em tudo que eu digo? — Ouvi a gargalhada ao fundo. *—Estou apenas saindo do banho, Rosa.*

Tive vontade de entrar pela tela do celular e sair do outro lado da linha, só pelo prazer de enfiar a porrada em Christopher. Respirei fundo e agradeci por não estar pessoalmente com ele, pois evitaria que visse meu rosto vermelho.

— Eu sei que está querendo me xingar — disse ele, num tom que demonstrava diversão. *—Mas foi ótimo. Tenho certeza que seu queixo caiu.*

—Cala a boca. Vou desligar.

—Não, não vai.

Revirei os olhos e suspirei. Puxei meu cobertor e virei de costas, enrolando- me no tecido aconchegante.

—Então... —pigarreei. —Você toma banho e se arruma sozinho?

—Claro. Aprendi a me virar sozinho há muito tempo e minha casa é toda adaptada. Não é difícil, na verdade.

—Não é?

— Nem um pouco. A pessoa pode escolher se vitimizar e se tornar dependente de todos para tudo na vida ou se adaptar à nova realidade. Lógico que leva muito tempo e requer força de vontade, mas pra tudo na vida há uma solução.

—E o que está fazendo agora?

Ele riu.

—Caramba, Rosa. Deixa eu me vestir sem me constranger!

—Você está falando no viva-voz. Não foi uma pergunta e ele sabia. *—Sim, estou.*

—Legal. Como foi o trabalho hoje?

—Chato, como quase todos os dias.

Eu mordi meu lábio, cogitando fazer um comentário do qual poderia me arrepender. Como Christopher também ficou em silêncio, era como se ele soubesse que eu queria falar alguma coisa.

Olhei para a porta quando Guapo entrou e caminhou preguiçosamente pela minha cama. Ele lambeu minha mão e se aconchegou perto do meu travesseiro.
—Pensei que você fosse me convidar pra almoçar hoje.

— Não costumo sair para almoçar, mas posso recompensá-la e levá-la pra jantar amanhã. O que acha?

Fingi que estava pensando e contei mentalmente até cinco.

—Acho que estarei livre. Passe o endereço e eu o encontro lá.

— Por que você não escolhe o restaurante? Pode ser algum que goste de frequentar, perto da sua casa. Quero conhecer seus gostos.

Minha cabeça deu um giro de cento e oitenta graus. Escolher o restaurante daria muito mais trabalho do que parecia. Eu teria que procurar um lugar bom e que fosse de fácil acesso a cadeirantes. Meu estômago se contraiu.

—Tudo bem, mando o endereço amanhã por mensagem.

—*Combinado. Mas estou esperando que me conte sobre você.* Suspirei, sem a mínima vontade de falar da minha vida sem graça. —O que exatamente quer saber?

—*Não sei. Qualquer coisa que você se sinta à vontade para contar.*

Pensei em algo engraçado para dizer. Não queria contar nada que fosse triste ou trágico ou indicasse um passado de solidão.

—Entrei para a faculdade como bolsista por ser uma ótima *cheerleader . — Não!*

—Sim. —Eu ri. —Tenho fotos para provar.

—*Ainda dá tempo de cancelar o jantar?*

— Tarde demais. Vai ter que almoçar com uma ex-líder de torcida. Go Davis!

Gargalhei com a risada dele e me senti mais leve pelo restante da noite, mesmo que toda a conversa tenha se baseado em piadas sobre líderes de torcida e seus pompons.

∞

Tive dor de barriga de manhã. Depois de passar quase meia hora no banheiro, corri para o apartamento da Kiara e agredi a campainha. Ela atendeu sonolenta, usando apenas um lençol para cobrir o corpo.

—Bom dia —murmurou, sem parecer entender o que eu estava fazendo ali num horário tão ingrato.

— Preciso de ajuda. — Entrei no apartamento sem esperar que ela convidasse e vi, pela porta aberta do quarto, que um homem continuava dormindo na cama. —Desculpe atrapalhar, mas preciso muito da sua ajuda. Kiara bocejou e se jogou no sofá, esperando enquanto eu a atualizava das últimas horas da minha vida. Depois de todo o sermão que me deu, ela colocou a cabeça para funcionar.

Minha amiga me deixou mais calma e não permitiu que eu desistisse do encontro. Minutos depois, quando parei de hiperventilar, ela me puxou pela mão e me guiou para fora do apartamento enquanto me dava tapinhas nas costas.

—Você nunca consegue me enganar, Rosa. Já estava delirando com o cara

no mesmo dia em que o conheceu. —Passei pela porta, mesmo não querendo ir embora. —Agora escolha um bom restaurante e se divirta. Vou voltar a dormir.

∞

Havia um estabelecimento ali mesmo no *Brooklyn* que estava sendo muito badalado e comentado. Tinha certeza que os preços não eram dos mais humildes, mas eu possuía minhas economias para me dar ao luxo de gastar vez ou outra.

Só para me certificar de que era totalmente acessível a um cadeirante, fiz a pé o caminho até a porta do *Vandal*. Estava fechado naquele horário, mas pude ter noção de como era a entrada e constatei ser de fácil acesso.

Mais tarde, passei o endereço para Christopher e ele respondeu a mensagem com uma carinha sorridente e uma promessa de me ver logo mais.

O restante do dia foi reservado para depilação, hidratação no cabelo e manicure. Passei um vermelho vibrante nas unhas e recebi a ajuda de Kiara para escolher a roupa da noite.

—Vocês vão ao *Vandal*? —Ela ergueu as sobrancelhas e assobiou. — Não tinha me dito que ele tem grana.

— Ele parece ter, mas mesmo que não tenha, eu posso muito bem pagar a conta.

— Dei de ombros e mostrei dois vestidos para Kiara. — Então, qual dos dois?

O tomara-que-caia de renda preta era meu favorito, pois era justo e valorizava muito os seios, deixando minha cintura em evidência. Mas o verde água com decote drapeado e babados na barra da saia justa tinha um ar romântico e destacava meu tom de pele.

—Os dois vão deixá-lo com tesão. Use o que fica melhor para se sentar no colo dele. —Kiara piscou.

— Eu não sei qual parte da história você perdeu, mas não pretendo dormir com ele.

Por enquanto.

Cala a boca, Rosa!

Kiara me lançou um olhar que me impediu de continuar contestando seu pensamento. Mas eu não pretendia *mesmo* fazer nada demais com Christopher naquela noite. Todo o universo dele era um mistério para mim e eu ainda não sabia direito onde estava me metendo.

— Eu a chamei aqui para me ajudar, não atrapalhar — avisei, jogando os vestidos sobre a cama e observando cada um. —Acho que vou de verde.

Fui me arrumar, sentindo o estômago começar a dar sinais do meu nervosismo. Eu adorava a etapa da paquerinha boba e dos flertes, mas o primeiro

encontro oficial sempre me deixava em pânico. Nunca sabia se conseguiria agir normalmente, se falaria alguma asneira, se a roupa estaria legal. Não ajudava em nada saber que o homem que eu encontraria era lindo de morrer e bastava sorrir para derreter calcinhas.



Fiz questão de chegar ao *Vandal* quinze minutos antes do horário marcado. Pretendia pegar uma mesa antes que Christopher chegasse e avisar ao garçom para que deixasse apenas uma cadeira para mim. Não queria parecer uma pessoa alheia às necessidades de alguém na condição dele, mas meus planos deram muito errado.

Tudo começou assim que cheguei e me dirigi à entrada guardada por um segurança de terno. Ele não sorriu, típico de seguranças. Muito menos eu, porque não mostrava os dentes para qualquer um. O armário engravatado me lançou um rápido olhar e não impediu minha passagem. Adentrei por um *lounge* onde ficava a recepção e olhei em volta, maravilhada. Tudo era de muito bom gosto. Uma funcionária elegante sorriu para mim e me desejou boa noite, muito simpática.

—Boa noite. —Sorri de volta. —Gostaria de uma mesa para duas pessoas em local de não-fumantes.

— A reserva está no nome de quem? — perguntou ela, finalizando o contato visual para deslizar o dedo pelo monitor de plasma sobre a bancada de granito.

Senti minhas entranhas se contorcerem e declarei:

—Não cheguei a fazer reserva. Era necessário?

Aquela foi a pergunta que me enterrou na lama. Não somente as funcionárias da recepção como também os dois casais que estavam sendo atendidos me olharam como se eu fosse uma mula. E eu devia ser. Quando, por Deus, pude cogitar a hipótese de que um restaurante daquele nível fosse atender qualquer um que batesse em sua porta?

A funcionária pareceu contar até dez e, por fim, abriu outro sorriso, dessa vez transbordando pena.

— Só trabalhamos com reserva, senhora. — Ela olhou de novo para o monitor. — Eu posso agendá-la para dia cinco de maio, pois surgiu essa desistência hoje.

CINCO DE MAIO??? Nós estávamos no final de março! Gritei por dentro e mantive a elegância por fora, jogando meu cabelo para trás e dando um sorriso charmoso para ela.

—De uma mulher para outra, espero que você me compreenda. Vou jantar com um cara muito, muito gato e adorável. —As funcionárias se entreolharam e eu fingi não reparar que estava entrando para a lista das mulheres idiotas e desesperadas. —Eu fiquei de escolher o restaurante e vou fazer papel de boba se tivermos que ir embora.

—Sinto muito, senhora. —Ela me lançou um olhar triste. —Não há nada que eu possa fazer. Estamos lotados todos os dias.

Aquele “senhora” estava me irritando e, pela expressão da atendente, não adiantava ficar me humilhando e implorando por uma mesa. Agradeci e saí do restaurante, catando meu celular dentro da bolsa para ligar para Christopher e cancelar o encontro. Se ele saísse de casa e se deslocasse até o *Brooklyn* à toa, eu me sentiria muito culpada.

Estava em pé na calçada e de costas para a rua, com o celular no ouvido enquanto o número dele chamava do outro lado da linha, quando senti uma mão tocar minha perna nua. Esquivei-me imediatamente e só depois olhei para ver quem era o abusado.

—Sempre pronta para o ataque! —Christopher sorriu.

Ah meu Deus, era tarde demais. Fiquei nervosa em vê-lo ali na minha frente, achando que íamos entrar para jantar. O Gato Motorizado estava um arraso com um pulôver preto de gola v que deixava à mostra o colarinho branco da camisa que ele usava por baixo. Poderia ser um *look* engomadinho demais se ele não tivesse quebrado a seriedade com um *jeans* surrado. Quis pular em cima dele e morder aquela boca, mas me controlei como uma dama faria.

— Você está maravilhosa. — Os olhos azuis percorreram meu corpo

lentamente e se demoraram um pouco mais no decote drapeado. —Vamos entrar logo para que eu possa esfregar sua beleza na cara dos homens lá dentro.

—Obrigada —agradeci e sorri, mas logo fiquei séria quando lembrei o que precisava contar a ele. — Nós temos um problema. Eu não sabia que precisava reservar mesa e simplesmente dei de cara na porta. —Esfreguei a testa, nervosa, sem conseguir encará-lo. —Não acredito que fiz você sair de casa.

Não conhecia a rotina do Gato Motorizado, mas tinha certeza que para ele sair para um simples jantar devia ter todo um preparo demorado que demandava certo esforço. Afinal, o próprio tinha dito que fazia tudo sozinho em casa. E agora, ele tinha saído para uma noite furada. Onde eu o levaria? Não era simples colocá-lo dentro de um táxi e escolher um outro local.

— Rosa. — Christopher levantou uma mão e a estendeu para mim com a palma virada para cima. Eu apoiei a minha na dele e o olhei. —Não é o fim do mundo e não sou feito de vidro. Podemos descolar outro restaurante.

Enquanto ele falava, eu já pensava em locais próximos da rua onde estávamos.

— Na próxima esquina tem um japonês bom e barato. — Torci os lábios, lembrando da aparência do lugar. — Caso você não se importe com a simplicidade...

Ele franziu a testa e ficou sério.

—Por que eu me importaria?

—Não sei, desculpe. Foi um comentário bobo. —Olhei para a rua adiante, procurando por obstáculos que dificultassem a caminhada. — Podemos ir caminhando?

Christopher sorriu e começou a movimentar a cadeira na direção que eu apontei. Perguntei-me se aquele homem conseguia ficar cinco minutos que fosse sem sorrir. Ele parecia ter nascido com uma alegria contagiante.

Apressei o passo atrás dele, certa de que não estava com o salto perfeito para ficar perambulando pela cidade. Maldição.

— Correr eu não posso... — Brincou ele. — Mas posso dar uma carona se desejar.

—Uma carona? — Lancei um olhar confuso em sua direção e percebi que a nossa diferença de altura tinha ficado ainda maior por causa do salto altíssimo que eu escolhera. Seria ótimo se eu me lembrasse de usar sapatilhas da próxima vez.

Ele bateu a mão livre na coxa quando me olhou com uma expressão de criança pronta para fazer peripécias.

— Prometo me comportar. — Piscou todo sedutor e inclinou a cabeça. — Assim você pode aproveitar e encostar o nariz no meu pescoço pra elogiar meu

perfume.

—Estou sentindo daqui o perfume. —Gargalhei. —Não, obrigada. —O cheiro que ficou na gola da camisa está muito melhor, acredite.

Christopher estalou a língua e me olhou de soslaio. As expressões de galanteador que ele fazia propositalmente me tiravam do sério, mas eu ainda não tinha chegado ao nível de me sentar no colo dele em público. Por mais convidativo que soasse.

Atravessamos a rua, eu me sentindo nervosa e ao mesmo tempo protetora, com medo de algum carro avançar o sinal. Ele, no entanto, não parecia nem um pouco preocupado. Deslizava a cadeira de rodas pela calçada tranquilamente, conversando amenidades comigo.

No quarteirão seguinte, passamos por uma marquise que abrigava um morador de rua. O homem estava deitado, encolhido num canto que era uma confusão de cobertores, jornais e papelão. Para meu espanto, Christopher se aproximou do indivíduo e enfiou uma nota de cem dólares dentro de um copo com moedas.

— Tenha uma boa noite — disse ele, baixinho, para o homem de olhos arregalados.

—Deus o abençoe.

Fechei a boca quando Christopher deu a volta e retomou a nossa caminhada. Ponderei, ponderei, ponderei, mas precisava falar o que estava pensando.

—Não acha que ele pode gastar esse dinheiro com bebidas ou drogas?

Nós já estávamos bem próximos do restaurante, então ele parou de se movimentar e levantou a cabeça, encolhendo os ombros.

— Prefiro sempre acreditar no lado bom do ser humano. E acho que faz bem doar um pouco do que tenho e devolver ao universo. —Os olhos azuis me encaravam seriamente e depois se voltaram para o local por onde passamos e onde eu acreditava que o morador de rua ainda estava. —Você é contra doar aos pobres?

— Não! — Arregalei os olhos, ciente de que tinha passado uma imagem equivocada. —Pelo amor de Deus, claro que não! Só acho que, às vezes, é mais útil fazer doações de itens necessários. Roupa, comida, artigos de higiene. A bebida e as drogas são pontos de fuga, usados para amortecer a realidade. Por isso, muitos preferem usar o dinheiro dessa forma.

Christopher abriu um sorriso e eu não sabia se estava achando graça do meu discurso. Esperava que não, pois falava sério ao expor algo em que acreditava. Ele, no entanto, segurou minha mão e beijou minha palma, enviando um calafrio por todo meu corpo.

— Entendo o seu ponto de vista e concordo com ele. Mas, por uma noite, tenho fé que aquele homem fará algo de bom com o dinheiro. — Ele olhou na direção do restaurante e soltou minha mão para esfregar as suas. — Agora vamos comer porque não posso ficar desnutrido.

∞

Ao contrário do que encontrei no *Vandal*, fomos muito bem atendidos ali. Não havia um pingo de sofisticação ou *glamour* no estabelecimento, mas era aconchegante e simpático.

Fomos guiados por um rapaz japonês que falava muito mal a língua inglesa, mas conseguia se fazer entender. Enquanto passávamos pelas mesas de madeira, observei o semblante de Christopher para me certificar de que ele não estava odiando o lugar.

Fiquei espantada quando ele começou a falar em japonês com o rapaz e recebeu uma resposta empolgada.

— O que vocês estão conversando? — perguntei, apoiando as mãos nos ombros do Gato Motorizado.

—Perguntei o que tem mais além daqueles biombos. —Ele jogou a cabeça para trás e me olhou. —Acho que você vai gostar. Vamos para lá?

Dei de ombros porque não fazia ideia do que tinha ali atrás e, sinceramente, àquela altura eu achava que aceitaria qualquer convite que aquele homem fizesse, por mais inusitado que fosse.

O garçom nos levou até lá e descobri que o ambiente era um pouco romantizado. As luzes estavam fracas e as mesas eram baixinhas, obrigando os clientes a se sentarem sobre almofadas no chão. Seguimos o homem até a mesa mais afastada e Christopher se adiantou até um dos cantos, fazendo seu processo de transferência para o chão sozinho. Era incrível vê-lo ser tão independente em diversas circunstâncias.

O funcionário tirou a cadeira de rodas do caminho e a levou para um acesso próximo da mesa. O Gato Motorizado sorriu e indicou o espaço reservado a mim. Enquanto eu me ajeitava com dificuldade por causa do vestido curto, ele manuseou as próprias pernas e as dobrou de uma forma que ficasse mais confortável.

—Desculpe —pediu ao notar que eu tentava obstruir a visão dele da minha calcinha colocando a bolsa na frente. — Não me dei conta de que seria desconfortável pra você. Prefere usar as mesas normais?

— Não precisa, eu gostei daqui. — Olhei para ele, todo gato e sentado de forma descontraída, apoiando as costas na parede. — Caso a bolsa escorregue,

acho que você já viu algumas calcinhas na vida e não será nenhuma novidade.

Ele estalou a língua e me lançou um olhar que indicava que eu era uma pessoa muito atrevida. E eu estava adorando alfinetá-lo.

Christopher puxou o pulôver pela cabeça e o entregou para mim.

—Eu prefiro que você cubra as pernas porque estou com fome e não quero me distrair. Você é muito maldosa por ficar me provocando desse jeito.

Abaixei a cabeça e ri em silêncio enquanto tocava o tecido macio do agasalho. Afofei a roupa no meu colo e coloquei a bolsa ao meu lado no chão. — O seu repertório de piadas nunca tem fim? — perguntei, observando-o

com prazer.

—Eu não conto piadas.

—É claro que não!

Ele piscou para mim e fomos interrompidos pelo garçom que voltou com dois cardápios. Levamos alguns minutos para decidir o que comeríamos e, por fim, pedimos por combos de sushi, sashimi, nigiri e harumaki. Christopher aproveitou e pediu saquê, o que me deixou em alerta. Eu tinha um péssimo histórico com aquela bebida porque achava tão leve que consumia demais e acabava bêbada.

O silêncio permaneceu entre nós até um pouco depois que o garçom se retirou. Ficamos nos encarando e, como nenhum dos dois gostava de desviar o olhar, aquela provocação se estendeu. Quando Christopher passou a língua pelo lábio inferior de forma provocante, senti como se ele estivesse passando-a em minha pele. Desisti da brincadeira e desviei os olhos para o guardanapo diante de mim.

—Você mora sozinho, né? —Iniciei um assunto, desesperada para que ele parasse de me encarar daquela forma sedenta.

—Sim, mas tenho um funcionário que me dá suporte quando preciso. Pago o aluguel do apartamento dele, no mesmo prédio que o meu, porque não posso dispensar alguns cuidados que ele me dá, mas prezo muito pela minha privacidade.

—Você se importa de falar que tipos de cuidados são esses?

Christopher levou uma mão para trás do pescoço e esfregou a nuca, desviando o olhar. Percebi que entrara num assunto desconfortável e me arrependi da pergunta.

— Não é a conversa certa para este encontro — respondeu, sorrindo de forma doce e se esforçando para recuperar sua leveza. — Fique tranquila que não moro com meus pais, nem com amigos desagradáveis, muito menos sou casado. Meu apartamento está vazio esperando pela visita de uma bela mulher que calce 37.

—Tem muitas por aí calçando esse número, você não terá dificuldades para encontrar.

O dono dos olhos azuis apoiou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos unidas. Sorriu, mas de forma bem discreta e me encarou. Pelo canto do olho vi que nosso garçom se aproximava com a comida.

—Talvez eu já tenha achado —declarou Christopher.

Agradeci por termos que interromper a conversa, pois achava que ele, às vezes, falava coisas sérias e intensas demais. Eu me iludia muito facilmente e não queria que isso acontecesse mais uma vez. Queria ter noção do terreno em que estava pisando.

Tirei meu hashi da embalagem e observei os gestos de Christopher. Lógico que um cara que sabia falar japonês também saberia segurar o hashi com muito profissionalismo. Felizmente, eu não fazia feio nessas horas. Era viciada o bastante em comida japonesa para já ter aprendido o manuseio dos queridos palitinhos.

—Espero que esteja tudo gostoso —murmurei. —Já chega de derrotas por hoje.

O bonitão pegou um nigiri e molhou o lado do peixe no *shoyu*, levando-o à boca e mastigando com delicadeza. Esperei pela sua declaração e quase infartei com medo que ele odiasse a comida e o lugar.

—Está ótimo!

Suspirei com alívio e provei um pouco da comida, concordando que estava tudo uma delícia. Christopher pegou outro nigiri, elogiando muito aquele item do cardápio. Disse que era uma de suas comidas favoritas.

— Você é muito misterioso. Eu nunca sei quando está falando sério ou sendo sarcástico. —Balancei a cabeça, olhando firme para ele.

—Eu sou sério quando preciso ser. —Deu de ombros. —Minha vida já foi muito séria, hoje em dia prefiro deixá-la mais leve. Se eu tiver que fazer piada para outros rirem, farei. — Christopher brincou com o hashi vazio na mão e baixou a cabeça, erguendo apenas os olhos para mim. — E cá entre nós, Senhorita Martínez, você fica bonita demais sorrindo para que eu desperdice isso.

Ainda bem que a iluminação do ambiente era baixa e meu rosto corado não seria notado. Eu não sabia como aquele homem conseguia, mas desde que o conheci já tinha ficado ruborizada mais vezes do que fiquei em toda a minha vida. O jeito despretensioso de Christopher, aliado às cantadas subliminares, mexia demais comigo.

Tomei um longo gole de saquê para usar a bebida como desculpa para o meu silêncio envergonhado. Ele continuava me observando, sempre atento a

todos os meus gestos. Por fim, eu o encarei.

— Conte algo sobre você — pedi. — Já sabe muita coisa da minha vida e eu mal sei da sua.

— O que eu sei da sua vida? — Ele arregalou os olhos. — Você só me deixou saber da sua aventura pelo mundo dos pompons. Que, se eu fosse você, manteria eternamente em sigilo.

Abri um sorriso sem conseguir evitar porque a verdade era que eu tinha um pouco de vergonha daquela parte do meu passado. Ainda não entendia como revelara aquele segredo para Christopher e sabia que ele nunca me deixaria esquecer.

Tomei mais um gole de saquê e pisquei para o Gato Motorizado.

—Eu conto um fato sobre mim e você conta um também.

—Combinado —respondeu, apoiando o hashi num pratinho. — Comece. Pensei um pouco, sem saber o que falar primeiro. Queria contar algo que tivesse importância para mim e não fosse mais uma futilidade como a época da minha vida em que fui líder de torcida.

—Eu sou órfã. Tinha vinte e dois anos quando perdi meus pais, eles foram abordados na calçada de casa e o assaltante pensou que estavam reagindo. Christopher tamborilou os dedos na mesa por alguns segundos, olhando fixamente para mim.

— Sinto muito — falou. — Meu pai faleceu no acidente que me deixou paraplégico, há oito anos. Ele estava dirigindo e eu dormia no banco traseiro. Um nó se formou em minha garganta. Eu achava que tinha problemas pela morte dos meus pais, mas não conseguiria me colocar no lugar de Christopher. Num mesmo acontecimento ele tinha perdido o pai e ficado com graves sequelas.

—Eu também sinto muito —murmurei, triste. —Não deve ter sido fácil... — Fiquei duas semanas em coma, então... Acho que foi muito mais difícil para minha mãe. — Ele suspirou e pegou seu saquê que até então estava intocado. — Por pior que tenha sido para mim, eu tive minha mãe ao meu lado. Não imagino como foi pra você.

Realmente, não foi nada fácil, mas não queria que a conversa tomasse um rumo melancólico. Balancei a cabeça e coloquei um sorriso no rosto. Sempre que pudesse iria sorrir perto dele, agora que tinha recebido elogio sobre meu sorriso.

— Tenho alergia a camarão. — Torci o nariz. — Então, se não quiser me ver com o rosto inchado, vermelho e cheio de bolota, deixe-os bem longe de mim.

— Você deve ficar uma gracinha. — Riu. — Sou bom de boca, como

qualquer coisa que colocar na minha frente. Já até provei gafanhoto e barata na China.

Eu estava mastigando um sashimi quando ouvi aquela declaração e tive que me controlar para não devolver a comida. Ao contrário de Christopher, eu era bem enjoadinha quando o assunto era gastronomia.

A comida desceu com um pouco de dificuldade e tomei mais outro gole de saquê, esvaziando o masu de uma vez. Christopher o encheu novamente quando se curvou para a frente e tocou meus dedos de leve. Estremeci com o sorrisinho de um lado só que ele deu.

— Gostei muito de ter te conhecido. Que sorte a minha você ser linda, inteligente e muito bem-humorada!

Bebi mais saquê e, talvez fosse exatamente por culpa da bebida, que era gostosa demais e fazia a gente exagerar, mas fui um pouco ousada e saí do lugar em que estava. Engatinhei pelo carpete até ir para o lado de Christopher. Ele arqueou uma sobrancelha enquanto prestava atenção em mim e minha desajeitada arrumação.

Depois de colocar de volta o pulôver dele sobre minhas pernas, sentei-me de lado para a mesa e de frente para Christopher. No calor do momento, segurei seu rosto entre minhas mãos e puxei a cabeça dele para mais perto. Beijei aquela boca que vinha me fazendo salivar cada vez que se mexia e percebi, pelo choque dele, que o peguei desprevenido.

Foi um beijo rápido, eu precisava apenas prová-lo. Mordi de leve o seu lábio inferior macio e depois me afastei abruptamente.

—Hm... —ele pigarreou e tocou os lábios. Que caísse um raio sobre minha cabeça se eu estivesse errada, mas podia jurar que Christopher, o rei da saia justa, estava desconcertado. —Uau. Ok.

Gritei internamente porque não podia gritar no meio do restaurante, mas estava extasiada por ter feito algo que o deixara tão surpreso. E tímido, se eu não estivesse enganada.

— Nossa, três monossílabas. Estou impressionada! — zombei e levei uma mão ao peito. —Você está sem palavras!

— É que eu realmente não esperava por isso. — Ele esfregou o pescoço e desviou o olhar, encarando algo sobre a mesa. Estava tão bonitinho todo tímido que quase o agarrei de novo. — Mas acho que é algo que você deveria fazer todos os dias. Só comigo, claro.

Christopher se curvou para a frente e pegou meu masu com um pouco de saquê pela metade. Ele olhou para dentro do potinho e eu olhei também, curiosa. —O que foi? — perguntei.

— Só estou conferindo se o saquê que você está tomando tem algum

ingrediente diferente do meu.

Dei um tapa no braço dele, mas acabei achando graça. Ele colocou o masu de volta na mesa e se recostou à parede. Precisou apenas virar o rosto para me encarar.

—Desculpe se fui... precipitada. —Encolhi os ombros e puxei uma mecha de cabelo para a frente do rosto, na tentativa de esconder um pouco os olhos. — Você ficou sem graça mesmo ou é mais uma piada?

— Não fiquei sem graça. — Ele sorriu. — Fiquei surpreso. Mulheres tão bonitas não costumam avançar em mim com facilidade. Preciso me esforçar muito pra isso acontecer.

—Aquem você está tentando enganar? Você? Precisando se esforçar? Já se olhou no espelho?

— Sim, sou bonito, eu sei. — Christopher encolheu os ombros. — Fazia bastante sucesso quando tinha duas pernas funcionais. Mas cadeira de rodas não é o tipo de automóvel popular com o público feminino. Ser agarrado e surpreendido com um beijo? —Piscou. —Não acontece todos os dias.

—Ou seja, fui fácil demais. Devia ter deixado você se esforçar bastante. — Estalei a língua. —Sempre faço alguma idiotice.

Christopher riu e pegou minha mão, tentando me puxar para mais perto dele, mas impus um pouco de resistência.

— Por mim, você poderia se aproximar e me beijar de novo, porque não aproveitei direito da primeira vez.

— Se você quiser que tenha uma segunda vez, vai ter que fazer por merecer!

Ele não desviou o olhar e nem afastou a mão. Os dedos soltaram os meus e começaram a deslizar pela minha pele. Fiquei alerta com o toque, que parou na curva do meu antebraço. Enquanto ele acariciava aquela parte sensível do meu corpo, fechei os olhos e fui consumida por deliciosos arrepios.

Não percebi que meu corpo se inclinava na direção dele automaticamente e, quando o olhei de novo, estava toda torta. Christopher permanecia sério me observando, e quando seus olhos encontraram os meus, ele tocou meu rosto.

—Chegue mais perto... Eu não mordo.

Então, sem conseguir resistir, deslizei minha bunda pelo carpete até meu joelho dobrado tocar a perna dele. Christopher sorriu satisfeito e deslizou a mão pelo meu ombro. Senti seus dedos leves afastarem meu cabelo e inclinei um pouco a cabeça para o lado. O toque era tão delicado, como se acariciasse minha pele com plumas.

Minha respiração se tornou mais ofegante quando ele se inclinou um pouco e aproximou o rosto do meu. Achei que fosse me beijar, mas os lábios se

dirigiram para meu ombro. Ele depositou um beijo casto naquele local e, segurando meu cabelo, tocou meu pescoço com a ponta do nariz.

—Tão macia e cheirosa...

Christopher levantou o rosto, mas não me encarou. O olhar dele se demorou em algo atrás de mim até que ele voltou à posição anterior, grudando as costas na parede, desfazendo o nosso contato. Senti imediatamente a falta do calor dele, mas me contive e me ajeitei. Não resisti a olhar para trás e vi um casal na faixa dos cinquentas anos exibindo expressões horrorizadas enquanto encaravam a cadeira de rodas encostada na parede oposta. Hipócritas!

— É melhor você comer antes que eu acabe com tudo — disse, descontraído, enfiando um sushi na boca.

— Por que você acha que estão nos olhando daquele jeito? — perguntei, sem conseguir deixar barato.

Ele deu de ombros e continuou comendo.

— Porque é a forma como lidam com o que não compreendem. Está tudo bem.

Bem, obviamente, não estava. Mas eu decidi que não ia fazer barraco nem apontar o dedo na cara do casal estúpido para não incomodar Christopher. Eu não sabia como ele lidava com aquele tipo de situação e, pensando melhor, ele não parecia gostar de barracos.

∞

Mesmo com todo o climão que eu causei por causa do beijo, o restante da noite foi muito agradável. Christopher retornou ao seu estado normal irônico e eu consegui esquecer um pouco o casal idiota que estava no mesmo ambiente. Não voltei para o meu lugar, mas Christopher também não me tocou mais.

Nós apenas comemos e rimos de coisas bobas e aproveitamos para conhecer um pouco mais um do outro. Fiquei surpresa em saber que a mãe dele morava na Itália com o atual marido e eles não se viam pessoalmente há quatro anos.

Contei a ele sobre meu curso de formação na faculdade e meu sonho de abrir uma clínica veterinária. Disse que seria meu primeiro cliente se eu o aceitasse.

Estávamos bem descontraídos quando pedimos a conta. Insisti para pagar minha parte e enquanto o garçom passava o cartão de Chris, levantei-me para ir ao banheiro.

Fiz um xixi rápido e olhei meu reflexo no espelho. Estava bem afogueada mesmo, culpa do saquê. Meus olhos brilhavam, o sorriso não queria sair do meu rosto e minhas bochechas estavam um pouco coradas. Sabia que devia ir com

mais calma, mas aquele homem era irresistível e já tinha me conquistado.

Saí do banheiro distraída, procurando o celular dentro da bolsa e não vi a pessoa em meu caminho. Esbarrei num corpo grande e levantei os olhos. Era o homem que fazia parte do casal estúpido.

—Olá —disse ele. —Você tem algum cartão?

— O quê? — perguntei, sem entender. O corredor onde ficavam os banheiros era um pouco escuro, então não tinha certeza de que ele estava falando comigo. Olhei para trás e não vi mais ninguém ali. — Desculpe, acho que está me confundindo com outra pessoa.

O homem esticou um braço e o apoiou na parede, bloqueando o meu caminho. Sorriu.

—Você está com o cadeirante.

—Sim, estou. —Cruzei meus braços, incomodada. —O que tem isso? —Você cobra mais caro para aleijados?

Ele deve ter notado o choque em meus olhos e isso só pareceu diverti-lo ainda mais. Quis vomitar em cima dele e dar um chute no meio de suas pernas, mas apanhar não o faria ser menos escroto do que já era. Empurrei seu peito com força e aumentei o tom de voz ao encará-lo.

—Saia do meu caminho ou sua mulher vai me ouvir.

O nojento me olhou com desdém, mas me deixou passar. Saí aos tropeços, procurando por Christopher, mas a cadeira não estava mais ali e a mesa estava sendo retirada pelo garçom. Ele tentou falar comigo, provavelmente estava se despedindo, mas passei direto em direção à saída.

Christopher estava à minha espera na calçada e eu o vi de perfil, com um sorriso no rosto enquanto observava um artista de rua jogar bolas de fogo para o alto.

— Podemos ir, né? — perguntei ao me aproximar e segurar nas costas da cadeira.

Parecia que nada passava despercebido por ele, que franziu a testa e avaliou meu semblante. Eu não pretendia contar o que havia acontecido porque nem sabia como abordar o assunto, ainda estava chocada demais para me dar conta do que o cara falou para mim.

— Está tudo bem? — Christopher perguntou, girando a cadeira de rodas para ficar de frente. —Aprimeira vez que a vi desse jeito, foi no elevador.

—Só quero ir embora... —pedi, olhando a rua para tentar chamar um táxi para ele. —Eu moro aqui perto e vou a pé, então vamos colocar você num carro primeiro.

— Rosa...

Ele esticou a mão, mas meu instinto foi recuar e me odiei por isso.

Christopher inclinou a cabeça diante de minha reação e depois suspirou.

—Eu peço o carro por aqui —avisou, mostrando o celular. —Não precisa se preocupar comigo.

Um rapaz mais ou menos da minha idade passou por nós e me deu uma boa encarada, daquele tipo que parecia despir a pessoa com os olhos. Cruzei meus braços sobre o decote e só balancei a cabeça, concordando com Christopher.

Fui confundida com uma garota de programa! Nunca passei por nada parecido e ainda estava difícil digerir aquela insinuação. Só podia ser por causa da minha roupa chamativa demais para o meu corpo. Muito provavelmente eu nunca mais usaria aquele vestido, estava me sentindo ridícula! Christopher tinha me elogiado quando me viu, mas ele provavelmente já saíra com mulheres que se vestiam melhor e eram mais elegantes.

Pensar em Christopher fez meu coração se apertar. Eu tinha sido grossa e ele não tivera culpa nenhuma. Estava ali diante de mim, de cabeça baixa, mexendo no celular enquanto eu havia estragado o nosso final de noite. Eu estava me odiando em dobro agora.

— Espere — pedi, aproximando-me dele e tirando o celular de suas mãos. — Desculpe. Nós...

— Quer que eu a leve em casa? — ele perguntou, tão paciente e com uma voz doce.

Esgotada, balancei a cabeça concordando com a pergunta. Queria chorar, mas não ia acontecer porque eu não chorava em público.

Christopher deu um tapinha sobre as pernas e eu me sentei de lado, sem cerimônia. Se já me achavam com cara de prostituta, eu daria conteúdo para as próximas conversas deles caso nos vissem.

— Só me dê a direção de sua casa — ele murmurou baixinho enquanto alisava minhas costas de um jeito muito reconfortante, nada sexual.

Quando começamos a nos mover, segurei-me nele por reflexo. Era um pouco estranho andar na cadeira porque as calçadas tinham desníveis que eram imperceptíveis para pés. Christopher não parecia se incomodar, mas para uma primeira vez era bem estranho.

— Não queria ter falado com você daquela forma — disse, arrependida, com meu braço em volta do pescoço dele.

—Não vai me contar o que aconteceu?

Nossos rostos estavam tão próximos que minha respiração, muito provavelmente, estava tocando a pele dele. Eu poderia beijá-lo e esquecer aquela conversa idiota. Era isso que devia fazer.

— Vire na próxima esquina. Depois, primeira à esquerda — avisei, dando as coordenadas para meu apartamento. Que ele não poderia conhecer. Engoli em

seco. —Fui abordada quando saí do banheiro. O cara achou que eu fosse... uma garota de programa.

Christopher não fez nenhum comentário, pontos positivos para ele. Mas eu suspirei e tentei me explicar da melhor forma possível.

— Não é sempre que uso roupas provocantes assim. Você já me viu no trabalho, eu nem costumo ficar mostrando muito o corpo. A não ser, claro, em ocasiões

especiais e...

— Rosa.

— Hoje era um dia especial. — Joguei minhas mãos para o alto quando senti o sangue ferver. — Que puto esse infeliz! Devia ter rachado a cabeça dele com meu salto!

— Rosa... — Christopher usou a mão livre para tocar meu joelho. Assim, olhei para ele e calei a boca, não tinha percebido que queria falar. —Aculpa não foi sua.

— É lógico que não foi! Ele que é um filho da puta! — Bati a mão na minha coxa, me controlando para não descer da cadeira e voltar lá no restaurante.

Christopher gargalhou e nós paramos para esperar o sinal fechar e atravessar a rua. Ele abriu um sorriso que me desconcertou.

— Lembre-me de nunca deixá-la irritada. Caramba! — assobiou. — Que fera!

Resolvi me controlar e baixei a mão, deixando-a quietinha sobre o colo. Com a outra, toquei o cabelo da nuca dele.

— O que eu quis dizer, é que a culpa não foi sua. Foi minha. — Ele foi incisivo. —Pelo simples fato de estar comigo, você passou essa imagem a eles. Sinto muito.

—Como é que é?

— É comum acharem que se uma mulher bonita demais está com um cadeirante, então ela está sendo paga por isso. — Eu não consegui encontrar palavras para retrucar aquela afirmação e Christopher continuou. — Parei de tocá-la porque percebi que estavam prestando atenção demais em nós dois e não queria te expor. Só não imaginei que o cara fosse atrás de você.

Senti novamente o nó se acumular na minha garganta e estava me sentindo horrível. Tinha achado que o problema se focava sobre mim quando, na verdade, a pessoa insultada era o próprio Christopher. E eu ainda tivera a capacidade de ser grossa com ele.

—Você sempre tem que aturar isso?

— Eu não saio muito. — Ele deu de ombros. — Mas não é a primeira vez que passo por uma situação parecida ou vejo alguém passar. Até porque,

acontece muito de alguns homens realmente contratarem acompanhantes. A vida sexual de um cadeirante solteiro nem sempre é das mais agitadas.

— Essas pessoas que julgam sem saber são tão ridículas — falei, amarga. — Você é um gato. E gostoso.

Ele sorriu e produziu um som que lembrava muito um gato ronronando. —Diga mais —pediu. —Não se acanhe.

Paramos no último sinal antes de entrarmos na minha rua e ele usou aquele momento para mexer no celular. Devia estar chamando o táxi e, pela troca de mensagens que evitei ler, Christopher parecia possuir alguns motoristas cativos. Eu dei o número do meu prédio e esperaria com ele até o carro chegar.

Quando guardou o celular no bolso e voltamos a nos movimentar, ele me olhou de relance e estalou a língua.

—Estou esperando mais elogios...

— Ah, sim. — Ri e deslizei meus dedos pelo rosto dele. — Você é divertido. E... —Aproximei meu nariz do seu pescoço. — Cheiroso!

Meus dedos se enterraram no cabelo macio e levei minha boca até a orelha dele. Senti Christopher estremecer e paramos de andar.

—Isso... é tortura... —murmurou, o peito subindo e descendo mais rápido. —Eu sou muito... sensível... nessa região.

— Hum... — Sorri sem me afastar e quando falei, meus lábios roçaram a pele arrepiada. —Vamos testar essa sensibilidade.

Quis mesmo deixá-lo louco e gostaria muito de fazer perguntas mais íntimas sobre sua condição, mas tive que me controlar para não correr o risco de deixá-lo

desconfortável. Estava prestes a deixar uma marca de chupão em seu pescoço quando Christopher puxou meu rosto e me devorou com sua boca.

Ele me beijou com ferocidade, chupando minha língua, meus lábios, tomando tudo de mim sem me deixar tempo para pensar. Entreguei-me, deixando que explorasse minha boca, enquanto deslizava as mãos pelos ombros dele.

Aos poucos, o beijo se tornou mais suave, combinando mais com a personalidade que ele havia me mostrado até então. Sorri quando afastou o rosto, puxando meu lábio inferior levemente com os dentes. Uma claridade nos iluminou e me fez fechar os olhos para logo descobrir que era sua carona. Envolvi rapidamente seu pescoço com meus braços, sem vontade de deixá-lo ir embora.

— Adorei a noite — sussurrou ele em meu ouvido e beijou meu rosto. — Podemos repetir sempre que você quiser.

—Uhum. —Sorri, sem querer levantar do seu colo. —Vou querer. Respirei fundo e me preparei para soltá-lo, sentindo minhas pernas bambas

ao levantar da cadeira. O motorista se aproximou assim que me afastei e começou os preparativos para colocá-lo no carro. Só entrei no prédio depois que o automóvel dobrou a esquina e deixou meu coração solitário.



Fiz um carinho rápido em Guapo e fui direto para o quarto, trancando-me lá dentro. Joguei meu corpo excitado na cama e deslizei uma mão para dentro do decote do vestido. Sorri, pensando em Christopher e imaginando que aquela mão era dele. Meus mamilos estavam duros que nem pedra e gemi ao apertá-los de leve. A outra mão desceu até o meio das minhas pernas e entrou por baixo dos

babados do vestido. Como já imaginava, encontrei minha calcinha com alguma umidade no ponto que cobria os lábios sensíveis. Puxei-a para o lado e deixei meus dedos irem de encontro ao meu sexo, massageando o clitóris enquanto meus pés roçavam no lençol.

Eu não me sentia daquele jeito há muito tempo. Os homens com quem eu tinha o desprazer de me relacionar sempre iam com sede demais ao pote. Christopher não parecia ter pressa para nada e estava conseguindo me deixar louca. Quando me beijou em frente ao prédio, eu estava tão excitada que não me importaria de ter um orgasmo ali mesmo na calçada.

Meus dedos intensificaram a massagem e a outra mão se dirigiu para o mesmo lugar, porém, parando mais abaixo. Dobrei meus joelhos e me penetrei com dois dedos de uma vez, mexendo o quadril no ritmo da minha mão.

Gemi, sentindo o clímax se aproximar e fechei os olhos ao estremecer sobre o colchão. Ainda me alisei um pouco, brincando com a umidade entre minhas pernas e me deixei relaxar antes de pensar em fazer qualquer outra coisa.

∞

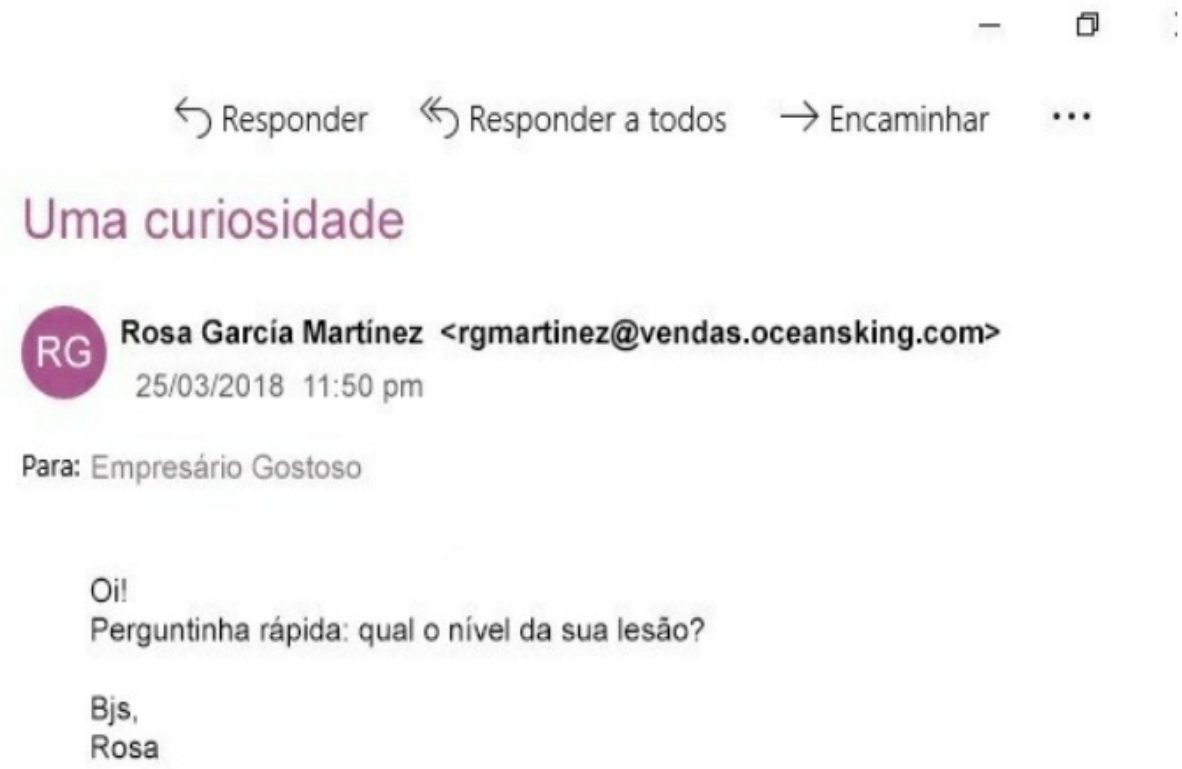
Um banho bem quente e uma xícara de café puro e forte fizeram de mim uma mulher renovada. Para uma noite de sábado, ainda estava cedo e não tinha sono nenhum. Kiara não estava em casa, tinha saído com o carinha do chá de bebê e, provavelmente, voltaria bem tarde.

Minha companhia era Guapo e meu *notebook*. Passei um bom tempo pensando no homem que não saía mais da minha cabeça e decidi que tentaria

entender um pouco mais sobre o problema dele e suas limitações.

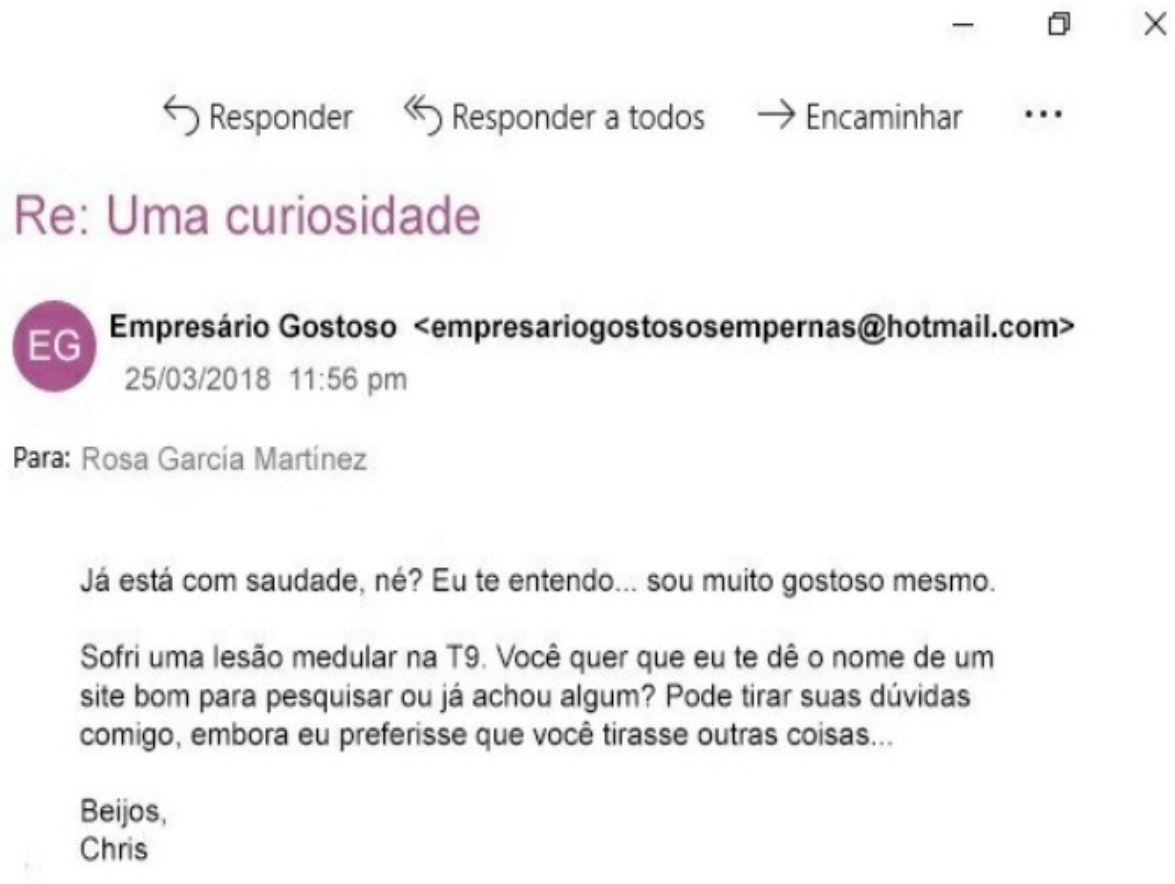
Digitei algumas palavras no *Google*, coisas sobre lesões medulares, função sexual, entre outros. Os resultados eram tantos que eu não soube direito por onde começar. Pelo que li rapidamente, havia vários tipos de lesões e as sequelas variavam demais de caso a caso.

Assim, abri meu e-mail e decidi escrever para Christopher. Não queria falar no telefone por medo dele fazer muitas perguntas e ficar meio óbvio o que eu estava fazendo.



Não tinha certeza se ele ainda estava acordado, então deixei o *notebook* num canto e fui dar uma olhada na televisão. Guapo se acomodou ao meu lado, soltando uma bolinha de plástico nas minhas pernas e me olhando ansioso. Joguei a bola dentro do meu quarto e ele correu para buscar.

Para minha surpresa, ouvi o toque de notificação do computador e meu coração acelerou. Ele estava online! Quase caí de tanta pressa que pulei do sofá para me sentar na cadeira. Puxei o *notebook* e abri o e-mail.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Uma curiosidade

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
25/03/2018 11:56 pm

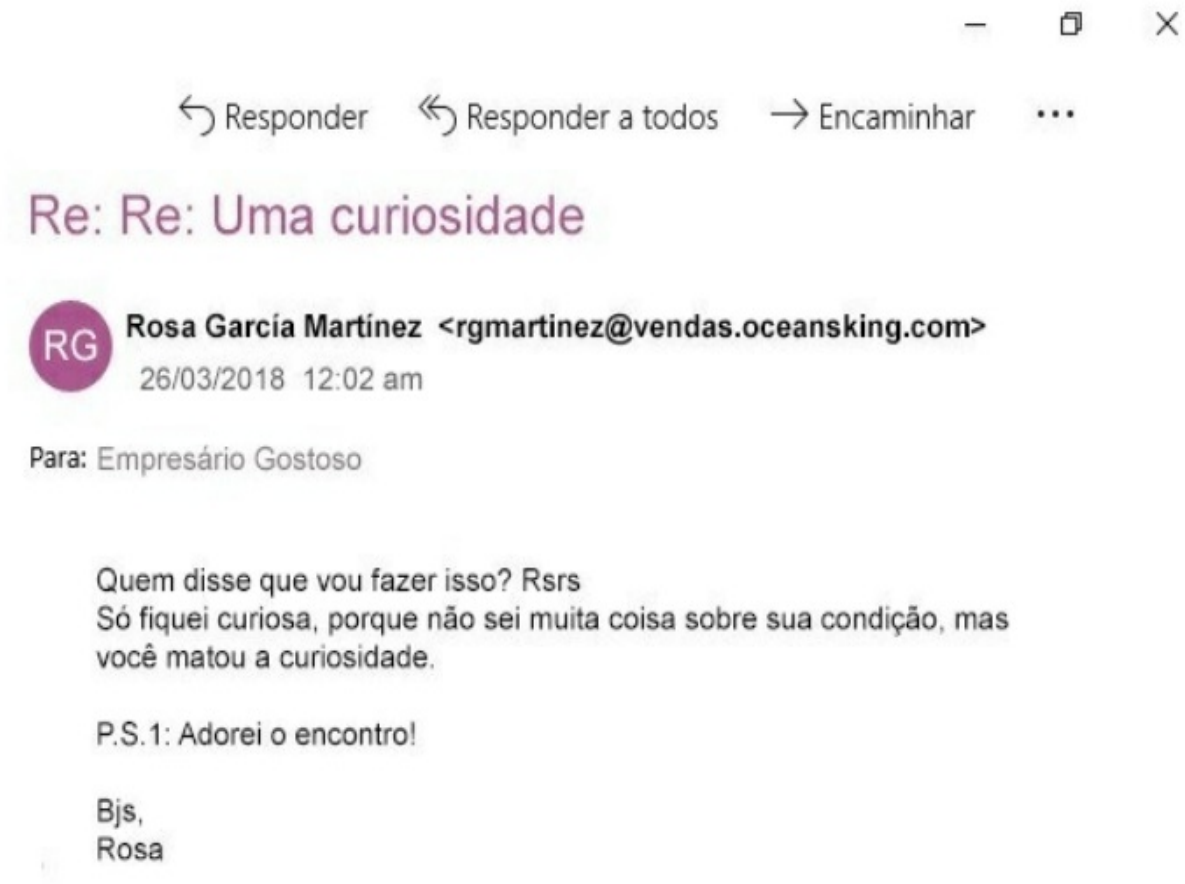
Para: Rosa García Martínez

Já está com saudade, né? Eu te entendo... sou muito gostoso mesmo.

Sofri uma lesão medular na T9. Você quer que eu te dê o nome de um site bom para pesquisar ou já achou algum? Pode tirar suas dúvidas comigo, embora eu preferisse que você tirasse outras coisas...

Beijos,
Chris

O pobre coitado do Guapo atirou a bolinha babada nos meus pés, mas eu não tinha cabeça para dar atenção a ele naquele momento. Christopher sabia que eu pretendia pesquisar sobre ele e já se adiantara. Será mesmo que faria bem eu perguntar diretamente? Talvez algumas coisas, mas não tudo.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Re: Uma curiosidade

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
26/03/2018 12:02 am

Para: Empresário Gostoso

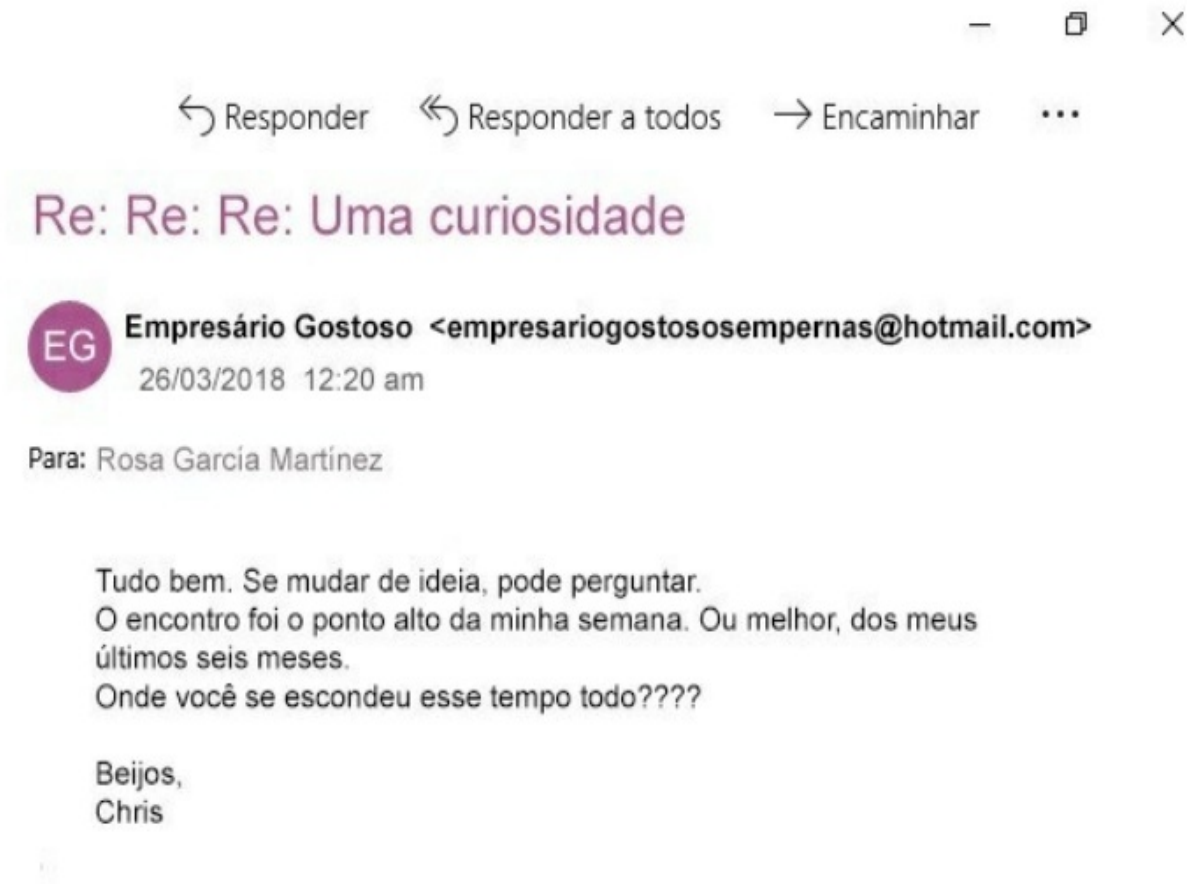
Quem disse que vou fazer isso? Rsrs
Só fiquei curiosa, porque não sei muita coisa sobre sua condição, mas você matou a curiosidade.

P.S.1: Adorei o encontro!

Bjs,
Rosa

Não sei muito bem por quanto tempo eu conseguiria esperar a resposta dele sem comer minhas unhas. Nem tinha nada para beliscar em casa e ocupar minha boca nervosa. Então, gastei minha energia brincando com Guapo. Joguei aquela bola cheia de baba incontáveis vezes em meu quarto e ele nunca cansava. Sempre corria, pegava, trazia para mim e esperava que eu jogasse novamente. No fim, quem estava cansada era eu e com o braço dolorido.

O e-mail chegou depois de um tempo, para meu alívio.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Re: Re: Re: Uma curiosidade

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
26/03/2018 12:20 am

Para: Rosa García Martínez

Tudo bem. Se mudar de ideia, pode perguntar.
O encontro foi o ponto alto da minha semana. Ou melhor, dos meus últimos seis meses.
Onde você se escondeu esse tempo todo????

Beijos,
Chris

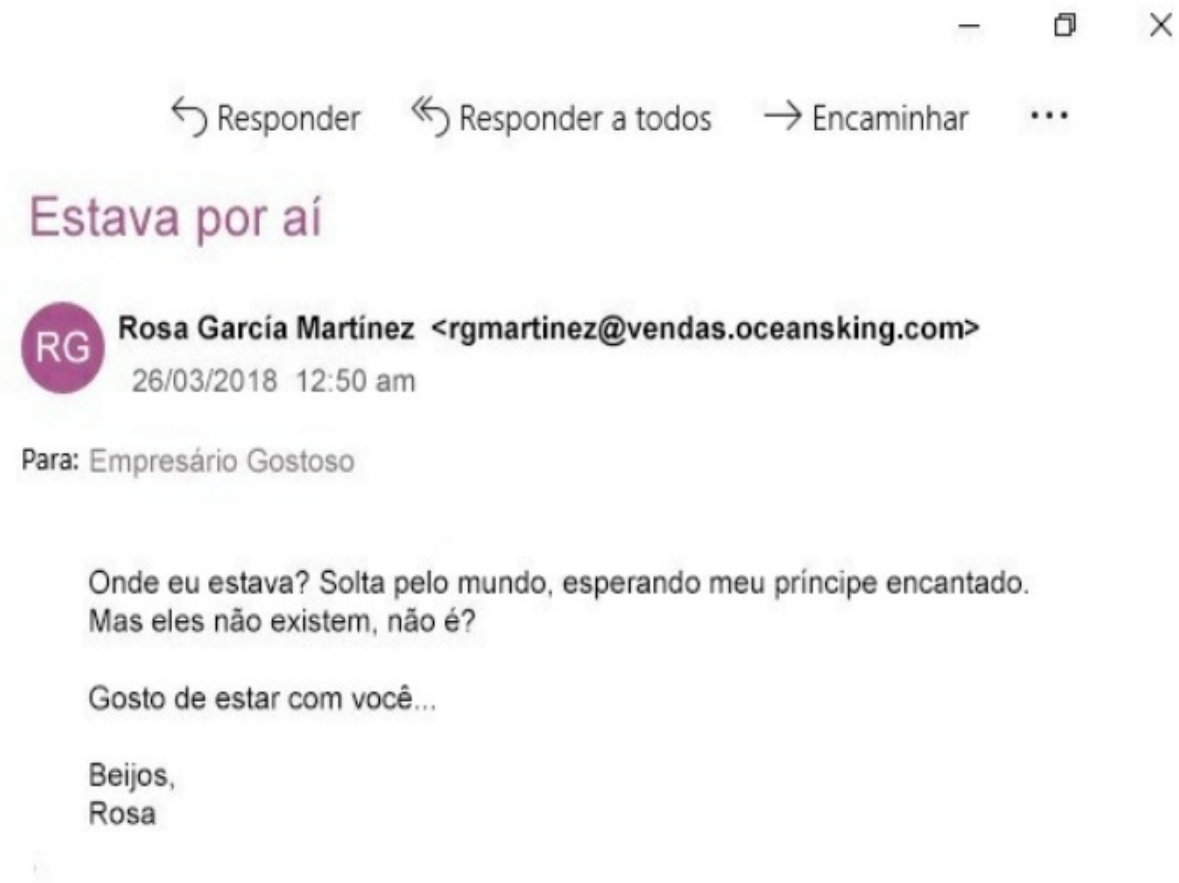
Fechei o e-mail e corri para o *Google*. Consegui reunir um bom número de sites que pareciam mostrar informações mais precisas sobre lesões tipo a de Christopher. Naveguei por alguns daqueles links para perceber que, o que a maioria deles tinha em comum, eram trechos que descreviam alguns dos sintomas mais corriqueiros.

De acordo com os textos, Christopher não possuía movimento nas duas pernas, mas isso eu já sabia. Ainda de acordo com as informações, ele também não apresentava sensibilidade, não tinha ereção com facilidade, não ejaculava e nem podia ter filhos pelo método tradicional. Ainda havia alguns trechos que diziam que lesionados naquela região nem sempre conseguiam manter controle total da bexiga e do intestino. Muitos usavam fraldas ou catéteres pelo resto da vida.

Engoli em seco e me levantei para pegar mais café. Precisava ter em mente que aquilo ali era tudo muito teórico. Os próprios sites informavam que cada pessoa apresentava um tipo de resposta diferente.

Segurando a xícara de café fumegante, sentei-me de novo na cadeira e encarei a

tela do *notebook*. Abri mais uma vez o e-mail de Christopher e reli. Precisava responder alguma coisa e de forma descontraída, pois não queria mesmo que ele achasse que eu estava colhendo informações sobre sua lesão.



Depois de fechar todas as janelas que deixei abertas no navegador, fiquei à espera da resposta dele. Não recebi nada, no entanto. Imaginei que estivesse ocupado ou que já fora dormir.

∞

A voz da Shakira soava no último volume e eu dançava, entoando a letra complicada enquanto faxinava o apartamento. Tinha terminado de lavar o banheiro e a sala, então me ocupava da cozinha, brigando com um Guapo que insistia em pisar no sabão e patinar pelo piso limpo.

Quando o interfone tocou, quase não escutei. Ele já devia estar se esgoelando há algum tempo quando, entre um refrão e outro, ouvi o toque baixinho. Larguei o esfregão e sequei as mãos na camisa antes de atender.

—Oi! —disse, ofegante.

— *Por acaso eu te acordei?* — Christopher, CHRISTOPHER estava falando do outro lado. Eu estava sonhando? Devo ter ficado muda por muito tempo, pois ele riu. —*Caramba, não esperava ser recebido com silêncio.*

—Christopher! —gritei. —O que foi?

—*Posso subir?*

O quê???? Olhei em volta, meu apartamento uma bagunça e minha aparência devia ser a de alguém que não via banho nem roupas limpas há

décadas.

— *Rosa?*

—Aham. Pode.

Desliguei o interfone sem nem esperar a resposta e corri. Tinha mudas de roupas dobradas sobre o sofá, pacote de biscoito aberto em cima da mesinha, a xícara de café ainda estava ao lado do *notebook* e, meu Deus, minha cara!

Entrei no quarto, arrancando minha blusa suada e buscando outra no armário. Nem me preocupei em escolher nada bonito para vestir porque não tinha tempo. No espelho, dei uma geral no cabelo que parecia um ninho de passarinho preso num coque alto e o soltei. Não teria tempo para maquiagem, pois minha campainha estava tocando.

—Já vou! —gritei, correndo de volta para a sala e abrindo a porta.

Um homem gigante, de quase dois metros de altura, entrou sem pedir licença e colocou Christopher no chão. Ele não era um cadeirante pequeno, diga- se de passagem. Christopher tinha ombros largos e era alto, algo como um metro e noventa. Carregar aquele homem por três lances de escada não era uma tarefa fácil, mas o gigante nem parecia ter suado.

Christopher segurava duas muletas, que ajeitou assim que ficou de pé. Seus

braços deslizaram por dentro delas e os cotovelos se apoiaram no encaixe específico. Então, ele me olhou e o homem gigante saiu sem se despedir.

—Bom dia. —O maluco diante de mim sorriu. Ele estava de pé e precisei levantar o rosto. Meu coração bateu acelerado em ver como ficava ainda mais lindo daquele jeito. — Quis só fazer uma gracinha em pé pra você, mas agora preciso mesmo me sentar.

Eu mal tive tempo de agarrar a pilha de roupas no sofá atrás dele e jogar para o lado antes que se sentasse.

Guapo estava um pouco ressabiado. Ficou de longe assistindo toda a cena, mas quando Christopher se acomodou melhor, meu cachorro subiu em cima dele e roubou uma lambida. O homem lindo abriu um sorriso e afagou a cabeça do meu cão, que entendeu aquilo como um incentivo para ir além. Antes que Guapo subisse sobre o peito de Christopher, eu o peguei no colo e o coloquei no chão. —Fica —ordenei, com o indicador apontado. — Fica.

—Que *sexy*, toda autoritária...

Ia responder a piada quando ele se mexeu um pouco e levou uma mão atrás das costas. A bola de Guapo! Christopher sorriu e a soltou, mas levou a mão de novo para trás do corpo. Ele mexeu, mexeu, e quando puxou, seus dedos seguravam uma calcinha minha. E eu nem sabia se estava suja ou limpa! Quase desmaiei.

— O que mais será que vou encontrar? — Sorriu, avaliando o pedaço de

renda branca e eu avancei sobre ele, puxando a *lingerie* de sua mão.

— Eu fico com isso — disse, sem graça, enfiando a calcinha no meio da pilha de roupas que já estava toda bagunçada.

Parei entre Christopher e a mesa, com as mãos na cintura, observando o figurão sentado no sofá. Ele realmente destoava do apartamento, como eu já tinha imaginado. Era bonito demais em comparação com os trastes que já estiveram por ali.

Puxei uma cadeira e me sentei de frente para ele, com os braços apoiados no encosto alto. Antes que abrisse minha boca, a porta do meu apartamento foi

escancarada e o gigante apareceu com a cadeira de rodas.

—Onde coloco, chefe?

Meu Deus, meu apartamento era pequeno demais para aquele veículo de duas rodas, mesmo sendo muito moderno e compacto. Levantei com pressa e tirei uma mesinha do caminho, para que a cadeira pudesse ser colocada ao lado de Christopher.

—Obrigado —ele agradeceu o gigante, que logo se despediu.

Alguns segundos de silêncio nos cercaram. Muito rapidamente, observei o homem inteiro no meu sofá e sua cadeira que quase ocupava todo o espaço restante na sala.

— Que diabos você está fazendo aqui? — perguntei sem conseguir me controlar. — E como descobriu o número do meu apartamento? E como você conseguiu ficar em pé?

— Caramba, agora eu entendo o uso excessivo de PS’s. — Ele riu. — Quando você se esforça, consegue ser uma metralhadora humana. Vamos lá. Um, vim almoçar com você. Dois, apertei todos os botões do terceiro andar até descobrir o seu. E três, consigo me sustentar em muletas num curtíssimo espaço de tempo porque tenho muita força nos braços. Mas, não é agradável.

Ele tinha apoiado as muletas no sofá e ao trazer o assunto à tona, esfregou os cotovelos e flexionou os braços.

— Por mais que eu tenha um ótimo condicionamento físico, machuca um pouco os membros superiores. Uso apenas para fazer transferências rápidas. — Ele deu de ombros e sorriu. —E pra impressionar mulheres bonitas.

Christopher era educado demais para arregalar os olhos, mas eu percebi que aos poucos ele ia conferindo cada centímetro do meu apartamento. O olhar demorou um pouco mais na cozinha com a limpeza pausada e ele estalou a língua.

— Não tinha intenção de atrapalhar. Mas sério, quem faz faxina num domingo às dez da manhã?

—Pessoas que não podem fazer durante a semana — respondi.

Ele levantou as mãos em defesa própria e sorriu.

— Por favor, não me deixe atrapalhá-la. Posso ficar aqui perfeitamente imóvel enquanto você termina.

Até parece que eu ficaria esfregando o chão da cozinha com o cara sentado no meu sofá, à espera da minha atenção. Mas nem ferrando! A cozinha podia esperar, mas eu precisava de um banho.

Avisei que não demoraria nem dez minutos, só jogaria uma ducha sobre o corpo. Ele não deixou as piadinhas de lado e se ofereceu para esfregar minhas costas, o que me arrancou algumas risadas enquanto eu entrava no banheiro.

— Conheço um restaurante que faz uma lasanha sensacional — falou quando terminei o banho e atravessei correndo do banheiro até meu quarto. — Você gosta de comida italiana?

Revirei os olhos, dando-me conta de que ele era perfeito demais.

—Eu como qualquer coisa da culinária italiana — avisei.

Deixei que Christopher se preocupasse com a comida e tirei um tempo para me arrumar. Vesti uma regata preta fininha —propositalmente sem sutiã — com um cardigã rosa por cima. Pensei em colocar uma calça, mas optei por um short *jeans* larguinho e confortável. No rosto, só passei um rímel e um *gloss* e soltei o cabelo novamente, usando meus dedos como pente. Antes de sair do quarto, borrifei um pouco de perfume no pescoço e voltei para a sala.

Inacreditável. Guapo estava deitado sobre as pernas da visita, com a barriga aberta enquanto recebia carinho em suas banhas. Estava de olhos fechados, curtindo o momento e me traindo com outro.

— Pelo visto, vocês se entenderam bem e nem precisam da minha companhia — resmunguei, sentando-me ao lado de Christopher e dobrando as pernas.

— Nos entendemos mesmo. — Ele encolheu os ombros. — Nós dois estávamos aqui pensando em como ansiamos pelo carinho de uma mulher muito cruel que

mora nesse prédio.

Como se quisesse mostrar que concordava com as palavras ditas, Guapo se revirou e ficou de pé, me encarando com olhos carentes. Peguei-o no colo e o coloquei no chão para que não roubasse toda a atenção que Christopher dispensava. Eu também queria ser alvo daqueles olhos que podiam fazer alguém se perder em sua imensidão azul.

De repente, ao pensar que ele estava mesmo no meu apartamento e não havia ninguém para nos observar, fiquei tensa. Já tinha demonstrado um pouco de descontrole na noite anterior, quando o ataquei sem avisar. Eu tinha sérios problemas, de verdade. Esse fogo que me preenchia e me fazia dar passos maiores que meu corpo sempre me colocava em enrascadas.

—Eu quase posso ver a fumacinha saindo da sua cabeça de tanto que você pensa. —Christopher esticou uma mão e a apoiou sobre meu joelho. —Por que ficou tão séria?

— Eu sou uma pessoa séria. — Sorri, jogando meu cabelo para trás numa tentativa de ser *sexy*. — Você e suas piadinhas é que me transformaram numa hiena de duas pernas.

— Se importa que eu tenha vindo até aqui? Acordei com vontade de fazer uma surpresa, mas não cheguei a pensar que poderia atrapalhar seu domingo. Acho que estou um pouco empolgado com você.

Amão dele estava parada no mesmo lugar, mas o olhar me fazia querer que movimentasse os dedos pela minha pele. Meu Deus, eu estava ficando louca!

— Eu gostei da surpresa — respondi com sinceridade e então me levantei. Onde estava com a cabeça por não ter oferecido nada ao homem? —Quer beber alguma coisa? Água, café, refrigerante? Não tenho nada alcoólico em casa porque preciso repor o estoque.

—Aceito um pouco de água.

Eu já estava na cozinha, abrindo a geladeira e pegando uma latinha de refrigerante para mim. Aquilo era algo que eu nunca, em hipótese alguma, deixava faltar dentro de casa. Antes de voltar, enchi um copo d’água para

Christopher.

Peguei um descanso de copo e coloquei sobre a mesinha depois de entregar a água. Quando dei um gole no meu refrigerante e senti a bebida geladíssima, sorri.

— Tem certeza que não quer? — perguntei, balançando a latinha na frente dele.

—Não tomo refrigerante há alguns anos. Aliás, evito bebidas gasosas.

—Queria não gostar desses alimentos malignos, mas não consigo. — Torci meus lábios, olhando a latinha.

— Ah, mas eu gostava. Só que, após o acidente, precisei readaptar minha alimentação. Se minha dieta não for bem equilibrada, acabo tendo problemas indesejáveis.

—E o saquê de ontem?

— Foi uma exceção. — Ele piscou, passando uma mão pelo cabelo. — Consumo bebidas alcoólicas muito raramente.

Eu estava perdida com aquele homem. Seria a alcoólatra da relação, se dependesse dele. Não que eu passasse minha vida de porre, mas gostava sim de tomar um vinho de vez em quando ou beber socialmente quando saía.

Percebi que ele ia se curvar para colocar o copo na mesinha e me adiantei, tirando-o de sua mão e fazendo isso eu mesma. Christopher arqueou uma

sobrancelha para mim e cruzou os braços.

— Eu ainda consigo me curvar. — Brincou. — Deixe de pensar que sou delicado ou que posso quebrar a qualquer momento.

Fingi que não sabia do que ele estava falando, mas tinha mesmo dificuldade em aceitar que ele era resistente. Como não entendia nada da vida de um cadeirante, a impressão que eu tinha era que qualquer movimento errado poderia agravar seu caso. Idiotice minha, eu sabia. Christopher estava naquela condição há muitos anos e conhecia os próprios limites, mas eu ainda estava aprendendo. Sorri e dei

mais um gole no refrigerante antes de colocá-lo sobre a mesinha.

Em seguida, arrisquei e me aproximei dele, cutucando seus joelhos com os meus. Ele lançou um olhar lascivo para minhas coxas e foi subindo os olhos até me encarar. Deu aquele sorrisinho de um lado só que arrebatava meu coração.

—Talvez eu precise testar.

O Gato Motorizado abriu os braços e apoiou as mãos no sofá.

—*Me* testar? — perguntou.

—Sim, ver o quão frágil você realmente é.

A risadinha que ele deu era um pouco diferente das outras. Um som mais áspero, gutural, quase um rosnado. O que me incentivou a avançar ainda mais. Afastei minhas pernas e ajoelhei no sofá, subindo sobre o corpo de Christopher e sentando em seu colo. Apoiei minhas mãos uma de cada lado da cabeça dele e aproximei meu rosto. Precisava dar um crédito por não ter encarado muito os meus peitos ou tentado passar a mão em mim.

No instante em que abri a boca, perdi as palavras. Ficar tão perto dos olhos azuis me desconcentrou bastante e respirei fundo, absorvendo cada detalhe daquelas íris.

—Seus olhos são maravilhosos —sussurrei, ciente de que eu devia parecer uma maníaca encarando-o daquela forma. —Não sabia que era possível um azul de tantos tons diferentes.

—Obrigado. Os seus também são encantadores.

Franzi a testa, querendo discordar.

—São pretos e sem graça.

— Nem um único fio de cabelo seu consegue ser sem graça, Rosa — ele ronronou. —Não seja tão humilde.

Fechei os olhos quando os dedos dele tocaram meu rosto, perto da sobrancelha.

Sua mão desceu pela lateral, passando direto pela minha bochecha esquerda e delineando a curva do queixo. Estremeci ao sentir seus lábios tocarem a região de forma muito delicada e, depois, deixarem uma trilha úmida até meu pescoço.

Já não havia mais um pelo em meu corpo que não estivesse arrepiado

quando a boca de Christopher voltou para se ocupar da minha. Relaxei sobre ele e toquei em seus ombros enquanto Christopher brincava com minha língua e mordiscava meus lábios.

Coloquei um pouco mais de força em meus dedos e ele mexeu as próprias mãos, levando-as até minha cintura. Seu polegar roçou na barra da minha blusa e tocou minha pele que, àquela altura, já pegava fogo.

Christopher era um amor de pessoa. Delicado, cavalheiro... Mas eu queria arrancar a camisa dele e montar logo no que quer que ele tivesse debaixo das calças. Porém, não havia volume! Ele *precisava* exibir algum volume com tudo que estava acontecendo. Certo?

Meu Deus, eu era um monstro!

—O que foi? —ele perguntou ao interromper o beijo e afastar o rosto para me encarar. Eu estava rindo! Não podia acreditar naquilo! — Você está vermelha... Fiz alguma coisa errada?

O Gato Motorizado olhou para as mãos que ainda estavam na minha cintura e eu quis me bater por fazê-lo pensar que havia algum problema. Toquei suas mãos e balancei a cabeça, achando graça da minha idiotice.

— Eu só estava pensando umas besteiras — expliquei, rindo. — Que não vou compartilhar com você porque vai pensar que sou tarada.

—Mas eu gosto desse seu jeito sem filtro, faz você ser autêntica.

— É só que... — Suspirei e me remexi no colo dele, sentindo minha perna direita começar a ficar dormente. — Você é muito controlado e eu sou muito afobada.

Ele deu aquele maldito sorriso de creme dental e o que havia entre minhas pernas respondeu com uma contração. Tapei sua boca com uma mão e arregalei

os olhos.

—Minha nossa, homem! Pare de sorrir assim! Isso não ajuda!

Christopher jogou a cabeça para o lado e gargalhou enquanto segurava meus dedos inquietos. O sorriso parecia ter aumentado, como se fosse possível. —Que culpa eu tenho por sorrir?

Pisquei, mas ele não me deu tempo de reagir. Desgrudou as costas do sofá e enfiou os dedos por dentro do meu cabelo, segurando firmemente minha cabeça enquanto chupava meu pescoço. Meu senhor Deus!

Minha cabeça caiu para trás quando ele afrouxou um pouco os dedos e um gemido escapou pela minha boca sem que eu conseguisse evitar. Christopher deslizou aqueles lábios por todo — todo — o meu pescoço, tomando muito cuidado para não deixar de dar atenção para um centímetro de pele sequer.

Eu já passara da fase de calcinha molhada e meus mamilos doíam, gritavam para serem explorados. Não conseguia raciocinar, estava em êxtase, meus braços

caídos ao lado do corpo enquanto ele fazia sexo com meu pescoço, chupando, lambendo, mordendo. Isso nunca, nunca tinha sido tão foda.

Mexi a boca seca, engolindo um pouco de saliva acumulada. Quando ele voltou a se recostar no sofá e me puxou junto, com os lábios agora se ocupando da minha orelha esquerda, meu corpo reagiu.

Por instinto, minhas mãos se moveram pelo abdômen dele e desceram à procura do botão da calça. Consegui completar a tarefa de me livrar daquele item, mas quando cheguei ao zíper, Christopher colocou uma mão sobre a minha.

—Não... —sussurrou, com o nariz ainda enfiado em meu cabelo.

—Sim! —gemi, tentando driblar o bloqueio dele. Rebolei em suas pernas, desesperada por um pouco de consolo.

—Hoje não, Rosa. —O tom de voz usado me fez voltar à realidade e olhar pra ele.

Eu estava me sentindo como uma criança que é proibida de explorar todos os brinquedos do parquinho. Lógico que, por mais desejo que houvesse envolvido, um não era um *não* e ponto final. Eu não tinha direito de insistir mais e me dei conta disso.

Quando Christopher afastou o rosto e apoiou a cabeça no sofá, eu esperava não estar com a decepção tão estampada no rosto. Sentia tanto calor que usei aquilo como desculpa para afastar minha mão de cima do pau dele —que estava ali e eu podia notar, só não havia ereção —e prendi o cabelo num coque.

— Eu... — ele começou, mas foi interrompido pelo toque estridente do interfone. Provavelmente era nosso almoço.

Foi uma intervenção divina, isso sim. Corri até a cozinha e mandei o entregador subir. Ao passar pela sala, Christopher já estava com um cartão de crédito na mão e o estendeu para mim.

—Eu fiz o convite, eu pago. Asenha é 281085.

Ainda estava anestesiada demais para pensar naquilo e discutir o assunto, então aceitei o cartão. O rapaz esperava na porta quando eu abri e paguei rapidamente pela comida, que estava com um cheiro delicioso.

Arrumei a mesa com pressa, colocando a embalagem quente da lasanha sobre um descanso de silicone e fui pegar os pratos. Servi primeiro o de Christopher, que me observava do sofá em silêncio. Pretendia servi-lo ali mesmo, mas vi quando se transferiu para a cadeira de rodas e, ao seu tempo, se aproximou da mesa.

Aproveitaria o momento para me reestabelecer enquanto nos ocupássemos com a comida.



—O cheiro está ótimo —falei para quebrar o gelo, servindo um pedaço da massa em meu prato.

— Rosa... — Era sempre incrível ouvir meu nome sendo pronunciado por ele. — Você está chateada.

Lancei um olhar rápido pra Christopher antes de levar o garfo à boca. Enquanto mastigava, tinha tempo para pensar em como ter aquela conversa. Não era algo que eu queria ficar cutucando.

—Não estou. Só um pouco envergonhada com minha atitude.

— Você não tem do que se envergonhar. O problema não é você, eu garanto.

— Acho que sou eu sim — falei, amarga. — Eu tenho sérios problemas com relacionamentos porque me envolvo fácil demais e tenho o costume de atropelar as coisas. Isso, inclusive, é uma bosta. Eu me entrego muito rápido e sou descartada logo depois. E já estava indo pelo mesmo caminho com você, então, por um lado, foi ótimo ter me parado. Acho que é a primeira vez que isso acontece.

Quando parei de desabafar, me dei conta de que estava segurando o garfo e o apontava para Christopher, que ouvia todo o meu lamento com sua eterna paciência. Ele pousou uma mão sobre a minha e abaixou o garfo comigo, enquanto colocava um sorriso no rosto.

— Alguns homens são babacas e não enxergariam uma mulher especial como você nem se esfregassem na cara deles.

Puxei minha mão para poder continuar comendo e balancei a cabeça, digerindo o que ele falou. Cortei um pedaço de lasanha e o espetei com meu garfo, levando-o à boca e mastigando. Depois, fui até a cozinha e peguei mais um refrigerante.

— Isso que você acabou de dizer é o tipo de coisa que me confunde, achando que está me cantando pra me levar pra cama.

Christopher gargalhou e pousou os talheres no prato. Ele cruzou as mãos sobre o colo e me encarou com uma cara de safado.

— Acredite, eu adoraria te carregar agora pra cama. Mas acho que você já percebeu que tenho algumas limitações.

Acompanhei o olhar dele na direção de suas pernas e revirei meus olhos dramaticamente.

—Você entendeu o que eu quis dizer, não falei no sentido literal.

—Como você sempre é muito sincera comigo, creio que seja melhor fazer o mesmo. —O Gato Motorizado passou uma mão pelo cabelo e correu os olhos rapidamente pelo meu apartamento, antes de voltar a me olhar. —Vim aqui hoje porque gostei muito de você e gostaria de conhecê-la melhor. Ao contrário de suas outras experiências, não tenho a mínima intenção de usá-la e jogar fora.

Eu desviei o olhar e brinquei com o restinho de comida no prato. O que ele queria dizer com *“me conhecer melhor”*? Porque, se dependesse só de mim, eu estava preparadíssima para isso.

— Geralmente é o que todos dizem... — sussurrei, sem perceber que tinha falado em voz alta.

— A diferença entre mim e eles é que não sou moleque. Mesmo antes do acidente, quando eu tinha uma vida sexual muito mais ativa, não era um canalha. Não ficava trocando de mulher a cada semana. — Ele sorriu. — Meus pais me educaram muito bem.

Limpei meu prato, satisfeita com o almoço, mas percebi que Christopher não tinha comido muito. Será que lasanha não era um item muito adaptável ao cardápio da dieta dele? Pensei em perguntar se não iria comer mais, porém, ele

era adulto.

Preferi aproveitar que tocara naquele assunto delicado e explorar um pouco mais o território desconhecido.

— E como anda a sua vida sexual atualmente? — perguntei, tirando uma sujeira invisível da minha unha.

—Sobre isso, não quero que você tenha tantas expectativas...

O alarme do arrojado relógio no pulso dele tocou e tirou minha atenção. Christopher apertou um dos botões e o silenciou, para em seguida, olhar em volta, como se procurasse algo.

—O que foi? —perguntei. —Precisa de alguma coisa?

Eu me levantei quando ele mexeu na cadeira e se afastou da mesa. —Preciso usar seu banheiro, mas não vou demorar.

—Ah, sim! Claro!

Corri na frente dele, escancarei a porta e parei. Puxa, com certeza era bem diferente do banheiro que ele devia ter em casa. O meu não era adaptado e era pequeno demais. Abaixei e peguei a lixeira, colocando-a provisoriamente dentro do box.

Christopher parou na porta, pois obviamente não tinha como ele entrar enquanto meu corpo estivesse ocupando aquele espaço.

—Hum, acho que posso tirar o cesto de roupas também... —pensei em voz alta e o puxei pelas alças, colocando-o para fora do caminho. — Prontinho!

Eu me virei para olhá-lo e Christopher estava pálido, como quem acabava de receber uma péssima notícia.

—O que foi? — perguntei.

— Minha cadeira não cabe aí dentro. — Ele balançou a cabeça com uma careta no rosto. — Era algo bem possível de acontecer, mas no impulso de vir pra cá,

não parei para pensar nisso.

— Oh.

Meu cérebro deu um nó e parou de funcionar, porque eu não fazia ideia de como resolver aquela questão. Nem adiantava bater na porta de Kiara, pois tinha certeza que nossos apartamentos possuíam as mesmas dimensões.

Meu banheirinho modesto era um retângulo bem estreito e a pia ficava muito perto da porta, sendo assim, o vaso era posicionado mais para dentro quase grudado no *blindex* do box. Não havia espaço para que a cadeira passasse sequer pela pia.

—Rosa, eu preciso urinar. —Christopher parecia em sofrimento.

—As muletas! Você pode usá-las, não pode?

Ele encolheu os ombros, mas fui buscá-las antes de receber sua resposta. Quando as entreguei para ele, ouvi seu suspiro pesado.

— Merda. Desculpe. — Christopher esfregou a testa, de olhos fechados, antes de levantar o rosto e me olhar. —Você pode pegar meu celular no sofá pra que eu veja se o meu ajudante está por perto?

—Não iria demorar muito? Eu posso ajudá-lo a chegar ao vaso sanitário. Eu nem sabia onde estava me metendo. Claramente Christopher devia pesar

uns oitenta quilos ou mais e eu normalmente me cansava quando subia os três andares com Guapo no colo. Entreguei o celular para ele, mas sabia que era absurdo ter que esperar a chegada de outra pessoa.

—É mais complicado do que somente ir até o vaso.

Não pude deixar de ler a mensagem que ele digitou para o ajudante em questão. Christopher perguntava quanto tempo ele levaria para chegar até meu prédio.

—Minha lesão impede que eu tenha controle próprio da bexiga e intestino, portanto, precisei de anos de treinamento e dieta associados para educar meu organismo a funcionar em horários específicos e não precisar de fraldas ou

sondas —disse ele, desligando a tela do celular quando o homem respondeu que demoraria, pelo menos, vinte minutos.

Toquei o ombro dele e tentei passar um pouco de calma, mesmo que eu estivesse tensa com a situação.

— Eu ajudo, confie em mim. — Era tão estranho, eu mal o conhecia, mas queria poder livrá-lo de todos os problemas. Coloquei uma expressão neutra no rosto e o encarei. —Anda logo, deixa de ser frouxo.

— Geralmente eu faço tudo sozinho. — Suspirou. — Obviamente não há barras de apoio no seu banheiro e nem a pia é próxima do vaso para que eu a use como suporte. Preciso chegar até lá e preciso que abaixe minha calça antes que eu me sente.

Christopher travou as rodas da cadeira, pegou as muletas e se levantou. Notei o tremor em seus braços devido ao esforço que precisava fazer para se sustentar.

—É só me dizer o que fazer. —Dei de ombros, fingindo que não era nada demais, como se minha profissão fosse arriar calças de homens.

Não pretendia sentir pena dele, porque Christopher era bom demais e não precisava da pena de ninguém. Mas ele estava tão sem graça em me pedir aquilo, que meu coração se apertou dentro do peito. Eu nem conseguia imaginar como me sentiria em ter que pedir algo do tipo para um homem que eu mal conhecia. Balancei a cabeça, mantendo uma expressão neutra.

Ele começou a se mover com certa lentidão, demonstrando fazer um esforço anormal. Depois de cinco passos, com os pés apenas raspando no chão, ele parou como se fosse desabar.

—Por favor — pediu.

Eu me aproximei com rapidez e passei um braço em volta da cintura dele, enfiando-me debaixo do seu braço.

—Acho que destruí seu domingo, não é?

— Claro que não! — Revirei meus olhos de forma dramática. — Desde o dia no

elevador eu vinha nutrindo intenções de tirar sua roupa. Pelo visto, me dei bem, vou começar logo pela calça.

O Gato Motorizado abriu aquele sorriso lindo que me deixou caidinha desde o dia em que o conheci.

— Só preciso que abaixe um pouco minha calça e a cueca. — Ele não me olhou quando falou, manteve o olhar fixo na parede atrás de mim.

Desabotoar o *jeans* e abrir o zíper não foi nenhum sacrifício. Desci a calça dele até os joelhos e então, meus dedos tocaram a costura da cueca boxer. Ele era bem-dotado e a relação com o tamanho dos pés estava correta, levei um segundo para perceber.

Baixei a peça íntima e pressionei meus lábios, porque era muito difícil não encarar. O pênis dele era bonito pra cacete, branquinho com a cabeça rosada, largo. E, para minha surpresa, não estava completamente flácido, o que devia ter relação com a bexiga muito cheia. Meu autocontrole me surpreendeu quando me virei e fui esperar na porta, de costas para ele.

Bem, levou alguns minutos para que a urina realmente saísse. Era desconcertante saber que ele estava bem ali atrás de mim, sentado, com todo seu orgulho masculino ferido. Assobiei uma música qualquer que me veio à mente para descontrair um pouco e olhei feio para Guapo ao perceber que ele estava doido para nos fazer companhia ali dentro.

—Já acabei.

Respirei fundo, coloquei um sorriso no rosto e me virei para minha visita. ∞

—Desculpe-me por te colocar nessa situação —falou Christopher, de volta ao sofá. — Estou tão acostumado com tudo adaptado, que não me dei conta de estar num *habitat* diferente. Você mexeu em minha rotina, Senhorita Martínez. — Eu não me importo. — Sorri. — O que você faria se não tivesse ninguém por perto?

— Eu me programo bem, não costumo me ver em situações como essa há muito tempo. —Ele me olhou com um sorriso meio murcho, mas não conseguiu perder a piada. —Ainda dá tempo de fugir de mim.

Estalei a língua e fui me sentar ao lado dele, sobre meus calcanhares. Passei uma mão pelo cabelo negro e depois a apoiei em seu ombro. Christopher estava com o olhar perdido, então subi de novo no colo dele e o trouxe de volta ao momento.

— Você ouviu quando eu falei que me envolvo rápido demais? — perguntei, rindo. Alisei seus braços e enfiei minhas mãos por dentro das mangas de sua camisa, mas Christopher não parecia estar mais no clima. — Por favor, não fique constrangido. Você é lindo, é gostoso e me deixa com muito tesão.

Ele deu uma risada leve e me encarou, estreitando um pouco os olhos. Senti uma mão tocar minhas costas e fazer movimentos circulares.

— Você é uma figura. — Os olhos azuis me encararam e pareciam um pouco mais aliviados. No entanto, Christopher pegou o celular e olhou a tela. — Acho que está na hora de ir embora.

—O quê? —Franzi a testa. —Ainda é cedo!

—Mas tenho coisas para resolver, querida.

Eu tirei minhas mãos de dentro das mangas da camisa dele e as espalmei em seu peito.

— Não tem não. Você quer ir pra casa pra ficar se lamentando e vitimizando, arrependido por ter me deixado vê-lo desse jeito. E eu não curto homens depressivos.

Não desviei o olhar do dele e deixei bem claro que não o liberaria para ir embora tão cedo. Minhas mãos ainda tocavam seu peitoral quando ele as segurou e deu aquele sorriso que era uma tentação.

— Você pedindo com tanta delicadeza, como posso negar? Só... não estou me sentindo muito viril nesse momento.

— Podemos ver um filme, brincar com o Guapo, compartilhar nosso passado podre. —Revirei os olhos. —Quero dizer, o meu passado podre.

Os polegares dele alisavam as palmas das minhas mãos e, pela primeira vez no dia, ele parecia ter se dado conta de que eu estava sem sutiã, pois não parava de

encarar meus peitos.

— Você toca tanto nesse assunto que estou curioso sobre o tal passado horrível. Por que não me conta um pouco sobre isso?

Só pelo fato de saber que ele não tirava os olhos da minha camisa, meus mamilos começaram a ficar animadinhos. Christopher notou rapidamente e me laçou um olhar interrogador, com uma sobrancelha arqueada.

—Nem meu corpo consegue disfarçar que te quer —murmurei e os dedos dele apertaram minhas mãos. Tive que suspirar e contar até dez para não tascar um beijo naquela boca. — Mas... voltando ao tema anterior... Sobre meu passado.

—Já teve muitos namorados?

— Apenas um — respondi, pressionando um lábio contra o outro. — Namoramos por onze meses e foi com ele, inclusive, que eu perdi a virgindade. Terminamos há uns cinco anos.

— Então a senhorita é avessa a relacionamentos sérios. — Ele não se deu ao trabalho de fazer uma pergunta, mas estava muito errado sobre a situação real. —Cinco anos é muita coisa... Não é possível que não tenha se apaixonado nesse tempo.

Rangi meus dentes quando senti meus dois pés dormentes e precisei sair de cima de Christopher. Sentei ao lado dele e dobrei as pernas, me virando de frente

para olhá-lo. Mas não fiquei nessa posição, pois ele pegou minhas pernas, uma de cada vez, e as colocou esticadas sobre o colo dele. Com as mãos apoiadas em meu joelho, eu notava como ele era branco perto de mim. Era como misturar caramelo no leite.

— Pelo contrário, eu me apaixonei por vários — gargalhei, levando uma mão à testa. —Eles é que não se apaixonaram por mim. Devo ter algum defeito que ainda não descobri.

— Você já parou pra pensar que eles é que podem ser o problema da equação?

— Ah é? Então como você explica todos eles sempre aparecerem namorando

logo depois de me chutarem? Eu é que não sou namorável. Ou talvez seja muito ruim de cama.

— O que é ser ruim de cama pra você? — ele perguntou com um brilho divertido nos olhos.

Eu dei de ombros.

—Sei lá... Você é homem, diga-me você.

Christopher se remexeu no sofá, apoiando as duas mãos e pressionando-as para baixo a fim de levantar um pouco o tronco e sentar mais para trás. Ele recostou a cabeça, olhando para o teto, distraído. O perfil dele era lindo, com traços muito bem marcados, de homem mesmo, não de garotos de vinte e poucos anos como eu estava acostumada.

—Mulher cheia de frescura entre quatro paredes, é ruim de cama pra mim. Ou aquela que só pensa no próprio prazer e esquece que tem outra parte envolvida na história. Falta de higiene também é um problema sério. Mas a verdade é que, homem que gosta mesmo de mulher, não fica pontuando erros ou acertos na hora da transa.

Ele virou o rosto e me olhou, tentando decifrar minhas emoções. Por fim, se inclinou na minha direção e depositou um beijo delicado em meus lábios, colocando uma mecha de cabelo meu atrás da orelha.

— Mas, meu bem, o que importa é que fico muito feliz por você não dar sorte com namoros. — Ele sorriu. — Caso contrário, eu não estaria aqui hoje, não é? Depois me passe os contatos desses caras para que eu possa agradecer a todos os idiotas.

Eu ri e empurrei ele de volta para o lugar. Já bastava falar de mim, eu quase não sabia sobre a vida de Christopher e ia arrancar informações naquele momento.

— E você? Sei que falou que não era mulherengo, mesmo assim, deve ter partido alguns corações pelo caminho.

—Até o acidente eu tive cinco namoradas, relacionamentos sempre longos.

Inclusive, estava namorando quando fiquei paraplégico, mas ela não suportou a barra. — Ele parecia pensar ou fazer cálculos mentais. — De lá pra cá, tive só um relacionamento sério, ela era mais velha. Mas depois descobri algumas coisas e terminei.

— Coisas?

—Interesse financeiro.

Franzi os lábios, considerando que aquilo talvez fosse ainda pior do que traição. Descobrir que uma pessoa estava ao nosso lado apenas por interesse devia ser triste. Por sorte, nunca precisei passar por situação parecida, já que minha conta bancária estava sempre próxima do negativo.

—Não vou negar que gostaria de ser rica, mas nunca às custas de ninguém. — Estalei a língua e apontei um dedo pra ele. —Em minha defesa, quando eu o conheci nem imaginava que você tinha grana.

— Não estou preocupado com isso. — Ele piscou. Seus olhos focaram minhas pernas e uma das mãos alisaram minha canela, deixando meu corpo arrepiado.

—Então ela foi sua última namorada?

— Sim. — Ele deu um tapinha em meu joelho. — E é isso. Terminei esse relacionamento há um ano e meio e não estive com mais ninguém desde então. Eu fiquei tão chocada que puxei minhas pernas e me acomodei melhor, dobrando-as e sentando um pouco curvada para frente. Christopher pareceu se divertir ao ver minha expressão de assombro. Nem sempre eu conseguia disfarçar.

—Um ano e meio? Tipo... Sem ninguém?

— Um ano e meio sem transar, é isso que você quer saber — respondeu, dando um sorriso tortinho. — Sim.

— Sem querer ser tão indiscreta, mas... Uau! — Franzi a testa, admirada com aquela revelação. Eu estava há três meses sem sexo e já me sentia prestes a subir pelas paredes. Um ano e meio... Eu não conseguia imaginar. —Por quê? Ele riu e passou as duas mãos no cabelo. Tive vontade de fazer a mesma coisa e deslizar

meus dedos junto com os dele, mas me controlei.

— Você me enganou quando deu a entender que não era ingênua. — Christopher riu e mexeu somente os olhos para me encarar. —Se não percebe o óbvio, então é mais inocente do que imaginei.

—Tudo bem, você é deficiente. —Revirei os olhos. —E daí? Já se olhou no espelho? Acho impossível não ter um monte de assanhada atrás de você.

— Eu posso ser um rostinho bonito, Rosa, mas abaixo do quadril as coisas não funcionam muito bem. Com exceção do meu círculo pessoal e profissional, as pessoas não costumam sequer me olhar nos olhos. É como se... ser cadeirante

fosse sinônimo de indivíduo assexuado. Não tenho mais saco pra lidar com isso. —E por que eu? Por que você se aproximou de mim?

Ele encolheu os ombros e depois pegou minha mão, brincando com meus dedos.

— Depois de ser salvo por você, eu precisava te conhecer, não é? Fiquei intrigado, te achei divertida. Só percebi que você era diferente quando me deu aquela encarada no café. Parecia mesmo interessada e... encantada. Só não sei se você tem consciência exata da minha condição e se vai se contentar com o que posso oferecer. — Ele beijou a palma da minha mão e passou a língua pelos lábios. —Poderia pegar um pouco de água, por favor?

Aproveitei a deixa para pensar um pouco na nossa conversa. Enquanto enchia o copo, observei-o mexendo no celular e sorrindo enquanto digitava alguma mensagem. Esperava que ele não estivesse chamando o gigante para buscá-lo. Eu ainda não estava pronta para deixá-lo ir embora.

Christopher me observava em silêncio enquanto saciava sua sede.

—Então, já que tocamos nesse assunto... —comecei, sem saber muito bem como abordar sem ser indiscreta. —Eu pesquisei um pouco ontem.

— Eu já sabia. — Ele sorriu e me devolveu o copo. — Apesar de ter dito que você podia perguntar pra mim.

— Você não tem mesmo nenhuma sensibilidade? — perguntei, sentando- me na

pontinha do sofá. — Fiquei confusa com algumas informações. Li que muitos usam fraldas, mas pelo visto, você não se enquadra nessa estatística.

Eu sabia que era um assunto muito íntimo, mas eu era assim: direta. Christopher tinha algo raro, que fazia eu me sentir muito confortável perto dele, de forma que perdia as travas na língua. E, pelo jeito que ele me olhou, parecia sentir o mesmo que eu.

— O uso da fralda é muito comum. Nos primeiros dois anos pós-lesão, eu era dependente de tudo e de todos. Usava fraldas porque não tinha esse controle. Havia épocas em que sofria de prisão de ventre, em outras, o efeito era contrário. Mas, felizmente sempre fui muito bem assistido e tive muitos recursos à disposição. Eu pude me superar ao longo dos anos. — Ele deu uma piscadinha. — Consigo fazer transferências sozinho, consegui adaptar minhas necessidades para horários determinados. Desenvolvi bastante minha musculatura dos membros superiores e isso me dá mais liberdade e mobilidade. Enfim... evoluí muito. Mas *não possuo* sensibilidade abaixo da cintura.

Eu toquei a perna dele, na altura da coxa, querendo muito sentir o contato direto com sua pele. Fiz uma leve pressão com meus dedos e o encarei.

—Você sente dor?

— Se você me bater, não. Mas uma pessoa na minha situação passa por

alguns problemas e sim, já senti muita dor, mais nos primeiros anos. Hoje são episódios esporádicos. A espasticidade, por exemplo, causa uma dor insuportável.

Subi um pouco minha mão pela coxa dele, aproximando-a da virilha, mas parei antes de tocar no lugar que queria. Lancei um olhar pra Christopher e ele balançou a cabeça em negativa, dando de ombros.

—Não estou sentindo. — Sorriu.

— Nem na hora do sexo? — Pronto, fiz a pergunta que estava engasgada desde a noite anterior.

Christopher estalou a língua.

— Finalmente chegamos à pergunta que você mais queria fazer — disse, rindo e tocou meus dedos. — Em repouso, não sinto meu pênis. Você pode se tocar na minha frente e eu vou adorar ver, mas ele não vai levantar por mera questão visual ou vontade. Em termos mais leigos, esse tipo de ereção é conhecida por psicogênica, mas esse pensamento erótico não é enviado do cérebro ao membro porque a lesão está no meio do caminho. — Ele fez uma pausa, passando a mão pelo queixo. —Só possuo ereção reflexa, que ocorre com estímulo diretamente na região, no pênis ou em outra parte do corpo onde eu tiver mais sensibilidade. Dá pra conseguir mantê-la também com medicamentos e alguns acessórios. — Ele encolheu os ombros e o sorriso sumiu. — De qualquer forma, a sensação não é a mesma de antes da lesão.

— Hum.

Ele ergueu uma sobrancelha e depois estreitou os olhos. Quando percebi o que estava prestes a fazer, era tarde demais para fugir. O safado se curvou e passou os braços fortes ao redor do meu corpo, puxando-me para cima e colando minhas costas em seu peito.

— Eu falo *tudo* isso e você responde com um murmúrio? — ele sussurrou em meu ouvido com uma voz de quem pretendia me dar algumas palmadas. E eu sorri. —Isso não é coisa que se faça com um cadeirante!

— Esse papel de pobre coitado não cola comigo. — Ri, tentando jogar a cabeça mais para trás para olhá-lo. —O predador aqui é você!

Eu estava me saindo uma boa mentirosa, isso sim. Porque convenhamos, se tinha alguém naquela sala correndo perigo, era Christopher. Eu ainda estava louca para me atirar sobre ele e arrancar aquelas roupas, independente do que ele pudesse sentir ou não.

Meu corpo sacudiu com a risada que ele deu e seus braços me apertaram ainda mais. Eu estava presa num casulo de Christopher e não pretendia mesmo me libertar.

—*Eu* sou o predador? Tem certeza? Você foi bem insistente ao tentar abrir

minha calça, enquanto eu tenho feito de tudo para continuar sendo um

cavalheiro. Leve em conta que você está usando um *short* minúsculo e minha mão nem chegou perto dele.

Estalei a língua alto o bastante para que ele pudesse ouvir. De propósito, claro.

—Infelizmente... —ronronei, aconchegando-me em seus braços.

Da forma como ele me segurava, seus dois punhos estavam pressionados contra meus peitos e eu tinha certeza que Christopher já sentira o que acontecia com meus mamilos. No entanto, se percebeu ele não comentou, mas livrou uma das mãos e a deslizou pela minha barriga.

Quase parei de respirar com seu toque quente, mesmo que não fosse diretamente contra minha pele. A mão parou na altura do meu umbigo e ele roçou os lábios em minha orelha, deixando-me louca.

— Não pense você, que só porque tenho limitações, não sei dar prazer a uma mulher.

—Não tenho dúvidas disso —minha voz saiu carregada de desejo e eu me remexi.

—É esse caminho que você quer seguir, Rosa? —perguntou baixinho, com a voz mais rouca.

Engoli em seco. Será que ele ia mesmo me tocar? Eu desejava aquilo desde a véspera, quando precisei usar minhas mãos fingindo que eram as dele. Fechei os olhos e afastei as pernas para expressar minha vontade. Senti a respiração dele em meu pescoço, deixando meus pelinhos da região arrepiados.

Christopher desceu mais a mão e com alguns dedos desabotoou meu *jeans* . Estremeci quando ele puxou minha calcinha para o lado e fechou a palma grande sobre meu sexo, apertando-me com delicadeza.

— Porra! Você está ensopada... — reclamou, ofegante em meu ouvido. — Isso é jogo baixo.

Não tive tempo de retrucar com alguma provocação pois ele me arrancou suspiros quando afastou meus delicados lábios e procurou pelo meu clitóris.

Gemi alto enquanto Christopher fazia movimentos circulares sobre aquele ponto especial e senti sua boca trilhar um caminho pelo meu pescoço.

— Ah meu Deus! — murmurei, alheia a qualquer coisa que poderia estar acontecendo no mundo.

— Tão macia... — A ponta da língua dele contornou minha orelha e eu senti um calafrio.

Ofegante, meu corpo se contorcia em suas mãos, sem consegui pensar em nada além dos dedos que me exploravam. Senti que a temperatura dentro do apartamento tinha aumentado muitos graus e o suor se acumulava em meu

pescoço.

Christopher percorreu cada centímetro das curvas do meu sexo e se demorou bastante no clitóris, deixando-o cada vez mais sensível até que pensei que fosse explodir.

Mas então, ele tirou a mão de dentro do *short*, passou os braços pelas minhas axilas e me puxou mais para cima até que eu ficasse sentada em seu colo, de lado. Estiquei minhas pernas e deitei a cabeça no peito dele. Quando voltou a mão até meu *short* e me penetrou com um dedo, eu apertei sua coxa por reflexo. — Puta que pariu — falei, sentindo que não ia resistir por muito mais tempo. — Chris...

—Quer que eu pare? —ronronou, bem sacana.

—Não... ouse.

Ele mordiscou de novo minha orelha enquanto seu dedo me fodia com rapidez e uma força que me deixava sem condições de me mover. Então, como se eu já não estivesse me desmanchando em seus braços, ele enfiou mais um. Afastei um pouco mais as minhas pernas, tentando dar o máximo de acesso para aquela mão maravilhosa.

—Quero vê-la gozar, Rosa. —Ouvir Christopher falar daquele jeito era um pecado.

Imaginei como seria sentir o membro daquele homem dentro de mim, se somente com dois dedos dele eu estava enlouquecendo. Contraí meus pés, sentindo o corpo tremer e explodir de prazer, rebolando nos dedos de Christopher e tentando aproveitar o máximo daquele contato. Suspirei, extasiada, quando ele puxou a mão e levou os dedos à boca, deliciando-se com meu prazer.
— Essa bebida não tem restrição na minha dieta. — Sorriu, provocante,

com os dedos limpos.

Eu fechei os olhos, aproveitando o êxtase que tomou meu corpo e me fez amolecer nos braços dele. Senti sua mão afastar o cabelo que caía em meu rosto e depois ele me beijou na boca. Correspondi, levantando um braço para tocar seu cabelo negro. Mordi seu lábio inferior e, em seguida, deixei que se ocupasse com minha língua.

Quando Christopher se afastou, abri meus olhos e passei a mão pela sua barba aparada. Até imaginei o que aquela aspereza poderia me proporcionar lá no meio das pernas.

—Deixe-me te dar prazer —pedi. —Não sei exatamente como, mas você pode me guiar, me dizer do que mais gosta.

Seus dedos alisaram minhas sobrancelhas e ele sorriu, parecendo não se importar de ser o único naquela sala a não ter sido agraciado com um belo orgasmo.

—Outro dia, não hoje.

Estalei a língua e enfiei minha mão por dentro da camisa dele. Senti seu umbigo, seu abdômen liso, doida para descer mais a minha mão.

—Um ano e meio é muita coisa, Christopher.

—Eu sei que é. Porém, alguns dias a mais não farão a menor diferença. — Ele piscou.

— Por que você não quer? Acho que dei sinais suficientes de que não me importo se você funciona de um jeito diferente.

Ele sorriu e olhou para o teto, franzindo a testa. Seus lábios se entreabriram

quando deu uma risadinha que balançou o corpo.

— Funciono “de um jeito diferente”. Gostei disso, faz parecer que sou um carro com um motor diferente.

Como ele não sentia mesmo dor, dei um tapa forte em sua perna e me soltei dos seus braços. Com meu *short* ainda desabotoado, montei sobre ele; estava se tornando meu assento preferido. Alisei seu peitoral e subi minhas mãos até seu pescoço.

—Lembra que eu disse que se fosse um carro, eu seria um Fusca? — Sorri. — Você, certamente, seria uma Ferrari.

— Hum, sei. — Ele estreitou os olhos. — E você, safadinha, está doida para colocar a mão na minha marcha.

—Sim! —Enrolei meus dedos na camisa dele e joguei meu corpo e cabeça para trás. — *Oh, sim*! Deixe-me passar todas as suas oito marchas, Christopher! Deixe-me pilotar você e me lambuza com seu óleo!

Ele soltou uma gargalhada tão forte que Guapo, que estava dormindo na minha cama, latiu e veio correndo ver quem estava passando mal. Quando percebeu que não tinha nada de novo dentro de casa, ele nos deu as costas e voltou para meu quarto.

— Você é completamente louca! Eu não morri no acidente, mas talvez morra com você. —Balançou a cabeça, com os olhos azuis cheios de brilho. Ele passou os braços ao redor do meu corpo e me puxou, quase me esmagando contra seu peito. —Para ser sincero, achei que você fosse se esquivar um pouco depois de ter que me levar ao banheiro. Não estava me sentindo muito viril. Pressionei meus lábios e inclinei o rosto para olhá-lo melhor. Eu o encarei

com um certo pesar e suspirei.

—Foi um momento difícil mesmo. Eu achei terrível ter que ver tudo aquilo e não poder brincar.

— Você terá outras oportunidades. Hoje o foco é *você*, porque a senhorita tem essa ideia tola de que possui algum defeito que assusta os homens. —

Christopher franziu os lábios e enterrou os dedos em meu cabelo. — Até o

momento, acho que é perfeita.

Eu me preparava para retrucar quando a campainha tocou de forma incessante e precisei me levantar para atender. Mal abri a porta e Kiara invadiu meu apartamento, desbocada como sempre foi.

—Puta que pariu hein! Estou há horas mandando mensagem pra você, sua vaca! — Ela colocou as mãos na cintura e baixou os olhos para o meu quadril, notando que meu *short* estava aberto. Em seguida, olhou na direção do sofá e seu queixo caiu. —Quem é o gostoso?

—Sou Christopher, prazer.

Eu me aproximei do sofá, sentindo-a atrás de mim. Christopher exibia aquele sorriso de um bom cavalheiro e esticou a mão para ela.

Kiara apertou a mão dele — felizmente, a que não tinha entrado em mim —, mas olhou para mim, com um ponto de interrogação no meio do rosto.

—Muito prazer. Eu sou a Kiara.

— Hum — pigarreei. — Amiga, lembra que te falei sobre o cara do elevador?

—Ah, meu Deus! —Ela, nada discreta, virou o corpo todo para ele e levou as mãos à boca. —Você tem sérios problemas, Rosa, porque a descrição que me deu não faz jus a tudo —ela balançou a mão na direção dele —isso aqui.

— Então vocês conversaram sobre mim? — ele perguntou, alargando o sorriso e abrindo os braços sobre o encosto do sofá. Estava se sentindo a última bolacha do pacote.

—Não! — respondi.

— Sim! — Kiara falou ao mesmo tempo. — Enfim, eu vim chamá-la para irmos juntas ao mercado, mas quem se importa com comida nessas horas, não é mesmo? —Ela foi andando de costas na direção da porta, com um sorriso pateta no rosto. —Finjam que eu nem estive aqui e continuem o que estavam fazendo.

Ela saiu correndo antes que a gente pudesse se despedir. Tranquei minha porta e olhei para Christopher, que parecia ter se divertido muito com a visita indesejada.

—Desculpe por isso. Eu... hum... Onde estávamos?

—Na verdade, eu preciso ir embora —Christopher declarou, se inclinando e apoiando os cotovelos nos joelhos. Ele viu minha expressão decepcionada e encolheu os ombros. — Tenho coisas para fazer, mocinha. E, pelo convite de Kiara, parece que você também.

Tive vontade de dar uns socos em minha amiga por ter interrompido nosso momento, mas eu concordava que tinha que voltar à realidade. Precisava mesmo fazer umas compras para abastecer a geladeira e ainda tinha que terminar de limpar a cozinha.

Observei enquanto o gostoso mexia no celular e o guardava no bolso traseiro. Eu era tão carente que, se dependesse de mim, ele já ficava ali para dormir e não voltava nunca mais para casa.

—Já chamei minha carona —avisou, lançando um olhar sério.

—Tudo bem. —Estava um pouquinho desanimada, mas puxei uma cadeira e me sentei perto dele. —Você quer beber ou comer mais alguma coisa antes de ir?

— Não, obrigado. — Christopher pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. —Não saio pra almoçar, mas que tal você comer comigo amanhã? Já está na hora de conhecer minha sala e minha vida profissional.

Mantendo o autocontrole, balancei a cabeça como se o convite dele não fosse nada demais. Tudo bem que ajudava trabalharmos no mesmo lugar, mesmo assim, aquele era um grande passo. Nunca tinha estado no trabalho de nenhum outro cara com quem havia me relacionado. E eu sabia que homem tinha uma coisa muito territorialista. Ele só me chamaria, se quisesse muito a minha presença por lá.

Prendendo o grito, sorri como uma dama e afastei a franja de perto dos meus olhos.

—É claro, vou adorar.

—O que gostaria de comer?

— Eu posso escolher? — Levantei as sobrancelhas. — Não ligo de acompanhar o seu pedido.

Ele deu o delicioso sorrisinho torto.

—Talvez seu paladar seja mais exigente. Lembra da minha dieta? Pense em algum prato que você goste e eu mando o *chef* preparar.

— *Chef*? — Fiquei um pouco histérica, confesso. Porque pobres mortais como eu só tinham três opções: a de levar sua própria marmita, optar por almoçar fora da empresa ou se contentar com o refeitório que fedia a gordura e servia sempre os mesmos pratos bolorentos.

Christopher encolheu os ombros e passou uma mão na nuca, sem graça. Ele ficava tão, mas tão bonitinho!

—Hum... Eu trabalho na Presidência.

— Essa vida é injusta. — Soltei minha mão da dele e bati as duas nas coxas. — Surpreenda-me! Eu gosto de qualquer coisa que engorde e faça acumular gordura nos quadris.

Não quis fazer muitas perguntas sobre o *chef* para não expor minha completa ignorância quando o assunto era empresários ricos e chiques. Até então, eu nunca nem pensara na rotina do pessoal que trabalhava na Presidência e, tudo bem, não era de se espantar que Christopher não fizesse questão de

almoçar fora do escritório. Ele tinha uma pessoa que preparava a comida que quisesse. Surreal!

Meu domingo ficou nublado quando o gigante retornou e levou Christopher embora. Só não fiquei depressiva por causa da promessa de nos vermos no dia seguinte. Para ocupar a mente, troquei de roupa e fui tocar a campainha de Kiara.

∞

Eu olhava para a garrafa de vinho tinto de dez dólares e pensava no que fazer. Levar ou não, era a questão. O fato de Christopher não consumir bebida alcoólica poderia ser um bom motivo para eu aproveitar e maneirar um pouco também.

— Qual o problema? — Kiara parou ao meu lado, empurrando o nosso carrinho. —Vai ficar quanto tempo olhando pra garrafa?

— Estou pensando se levo ou não. — Antes que ela perguntasse o motivo, virei o rosto e franzi os lábios. —Christopher não pode beber.

—Você *já* se apaixonou? — Ela tirou a garrafa da prateleira e colocou no carrinho contra a minha vontade. — Mais um motivo pra levar, quando quiser afogar as mágoas.

—Pare de me julgar. Você também se apaixonaria se o conhecesse melhor. Ele é... —Pensei em todos os nossos encontros, mesmo os rápidos, desde aquela quarta-feira e suspirei. — Maravilhoso. Eu posso ser eu mesma com ele, sem fingimentos.

Ela me lançou um olhar de soslaio e sorriu, balançando a cabeça e empurrando o carrinho adiante. Fui atrás, pegando as coisas básicas das quais precisava. Eu praticamente vivia de massas e congelados porque eram comidas rápidas e práticas, já que eu quase sempre chegava tarde em casa.

Ao passarmos pelo corredor de frutas e legumes, fiquei tentada a pegar algumas coisas para Christopher, mas não sabia quando ele iria novamente lá em casa e as compras poderiam estragar. Isso me lembrava de que, assim que voltasse, escreveria uma carta desaforada para o síndico e o obrigaria a consertar aquele elevador inútil.

—Vai parar com o mistério ou vai me contar se já transaram? —Kiara me cutucou com o cotovelo. —Como funcionam as coisas lá embaixo?

Por mais que eu dividisse tudo com Kiara, desde o que me deixava feliz até mesmo os momentos de dor de cotovelo, não me senti à vontade para falar sobre a intimidade de Christopher. Um instinto protetor tomou conta de mim e me

peguei querendo defender a virilidade dele com unhas e dentes.

—Não transamos, mas brincamos um pouco —respondi, tentando encerrar o assunto. Mas eu conhecia minha amiga bem o suficiente para saber que ela não desistiria de arrancar detalhes de mim. —Mas já vi o material e ele é grande. Aquilo não era mentira. E lembrar dele à minha mercê no banheiro me deixou quente. Mas tinha outra coisa também por baixo dessa sensação. Algo que fazia meu coração bater mais rápido só por pensar em Christopher. Eu estava me apaixonando e estava muito, muito ferrada.



Sempre ia trabalhar bem vestida, mas naquela segunda-feira quis fazer algo especial. Usei um sapato um pouco mais alto do que os outros que eu usava durante a semana e incrementei a maquiagem, deixando os olhos mais marcados com o delineador. Por baixo da minha saia lápis vinho, tinha colocado uma calcinha branca de renda, aquela que Christopher encontrara no sofá.

Cheguei meia hora mais cedo para poder dar conta de tudo que deixei pendente antes que Mitchell chegasse e encontrasse minha mesa toda caótica. Ele apareceu na porta do escritório um pouco depois das oito da manhã, com sua habitual carranca.

— Bom dia, Senhor Mitchell — cumprimentei, dando um sorriso afável para o monstro.

—Preciso de um café —respondeu ele, sem perder tempo me olhando. — Tenho uma reunião em vinte minutos.

Engoli o sorriso e empurrei a cadeira para trás, levantando para buscar sua bebida. No final do corredor do nosso andar, havia o cantinho do café, como

gostávamos de chamar. Era um ambiente minúsculo, mas charmoso e sempre cheiroso. Havia sempre duas mesas e quatro cadeiras vazias, porque muito raramente alguém que ia buscar café tinha tempo para sentar e jogar conversa fora.

Apertei os botões da máquina de expresso e fiquei aguardando. Shelly, a supervisora de contratos, se aproximou de mim e me deu um sorriso. Ela era sempre muito educada com todo mundo e eu gostava dela. Não tínhamos muito contato porque meu chefe era tão insuportável que ninguém ficava muito tempo próximo do escritório dele para que eu tivesse a chance de socializar.

—Hoje o dia vai ser puxado, Rosa. —Ela suspirou. —Também preciso de um café.

— Eu percebi. O Senhor Mitchell já deixou bem claro que o dia será corrido.

— Ah! Ele deve estar lindamente intolerante hoje! — Ela fez uma careta e abanou a mão. —Temos aquela reunião com os japoneses daqui a pouco. Balancei a cabeça fingindo concordar, mas não tinha certeza se sabia do que

ela estava falando. Era eu quem digitava as pautas das reuniões de Evan e não estava lembrada de nenhuma com japoneses para essa semana. Devia ser algum assunto que não dizia respeito a mim.

A máquina apitou avisando que eu já podia retirar o copo do suporte. Coloquei dois sachês a mais de açúcar, como ele gostava, e dei a volta pelas mesas para abrir a passagem pra Shelly.

—Boa sorte com a reunião de hoje!

—Obrigada —ela respondeu, já ocupada com seu café.

Cumprimentei alguns colegas pelo caminho e entrei na minha sala, que nada mais era que uma minúscula antessala do escritório de Mitchell.

Bati na porta e entrei, colocando o café sobre o descanso de copo em cima da mesa de mogno. Meu chefe não encarou, mas fez um sinal com a mão que segurava uma caneta.

—Traga a pauta da reunião.

Demorei um pouco para responder porque não queria admitir que não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Não fazia *mesmo*. Mudei o apoio de um pé para o outro e cruzei as mãos na frente do corpo.

—Sobre... —pigarreei —qual reunião exatamente, Senhor Mitchell?

Ele continuou de cabeça baixa, pois estava lendo alguns papeis, mas levantou os olhos para me encarar. Parecia realmente um monstro daquela perspectiva.

— A reunião com a Masumi — revelou, sem paciência. — Os japoneses, Rosa!

Ou eu tinha sofrido algum acidente e perdera a memória ou esqueceram de me informar sobre a tal reunião.

Meu Deus, estava suando por não saber o que fazer. Levei as mãos para trás das costas porque elas começavam a tremer e pensei em algo para falar, qualquer coisa que impedisse Mitchell de me estrangular.

— Você está com problemas? — ele aumentou o tom de voz e chegou a cadeira para trás, prestes a se levantar. —Como pode não lembrar de uma pauta que fez na sexta-feira?

Sexta-feira. Foi como se um buraco negro tivesse se aberto bem debaixo dos meus pés e me sugado para o vácuo sem fim. Senti um aperto no peito e fiquei com falta de ar ao entender porque aquela confusão estava acontecendo. Uma daquelas pastas que larguei sobre a mesa para sair mais cedo devia ser

a pauta da reunião de hoje.

E eu não a digitei.

Cheguei mais cedo sim e consegui finalizar quatro pautas, todas para reuniões com dias de antecedência. Mitchell nunca me entregava nada assim tão em cima da hora.

Eu estava hiperventilando quando ele caminhou na minha direção. Recuei dois passos e ele parou bem perto, de braços cruzados.

—Onde está a pauta, Rosa?

—Eu passei mal na sexta e não consegui ficar até tarde —admiti, evitando surtar. Não podia deixá-lo me amedrontar. — Acho... Acho que ainda está em minha mesa. Mas eu posso prepará-la em dez minutos, não tem problema.

O rosto de Mitchell ficou tão vermelho que tive medo do homem infartar na minha frente. Ele provavelmente devia estar com muita vontade de gritar na minha cara, mas merecia alguns pontos por ter se controlado.

— A reunião começa em quinze minutos e tenho que estar lá em cima em cinco. —Ele levou as mãos à cintura, afastando o paletó. —Espero que consiga levar a pauta antes dos japoneses chegarem. Estarei na Sala Franklin Roosevelt no vigésimo andar.

— Certo.

Virei-me prestes a sair da sala, tentando não correr para expor todo o meu desespero, mas internamente, estava em pânico.

— Rosa! — Eu me virei. — Na reunião de hoje eu sou um minúsculo peixinho rodeado por todos os tubarões dessa empresa e a única, a única coisa esperada de mim, é que eu entregue uma pauta aceitável. Se eu for devorado por um erro seu — Mitchell estreitou os olhos, maligno — farei questão de te levar junto.

Não perdi tempo me esforçando para parecer simpática, apenas saí da frente dele o mais rápido que pude e me atirei sobre a mesa. Pastas e mais pastas, fui espalhando o que dava ali mesmo para achar mais rápido o que era importante. O nome Masumi apareceu diante dos meus olhos e eu a puxei, apertando-a contra o peito e me sentando na cadeira. Mitchell já estava saindo da sala para pegar o elevador e eu tinha certeza que ele cumpriria a promessa de me afundar ou me devorar ou me matar.

Comecei a digitar como uma louca, mas a pressa sempre foi a inimiga da perfeição. Meus dedos se embolavam com a rapidez com que eu pressionava as teclas. E quanto mais nervosa eu ficava, mais meus olhos embaçavam e eu confundia as palavras.

Por fim, parei um segundo e apoiei o rosto nas mãos. Respirei fundo, forçando meus nervos a se acalmarem. Eu sabia fazer aquilo, nunca tinha errado e tinha plena capacidade de terminar a digitação bem a tempo. Bastava eu me acalmar.

Abri os olhos, encarei o monitor e corri os dedos pela página aberta ao meu lado, procurando onde havia parado. Desisti de ter tanta pressa e fiz do meu jeito, no meu tempo, sem atropelar as coisas.

∞

Meus dedos seguravam a pasta com a pauta com tanta força como se aquilo fosse um pedaço bruto de diamante. O elevador passou pelo décimo sétimo andar, décimo oitavo... Eu estava impaciente, rezando para que ele não parasse antes do meu destino. Ter que esperar algum lerdo entrar, apertar o botão, as portas se fecharem...

Plim! Cheguei! Pisei pela primeira vez no vigésimo andar. Toda a empresa possuía dez salas de reuniões com nomes de presidentes americanos e cinco delas ficavam ali. Diante de mim havia um *lounge* com poltronas que custavam mais que meu apartamento e atrás delas, uma parede toda em vidro para enxergar o mundo lá fora. E, porra! Que vista fantástica! Eu estava com pressa, mas depois que entregasse a pauta para Mitchell, faria uma parada e apreciaria a paisagem.

Virei de costas e parei diante das placas que indicavam para que lado cada

sala ficava. Roosevelt para esquerda. Aproveitei o corredor vazio e corri.

A porta enorme de madeira estava fechada e fiquei em dúvida se deveria bater ou abrir direto. Para não passar vexame e entrar sem permissão, dei duas batidas e esperei. Silêncio. Grudei o rosto na madeira para tentar ouvir alguma coisa, mas ela deveria ser à prova de som. Que saco!

Respirei fundo e girei a maçaneta de aço. Abri um sorriso sem graça para pedir desculpas pela interrupção, mas me deparei com uma sala vazia. Puta merda!

—Isso não pode estar acontecendo. —Fechei a porta e olhei em volta, sem entender.

Na dúvida, abri a porta da sala ao lado e a encontrei vazia. O relógio no meu pulso marcava o horário e quase vomitei de nervosismo ao perceber que a reunião já tinha começado.

Corri de novo pelo corredor longo demais, precisava confirmar se eu estava mesmo no vigésimo andar. Quando voltei ao *lounge*, quase desmaiei quando vi Christopher sair do elevador. Ele estava cercado de outros dois homens engravatados e pareceu surpreso quando me viu.

— Eu já vou — disse ele, sem se dirigir a ninguém em especial, com os olhos cravados em mim.

Os homens me olharam, mas não sorriram, apenas passaram direto e sumiram no corredor da direita.

— Pelo amor de Deus, me ajuda — pedi assim que ficamos sozinhos, inclinando-me na direção dele, sem soltar a pauta. —Sala Roosevelt, onde fica? —Bom dia, criatura linda, doce e meiga. —Ele sorriu. —O que eu fiz de

tão bom para ser presenteado com essa visão logo cedo?

Quis chorar por ele não levar meu desespero a sério.

—Christopher, estou muito enrascada. —Franzi a testa, implorando. — A sala, por favor. Depois nos falamos.

Os olhos do Gato Motorizado ficaram mais atentos e ele percorreu meu corpo, parando o olhar em minhas mãos. Inclinou a cabeça para o lado e franziu os lábios.

—Qual Roosevelt? — perguntou.

—O quê? —Aquele não era o momento para brincadeiras.

— Tivemos dois presidentes com o mesmo sobrenome, meu amor. — Ele sorriu. —Theodore Roosevelt e Franklin Roosevelt.

—Franklin! —Não acredito que fui idiota o suficiente para não lembrar de Theodore Roosevelt. Eu merecia mesmo passar por todo o nervosismo.

— Reunião da Masumi? — Ele arqueou uma sobrancelha e esticou uma mão pra mim. —Posso dar uma olhada?

Apertei a pauta contra meu peito e não consegui disfarçar minha expressão um tanto quanto impaciente. Se não houvesse nada entre nós, eu com certeza já teria estalado meus dedos diante do rosto dele para mandá-lo se tocar. Meu tempo tinha acabado.

— Ok, se não vai me ajudar, eu procuro. — Girei sobre os calcanhares e olhei para o corredor oposto ao que eu tinha entrado.

Dei dois passos à frente, pronta para enfrentar a ira de Mitchell e com razão. Eu, no lugar dele, estaria muito puta. Ele precisava daquela pauta para saber como administrar o assunto sobre o seu setor naquela reunião.

— Rosa! — Christopher segurou minha mão e parei de andar. Ele me puxou para o colo dele, deixando-me desconfortável por minha saia tão justa. — Ei, por que está assim?

— Christopher, meu chefe está sem pauta e a culpa é minha. — Eu o encarei. — Se não pode ajudar, então me deixe procurar a sala.

—Eu entrego.

Os dedos dele tocaram meu pescoço, desgrudando os cabelos suados da minha pele e colocando-os para o lado. Estremeci quando soprou em minha direção e apoiou uma mão na minha perna.

— Chris...

— A sala é a terceira do corredor à direita, mas não acho que vá querer entrar lá agora — ele falou com uma voz tranquila, apertando gentilmente os dedos em meu ombro por eu estar tão tensa. — Você vai interromper a reunião, que começou há seis minutos e seu chefe não vai ficar feliz. Se ele está lá dentro sem pauta, está irritado.

— Sim.

—Então me dê, que eu entrego a ele.

— Não sei se ele ficará feliz em saber que entreguei a pauta nas mãos de alguém que não é do nosso departamento.

Christopher gargalhou, achando alguma coisa engraçada. Eu continuei séria.

— Acho que ele não vai se importar. — Sorriu e piscou. — Vou dizer que não permiti sua entrada, mas que você parecia um *rottweiler* tentando proteger a pauta.

Por um lado, ele tinha razão quando dizia que não seria nada legal eu interromper a reunião. No entanto, o erro tinha sido meu e o trabalho era meu. Se Christopher estava me confundindo com alguma mulher submissa que fica feliz por ser protegida pelo machão, ele estava muito enganado.

— Eu vou entregá-la pessoalmente, mas obrigada por tentar interceder. — Sorri e dei um selinho nele antes de me levantar. —Terceira sala, certo?

—Também estou a caminho de lá.

Ah que maravilha! Os dois atrasados entrariam ao mesmo tempo. Se aquilo não era uma maldição sobre minha cabeça, então eu não fazia ideia do quanto podia piorar.

Como Christopher estava bem mais despreocupado do que eu, não me importei em apertar o passo e deixá-lo para trás. Parei diante da porta certa e respirei fundo. Contei até três e entrei.

Que merda.

Uns dez homens de terno, sentados em cadeiras acolchoadas ao redor de uma mesa de vidro retangular pararam o que estavam fazendo para olhar na minha direção. Um deles era Evan Mitchell, que ocupava uma cadeira no meio e me olhava com os olhos quase saltando das suas órbitas.

Quando todos — menos os japoneses — ficaram de pé, senti-me desconfortável. Tudo bem, eu realmente tinha me arrumado um pouco mais, meus cabelos estavam limpos e minha saia marcava bastante o corpo, mas não imaginava que

fosse fazer os homens ficarem de pé, literalmente. De qualquer forma, massageou meu ego e eu me preparei para agradecer a recepção e insistir para que se sentassem.

—Boa tarde — Pulei quando Christopher, parado atrás de mim, falou. Por um segundo eu tinha me esquecido dele. — Esta é a Senhorita Martínez e ela tem algo importante para você, Mitchell. Eu me ofereci para entregar, mas ela brigou comigo.

Virei o rosto para olhá-lo, querendo tapar aquela boca atrevida e ele sorriu. — Sim, bem, eu não sabia se a pauta podia cair em qualquer mão, não é mesmo? — Estreitei meus olhos como uma ameaça a ele.

A sala caiu na gargalhada e eu olhei em volta, muito puta por ser a palhaça do momento. Christopher tinha abaixado a cabeça e esfregava os olhos, provavelmente sem querer tomar parte naquilo.

Ergui meu queixo, sem deixar meu orgulho ficar abalado e atravessei o ambiente com cheiro de perfume francês caro. Os engravatados viravam a cabeça conforme eu passava e eu estava ciente da saia bem justa. Foda-se. Aproveitei para rebolar um pouco na cara deles.

— Senhor Mitchell. — Parei ao lado do meu chefe que parecia prestes a infartar e entreguei a pasta. —Desculpe pela demora, mas está tudo aqui.

Ele não me agradeceu e tampouco fiquei esperando por isso. Dei a volta e me dirigi à saída, passando por Christopher, que me olhava com cara de cachorro carente. Pisquei para ele e passei pela porta.

Enquanto descia no elevador, meus nervos tremiam. Tive que me controlar por causa das câmeras —eu não chorava em público. Mas, assim que saí no meu

andar, andei com passos apressados até o banheiro.

Tranquei-me lá dentro e baixei a tampa do vaso ao me sentar. Apoiei o rosto nas mãos e respirei fundo várias vezes para me acalmar. Não cheguei a chorar, mas estava me sentindo muito mal. Apesar de Mitchell ser um filho da mãe grosso e mal-educado, eu gostava do meu trabalho, da empresa e, principalmente, do salário. Sempre me esforcei para ser uma funcionária exemplar, tanto que fazia

as horas extras sem pestanejar. No único dia que eu tirara para dar uma relaxada, acontece essa merda.

— PUTA QUE PARIU — gritei, torcendo para que não houvesse mais ninguém ali dentro.

Até eu concordava que tinha sido uma falta muito grave. Podia ter estragado a reunião para Mitchell e colocado meu departamento numa furada. Um erro meu não refletia apenas em mim, minhas tarefas tinham uma determinada importância.

Depois de voltar para minha mesa, apressei-me em dar conta das outras pautas que ficaram pendentes na sexta. Aproveitei a ausência do meu chefe para deixar tudo em dia e não ter mais que passar por outra situação parecida. Eu nunca mais iria para casa e deixaria trabalho em cima da mesa.

Quando Mitchell retornou, não se deu ao trabalho de me olhar ou falar comigo. Trancou-se em sua sala, mas talvez fosse bom não ter sua ira novamente direcionada a mim pelas próximas horas.

Eu tinha terminado de fazer uma reserva de hotel para ele em Chicago quando meu celular tocou e vi o nome de Christopher na tela. Atendi com o coração disparado.

—Oi — ronronei.

— Olá, Senhorita Gostosa Pra Caralho. A sua sorte é que meu pau não fica duro facilmente, porque senão sua bunda nessa saia teria me deixado numa situação muito constrangedora. —Eu ri enquanto ele falava de um jeito ríspido para fingir que estava putinho. *— Se eu tivesse uma ereção durante a reunião, você teria que levar uns tapas. Sem roupa.*

Um calor surreal subiu pelas minhas pernas e aquela versão de Christopher logo me deixaria de calcinha molhada. Apertei uma coxa contra a outra e fiz uma concha na frente da minha boca, porque o que eu estava prestes a falar ninguém podia ouvir.

—Por favor, faça isso, Senhor Desbocado. Pode rasgar minha saia, arrancar minha calcinha e me dar os tapas — sussurrei. — Mas se encostar a mão em

mim novamente, vai ter que deixar eu tocar em você e brincar com seu pau. Ouvi uma série de xingamentos do outro lado da linha e ri baixinho, em silêncio para ele não perceber.

— Brincadeiras à parte, liguei pra dar uma notícia chata. Terei que desmarcar o nosso almoço porque vou daqui a pouco embarcar com os japoneses da reunião e dar um pulo no Japão.

—Você está de sacanagem, né? —perguntei, surpresa. —Desde quando ir para o outro lado do mundo é o mesmo que dar um pulinho na esquina?

—*Costume, só isso* — ele riu, mas não parecia estar se divertindo com a conversa. *— Foi de repente, preciso resolver uns problemas por lá e nem terei tempo de almoçar. Vou comer no avião.*

Minha felicidade escorreu pelo ralo porque eu estava bem animada para almoçar com ele e conhecer um pouco mais de sua rotina na empresa. Pela importância que tinha ali, já imaginava Christopher todo bonitão sentado atrás de uma mesa arrumadinha.

Se Mitchell tinha uma secretária, então ele também devia ter. Ela me olharia com recalque porque com certeza o acharia bonito demais para uma ralé do Departamento de Vendas.

— *Rosa?* — Ele me chamou e me arrancou dos devaneios. — *Está calada... Com raiva?*

—Não, só triste por não poder dançar nua sobre a sua mesa hoje.

—Quando eu voltar, te levo lá pra você se esfregar bastante nela e deixar seu cheiro.

— Você fica quantos dias? — perguntei, chorosa. A gente mal tinha começado a se envolver e ele já se ausentaria por não sei quanto tempo.

— São só três dias. — Pelo tom de voz, achei que estava sorrindo. — Estarei de volta antes do final de semana. Acho que vai ser bom, você pode se programar para ir lá pra casa na sexta e passar o final de semana comigo.

Se eu não estivesse com a bunda na cadeira, minhas pernas trêmulas teriam me derrubado. Respirei fundo, o coração acelerado. Um convite para a casa dele não para passar um dia, mas o final de semana inteiro. Se eu já quase entrara em combustão por ficar algumas horas sozinha com Christopher, o que me prometia aqueles dias?

—Podemos combinar. —Engoli em seco. —Sim, claro.

Bati os pés no chão com força, que nem uma criança que ganha um superbrinquedo. Nesse momento, Mitchell saiu de sua sala e me lançou um olhar atento. Eu baixei o celular com rapidez e encarei o computador à minha frente com uma expressão séria.

— Vou sair e só volto depois do almoço — avisou ao passar por mim. — Anote os recados.

—Sim, senhor.

Esperei ele se afastar o bastante para voltar com o celular à orelha.

Christopher, coitado, deve ter ficado falando sozinho.

—Desculpe, Mitchell estava por perto — avisei.

—Tudo bem. Eu preciso desligar, meu carro já está lá embaixo e vou direto pro aeroporto. Nos falamos depois?

Sorri, escrevendo o nome dele numa folha do bloquinho em minha mesa. Utilizei todo o espaço em branco e depois fiz uma bolinha e taquei no lixo. Continuei a tarefa na próxima folha.

—Sim, nos falamos. Boa viagem.

Depois de meia hora, a lixeirinha ao lado da minha mesa já estava transbordando.

∞

O dia se arrastou por saber que meu Gato Motorizado estava tão longe. Mas, por

um lado, consegui focar minha atenção toda no trabalho e deixei mesmo tudo em dia. Como já era de se esperar, meu chefe me entregou algumas coisas para resolver antes de ir embora. Mas a forma como forma como falou comigo foi o que me surpreendeu. Ele cruzou os braços e me encarou com um olhar superior, porém, com a voz mansa.

—Tome cuidado para não deixar pendente as coisas mais urgentes — pediu e se retirou da sala antes que eu pudesse responder.

Eu saí da empresa um pouco depois das sete horas e fui para casa. Levei Guapo para passear um pouco na rua e depois fui bater no apartamento de Kiara. Ela atendeu a porta enrolada numa toalha e me deixou sozinha na sala enquanto se vestia.

Tinha levado a garrafa de vinho comigo, já aberta, e fui até a cozinha pegar duas taças. Enchi a minha, bebi a metade e enchi de novo.

— Vai tomar todas hoje? — Kiara perguntou, de sutiã e short, enquanto enxugava o cabelo com uma toalha. —O que aconteceu?

—Estou solitária —respondi, bebericando o vinho tinto e entregando uma taça pra ela. —Meu amor foi pro Japão.

Kiara estalou a língua e suspirou.

—Esses homens são muito escorregadios. O meu foi pra... —Ela franziu a testa, pensativa, balançando a taça na mão. — Ah, quem eu quero enganar? O meu foi no máximo ali na esquina e voltou.

Murmurei, interessada e fui me sentar no sofá. Coloquei os pés para cima e sorri pra Kiara.

— Como vocês estão? — perguntei. — Por favor, atualize-me da sua vida amorosa para eu não ter que pensar muito na minha.

Ela soltou o cabelo e começou a penteá-lo, ou melhor, a tentar passar um pente entre os fios que pareciam cheios de nós. Kiara xingou o fabricante do pente e o jogou sobre a mesa. Resolveu usar os próprios dedos para tal artimanha.

—Nós estamos bem. —Deu de ombros. —Não estou apaixonada que nem você, é óbvio, mas eu gosto dele. Só que sei lá, ele é meio lesado.

Levantei as sobrancelhas, surpresa e Kiara revirou os olhos. Ela veio se sentar ao meu lado e apoiou os pés na mesinha de centro.

—No sexo, sabe? Ele não espera por mim na maioria das vezes. E já estou ficando puta com isso.

—Ele não te espera gozar? —perguntei, chocada.

— Não. É um idiota. Acho que tem ejaculação precoce ou então é apenas um caso de egocentrismo.

Por mais que eu me preocupasse com minha amiga, era um pouquinho engraçado vê-la puta desse jeito. Tudo com Kiara era um mundo colorido. Ela era daquelas pessoas que não reclamava de dor, encarava as posições sexuais mais bizarras e fazia questão de me contar, experimentava orgasmos múltiplos arrasadores e deixava os homens viciados. A filha da puta que eu amava tinha a vida sexual perfeita que toda mulher sonhava em ter.

Já eu, era toda ferrada. Tudo bem, admito que sou um pouco assanhada e gosto muito de sexo. E me acho liberal, não tenho pudor quando o momento esquenta e acho que vale à pena experimentar coisas novas. Mas desde minha primeira vez, sempre tive muita dificuldade em ter orgasmo com penetração. Eu gostava e muito da penetração, mas para gozar, quase sempre precisava estimular meu clitóris.

Quando o orgasmo não aparecia, o desânimo era enorme. Eu sabia exatamente como Kiara estava se sentindo e tinha a coisa certa para dizer a ela. —Dá um pé na bunda dele —aconselhei, bebendo meu vinho. —Você não precisa disso. Dele, no caso.

— Mas quando não estamos na cama, ele é muito romântico — ela murmurou, sorrindo para mim. —E ele me pediu em namoro hoje...

Pronto, aí estava. Se eu era a louca das paixonites erradas, Kiara era a rainha do namoro. Às vezes, eu achava que ela só começava um relacionamento por medo de ficar muito tempo sozinha. Levantei meu pé e chutei a canela dela. —Deixa

de ser uma anta, né? Chama o próximo, Kiara! Tem um monte de homem interessante lá fora que *sabe* como dar prazer a uma mulher.

Ela estreitou os olhos para mim e me mostrou o dedo do meio.

— Ah sim, falou a voz da experiência! Você deu muita sorte com esses homens, né?

— Bem — sorri — demorou um pouco, mas acho que agora eu dei sorte mesmo. Christopher é realmente... o tipo de homem que toda mulher precisa conhecer um dia.

Levantei e fui encher minha taça novamente, sentindo meu peito apertadinho de saudade. E eu só estava há algumas horas sem falar com ele.

— Então, ele dá mesmo no couro? — Kiara perguntou, chegando do meu lado e pegando a garrafa da minha mão pra completar sua taça. — Você ainda não me deu detalhes.

— Porque eu não quero ficar falando dele nesse sentido. — Voltei para o sofá e me senti um pouco na defensiva.

— Isso é justamente o que me faz achar que tem algo de errado. — Ela tinha colocado a taça sobre a bancada e jogou as mãos pro alto. —Agente conta tudo uma pra outra e você está se esquivando. Qual o problema em falar dele?

— Christopher é deficiente, Kiara! — aumentei o tom de voz. — O que você quer que eu diga? Avida sexual dele não é tão simples! Nós não transamos ainda e não tenho ideia de como vai ser isso. — Senti meus olhos arderem e os arregalei, respirando fundo. —Mas estou apaixonada.

Ela balançou a cabeça e se jogou em cima de mim, passando um braço pelos meus ombros. A baixinha encostou a testa na minha e fez um brinde entre nossas taças.

—Às suas paixões.

Permanecemos em silêncio por alguns minutos, ambas provavelmente pensando em seus respectivos homens. Por fim, Kiara se levantou e se sentou de frente

para mim, bem séria.

—Eu só não gosto de te ver sofrer e é isso que geralmente acontece. — Ela franziu os lábios.

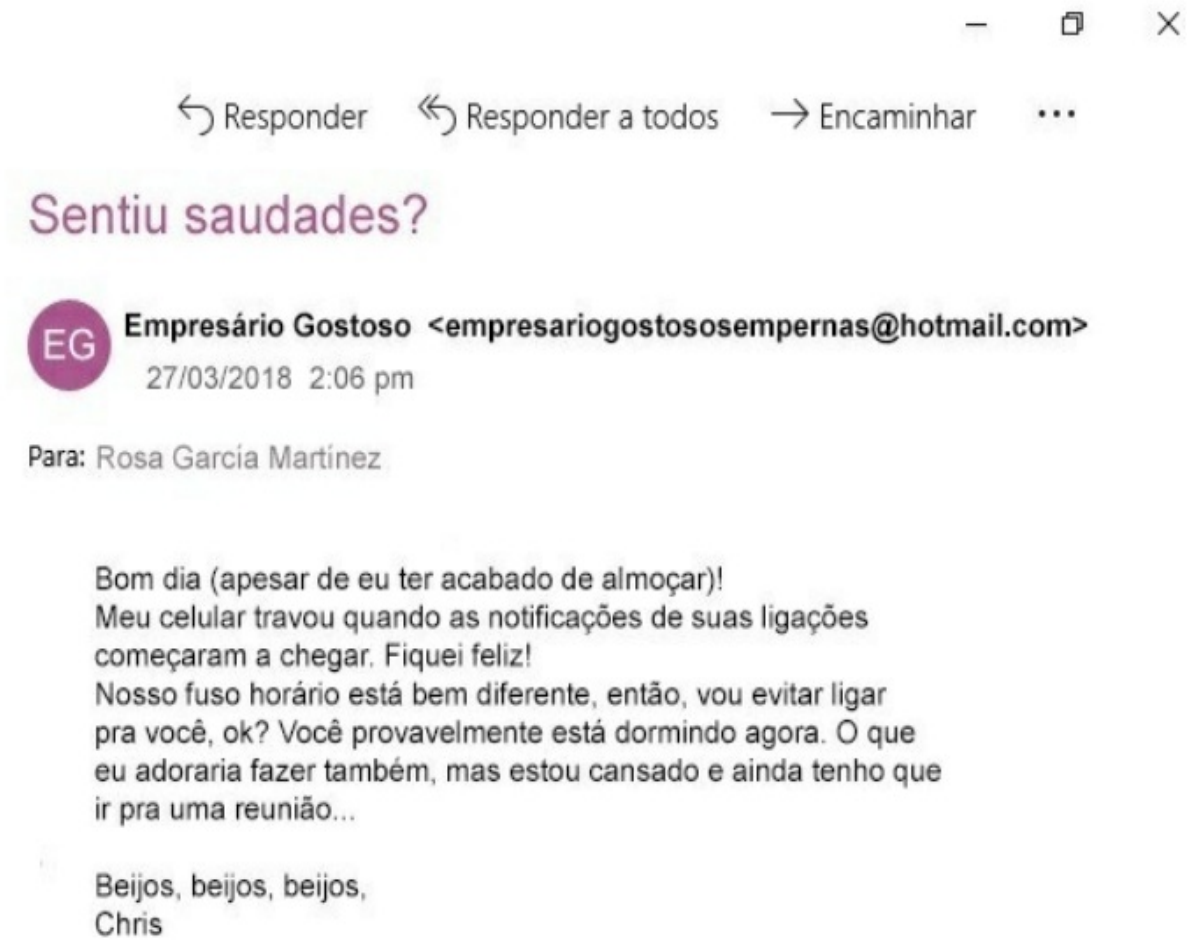
—Ele é diferente, Ki. Não falo da boca pra fora, ele é mesmo diferente. Virei num gole só o restante do vinho que ainda estava na taça e encarei fixamente os meus pés. No pouquíssimo tempo que estive com Christopher, ele havia feito eu me sentir mais mulher do que todos os outros homens com quem já estive.

Ele fazia parecer que estar comigo era sempre o ponto alto do seu dia e eu achava que era isso que eu pensava dele. Meu coração, que nos últimos tempos mais parecia um céu nublado, tornava-se azul com arco-íris quando ele me olhava ou me tocava.



Acordei com olheiras porque tinha ido dormir muito tarde. Fiquei até duas da manhã tentando ligar para Christopher, mas o celular só caía na caixa postal. Como queria matar a saudade, abri minha caixa de e-mail e fiquei relendo as nossas baboseiras. Pensei em escrever alguma coisa, mas ele provavelmente já seria bombardeado por todos os avisos de ligação quando conseguisse ligar o celular. Fui para a cama um pouco tristonha e, antes de pegar no sono, abri o Whatsapp e mandei uma carinha sorridente para ele.

Tinha tomado duas doses de café assim que cheguei no trabalho e estava colocando alguns papeis em ordem, esperando o computador ligar. Abri meu e-mail da empresa e quase gritei quando vi que tinha recado de Christopher.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Sentiu saudades?

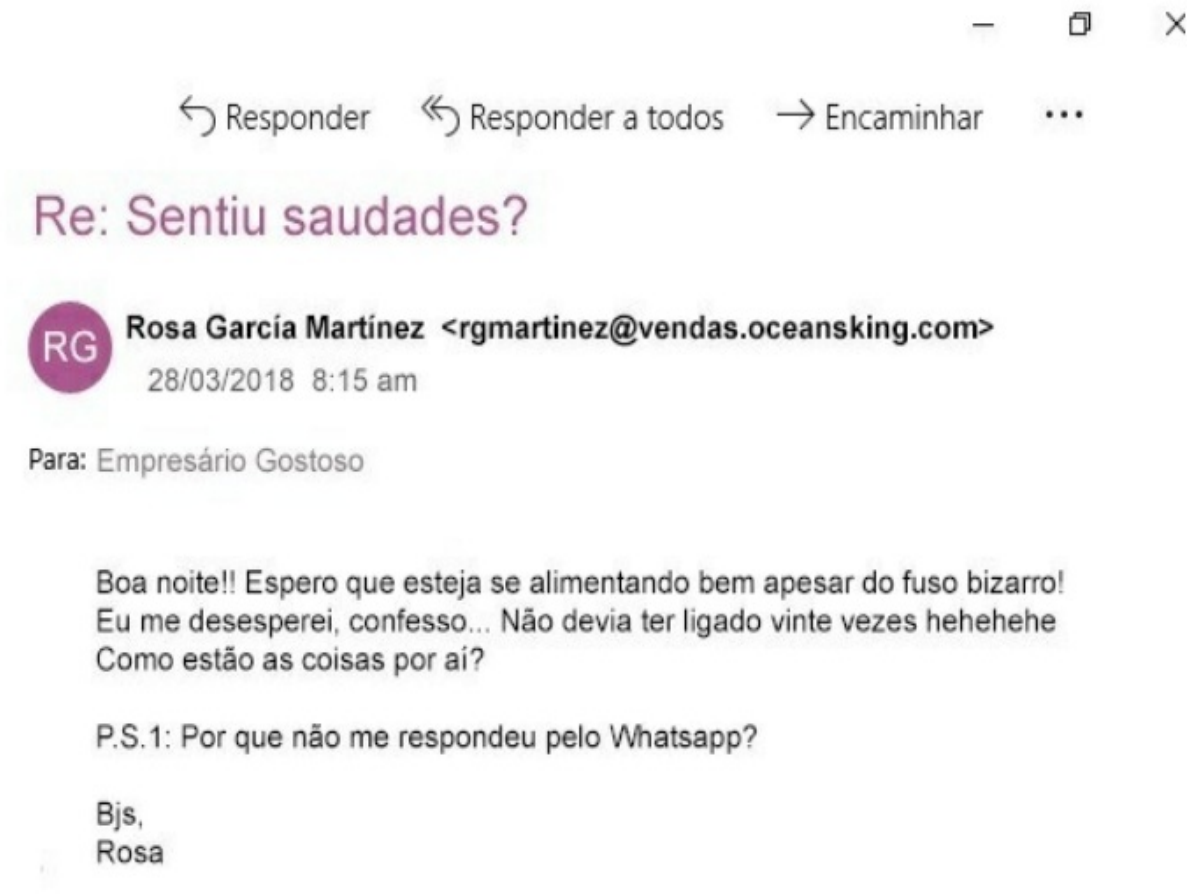
EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
27/03/2018 2:06 pm

Para: Rosa García Martínez

Bom dia (apesar de eu ter acabado de almoçar)!
Meu celular travou quando as notificações de suas ligações começaram a chegar. Fiquei feliz!
Nosso fuso horário está bem diferente, então, vou evitar ligar pra você, ok? Você provavelmente está dormindo agora. O que eu adoraria fazer também, mas estou cansado e ainda tenho que ir pra uma reunião...

Beijos, beijos, beijos,
Chris

Quis beijar o monitor, mas me contive. Se em Nova York não eram nove horas ainda, por lá também não era tão tarde. Aproveitei para responder rápido e tentar conseguir um retorno ainda naquela manhã. Isso se Christopher não tivesse desabado na cama.



Enquanto torcia para que ele respondesse, levantei-me para pegar outro café. Meu dia seria bem tranquilo porque Mitchell estava numa viagem em Chicago e só voltaria no dia seguinte. Portanto, aquele escritório seria todo meu por um dia, sem ninguém para me encher o saco.

Enquanto eu passeava, percebi como o clima geral ficava bem mais leve quando o chefe não estava presente. Todo mundo conversando sem preocupação, com sorrisos nos rostos, atacando o café... e o mais surpreendente, tinha gente realmente sentada na salinha.

Coloquei um sorriso no rosto também e voltei para minha mesa, bebericando do elixir dos deuses. Lá estava, a notificação vermelhinha que indicava e-mail não lido. Cheguei até a suspirar antes de abrir.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Nunca é demais

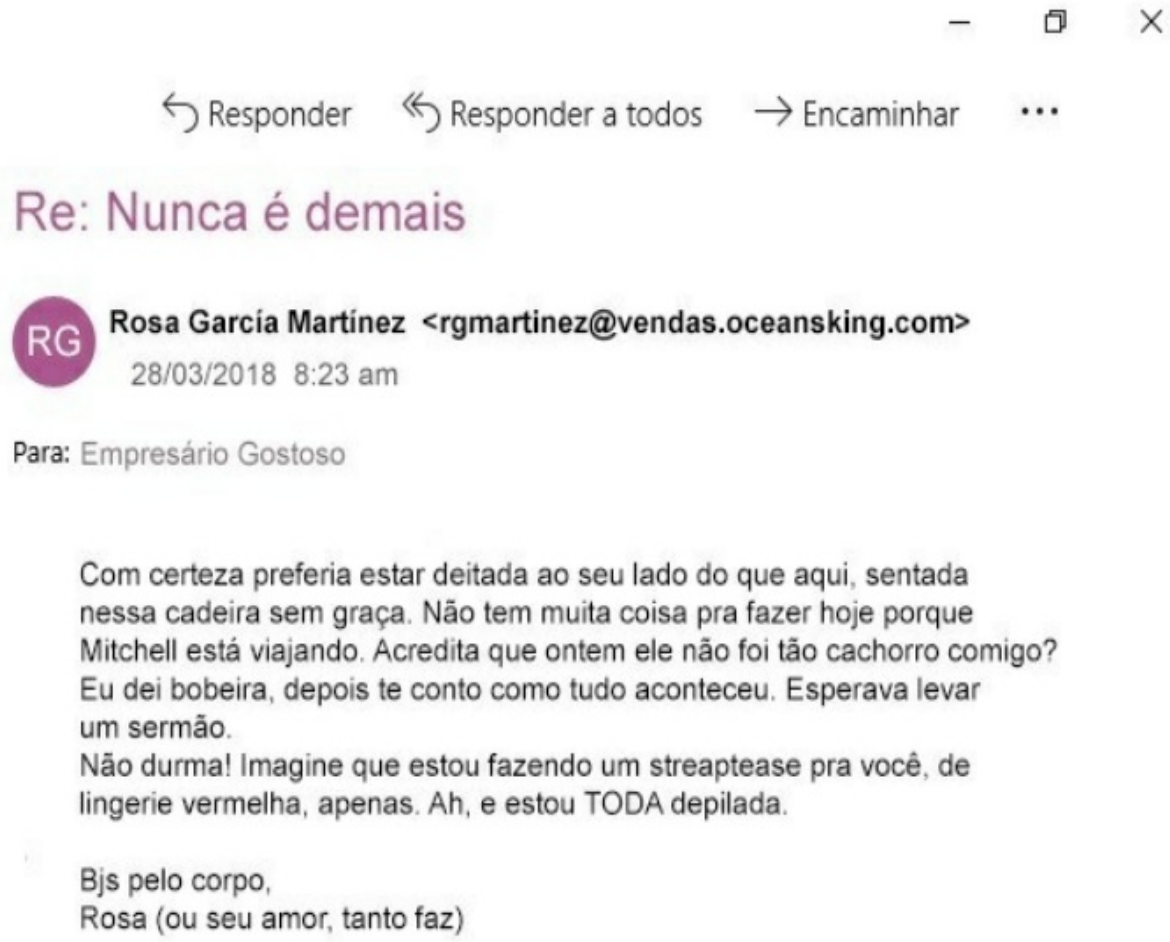
EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
28/03/2018 8:20 pm

Para: Rosa García Martínez

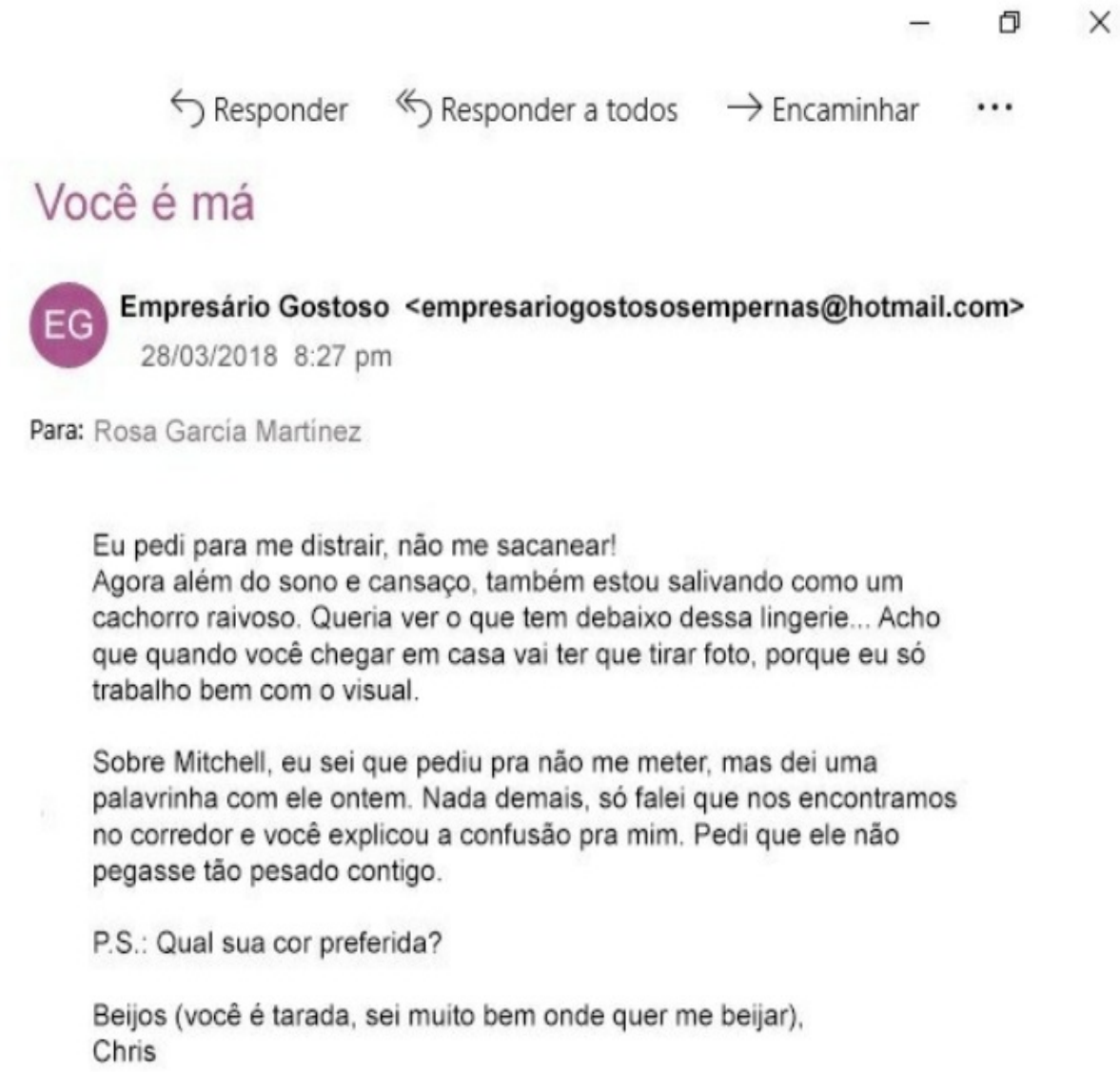
Meu amor, você pode ligar vinte, trinta, setenta e cinco vezes pra mim.
Eu compro outro aparelho se esse der defeito rsrsrs
Sou um homem à moda antiga, prefiro escrever as cantadas por e-mail (brincadeira, apenas não gosto do Whatsapp, fico nervoso em receber mensagens e não poder responder na hora).
Estou deitadinho, coberto, com sono e quase desmaiando. Mas não posso dormir porque tenho que esperar a "hora do banheiro", que é daqui a pouco.
Me distraia!

Beijos,
Chris

Várias coisas naquele e-mail me fizeram segurar firme os braços da minha cadeira e girá-la várias vezes que nem uma criança boba. Ele me chamou de "meu amor". Isso já tinha acontecido antes, mas foram em momentos em que não dava para parar e degustar as palavras. Meus dedos trabalharam rápido no teclado.



Ri de nervoso ao clicar em enviar e fiquei batucando os dedos na mesa, atualizando a página de vinte em vinte segundos. O e-mail chegou!



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Você é má

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
28/03/2018 8:27 pm

Para: Rosa García Martínez

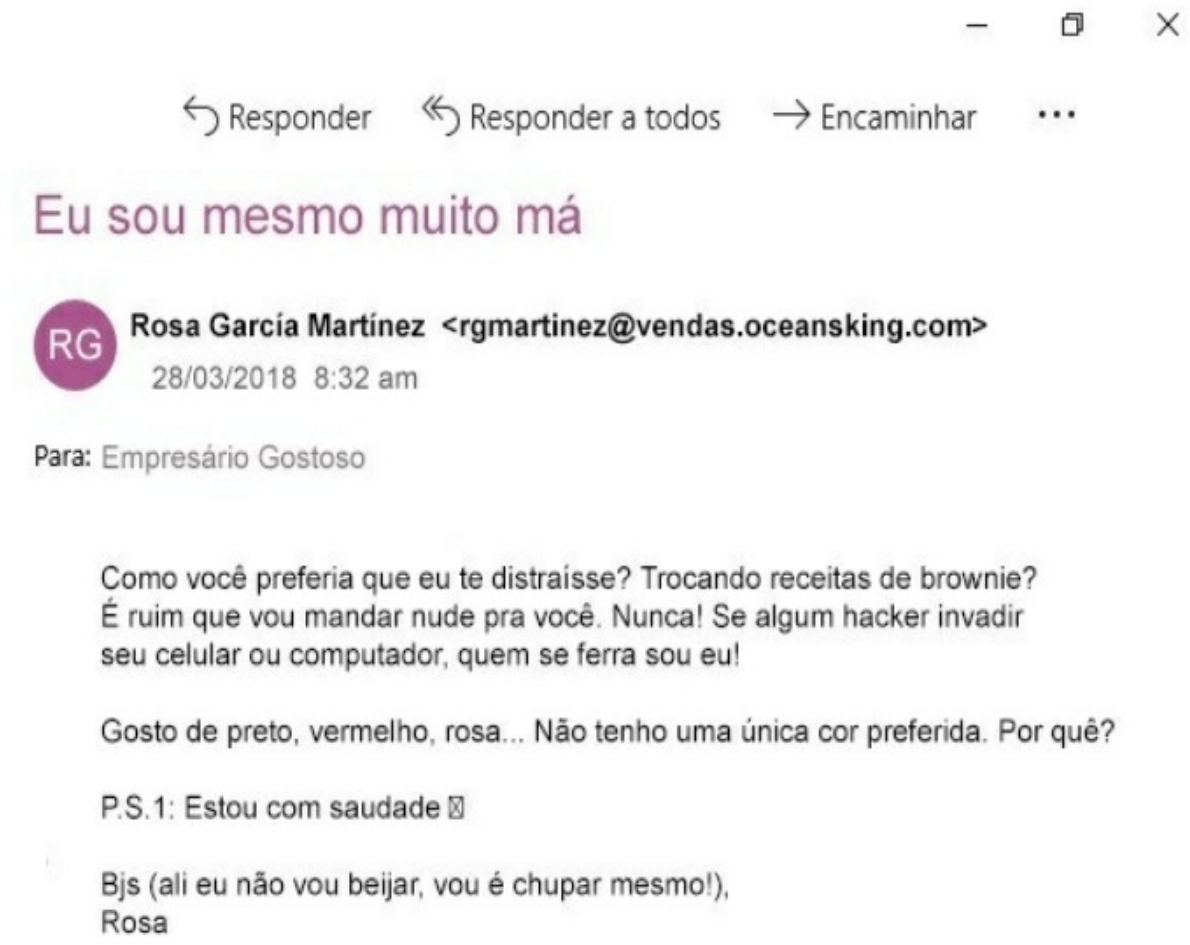
Eu pedi para me distrair, não me sacanear!
Agora além do sono e cansaço, também estou salivando como um cachorro raivoso. Queria ver o que tem debaixo dessa lingerie... Acho que quando você chegar em casa vai ter que tirar foto, porque eu só trabalho bem com o visual.

Sobre Mitchell, eu sei que pediu pra não me meter, mas dei uma palavrinha com ele ontem. Nada demais, só falei que nos encontramos no corredor e você explicou a confusão pra mim. Pedi que ele não pegasse tão pesado contigo.

P.S.: Qual sua cor preferida?

Beijos (você é tarada, sei muito bem onde quer me beijar),
Chris

Li e reli a parte sobre meu chefe e não sabia muito bem o que pensar. Não tinha gostado mesmo de saber que Christopher falara com ele. No entanto, se ele estava contando toda a conversa, não havia sido nada demais. Então, decidi que não valia a pena brigar por aquilo. Eu estava feliz demais para me importar com tão pouco.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Eu sou mesmo muito má

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
28/03/2018 8:32 am

Para: Empresário Gostoso

Como você preferia que eu te distraísse? Trocando receitas de brownie?
É ruim que vou mandar nude pra você. Nunca! Se algum hacker invadir seu celular ou computador, quem se ferra sou eu!

Gosto de preto, vermelho, rosa... Não tenho uma única cor preferida. Por quê?

P.S.1: Estou com saudade

Bjs (ali eu não vou beijar, vou é chupar mesmo!),
Rosa

Enquanto a resposta não chegava, atendi algumas ligações para Mitchell e agendei alguns horários com fornecedores. Do jeito que as coisas estavam, eu conseguiria sair tranquilamente dentro do horário normal. Tinha até enviado uma mensagem pra Kiara perguntando se ela queria me encontrar no centro para rodarmos algumas lojas. Eu precisava comprar lingerie nova porque o final de semana prometia ser animado.

A notificação apitou muito tempo depois e fiquei feliz por ver que o texto era grande.



Responder Responder a todos Encaminhar ...

Boa noite

EG **Empresário Gostoso <empresariogostososempernas@hotmail.com>**
28/03/2018 9:23 pm

Para: Rosa García Martínez

A hora do banheiro finalmente chegou e já estou liberado pra dormir!
Olha que coisa romântica, né? Você já sabe quais meus horários para minhas necessidades fisiológicas. Assunto muito interessante.
Não me admiro por estar solteiro.

Sabia que eu gosto de cozinhar? Vou fazer um brownie pra você que vai te deixar apaixonada e você vai me pedir em casamento no dia seguinte.
Aguarde.
Sobre a foto, estava brincando. Ao vivo é MUITO melhor!

Também estou com saudade, meu amor (espero que você sorria quando ler isso).
Odeio fazer essas viagens, principalmente porque é um saco não estar no meu habitat natural. Meu organismo também sente a mudança...

Bom, não sei se vou conseguir ficar acordado esperando sua resposta.
Então, caso eu apague, bom dia, boa tarde, boa noite. Sonhe comigo!

Beijos,
Chris

Eu pretendia respondê-lo de imediato, mas o telefone tocou e tive que parar para atender. Do outro lado da linha, uma voz masculina quase estourou meus tímpanos e precisei afastar um pouco o fone do ouvido.

—*Rosa!* —Mitchell gritava. —*Está me ouvindo?*

—Sim... —respondi, assustada. —Está tudo bem?

—Estaria, se você tivesse reservado o meu hotel! Rosa! Cadê a porra da minha reserva?

Antes de respondê-lo com um desaforo e mandar falar direito comigo, puxei a agenda e mexi rapidamente na planilha.

— Rosa!

—Um momento, Senhor Mitchell —pedi, deslizando o mouse pelas datas. — Eu liguei ontem mesmo para fazer a reserva, estou procurando para ver o nome de quem me atendeu.

Um misto de emoções percorreu meu corpo ao achar a anotação da reserva na agenda eletrônica. Primeiro foi de alívio porque ali estava a prova concreta de que eu tinha sim reservado o quarto para ele e, inclusive, a recepcionista que havia me atendido se chamava Katie. Mas depois veio o choque, um pavor muito, muito grande quando olhei com atenção para as informações da reserva. Mitchell estava em Chicago e eu fizera o pedido para a filial do mesmo hotel, só que em Seattle.

—Achou, Rosa? —ele gritou novamente, impaciente.

Eu não sabia o que dizer ao meu chefe. Nem sabia também o que tinha na cabeça para errar tão feio assim. Se eu tivesse apenas confundido os hotéis de uma mesma cidade, até dava para contornar, era só ele ir para o outro hotel em questão.

—Sim, achei. Cometi um erro, Senhor Mitchell. —Pressionei meus lábios, com medo de dar a notícia. Fechei os olhos e mandei sem rodeios. — Reservei seu hotel no lugar errado. Em... Seattle. Realmente eu não entendo o que aconte...

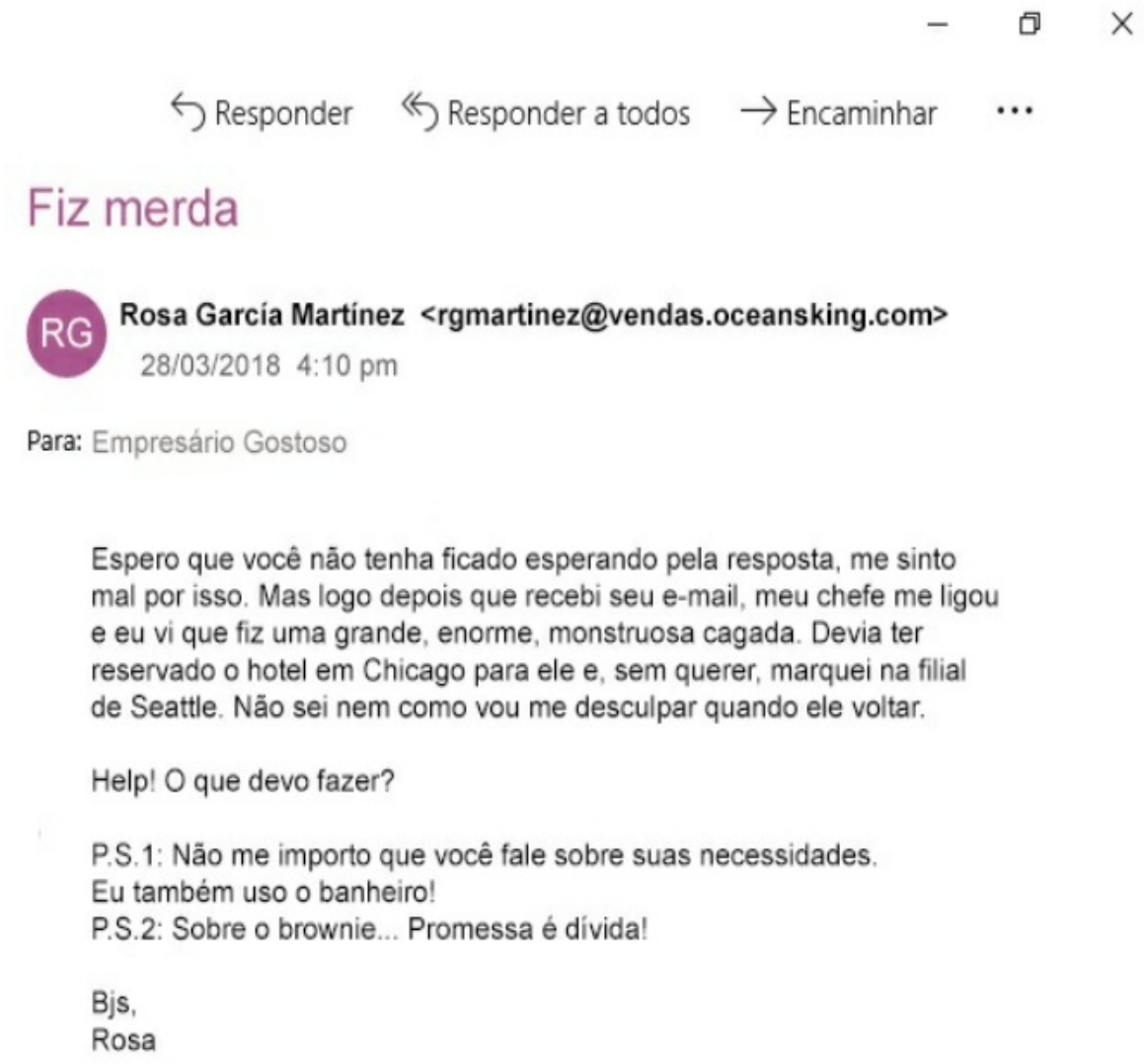
Ele desligou na minha cara. Coloquei o telefone de volta na base e encarei o monitor, onde o nome da cidade gritava de volta para mim. Que idiotice!

O que eu podia fazer? Coloquei a cabeça para funcionar, imaginando que Mitchell deveria estar sem quarto, tendo que se virar sozinho. Peguei o telefone

e disquei o número do celular dele. Eu podia, no mínimo, pedir que esperasse um pouco enquanto eu descolava uma reserva em algum hotel próximo.

Só que ele não me atendeu. Liguei duas vezes e deixei tocar até a ligação cair, o que era mais do que prova do grande fato que: ele estava me ignorando. Meu dia, que tinha começado muito bem, terminou péssimo. Não tive notícias de Mitchell pelo resto do dia, o que me deixava com medo. Eu preferia vê-lo gritando a receber um silêncio que eu não tinha ideia do que significava. Estava tão desnorteada que esqueci de responder o e-mail de Christopher e só lembrei disso quase no final da tarde.

Eu me sentei, puxei o teclado e pensei em algo descontraído para falar. Mas, no fim, acabei mesmo foi desabafando.


Responder Responder a todos Encaminhar

Fiz merda

RG **Rosa García Martínez <rgmartinez@vendas.oceansking.com>**
28/03/2018 4:10 pm

Para: Empresário Gostoso

Espero que você não tenha ficado esperando pela resposta, me sinto mal por isso. Mas logo depois que recebi seu e-mail, meu chefe me ligou e eu vi que fiz uma grande, enorme, monstruosa cagada. Devia ter reservado o hotel em Chicago para ele e, sem querer, marquei na filial de Seattle. Não sei nem como vou me desculpar quando ele voltar.

Help! O que devo fazer?

P.S.1: Não me importo que você fale sobre suas necessidades.
Eu também uso o banheiro!
P.S.2: Sobre o brownie... Promessa é dívida!

Bjs,
Rosa

Eu sabia que a resposta não viria tão cedo porque era de madrugada no Japão. Então fiquei despreocupada e fui encontrar com Kiara assim que deu cinco horas.

Ela já estava dentro de uma loja que eu achava uma gracinha, com uma cestinha

pendurada no braço e um monte de calcinha dentro. Balancei a cabeça, desaprovando que gastasse tanto enquanto ainda estava desempregada.

— Você precisa mesmo de tudo isso? — perguntei, mexendo dentro da cesta pra ver o que havia de interessante.

—Mas é claro que sim! Calcinhas nunca são demais.

Sorri e fui garimpar pelas araras, à procura de algo que me chamasse a

atenção. A loja era toda decorada como se fizesse parte da era vitoriana com poltronas lindas brancas e douradas e tapeçaria chique.

Olhei algumas peças bonitas, mas uma em especial me conquistou e eu já podia me imaginar vestindo apenas aquilo diante de Christopher. Exposto num cabide bem no canto de uma parede, havia um conjunto branco sexy e eu sabia que a cor ficava muito bem em contraste com a minha pele. O sutiã era meia taça com uma leve transparência e a calcinha minúscula fazia conjunto com uma cinta liga. No centro de cada meia havia um lacinho pequeno de cetim.

Fiquei empolgada e virei a etiqueta para olhar o preço. Seria a primeira vez que usaria cinta-liga e já estava ansiosa. Chamei por uma vendedora pois queria experimentar a peça no meu tamanho e senti Kiara fuxicando por cima do meu ombro.

— Quer matar o homem mesmo, né? — Ela assobiou. — Você não vale nada!

—Matar, não. Só deixá-lo enlouquecido. — Sorri.

Enquanto a vendedora buscava uma peça no estoque, eu rodei mais um pouco pela loja. Queria levar mais algum outro item e encontrei uma camisola vermelha de renda transparente e curtíssima. Abri um sorrisão e puxei do cabide. Christopher ia sofrer muito no final de semana.

Quando saímos da loja, puxei Kiara para dentro de uma que vendia roupas sociais e comprei uma calça nova para trabalhar. Antes de voltarmos para casa, passamos numa cafeteria e fiz questão de perguntar se eles tinham café árabe.

— Fiz uma grande merda hoje — falei enquanto caminhávamos cheias de

sacolas e segurando nossos copos. — Ou melhor, a merda foi feita ontem. Fiz uma reserva errada para o meu chefe.

—Putz! Ele ficou muito puto?

Pensei em Evan Mitchell do jeito que eu conhecia e fiz uma careta. Ele devia estar cavando a minha cova naquele momento.

— Ele já é raivoso por natureza. — Estremeci ao imaginar como ele me olharia no dia seguinte. Rezei para que o voo dele atrasasse e ele só fosse trabalhar na quinta-feira. — O homem deve estar pronto para arrancar minha pele a sangue frio.

— Também não exagera. — Kiara revirou os olhos e riu. — Ele não pode ser tão ruim assim. Todo mundo erra, amiga.

— Ele é. Acho que ele me odeia e... — suspirei, encarando os fatos — eu também fiz outra merda ontem.

Kiara franziu a testa e me olhou dos pés à cabeça. Ela torceu a boca e deu de ombros como se fosse óbvio seja lá o que estivesse pensando.

— Já parou pra pensar que, talvez, ele te odeie por você ser gostosa e ele

não poder te pegar?

— Não acho, porque ele também odiava a antiga secretária e ela tinha uns 60 anos. Talvez ele só se ache bom demais para lidar com outros funcionários. Quando chegamos na porta do nosso prédio, o lesadinho estava sentado nos degraus à espera de Kiara. Eu, que o tratava muito bem antes de saber dos fatos, dei um sorriso falso para ele e lancei um olhar ameaçador.

— E aí? A vida anda muito rápida? — perguntei. — Ou você que é rápido demais?

Kiara, atrás dele, passou um dedo pelo pescoço avisando que me mataria muito em breve, mas eu estava pouco me importando. O rapaz ali precisava ouvir umas boas verdades, mas eu não me iria me intrometer mais do que aquela pequena indireta.

Me despedi dos dois e entrei em casa, recebendo um Guapo eufórico que começou a rasgar as sacolas das compras com suas unhas assassinas.



Estava experimentando o conjunto branco e apanhando um pouco da cinta- liga quando meu celular tocou em cima da cama. Fiquei surpresa ao ver o nome de Christopher no visor, pois uma ligação do Japão não sairia nada barata para ele.

—Bom dia! —atendi, sabendo que deviam ser umas nove horas da manhã por lá.

—Boa noite pra senhorita. Está podendo falar?

Pensei em dizer que estava experimentando um presentinho para ele desembrulhar no final de semana, mas achei melhor fazer surpresa. Murmurei em resposta, incentivando-o a falar, enquanto encarava meu reflexo no espelho retangular que eu deixava apoiado sobre uma cômoda do quarto.

— Vi o seu e-mail agora pouco e caramba, Rosa... Que besteira foi essa que você fez?

Eu me sentei na cama com um terrível peso na consciência. Costumava ser muito eficiente no meu trabalho e, mesmo não simpatizando com meu chefe, sabia que estava muito errada.

— Talvez eu tenha me distraído na hora de ligar pro hotel. — Fechei os olhos.
—Não sei o que fiz... É muito ruim, não é?

Christopher ficou em silêncio e ouvi um suspiro do outro lado da ligação.
—Lógico que é ruim, mas não é tão grave. Você não cometeu nenhum erro

financeiro nem prejudicou a empresa. O máximo que pode ter acontecido é Mitchell ter perdido um tempo procurando por outro hotel. Aceite os esporros que vão vir e não tente se defender. Quando eu voltar, se ele ainda estiver puto, irei enterrar esse assunto.

—Tudo bem —respondi, sem ânimo. —Obrigada por ligar.

—Gostaria de estar aí para te consolar, mas daqui não há muito o que eu possa fazer. Tenho uma visita a uma fábrica pra fazer agora, preciso desligar. Mande-me um e-mail quando chegar amanhã no trabalho pra avisar se está tudo bem.

—Eu mando. —Sorri mesmo sabendo que ele não podia ver. —Boa sorte com a visita.

Nós nos despedimos e eu tirei a *lingerie*, sentindo-me bem desanimada. Christopher era sempre muito sincero comigo e se ele também achava que eu nem devia tentar argumentar ou me defender com Mitchell, era porque eu estava muito errada mesmo.

∞

Cheguei no trabalho meia hora antes para me certificar de estar ocupada caso Mitchell chegasse cedo. Como não tinha muita coisa para fazer, resolvi dar uma lida nas pautas que eu tinha digitado nos últimos dias. Depois de dois erros seguidos, eu estava um pouco traumatizada e não podia mais cometer nenhum deslize.

Tinha levado dois copinhos de café para minha mesa e colocado cinco pastas de pautas ao lado do computador, quando uma mulher alta e muito magra, que eu não conhecia, veio andando pelo corredor e passando entre as mesas do pessoal que não tinha um ambiente separado como o meu. Entre nós havia uma parede de vidro, dividindo o escritório de Mitchell e minha antessala, além do escritório da Supervisão, do restante do Departamento.

A mulher passou por todos e entrou na antessala, segurando uma folha de papel numa mão e uma caixa de papelão na outra. Ela sorriu para mim. Um sorriso traiçoeiro.

—Rosa Martínez? —perguntou, encarando o papel timbrado que segurava. —

Sim... —respondi, suando frio.

—Evan Mitchell entrou em contato com o RH e solicitou seu desligamento

da empresa. Por *justa causa*. —Acho que meu coração deu uma travada quando ela deslizou o papel pela minha mesa e o girou para que eu pudesse ler. — Depois de esvaziar sua mesa e retirar todos os seus pertences, vá ao Recursos Humanos para resolvermos sua papelada.

A mulher deu uma olhada ao redor da sala e depois me encarou pela primeira vez, colocando a caixa vazia sobre a mesa. Quase achei ter visto remorso em seu rosto, mas, se ela um dia já sentira pena por demitir alguém, não demonstrava muito.

—Sinto muito.

E saiu, a devastadora de vidas, levando minhas palavras com ela. Eu fiquei sem reação por um instante. Senti que estava sendo observada por aqueles que, do outro lado do vidro, presenciaram a cena. Alguns pareciam tão chocados quanto eu.

Desviei o olhar e encarei minha mesa. Que deixaria de ser minha.

—Rosa! Ah, meu Deus, você está bem? —Marcy se aproximou de mim e me lançou um olhar de desalento. Ela parecia uma bonequinha com seu cabelo loiro chanel e suas bochechas rosadas. Tinha a minha idade e me fazia companhia de vez em quando no almoço, mas não tínhamos tanta intimidade. — O que aconteceu pra ser demitida?

— Cometi uns deslizes essa semana — admiti, sem saber por qual item começar a guardar na caixa. Ainda estava em choque. — Só... não esperava ser demitida.

—Ninguém esperava! —Ela cruzou os braços, enfezada. —Você trabalha tanto! Todos nós estamos de prova! Qual o problema desse babaca?

Desgrudei os olhos das minhas mãos e levantei o rosto para encarar Marcy. Vi que ela estava chateada e parecia sincera. Pousei minha mão na dela e tentei ao máximo dar um sorriso, que deve ter saído como uma careta.

— Obrigada. Eu vou... — suspirei e corri os olhos pela mesa — vou arrumar tudo aqui e depois me despeço de vocês.

—Se precisar de alguma coisa me chame.

— Claro.

Eu precisava mesmo era gritar ou chorar, mas teria que me controlar enquanto estivesse dentro da empresa. Devagar, fui esvaziando as gavetas e jogando tudo sem nenhum cuidado dentro da caixa. Minhas mãos tremiam e eu parei, juntando-as e pressionando uma palma na outra. Respirei fundo uma, duas, três vezes antes de continuar.

Fiquei mais deprimida ainda quando percebi que toda a minha vida naquele escritório cabia com conforto dentro da caixa. Desliguei o computador, empilhei as pautas num canto da mesa e olhei bem para aquele que foi meu lugarzinho por

algum tempo. Eu realmente gostava de trabalhar ali e me saía bem com as tarefas mais burocráticas. Onde eu tinha me perdido?

Desde que a portadora das más notícias me deixara ali com a caixa e o papel, levei menos de meia hora para arrumar tudo. Já estava pronta para deixar o setor, com a caixa nas mãos e a bolsa pendurada no ombro, quando me aproximei das outras mesas e encarei alguns colegas.

— Tenho um primo que trabalha num escritório de advocacia aqui perto e acho que estão contratando — disse Michael, um funcionário novo no Departamento. Ele pegou um pedaço de papel e anotou um número de telefone antes de me entregar. —Ligue para ele se quiser tentar uma vaga por lá.

— Obrigada. — Sorri, agradecida, e olhei em volta. — Não sou muito boa com despedidas, mas queria dizer que gostei muito de trabalhar com vocês. Vou sentir saudades e espero poder manter contato com a maioria.

Fui abraçada por algumas pessoas, incluindo Marcy e Michael e por pouco não caí no choro. Tive que me controlar muito para entrar no elevador e manter uma expressão neutra no rosto, pois ainda precisava passar no RH.

Ao contrário da despedida do meu Departamento, onde havia pessoas simpáticas

e que se importavam comigo, no RH fui recebida com frieza. Roboticamente, ouvi as reclamações que Mitchell enviara e a decisão dele pelo meu desligamento imediato, junto com os motivos para tal atitude. Assinei os papeis específicos e fui dispensada sem nenhuma sutileza. Parecia que ser demitida por justa causa era quase o mesmo de ser portadora de alguma doença contagiosa.

Não estava com disposição para carregar aquela caixa pelo metrô, então resolvi pegar um táxi. Só quando me sentei no banco traseiro e fechei a porta, deixei-me sentir de verdade o que estava abafado em meu peito. O motorista se assustou quando comecei a chorar e era por motivos como aquele que eu evitava fazer isso em público. Eu sempre extrapolava ao externar todas as minhas emoções. E meu choro era... bem... um dilúvio de altas proporções.

— Você está bem, moça? — o homem perguntou, sem começar a dirigir porque eu nem tinha dado o endereço ainda.

Enquanto balbuciava o nome da minha rua, catei por algum papel ou lenço dentro da bolsa. Até que o pobre motorista estendeu um paninho para mim e eu o peguei, assoando o nariz.

—Fui demitida — solucei.

Funguei e joguei a cabeça para trás, apoiando-a no encosto do banco. As lágrimas borravam minha visão e o rímel escorrido fazia com que meus olhos ardessem.

— Ah, poxa. Não fica assim. A moça ainda é nova e vai achar outro

emprego. — Ele fez uma curva acentuada e a caixa escorregou pelo banco, assim como meu trabalho escorregou pelos meus dedos. — Olha, eu já fui demitido várias vezes.

Tapei o rosto com as mãos. O discurso dele não era nenhum consolo, mas não quis ser ingrata. Só desejava chegar em casa e afogar as mágoas numa garrafa de vodca. Ou tequila. Ou vinho. Qualquer coisa que eu encontrasse. Estava na porta do prédio mais rápido do que esperava. Acho que o motorista furou todos os sinais para que a corrida acabasse logo e ele se livrasse do meu choro. Porque, realmente, nem eu me aguentava mais.

Quando entrei, dei de cara com aquele elevador inútil e não ajudou muito meu síndico ter aparecido bem na hora. Minha tristeza deu lugar à raiva e eu enxuguei meus olhos, ciente de que devia estar parecida com um urso panda.

—Bom dia, Senhorita Martínez.

— Bom dia é o caralho! — gritei com ele e apressei meus passos para encurralá-lo contra a parede. — Quando você vai consertar essa merda? Todos nós já estamos cansados de reclamar e você, que dá a sorte de morar no primeiro andar, está cagando pra nossa opinião!

Ele arregalou os olhos e esticou uma mão no espaço entre nossos corpos. Eu segurei minha caixa com um braço só e o outro usei para cutucar o peito dele com o dedo indicador. O homem barbudo e magrelo parecia achar que eu fosse esquartejá-lo a qualquer momento. E era bem possível.

— Se não resolver isso até semana que vem, eu vou pessoalmente chutar sua bunda e correr atrás dos meus direitos de inquilina.

— Vou chamar o técnico — disse ele, quase gaguejando. — Hoje mesmo vou ligar para a empresa.

—Ótimo. —Sorri. —Passar bem.

Ajeitei o colarinho da sua camisa e subi as escadas, sentindo-me um pouquinho mais leve do que cinco minutos antes. Entrei em casa, coloquei a caixa sobre a mesa e ajoelhei para deixar Guapo me recepcionar com todo o seu amor. Eu estava precisando mesmo. Depois, fui bater na porta de Kiara e assim que ela abriu, olhou-me assustada.

—Fui demitida.

Falei só por falar, pois acho que estar diante dela antes da hora do almoço, com a cara inchada de choro e a maquiagem borrada já eram pistas que falavam por si só. Kiara torceu a boca e abriu os braços para mim, que deitei a cabeça no ombro dela e fui abraçada.

— Sinto muito. — Recebi dois tapinhas nas costas. — E bem-vinda ao time.

Era uma droga abraçar Kiara, pois ela era miúda demais e eu ficava me

sentindo o pé grande.

—Eu sei do que você precisa —disse, um pouco mais animada do que eu. — Vá pra casa, tome um banho, limpe o rosto e me espere que eu vou dar um pulinho na rua e já volto.

— Ok.

Arrastei-me de volta para o meu apartamento e apesar da preguiça, fui para o banheiro. Não quis tomar banho, mas passei demaquilante no rosto para remover a droga da maquiagem e depois lavei bem. Coloquei um moletom velho e me afundei no sofá, ligando a televisão, mesmo que só tivesse programa inútil passando.

Pensei em ligar para Christopher e cheguei até a pegar no celular, mas desisti em seguida. Ele estava viajando a trabalho e não tinha que ficar se sobrecarregando com os meus problemas. Não chegamos a assumir um relacionamento e ele não tinha obrigações comigo. Além disso, estava me sentindo um lixo e não me sentia preparada para contar minha derrota.

Não sei por quanto tempo fiquei jogada no sofá com o olhar perdido na televisão. Mas quando Kiara invadiu meu apartamento, eu me dei conta de que estava mesmo mal. Tinha esquecido de trancar minha porta!

— Muito bem, temos sorvete napolitano e flocos. — Ela colocou duas sacolas plásticas sobre a mesa e tirou os potes de dentro. — E, claro, cerveja! Muita cerveja!

Observei enquanto foi até minha cozinha, mexeu nas gavetas e voltou com duas colheres na mão. Pegou o pote de sorvete de flocos e se jogou ao meu lado, entregando para mim uma das colheres.

— É uma droga, mas acontece com todo mundo — disse ela para mim. — Você vai encontrar outra coisa.

—Você está procurando emprego há quatro meses.

— Sim, mas você trabalhou numa multinacional fodástica. Terá ótimas referências!

—Kiara, eu fui demitida por justa causa. —Tinha esquecido de contar esse detalhe a ela. — Não acho que vão enxergar meu trabalho na *Oceans's King* como boa referência.

—Ah. —Até minha melhor amiga, de repente, desanimou, baixando a mão com a colher. —Que merda.

Agora que eu pensava naquilo, talvez, muito talvez, pudesse conseguir uma carta de recomendação com Christopher. Se ele tivesse algum poder com os figurões, talvez conseguisse tirar o aviso de justa causa da minha ficha. Dos males, o menor. Mas, para isso, eu precisaria realmente falar com Christopher e não estava com disposição no momento.

Respirei fundo e enchi minha colher de sorvete. Kiara me cutucou com o cotovelo e encolheu os ombros.

—O bonitão não pode dar um jeito nisso? Qual o cargo dele na empresa? — Ainda não falei com ele, mas você acha mesmo que eu quero voltar a trabalhar com meu ex-chefe? Ele me odeia, agora tenho certeza.

Não, com certeza não voltaria para aquele idiota infeliz nem se ele implorasse de joelhos. Eu tinha algumas, mesmo que poucas, economias que guardava na poupança para o dia que conseguiria abrir uma clínica veterinária. Não era meu desejo, mas teria que mexer no dinheiro para pagar as contas enquanto não encontrasse outro emprego. E eu começaria a procurar amanhã mesmo.

Tinha que atualizar o currículo e levar para imprimir umas vinte cópias na gráfica que funcionava ali mesmo no quarteirão. Para um primeiro momento, eu não tinha preferência por algum trabalho específico. Toparia até encarar alguma coisa como garçonete, qualquer coisa que pagasse um salário no final do mês.

—Só posso ajudar com apoio moral e você sabe que pra isso, pode sempre contar comigo. — Kiara colocou a mão no topo da minha cabeça. — Vai dar tudo certo, ok? Que tal eu pagar o almoço hoje? Pizza!

Revirei meus olhos, mas não recusei. Pelo menos durante o tempo em que

comemos as duas pizzas e bebemos toda a cerveja, eu quase pude me sentir feliz e aliviada por ter alguém ao meu lado. Kiara era a minha família. Eu tinha um tio divorciado que morava em Los Angeles com o filho, mas há anos não nos falávamos por causa de problemas do passado. Não tinha notícias dele desde o enterro dos meus pais e não fazia muita questão de ter.

∞

Passei o resto do dia em casa, curtindo minha fossa e até mesmo Kiara, em algum momento, precisou ir embora. Fiquei vendo filmes de terror para encontrar alguma emoção dentro de mim que não fosse apenas tristeza e, num intervalo, resolvi levar minhas coisas para o quarto.

A bolsa estava jogada de lado sobre a mesa e quando a peguei, várias moedas caíram no chão e rolaram até a bunda de Guapo. Ele, que estava meio sonolento, se animou com os novos brinquedos e grudou a cara amassada no chão antes que eu conseguisse correr até ele.

— Guapo! Solta! — gritei, jogando-me no chão e levantando sua cabeça. — Não! Solta!

As moedas não estavam mais no chão, o que deixava claro o novo *habitat* delas: aquela boca cheia de baba! Eu a escancarei contra a vontade dele, lutando

para segurá-lo enquanto confiscava o material. Não encontrei nada e enfiei alguns dedos, apalpando toda a mucosa, a língua, os dentes... Guapo engolira as moedas.

Fiquei de pé e agarrei meu cabelo, tentando lembrar quantas moedas tinham caído. Três? Quatro? O filho da mãe boboca continuou sentado, com a língua de fora, me encarando. Aquelas moedas poderiam causar uma obstrução nele. Não era nada extremamente grave quanto seria caso ele tivesse engolido um objeto pontiagudo ou cortante, mesmo assim, era para me preocupar.

Passei a mão na coleira do filho da mãe e a enfiei em volta do seu pescoço. Peguei minha bolsa e as chaves, rebocando Guapo pelo corredor às nove horas da noite. Inacreditável! Teria que procurar uma clínica que ainda estivesse aberta.

—Guapo, por que você fez isso? — choraminguei.

Desci correndo e olhei a rua, à procura de algum táxi. Eu costumava levá-lo numa clínica perto de casa, mas sabia que fechava às cinco horas. Precisava colocá-lo num carro e procurar algum lugar que funcionasse vinte e quatro horas.

Antes que o motorista reclamasse —porque ele ia, já estava abrindo a boca — coloquei meu cão no colo e avisei que ligaria para a cooperativa e faria a reclamação. Talvez meu olhar assassino de mãe desesperada tenha feito com que o homem virasse para a frente e metesse o pé no acelerador.

Gritei para que parasse quando passamos pela porta de uma clínica aberta. Joguei uma note de vinte dólares para ele, agradeci e disse que podia ficar com o troco. Guapo, quando percebeu que aquele não era um passeio normal, começou a se agitar no meu colo. Ele sempre enlouquecia quando entrava numa clínica veterinária.

— Da próxima vez, pense bem antes de comer as minhas coisas — resmunguei, apertando-o nos braços.

—Olá, boa noite. —Arecepcionista me recebeu com um sorriso.

— Boa noite. Me chamo Rosa e preciso de uma consulta para Guapo. E alguém que possa bater uma radiografia dele. — Pressionei meus lábios e suspirei. —O bonitão aqui engoliu algumas moedas. Não sei quantas.

Agarota sorriu, divertida e cutucou o focinho de Guapo, que imediatamente esqueceu onde estava e tentou se atirar no colo dela.

—Quem está de plantão é a Doutora Elizabeth. Vou chamá-la!

Eu me sentei e esperei, sentindo minha cabeça rodar. Se soubesse que teria que passar por tal aventura de noite, não teria me enchido de cerveja a tarde toda ao lado de Kiara. Desejava muito uma cama naquele momento, mas Guapo estragou meus planos.

Olhei para ele, deitado sobre minhas pernas, muito quieto. O que a gente não fazia por aquelas coisinhas peludas que davam tanto trabalho, não é mesmo? Eu

agora gastaria uma grana com a consulta de emergência, por causa do horário, além da radiografia que devia custar uns oitenta dólares.

Ouvi meu celular tocar dentro da bolsa e me entortei um pouco para pegá-lo sem soltar meu cachorro. No visor, aparecia o nome de Christopher, mas não tinha como eu falar com ele naquele momento, pois a menina da recepção estava voltando. Silenciei a ligação e guardei o aparelho.

— Rosa — a recepcionista me chamou. — Pode entrar com o Guapo na segunda porta à direita no corredor.

— Obrigada!

Lá fui eu com meu cão guloso, sentar-me diante da mesa da veterinária. Era uma senhora de cinquenta e poucos anos, simpática e com olhos carinhosos. Ela se curvou para alisar a cabeça do guloso e então me encarou.

—Boa noite. —Franziu a testa. —O que houve com o rapaz?

Contei mais uma vez o que aconteceu, deixei claro que não tinha certeza da quantidade de moedas ingeridas e ela concordou que deveríamos bater uma radiografia para descobrirmos onde os metais tinham se alojado.

Quarenta minutos depois, eu estava na recepção abrindo a carteira para ficar duzentos e cinquenta dólares mais pobre. Tínhamos visto, pela radiografia, que ele tinha engolido cinco moedas que estavam todas compactadas e não pareciam obstruir nenhuma passagem. Guapo teria a missão de evacuá-las em algum momento e, se isso não acontecesse até o final de semana, eu teria que voltar lá para bater uma nova radiografia.

— Rosa, qualquer coisa que precisar, pode ligar para cá — Elizabeth avisou, com as mãos nos bolsos do avental. — Tenho dobrado alguns turnos porque estamos com um veterinário a menos.

Sorri e olhei em volta. A clínica era uma gracinha, grande porém aconchegante, bem arrumada, limpa e as duas funcionárias que eu conheci eram simpáticas. Talvez fosse um sinal ou algo do tipo.

— Vocês estão contratando? — Não perdi tempo em perguntar. — Porque eu sou

formada em medicina veterinária e estou procurando emprego.

Elizabeth me olhou com um novo tipo de interesse e levantou uma sobrancelha.

— No momento não estamos contratando porque o Dr. Miller, dono da clínica, está viajando e só retorna no final do próximo mês. — Ela encolheu os ombros. — Eu e o Dr. Parker estamos segurando as pontas por enquanto, mas não temos autoridade para contratar veterinários.

Minha animação rolou ladeira abaixo. Não podia apenas ficar esperando o

homem voltar, precisava começar a trabalhar o quanto antes. Agradeci e digitei a senha do cartão da poupança, sentindo o coração apertar.

— Mas — Elizabeth continuou — eu tenho autoridade o suficiente para contratar funcionários pra trabalharem no espaço de banho e tosa.

Enquanto Guapo, animadinho, puxava a coleira para darmos o fora do lugar, eu olhei para a doutora. Passar o dia molhada de *shampoo* e coberta de pelos não era exatamente o sonho de alguém que se mata numa faculdade cara como a minha. Elizabeth deve ter notado que fiquei um pouco reticente, pois sorriu com uma expressão de quem arquiteta um plano.

—Sabe, quando o Dr. Miller voltar e descobrir que temos uma veterinária à espera da vaga —ela piscou — e que ela está tão interessada que até encarou o banho e tosa, acho que ele pode se impressionar com o esforço.

—Nunca tosei um animal na minha vida —avisei. —Não existe um curso pra isso?

—Você não trabalharia sozinha. ADylan é a responsável pela tosa, mas ela não está mais dando conta. Estamos perdendo alguns clientes por falta de horários.

Suspirei, olhei para Guapo, olhei para o cartão da poupança em minha mão e, depois, para Elizabeth.

—Quando eu começo?



A tela do meu *notebook* me encarava enquanto eu olhava com ódio em sua direção. Havia tentado acessar meu e-mail para ver se tinha alguma notícia de Christopher e descobri que o endereço fora desativado. Eu perdi todos os meus e-mails da caixa de entrada, todas as conversas com Christopher...

Xinguei a *Ocean's King* e todos que trabalhavam para aquela empresa diabólica e fechei o *notebook*. Apoiei minha testa na tampa e suspirei. Teria que

reativar meu antigo e-mail pessoal, que eu nunca mais usei desde que comecei a trabalhar na multinacional.

Mas, tudo bem. Não seria aquela descoberta que ia minguar minha pequena faísca de felicidade que sentia desde que saí da clínica veterinária, com Guapo medicado e uma oferta de emprego. Que não fazia parte dos meus sonhos, mas ajudaria um pouco. Eu trabalharia no banho e tosa até que o dono da clínica retornasse de sua viagem e tinha esperanças de ser contratada para integrar a equipe de veterinários. Elizabeth foi um amor comigo, tão gentil e acolhedora, que eu não consegui evitar me sentir em casa.

Meu Deus, eu era louca! No mesmo dia tinha sido demitida e aceitara um emprego que estava bem longe do que eu buscava. E ainda concordei em começar no dia seguinte. Tudo para me manter ocupada, pois assim evitava ficar me lamentando. Ou talvez tenha feito por impulsividade. Quando vi a oportunidade, pulei em cima, mas agora de cabeça fria, o medo batia na porta. E se eu me ocupasse com o novo emprego e perdesse a chance de encontrar outra coisa melhor?

Não era o salário dos sonhos. Com um horário muito mais leve do que eu possuía na empresa, minha renda seria reduzida pela metade, trabalhando trinta

horas semanais por míseros quinze dólares/hora. O valor que eu receberia no mês era quase o custo do meu aluguel. Sobraria uma pequena parte para pagar as contas de consumo e o restante, para minha sobrevivência, eu teria que tirar da poupança. Não tinha outro jeito. Se, no final de abril, o Dr. Miller não me promovesse, seria impossível continuar no banho e tosa. Para tentar manter meu padrão, que nem era tão elevado, eu precisaria de um emprego que me pagasse, pelo menos, quarenta mil por ano.

—E você —olhei para Guapo, que dormia todo encolhido aos meus pés — já me fez gastar uma graninha hoje, né seu pateta?

Abracei meu *notebook* e levei ele para a cama, estalando os dedos para que Guapo me acompanhasse, coisa que ele fez sem pestanejar. Nós dois nos acomodamos debaixo da coberta e apoiei o computador no colo.

Tirei meu celular de dentro da bolsa e verifiquei que tinham três ligações perdidas de Christopher. E sim, eu evitei falar com ele por telefone. Alguma coisa me deixava muito chateada em toda essa situação. Saber que eu errei em meu trabalho, coisa que era raríssima de acontecer. Numa rápida avaliação, tinha entendido que meus deslizes começaram justamente depois de conhecer Christopher.

Não o culpava, claro. Mas minha afobação e a necessidade que eu sempre sentia de me atirar de cabeça numa relação me prejudicaram no trabalho. Eu não estava concentrada, porque eu só pensava em Christopher nos últimos dias. Não

querendo encontrar uma desculpa para meus erros, mas eu fiquei distraída. Apaixonada, talvez fosse a palavra certa. E já diziam os sábios, a paixão pode cegar.

Esfreguei meu rosto com as duas mãos e encostei a cabeça na parede atrás de mim. Por que eu era assim? Por que me entregava com tanta pressa? Eu deixei uma paixonite que eu nem sabia se daria certo, atrapalhar meu rendimento no trabalho. Fui irresponsável.

Destravei a tela do celular, sentindo um nó se formar em minha garganta e vi notificações de mensagens no Whatsapp. Abri o aplicativo e me surpreendi com o nome de Christopher em evidência, porque ele já tinha dito que não gostava de conversar por ali.

Christopher —10:17 pm

Não quero ser insistente, mas estou mesmo preocupado.

Você não respondeu nenhum e-mail, nem atendeu o celular...

Christopher —10:40 pm

Chego em NY amanhã à tarde, mas o cansaço não vai me deixar trabalhar. Almoçamos na sexta em minha sala?

Christopher —11:02 pm

Embarcando...

Eu me senti mal por não ter visto nenhuma das mensagens na hora que ele as enviou. Digitei uma frase curta para desejar boa viagem, mesmo sabendo que ele já estaria voando. Antes de enviar, deletei as palavras e desliguei o computador para dormir.

∞

Toquei a campainha de Kiara às nove horas da manhã na esperança de que estivesse em casa. Tinha combinado com a Dra. Elizabeth de começar naquele dia e meu turno era das dez às cinco, com direito a uma hora de almoço. Mas antes, eu pretendia deixar Guapo aos cuidados de minha amiga, caso ele resolvesse evacuar as moedas. Eu precisava ter certeza de que elas sairiam em algum momento.

Na terceira tentativa, percebi que Kiara não estava em casa. Talvez tivesse saído para alguma entrevista. Voltei para meu apartamento e tive uma conversa adulta com Guapo, avisando que ele não poderia, em hipótese alguma, colocar as

moedas para fora e comê-las novamente. Já tinha acontecido antes.

Saí de casa meia hora depois e fui caminhando para o trabalho. Apé, ficava a menos de quinze minutos do meu prédio, o que era uma maravilha. Poderia facilmente ir e voltar andando e economizaria dinheiro com passagens.

Cheguei na *Pets Life & Health* um pouco antes das dez horas e fui recebida por Elizabeth, que estava de saída e pela recepcionista diurna.

—Ah! —ADra. Elizabeth parecia feliz em me ver, como se duvidasse que eu ia mesmo aceitar o emprego. Até eu tinha duvidado. — Rosa, que bom que você veio! — Ela segurou meu braço e me deu um beijo no rosto, depois olhou para a funcionária. — Essa é a Eleonor e vocês poderão se conhecer melhor depois. Vamos lá dentro para que eu te mostre o restante das instalações.

Dei um sorriso para a garota na recepção, que parecia ser muito mais jovem que eu, e entrei com a veterinária.

—São quatro consultórios porque, normalmente, temos dois clínicos gerais atendendo durante o horário comercial e, algumas vezes na semana, também temos um oncologista e uma cardiologista. — Ela me levou pelo mesmo corredor por onde passei na véspera. — Ninguém possui um consultório específico, apenas o Dr. Miller. Se ele estiver na clínica, sempre atenderá no consultório um.

—Você e o Dr. Parker têm alguma especialização? — perguntei.

— Nós somos clínicos, mas eu também sou cirurgiã, assim como o Dr. Miller. E o Parker trabalha apenas como plantonista. Só que como estamos com esse *déficit* de veterinários durante o dia, ele está me ajudando. — Elizabeth balançou a cabeça, demonstrando estar chateada. — Coitado, está sobrecarregado. Tanto que ontem não se sentia bem e eu cobri o plantão dele.

Se eu gostasse do lugar e me desse bem no trabalho, teria que agradecer depois ao tal do Parker. Tive a oportunidade de conhecer Elizabeth no plantão da véspera e as coisas se ajeitaram. Eu sorri para ela, sentindo-me leve.

—Espero que vocês encontrem logo um novo clínico para ajudar.

Ela me lançou um olhar cúmplice e deu uma piscadinha antes de apertar meu ombro.

—Vamos conhecer o resto da clínica!

Passamos por mais algumas portas e ela foi abrindo cada uma para me apresentar o interior. Fiquei encantada que todo o aspecto da clínica, desde móveis a aparelhos, eram bem conservados e limpos. O cheiro de ambiente esterilizado era contagiante.

— Sala de raio-x, que você já conhece. — Fechou uma porta e abriu a próxima. —Aqui são feitos os exames de imagem que não lidam com radiação: ultrassonografia, ecodoppler, eletrocardiograma e endoscopia.

Em seguida, entramos por uma ala separada com portas mais pesadas e de metal, indicando o lugar onde eram feitas a ressonância magnética e a tomografia computadorizada. Nós dobramos o corredor e subimos uma escada para que ela me mostrasse onde ficava o centro cirúrgico.

— Vou mostrar o pet shop e a sala de banho e tosa. — Nós duas voltamos ao térreo. — Depois, levo você até a sala de descanso onde ficam as nossas coisas. Poderá trocar de roupa lá e começar o trabalho.

Olhei para a roupa que estava usando, sem saber que precisaria trocá-la. Tinha me vestido de acordo com a ocasião, um *jeans* básico e uma camisa polo preta, nada demais. Quando avisei a Elizabeth que não tinha levado nenhuma outra roupa, ela deu um sorrisinho.

—Para o banho e tosa nós temos um uniforme específico, porque você não vai querer sair na rua com sua roupa encharcada e toda suja.

— Sei — respondi, desconfiada. Que tipo de animal me esperava? O Godzilla? Não podia ser assim *tão* ruim.

Eu não imaginava que pudesse estar tão errada. Depois de entrar na sala do banho e tosa e me apresentar para Dylan, levei menos de dois minutos para descobrir que aquilo era o inferno.

A mulher, que aparentava ter uns trinta anos, estava começando a tosa de um *poodle* que provavelmente era parente próximo do Cujo, aquele cão do inferno. O animal pequenino se contorcia sob as mãos fortes dela e tentava arrancar algum pedaço de pele a todo custo. Dylan não se alterava, por mais trabalho que ele desse. Ela cantarolava a música que estava tocando na rádio e fazia caretas para o *poodle*, que não entendia nada.

—Bom dia —falei, enquanto observava. —Sou a Rosa, vou trabalhar aqui com você.

— Ah, Rosa! — Dylan virou a cabeça para trás e sorriu. — A Dra. Elizabeth me falou sobre você assim que cheguei. Seja bem-vinda! Vai ser ótimo ter alguma ajuda, porque não consigo dar conta de tudo.

— Imagino... — murmurei, evitando arregalar os olhos para Cujo, que agora me encarava com ódio. —No que eu posso ajudar por enquanto?

Dylan passou uma mão na testa, para afastar o cabelo e o *poodle* aproveitou o momento para tentar se soltar, mas a guia de contenção da mesa o segurou contra sua vontade. Ele rosnou e tentou morder a mão que ainda o segurava, mas a mulher foi mais rápida ao se esquivar.

—Thor! Menino feio! —ela brigou com ele, que não se importou. — Você hoje acordou de mau humor, não é?

Eu estava chocada. Durante meus estágios da faculdade, passei muito tempo em hospitais veterinários, seguindo e aprendendo com os profissionais.

Mas, geralmente, a maioria dos animais sentia medo quando entrava num consultório para ser examinado. Costumavam colocar o rabo entre as pernas — alguns o faziam no sentido literal — e se acalmavam. Até mesmo os mais raivosos acabavam sendo controlados pelos próprios donos.

Como ele, obviamente, não respondeu, ela voltou a atenção para mim. Dylan parecia engraçada e eu já sabia que nos daríamos bem. Ela tinha mais ou menos a minha altura, era gordinha, cheia de tatuagens coloridas espalhadas pela pele branca, usava óculos redondos e tinha cabelo preto com corte chanel, que estava preso por um lenço com um grande laço no alto da cabeça. Um ícone.

—Então —falou —tem um *golden retriever* que está marcado para daqui a dez minutos. Com certeza eu vou me atrasar com Thor porque hoje ele está terrível. Você poderia dar o banho no *golden* .

Um *golden retriever*, que ótimo. Muito gostoso, mas muito peludo. Sem falar no tamanho. Fiquei em dúvida se o banho seria dele ou meu. Pelo menos, quando o

cachorro chegou, abanando o rabo e distribuindo lambidas para todos os lados, eu vi que não precisaria me preocupar em perder algum dedo da mão. O máximo que poderia acontecer era ser soterrada pela montanha de pelos que ele soltava.

Muitas horas depois, o esmalte descascado, as cutículas destruídas de tanto *shampoo* e um quilo de pelos —dos que eu aspirei e engoli —no estômago, eu só conseguia pensar na minha cama me esperando em casa. Não estava acostumada com aquele tipo de trabalho. Por mais que eu fosse ocupada na *Ocean's King*, eu passava meu dia todo num escritório elegante, muito bem vestida, perfumada e maquiada, sentada na maior parte do tempo. Se salário dependesse apenas de esforço físico, eu deveria ganhar na clínica o triplo do que ganhava no escritório.

Estava entrando na sala de descanso para tirar o uniforme imundo — que era dois tamanhos maior que o meu — e vestir minha roupa, quando conheci aquele que deveria ser, provavelmente, o Dr. Parker. Ele vestiu o jaleco branco e se virou para sair no momento em que entrei.

O impacto foi grande porque o cara era bonito para cacete. Um negro de rosto quadrado, queixo largo, olhos cor de mel absurdamente desconcertantes e um corpo musculoso que deixava o jaleco apertado nos braços. Porra!

—Olá. —Franziu a testa e, então, pareceu se lembrar de algo. —Você é a Rosa!

Ele esticou a mão e eu a apertei, recebendo um sorriso de volta.

—A própria.

— Sou Parker. — Ele deu de ombros. — Ou apenas Eric. Como foi o seu dia? Dylan te enlouqueceu?

—Ela foi um amor. Quem me enlouqueceu foram os clientes.

O veterinário riu e soltou minha mão, dando uma conferida no meu visual que mais parecia ter saído do lixão. Fiquei imediatamente constrangida por estar tão feia e descabelada.

—Vou me trocar para ir embora —avisei, passando por ele em direção ao armário onde guardara minhas coisas.

—Seja bem-vinda e sinta-se em casa. —Parker me deu um aceno e saiu. Troquei minha roupa com pressa, doida para chegar em casa, e ao passar pela recepção, me despedi de Eleonor, que ainda esperava a recepcionista do turno da noite lhe render. Respirei profundamente ao chegar na rua, sentindo-me muito bem. Estava cansada sim, mas satisfeita com o local de trabalho e os funcionários que conheci.

Com exceção do problema financeiro que não dava para ignorar, eu nem sentia mais nenhum arrependimento por ter sido demitida. Detestava meu chefe e o sentimento era recíproco. Só me deixava chateada ter uma justa causa na carteira de trabalho, porque isso sim, era uma ofensa para todo o trabalho bem feito que eu sempre fiz.

Quando cheguei em casa, deixei a porta do apartamento aberta enquanto me agachava para falar com Guapo. Estava fazendo a minha voz tradicional de mãe babona quando Kiara abriu a porta do apartamento dela.

— Por onde você andou, sua louca? — perguntou, atravessando um metro de corredor para me encarar. — Você deixou todos nós preocupados! Onde estava?

— Eu pretendia contar hoje de manhã, mas você não estava em casa. — Encolhi os ombros, mas sorri. —Arrumei um emprego e hoje foi o primeiro dia. —O quê?

Com o queixo caído, Kiara me empurrou para dentro da minha casa e fechou a porta, arrastando-me até o sofá e me fazendo sentar. Sempre tão autoritária, mas eu amava.

— Que emprego? Como? Por que estou há meses tentando e você achou em... o que, um dia?

— Você trabalharia com banho e tosa? — Torci meus lábios, sabendo o quão fresca ela era. —Acho que não.

Então, desde que cheguei, ela olhou para mim de verdade. Olhou e fungou, que nem um cachorro faria. Kiara fez uma careta e olhou para Guapo, que estava sentado lambendo a pata.

— O seu cão está cheirando melhor que você — concluiu. — Sério que arranjou

emprego em pet shop?

— Numa clínica veterinária com pet shop. E é temporário, pretendo

conseguir a vaga de veterinária que está vazia.

Eu me joguei de costas no sofá, colocando os pés para cima e esticando as pernas. Meu Deus, parecia que tinham passado com um trator por cima de mim. Minha coluna latejava pela posição curvada que fiquei enquanto dava banho em cachorros muito pequenos. Não tinha um osso do meu corpo que não estivesse doendo.

— Para atualizar a madame, ontem de noite saí com Guapo à procura de uma clínica porque ele engoliu várias moedas. — Lancei um olhar para Guapo, que levantou a cabeça e me encarou. Parecia saber que era o assunto do momento. — Por coincidência, eles estavam precisando de alguém para trabalhar lá e foram muito simpáticos comigo.

—Mas é claro! —Kiara jogou as mãos para o alto. —Quem não adoraria ter uma veterinária formada na NYU trabalhando como tosadora?

—Na verdade, não faço tosa, só dou banho. —Mordi o lábio, sabendo que ela ia revirar os olhos.

—Pior ainda!

— Eu já falei que é temporário — resmunguei, tirando meus tênis e jogando-os no chão. —Estou confiante de que lá é meu lugar.

Gritei quando Guapo deu um pulo no sofá e caiu de pé sobre minha barriga, com todos os nove quilos dele. Começou a me cheirar, cheirar, enfiar a cara no meu pescoço, no cabelo, sentindo que eu estive com muitos outros cães e o traí. Por fim, ele me encarou e virou de costas, indo deitar na outra ponta do sofá.

— Bem, que seja. — Kiara deu de ombros. — O que importa é você se sentir bem, mesmo que tenha que ficar fedendo a cachorro molhado.

Ela foi saindo do meu apartamento, balançando a cabeça e resmungando algo sobre ser bom que ao menos uma de nós não seja despejada do prédio. Ela estava

quase fechando minha porta quando parou e estalou a língua.

—Já ia esquecendo. O bonitinho esteve aqui.

Quê?

Sentei-me no sofá, mas Kiara já tinha batido a porta. Corri até lá fora e entrei atrás dela em sua casa.

—Do que você está falando? —perguntei, histérica. —Quem esteve aqui? Christopher?

— Você está saindo com algum outro bonitinho e não me contou? — Seu olhar era de tédio.

—Desembucha, logo! Quando foi isso?

Ela olhou na direção das escadas e pareceu pensar. Eu sabia que matemática não era muito o seu forte, então talvez estivesse com dificuldade para calcular o horário.

—Ele tocou minha campainha e disse que não estava conseguindo notícias suas desde ontem de manhã. — Ela torceu os lábios. — Por que você está ignorando o cara? Brigou com ele?

—Não! —Mas eu não esperava que Christopher aparecesse. —Ele estava sozinho? Falou mais alguma coisa? Que horas ele veio?

—Sim, sozinho. Ele veio pulando de degrau a degrau e dançou a macarena na minha frente. Claro que não, né? Tinha um homem com ele, bem antipático. — Kiara cruzou os braços e fez um biquinho para mim. — Ele saiu daqui uns vinte minutos antes de você chegar e pediu para te entregar um presente.

Eu me senti muito mal por ter feito Christopher ter se despencado até lá, logo depois de chegar de viagem, cansado, só para dar com a cara na porta. Meu coração se apertou.

—Que presente? — perguntei.

— Não sei se você está merecendo ganhar... — Ela continuava de braços cruzados e agora batia com o pé no chão.

Eu a encarei, pensando se ainda tinha alguma força no corpo para segurar seu cabelo e arrastar Kiara pelo chão do corredor. Ela notou meu olhar assassino e entendeu que ia levar umas sacudidas, então abriu um sorriso.

—Mas o presente é seu, não é? Infelizmente.

Ela só precisou ir até a mesa da sala, pois lá estava uma sacola chique preta com o que devia ser o nome da loja do Japão e uma fita dourada adornando as alças. Nem esperei entrar em casa para abrir, fiz isso ali mesmo na sala de Kiara. De dentro da sacola, puxei alguma roupa envolta em papel seda e com um cheiro de rosas maravilhoso. Rasguei o papel e deixei a peça de roupa se desdobrar em meus dedos. Franzi a testa sem entender.

—Ai, que lindo! —Kiara de um gritinho. —É um kimono tradicional! Sorri, sentindo o cetim deslizar em minha pele. A roupa era preta com estampa floral em tons de vermelho, coral e azul. Não era aquele tipo de kimono longo, mas sim o modelo curtinho, que provavelmente daria para usar normalmente numa saída à noite. As mangas eram bem largas e a faixa da cintura era vermelha. Eu quis chorar por ele ter pensado em algo tão original. Peguei de novo a sacola e olhei do lado de dentro, mas não tinha nenhum cartão. Pressionei os lábios, me sentindo muito culpada.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês? — Kiara me conhecia muito bem para entender minha cara.

Suspirei, abraçando o presente e olhei para ela.

—Eu sou uma idiota. Só isso.



Encarei o celular e comecei a digitar, torcendo para que Christopher ainda quisesse falar comigo. Eu também estaria me odiando se tivesse sido ignorada nas últimas trinta e seis horas.

7:11 pm

Oi.

Kiara me contou que você esteve aqui e me entregou o presente. É lindo, obrigada!

Fiquei em dúvida se deveria escrever mais alguma coisa ou se esperava ele primeiro responder. Se respondesse. Deixei o celular sobre a cama e fui à cozinha pegar minha comida. Tinha aquecido no micro-ondas metade da lasanha congelada que abri na véspera.

Aproveitei para olhar o jornal onde Guapo fazia as suas necessidades, mas as moedas ainda não tinham saído. Quando voltei para a cama, a luz de mensagem estava piscando na parte superior da tela.

Peguei o celular, tensa com as palavras que podiam estar me esperando.
Christopher – 7:16 pm

Que bom que gostou, foi comprado com carinho.

Só isso. SÓ ISSO. Não tinha nenhuma piadinha, nenhum oi, nenhuma frase se fazendo de coitado para me sacanear. E essa objetividade foi mais dolorosa de ler do que se ele tivesse me xingado.

7:18 pm

Eu sei que foi!

Você fez boa viagem? Não imaginei que fosse aparecer aqui hoje... **Christopher – 7:19 pm**

Fiz sim.

Soube hoje à tarde da sua demissão e já removi a justa causa. Também posso mandar recontratá-la, se for do seu desejo.

Ele estava tão frio comigo! E talvez eu merecesse mesmo, mas quase beijei a tela do celular quando li sobre a justa causa. Eu não fazia ideia do tamanho do poder que Christopher possuía dentro da empresa, mas se ele conseguiu aquilo, eu ficaria em dívida eterna com ele.

7:21 pm

Obrigada! Muito, muito obrigada!

Não quero voltar, arranjei um novo emprego hoje. Obrigada, mesmo assim. Isso significa muito pra mim.

Christopher – 7:23 pm

Não foi motivo para demissão, muito menos para uma justa causa, não precisa agradecer.

Às ordens.

Algumas lágrimas escorreram pelo meu rosto. A frieza de Christopher estava me machucando mais do que eu previ. Funguei e deslizei meu dedo com desânimo pelas letras do teclado.

7:26 pm

Desculpa...

Christopher – 7:28 pm

Rosa...

Você lembra do motivo que falei para estar há um ano e meio sozinho? **7:29 pm**

Sim. Algo sobre não ter mais saco pra relacionamentos.

Christopher – 7:31 pm

Não tenho mais saco para dar o meu melhor e descobrir que não é o suficiente.

Já sou, normalmente, ignorado...

E foi exatamente o que eu fiz, quando podia muito bem ter respondido as mensagens ou ligações dele, dizendo que não queria conversar no momento.

7:32 pm

Posso te ligar?

Christopher – 7:40 pm

Se quiser conversar, o almoço amanhã ainda está de pé.

Ou seja, ele não queria falar comigo por telefone. Respirei fundo e tentei me controlar, porque o que eu queria mesmo era dar com a cabeça de Christopher na parede para deixar de ser teimoso. Tudo bem, eu errei um pouco, mas ele também não estava sendo muito compreensivo. Eu tinha motivos para me sentir confusa.

Depois de me acalmar e ter certeza que não seria grossa, respondi a ele. **7:57 pm**

Comecei hoje num emprego novo e fica longe da Ocean's King. Tenho medo de ir e acabar passando do meu horário.

Christopher – 8:00 pm

Tudo bem, eu entendo.

O que ele queria dizer com aquilo? Entende, mas não ia falar mais nada? Ia me ignorar para me dar o troco? Chutei minha coberta e joguei o travesseiro na parede. Guapo levantou a cabeça e me encarou, provavelmente me achando uma louca.

Eu queria matar Christopher. Mas tudo bem, ainda não estava preparada para perdê-lo. Mesmo que ele estivesse se esforçando para isso.

8:10 pm

Pode ser depois das cinco?

Christopher – 8:12 pm

Claro. Onde está trabalhando?

8:13 pm

Numa clínica veterinária. Chama-se Pets Life & Health. É bem legal lá!
Christopher – 8:15 pm

Até amanhã.

Cacete, ele estava um saco mesmo. Não respondi porque não era obrigada. Tinha que me preparar psicologicamente para o dia seguinte pois não fazia ideia de qual Christopher me esperava: o fofo e romântico ou o indiferente.

Naquela noite, fui dormir triste, com o coração apertado, e sonhei com o homem sorridente que girou sua cadeira de rodas que nem um louco e me chamou para um café. Eu queria aquele Christopher de volta.

∞

Fui trabalhar um pouco puta, pisando com força pela calçada para ver se liberava a raiva. Tudo porque acordei uma hora antes só para esperar que Guapo fizesse o cocô dele. Dez minutos observando enquanto ele rodava, rodava e rodava, uma mania que tinha para defecar. Ele abaixou, fez força, fez aquela cara de quem não sabia o que estava acontecendo e... nada das moedas. Eu não queria ter que

repetir o raio-x, mas acabaria sendo obrigada a gastar mais dinheiro. Será que funcionários da clínica ganhavam algum tipo de desconto?

Tentei dar o melhor de mim o dia todo, mas minha cabeça estava em outro lugar. Felizmente, não estava lidando com nada parecido com reservas ou pautas. Minha função limitava-se a passar *shampoo*, enxaguar, tirar a cera dos ouvidos e cortar unhas — essa última, não era qualquer um que podia fazer, mas como eu era veterinária, Elizabeth me liberou.

No final do expediente, não me senti tão cansada quanto na véspera, talvez por já ter ido preparada e sabendo o que me esperava. E, para minha felicidade, descobri que alguns donos, quando ficavam satisfeitos com o serviço feito — meu ou da Dylan —nos presenteavam com gorjetas. Uma senhora bem velhinha colocou uma nota de vinte dólares em meu bolso, quando entreguei o *chihuahua* dela, limpo e cheiroso.

Estava no banheiro, já de roupa trocada. Usava um vestido preto de alças finas, dois dedos acima do joelho, comportado e com um decote discreto. Passei uma maquiagem básica e borrifei bastante perfume para tirar o cheiro de cachorro.

Quando passei pela recepção, ouvi um assobio e olhei para trás. Parker estava com as duas sobrancelhas erguidas e me olhando com um sorriso no rosto.

—Nossa! Que transformação!

Eu me senti um pouco envergonhada, mas sorri em resposta, encolhendo um pouco os ombros. Alguns clientes que esperavam atendimento na recepção também estavam me observando. Dei boa noite e murmurei uma despedida para Parker antes de fugir da clínica.

Na calçada, parei para me situar e pensar em qual estação poderia pegar o metrô, mas um homem se aproximou de mim, vestindo um terno por baixo de um sobretudo chique. Recuei um passo, franzindo minha testa.

—Senhorita Martínez? —perguntou, para meu choque.

—Não sei — respondi, erguendo meu queixo e segurando minha bolsa. Já estava preparada para tacar na cabeça dele. —Por que quer saber?

— Estou aqui para levá-la até a *Ocean's King*. — O homem muito sério, tentou dar um sorriso mas não conseguiu. —Ordens do meu patrão.

Ah. Entendi tudo.

— Christopher? — perguntei, entediada. Quando o homem confirmou, eu suspirei e o segui para dentro de um sedã preto caro demais. —Ele deve pensar que eu não sei mais andar de metrô.

O homem não me respondeu quando abriu a porta traseira e esperou que eu me acomodasse, para depois fechá-la com cuidado. Ele deu a volta e se sentou ao volante, sem olhar ou falar comigo.

Se Christopher queria me impressionar, eu daria um sermão nele. Até entendia que ele era rico, mas devia gastar uma grana com esses excessos de carro particular. Ele dissera que o serviço de táxi executivo era pago pela empresa, mas eu duvidava que aquele carro em que eu estava sentada também era bancado pela *Ocean's King* .

Fizemos o trajeto em silêncio, enquanto esfregava minhas mãos no banco de couro para tentar secar o suor. Não pretendia entrar novamente naquele prédio tão cedo, ou melhor, nunca mais. E, lá estava eu, parando bem na porta.

Desci do carro e murmurei um agradecimento para o motorista. Ao pisar na calçada, outro homem surgiu, vestido de um jeito bem parecido com o primeiro. Adiferença era que esse usava um ponto de comunicação no ouvido, como se eu fosse algum político e estivesse jurada de morte. Que diabos era aquela merda toda?

— Estou sendo escoltada porque não posso mais perambular sozinha pela empresa? — perguntei, enquanto seguia o segurança. — Isso é ótimo! Já estou me sentindo muito à vontade!

Como passavam das seis horas, o prédio estava mais movimentado no saguão, com funcionários que deixavam o trabalho. Reconheci um ou dois rostos, mas não era ninguém com quem eu realmente falava. O segurança me

levou pelo corredor que ligava um prédio ao outro e, então, acessamos uma porta lateral, que eu descobri que dava para um elevador.

Nós entramos e o homem digitou uma senha no painel. Eu já não estava entendendo mais droga nenhuma e nem fiz questão de perguntar. Apenas observei o visor conforme os andares passavam por nós. Quinze, dezoito, vinte, vinte e três. Estávamos no último andar. Não sabia que Christopher estava tão bem posicionado. O filho da mãe era rico mesmo.

Quando o elevador abriu as portas, dei de cara com uma parede em mármore preto e as palavras *Ocean's King* em tamanho gigante, na cor dourada. Nunca estive ali, mas percebi que o pessoal gostava mesmo de uma opulência. — É só avisar a secretária — o segurança informou e permaneceu ali mesmo, grudado ao lado do elevador.

Caminhei pela direção indicada pelo homem, notando que o chão que eu pisava era totalmente acarpetado. Não estava me sentindo muito à vontade, parecia que eu estava perdida ou que tinha me confundido em alguma parte do meu caminho.

Tudo naquele andar parecia hostil. As paredes de mármore gritavam para mim que eu nunca saberia o que era realmente ganhar dinheiro. O teto era altíssimo e todo o ambiente era muito arejado, parecia que estávamos muito distantes do resto do mundo.

Ajeitei o vestido e passei as mãos pelo cabelo antes de parar diante de uma mesa que possuía o triplo do tamanho da minha. Sentada numa cadeira branca, havia uma mulher de aparência impecável, em seus quarenta e poucos anos, com cabelo todo preso num coque alto e uma maquiagem fortíssima. Eu nem me aproximei muito e já podia sentir o perfume francês. Não ousei estimar o salário dela.

—Oi —cumprimentei. —Tenho uma hora marcada com o Christopher.

Eu não tinha certeza se estava falando com a pessoa certa e, pela forma como ela me olhou, de testa franzida, achei mesmo que não.

—Com o Senhor King? —perguntou como se eu fosse uma idiota.

Quase me engasguei, imaginando a mulher entrando na sala do poderoso e informando que eu estava ali para falar com ele. Ela, no mínimo, levaria uma advertência.

— Hm. — Sorri sem vontade. — Não com *este* senhor. Com o Senhor Davis.

Petulante, ela arqueou uma sobrancelha para mim e tamborilou as unhas na mesa.

—Senhor Christopher *King* Davis. Creio ser o único.

—Quê? — Sorri.

Levou meio segundo para meu cérebro interpretar o comentário dela e achei que estava hiperventilando. Minha garganta se fechou quando lembrei de Christopher assinando o nome completo num dos nossos primeiros e-mails trocados. Ele abreviara o sobrenome King e eu nem me toquei. Pior, eu nem sequer lembrava mais disso. Para mim, ele era sempre Christopher Davis. Parecia que um buraco negro tinha sido aberto sob meus pés e, de repente, senti vontade de dar a volta e entrar de novo no elevador. Ele mentira. Ele mentiu para mim. Todo aquele tempo.

—Ele a aguarda —a mulher avisou, impaciente. —Pode me acompanhar? Podia? O frio na minha barriga só crescia e minhas pernas não queriam obedecer. Amulher se levantou e parou ao meu lado, talvez para me incentivar a começar a andar.

Queria muito ir embora, mas também, mais do que nunca, queria olhar para o verdadeiro Christopher e escutar a desculpa esfarrapada que ele tinha para dizer. Portanto, balancei a cabeça e deixei que ela me guiasse pelo corredor largo e comprido, ladeado apenas por mármore negro e quadros de arte abstrata que valiam mais que meu prédio.

Lá no final do corredor, portas duplas que iam até o teto e possuíam puxadores mais altos que eu. Fiquei imaginando se ela tinha força para empurrar aquela coisa monstruosa, mas então, apertou um botão de um pequeno controle que eu não tinha notado em sua mão, e as portas duplas se abriram.

Christopher estava do outro lado, de frente para mim, sentado em sua cadeira. Meu coração traiçoeiro se descompensou e, se dependesse desse músculo inútil, eu teria me jogado nos braços dele. Lindo como sempre.

— Obrigado, Megan — disse ele, sorrindo para a mulher. — Não precisa ficar. Boa noite.

—Bom final de semana, Senhor King.

Senhor King. Meu estômago embrulhou. Ela nos deixou a sós e ele me encarou. Eu ainda estava do lado de fora, travada no mesmo lugar, um pouco antes de cruzar a soleira da porta.

— Achei que fosse melhor se eu puxasse o *band-aid* de uma vez — falou, andando de costas com a cadeira. —Entre, Rosa. Por favor.

Eu não sabia como estava a minha cara e esperava não parecer desesperada. Mas, já estava ali e decidi entrar. Christopher mexeu a mão, que também segurava um objeto parecido com o da secretária e a porta se fechou atrás de mim.

—Senhor King, então? —murmurei, tentando não explodir de raiva.

—O pacote inteiro. —Ele dirigiu a cadeira até um ambiente com sofás de couro e me indicou um lugar. —Você deve ter algumas perguntas.

Algumas? Umedeci meus lábios, o coração martelando dentro do peito, tão revoltado quanto sua dona. Acontragosto, aproximei-me de Christopher para me sentar, mas acabei permanecendo em pé. Olhei em volta, observando os detalhes luxuosos do escritório. Tinha um lustre de cristal no meio do teto.

—Foi divertido me enganar esse tempo todo? —perguntei, observando um vaso que devia ser de cristal, sobre uma mesinha espelhada.

— Eu não menti para você, Rosa. Eu omiti uma informação e você me influenciou a isso. Naquele dia no café, quando começou a reclamar dos figurões, não me senti tão incentivado a contar a verdade. Você parecia ter algum problema com homens ricos. Mas te dei vários sinais, para descobrir por conta própria.

Eu olhei para ele, nos olhos dele. Ali, naquela sala, ele não tinha semelhança nenhuma com o homem que se sentou no meu sofá velho. Cerrei meus punhos.

— E nos outros dias? E lá em casa? Você também não se sentiu incentivado? Tinha que primeiro confirmar se eu era ou não alguma interesseira? —Não distorça as coisas.

—Não estou distorcendo! —O sangue ferveu e eu parti para cima dele. — Você teve muitas chances pra contar, Christopher.

Ele esticou as mãos quando as minhas tocaram seu peito, dando tapas sem me importar se iria machucá-lo. Era bom mesmo que isso acontecesse.

— Você tem ideia de como estou me sentindo idiota? — gritei, empurrando-o. Por fim, ele conseguiu fechar uma mão ao redor do meu pulso direito.

Puxei meu braço e consegui me soltar. Christopher também não impôs muita força. Meu peito ardia e estava sem palavras, não conseguia brigar direito porque começava a sentir vontade de chorar. Durante o tempo todo, ficava encantada com a sinceridade dele, com a forma como sempre se abria comigo. Ele era o dono da droga da empresa para a qual eu trabalhava e achou que não fosse importante compartilhar a informação. Ou não confiou em mim.

Girei na sala e me encaminhei para a porta fechada.

—Me deixa sair — pedi.

— Eu gostaria que você se acalmasse para podermos conversar. — Ele estava tranquilo, como sempre.

— Vamos conversar quando eu me sentir mais disposta. — De costas para ele, pressionei os lábios, engolindo o choro.

As portas foram abertas e eu marchei adiante, procurando respirar e contar até dez. Meus olhos ardiam e meus joelhos tremiam, mas não parei até chegar ao elevador por onde tinha subido. O segurança ainda estava lá e me encarou sem

entender. Devia achar que àquela altura eu estava me enrolando no sofá com o patrão.

—Quero descer — avisei.

Ele inclinou a cabeça, olhando para o chão. Provavelmente, recebia alguma ordem de Christopher pelo aparelho no ouvido. Tive vontade de arrancar aquilo e pisar em cima.

O homem acionou o botão do elevador, que já estava parado no andar. Ele deu um passo para o lado, de forma que eu pudesse entrar. Meus lábios tremeram.

Ergui meu queixo e girei sobre os calcanhares, fazendo a droga do caminho de novo pelo corredor. O que estava acontecendo comigo? Por que eu não conseguia ser uma pessoa mais objetiva, do tipo que quando decide uma coisa, decide e pronto?

Encontrei as portas duplas novamente fechadas. Apoiei minhas mãos na madeira e bati com força, quase caindo de cara no carpete quando elas se abriram. Catei meu orgulho de novo e entrei na sala dele.

— Os táxis nunca foram realmente táxis, não é? — Cruzei meus braços e parei a uns bons metros de distância. — Também passei vergonha com você naquela reunião.

— Todos os homens que você já conheceu, são seguranças. Alguns, também são motoristas. —Ele levou a cadeira até uma parede perto dos sofás e apertou alguma coisa que não consegui enxergar. Aparede se tornou uma porta e revelou uma adega. Claro. Típico. —Quer beber alguma coisa?

— Não.

Christopher pegou um copo só e puxou uma garrafa de *whisky*. Encheu dois dedos do copo e tomou um gole.

— Cadê o homem que não ingere álcool? — perguntei. — Era mentira também?

— Eu nunca te contei uma mentira, Rosa. Escondi essa informação sobre meu trabalho, mas nunca falei algo que não fosse sincero. Se você continuar na defensiva, será impossível termos uma conversa. Vou tomar uma dose porque estou tenso.

Christopher olhava fixamente para mim, com o copo na mão e uma expressão desolada. Respirei fundo e virei o rosto, encarando a parede em vidro à minha

frente. Caminhei até lá, observando a cidade de Nova York começar a se acender. A vista era exuberante, mas me fazia sentir deslocada. Passei os braços ao redor do meu corpo, de repente sentindo um pouco de frio. O cara por quem eu me apaixonei era de um mundo completamente diferente do meu.

Um movimento atrás de mim chamou minha atenção e me virei.

Christopher tinha se aproximado e estendia o paletó para mim. Eu o peguei só para não deixá-lo sem graça e passei em volta dos meus ombros.

— Obrigada.

Ele virou a cadeira para ficar de frente para a paisagem.

—Eu queria muito que você tivesse descoberto sozinha, deixei rastros, mas você parecia se esforçar para não ver. No domingo, na sua casa, decidi que não queria mais alongar essa confusão, tanto que a convidei para almoçar na segunda.

—E por que não me contou no domingo?

Ele fez barulho ao respirar e se movimentou, virando-se de frente para mim. — Porque eu sabia como você ia reagir, Rosa. — Ele encolheu os ombros.

—Não quis estragar o domingo. Havia muito tempo que não me sentia daquela forma. E você precisa concordar que tudo aconteceu de forma muito intensa. Talvez você não perceba, mas só nos conhecemos há pouco mais de uma semana.

Fiquei calada, observando a noite que caía do lado de fora. Tinha medo de me aproximar muito do vidro de forma que conseguisse ver a rua bem abaixo de nós, então mantive meus olhos fixos nos demais arranha-céus à nossa volta. Sentia as lágrimas se acumulando.

—Por que me chamar até aqui pra contar?

— Porque eu precisava esclarecer logo isso, de uma vez por todas. Não faria isso por mensagem ou telefone. Além do mais, se eu iria contar, preferia que você visse com seus olhos. Essa é a minha vida.

Ele girou a cadeira e andou em direção a uma grande foto emoldurada, pendurada na parede ao lado da mesa de mármore negro.

— Meu avô fundou essa empresa quando meu pai ainda era criança. — Então, imaginei que a foto fosse do avô e o pai era o garotinho vestido como um príncipe, usando gravata borboleta. — Começou como um único andar num prédio de quinta categoria de uma rua bem menos valorizada. Meu avô morreu antes de ver a *Ocean's King* se transformar num império, mas ele sonhou grande pela família. Eu sou formado em Direito, não pretendia ter nada a ver com a empresa porque simplesmente achava que não tinha nascido para a vida empresarial. Quando meu pai faleceu, precisei escolher entre vender aquilo que fazia parte do nosso passado ou assumir a presidência.

Desviei os olhos do quadro para Christopher quando ele se virou para me olhar. Havia uma distância de uns quatro metros entre nós, mas os olhos azuis me perfuravam tanto quanto se estivessem a um centímetro de distância.

— Eu não sou o predador que você acha que devo ser, mas eu me orgulho dessa empresa, do trabalho feito aqui. Do meu nome, do meu legado. E é algo

que, um dia, pretendo passar para meu filho. —Ele olhou para as pernas. — Se vier a ter algum.

—Eu não... —Precisei calar a boca porque senti meus lábios tremerem e ia cair no choro. O discurso dele não ajudou muito, deixando meu coração apertado e meu cérebro me mandando beijá-lo logo.

A cadeira deslizou para mais além, até parar diante de um aparador onde duas muletas repousavam. Ele as pegou e apoiou no colo, enquanto voltava até onde eu estava.

—Eu não tinha obrigação de contar isso no primeiro dia, no elevador. Nem conheço e nunca falei com todos os funcionários que trabalham pra mim. No café sim, pensei em contar. Mas estava tentando conquistar uma mulher que deixou claro detestar pessoas como eu. — Ele suspirou e parou bem perto, passando as mãos pelo cabelo. — No sábado, você ficou bem chateada com o que aconteceu no restaurante. Eu não podia revelar algo que a estressaria ainda mais.

Christopher apoiou as muletas no chão e passou os braços por dentro delas. Ele deu impulso para frente e se equilibrou aos poucos até levantar totalmente. — Domingo não tive um pingo de coragem pra contar por que você estava maravilhosa e eu tive medo de perder tudo aquilo. Depois eu viajei e... — Ele estava de pé diante de mim, a um braço de distância. Graças aos meus saltos, eu não precisava inclinar tanto a cabeça para olhá-lo. — Foi horrível não ter notícias suas, justo quando eu sabia que sua situação aqui não estava muito boa. E então, descubro que você tinha sido demitida através da sua amiga Kiara. Senti-me um lixo, porque a garota de quem eu gostava tinha sido demitida da minha empresa, por justa causa e eu não estava aqui para intervir, pra ajudar em alguma coisa. Mas o pior de tudo foi o seu silêncio. Porque eu imaginava que você estivesse mal, mas não entendia por que não podia sequer me responder. Tive um vislumbre de um tremor que passou pelos antebraços dele. Há quanto tempo Christopher estava de pé? E quanto ele aguentava?

— Eu não posso obrigá-la a aceitar minha versão. — Ele deu um sorriso rápido. —Mas gostaria que você digerisse tudo com calma e não se precipitasse. —Você não precisa se sentar? —perguntei, nervosa com os tremores dele. —Estou bem.

Não parecia. Ele deu um beijo no meu rosto e me olhou bem de perto, aquelas íris brilhando para mim.

— Posso fazer um desvio e deixá-la em casa. — O maxilar ficou muito marcado quando Christopher, dando uma de louco, soltou uma das muletas para se equilibrar apenas na outra. Todo o esforço para me puxar pela cintura e me colar ao corpo dele. Fechei os olhos, ciente da fragilidade dos nossos corpos em

pé. — Ou você pode ir pra minha casa e usarmos essa noite para nos entendermos.

Ele me soltou, de repente, e enfiou o braço rapidamente por dentro da muleta. Eu me apressei e puxei a cadeira a tempo, para evitar que ele caísse no chão. Meu coração estava acelerado e minhas mãos ficaram trêmulas enquanto eu pegava as muletas das quais ele se livrava.

—Não faça mais isso — pedi.

Ele meneou a cabeça e deslizou as mãos pelas pernas, olhando pelo vidro lá para fora. Em seguida, foi até sua mesa e apertou um aparelho que parecia um

telefone.

—Estou saindo, prepare o carro. Antes, vamos deixar a Senhorita Martínez em casa.

Christopher gesticulou para que eu fosse na frente. Olhei em volta mais uma vez e me direcionei à saída, ciente de que ele vinha logo atrás. Esperei enquanto apagava as luzes do escritório e fechava a porta, até se juntar a mim e caminharmos pelo corredor luxuoso.

— Por que você estava tão frio ontem à noite? — perguntei, conforme nos aproximávamos das grandes letras douradas na parede.

—Você não me respondia, sequer atendia as ligações. Eu não sabia se você estava triste, se estava apenas ocupada ou se tinha decidido que isso entre nós não valia à pena.

—Mas então eu te procurei. Te mandei mensagem.

— A mensagem foi pra agradecer o presente. E não foi nenhuma Miss Simpatia, foi?

Entramos no elevador junto com o segurança e me senti abafada com todo aquele silêncio. O homem parecia ser pago para não se meter na vida alheia. Ele sequer olhava para Christopher por mais de cinco segundos.

Ao chegarmos no térreo, caminhamos até a entrada e me surpreendi com todo o esquema do lado de fora, com os seguranças que esperavam pela aparição do patrão. Para ele, parecia uma situação rotineira.

Observei Christopher ao meu lado no carro, tranquilo, mas com o olhar perdido em alguma coisa do lado de fora.

—Você já foi assaltado pra andar com tantos seguranças?

— Só uso isso tudo para chegar e sair da empresa. E sim, já sofri algumas tentativas de sequestro. Cá entre nós, até uma criança teria sucesso em me ferir.
— E naquelas vezes em que andamos na rua? — perguntei, tentando entender por que ele abriu mão da segurança nas duas ocasiões. — Era tão importante

assim manter tudo em segredo pra mim?

— Rosa, a única vez em que escondi meus seguranças de você, foi no dia

em que você mesma me encontrou no saguão da empresa. Lembra? — Ele levantou uma sobrancelha. — Quando você achou estar me salvando, eu estava discutindo com um ex-funcionário da *Ocean's King*, que me abordou tentando conseguir emprego de novo. Eu não estava sem carona, apenas mandei que todos fossem circular para ter um tempo contigo. No dia em que nos conhecemos, eu estava usando aquele elevador porque o meu particular tinha entrado em manutenção.

Christopher apoiou a cabeça no encosto do banco e me fitou por alguns segundos.

— Não ando com seguranças na rua, nem fico exibindo meu dinheiro. Eu me dou ao luxo de ter tudo que quero em minha casa e o melhor para a empresa. Aliás, nem saio tanto. A noite em que fomos ao restaurante japonês foi a primeira vez em dois ou três meses que saí de casa sem ser para o trabalho.

Eu me senti ainda pior por não ter feito a reserva no Vandal. Se Christopher tivesse voltado para casa, teria sido um péssimo dia para ele.

— Como é o novo emprego? — ele perguntou, com certeza louco para mudar de assunto.

— É no banho e tosa de uma clínica veterinária. — Encolhi os ombros. — Sei que não é nada tão importante, mas acho que posso ser promovida depois. E ajuda a sobreviver.

—Você passa o dia ganhando lambidas e abraçando um monte de bolas de pelo? — Ele riu. — Provavelmente será mais feliz lá do que trabalhando pra mim.

Para ele. Pensando por aquele ângulo, eu não queria mesmo voltar para a *Ocean's King*. Nem se Evan Mitchell me pedisse perdão de joelhos. Não queria trabalhar para Christopher. Estar na folha de pagamentos dele. Fazia eu me sentir estranha.

Aos poucos eu notava que estávamos nos aproximando de minha casa. Só

percebi que tínhamos entrado no Brooklyn quando passamos na frente do meu atual emprego. Virei-me de frente para Christopher, pois era muito importante fazer mais uma pergunta.

— Aquele Christopher de antes, o piadista e descontraído... — Pressionei meus lábios. —Era uma máscara? Um fingimento, talvez?

Choque foi o que passou pelos olhos dele e Christopher franziu a testa. — Sempre fui eu mesmo com você, Rosa.

—E por que você está tão diferente?

— Estou triste, só isso. — Ele passou uma mão pela testa e suspirou. Parecia exausto e lembrei que ainda devia estar sentindo os efeitos do fuso horário. — Desanimado. Queria que tivesse dado certo conosco e as coisas... só

foram por ladeira abaixo. Sei que minha viagem veio num péssimo momento.

O carro parou na porta do meu prédio e o segurança sentado no banco do carona saiu para abrir minha porta. Christopher segurou minha mão e deslizou o polegar pela minha palma.

— Podemos tentar um encontro qualquer dia? Se ainda tiver interesse, claro. — O movimento do peito dele subindo e descendo durante uma respiração pesada ficou bem nítido. —Você decide o dia e o local. Ou, se não for mais isso que você quer, gostaria de ser, pelo menos, seu amigo.

Achava que ele já tinha sido torturado com minha indiferença tempo demais. Em nenhum momento eu tinha decidido parar de vê-lo ou de sair com ele. Sim, estava muito puta e ia demorar a aceitar completamente aquela enganação. Mas eu gostava *mesmo* dele. Estava apaixonada por aquele riquinho filho da mãe.

— Se você preferir nós podemos ficar só na amizade. Mas, eu estava pensando em ir pra sua casa —falei, franzindo meus lábios. —Só ia lá em cima pegar algumas roupas.

A expressão dele mudou por completo. Primeiro, ficou em choque, seguido por uma surpresa assombrosa e terminou com um dos seus sorrisos arrasadores. — Você já reparou que, às vezes, fala demais? — perguntei.

Ele fechou os olhos e seu corpo se sacudiu com uma risada. Depois, levou minha mão que ainda segurava, até a boca e beijou meus dedos.

—Vá buscar suas coisas, Rosa.

—E o meu cachorro — avisei antes de me soltar dele. — Guapo está com um... probleminha e não posso deixá-lo sozinho.

—Traga tudo que quiser. —Ele sorriu.



—Luzes —Christopher disse e os vários *spots* espalhados pelas sancas do teto iluminaram o ambiente.

Tive medo de dar um passo à frente e macular qualquer centímetro do chão daquele apartamento. Se é que eu podia chamar a cobertura de Christopher de apartamento. Apalavra não fazia jus ao que eu estava vendo.

Não me surpreendi pelo prédio estar situado na nobríssima *Park Avenue* ou pelo elevador só se movimentar com a senha pessoal do apartamento em questão — um por andar, diga-se de passagem.

Eu via coisas como aquela em filmes, mas não imaginava que um dia fosse colocar meus pés num lugar parecido. Só o pé direito do imóvel devia ter pouco mais de três metros. As salas — sim, mais de uma — amplas demais, possuíam decoração minimalista, ao contrário do meu apartamento que tinha um monte de móvel entulhado e mal sobrava espaço para andar.

Adecoração era *clean*, composta por móveis que mesclavam tons de bege e

branco. Christopher se importava com detalhes. Como a manta de pelo branca jogada casualmente sobre o braço de um sofá. Eram dois jogos em tecido marfim estavam dispostos um de frente para o outro ao lado de uma lareira gigante.

Ele gostava de quadros também e alguns eram tão grandes que quase iam do teto ao chão. Amaioria com artes horrorosas que eu não entendia e nem fazia questão, pois não pagaria dez dólares por um troço daquele.

— Não precisa ficar aí parada — disse ele, olhando-me como se estivesse se divertindo. Guapo se contorceu para descer do meu colo.

Como, em nome de Deus, eu poderia soltar o abestado do meu cachorro naquele lugar? O sofá ficaria imundo em pouco tempo e, minha nossa senhora, mas Guapo não gostava muito de ver panos pendurados sobre o sofá. Ele costumava achar que era um desafio.

— Rosa? — Christopher arqueou uma sobrancelha e mexi meus pés. Em algum momento eu precisaria entrar.

— Hum... — Afaguei a cabeça de Guapo. — Numa escala de um a dez, quanto você preza pelos seus sofás?

—Pode soltá-lo. —Ele deu de ombros e olhou em volta para a sua sala. — Talvez seja bom ter um pouco de bagunça nessa casa.

Coloquei Guapo no chão e tirei a coleira dele. O curioso saiu correndo pelo apartamento e foi logo cheirar os pés de todos os móveis. Ele costumava ser um cachorro educado com suas necessidades e eu esperava fortemente que Guapo não levantasse a perna para mijar na parede de Christopher.

Coloquei minhas bolsas sobre uma mesinha baixa com formato propositalmente irregular, de alguma pedra escura que eu não tinha certeza se era mármore. Eu tinha levado minha bolsa com pertences pessoais, uma bolsa plástica com as roupas que usaria no final de semana e mais uma com coisas do Guapo: potinho com ração, algumas folhas de jornal para as necessidades fisiológicas e uns brinquedinhos que ele amava.

— Seu apartamento é lindo — disse, enquanto abria as folhas de jornal e procurava um lugar para colocá-las. Aquele chão marfim polido como um

espelho nunca deve ter visto um jornal na vida. —Você tem muito bom gosto. — Obrigado. — Ele sorriu — O mérito é, em maior parte, da minha decoradora. Eu só opinei em algumas peças que realmente uso.

Claro que ele tinha decoradora. Qual o rico que não tinha?

—Ela escolheu esses quadros? —perguntei, curiosa.

—Não, isso é um gosto pessoal. —Ele sorriu com orgulho.

Eu sorri também, mas era uma puta de uma falsidade. Os quadros eram horríveis, pelo amor de Deus! Olhei para o mais próximo da lareira, com um fundo cinza feio e várias flores pretas idênticas — e tortas — que pareciam ter sido pintadas por um camelo. E com a pata.

— São muito... originais — menti, apontando para a coisa feia. — Esse é espetacular!

Christopher me observou e eu não tinha certeza se ele estava acreditando. — Você odiou.

—Com muita força. —Encolhi os ombros.

Christopher riu e me levou para conhecer o resto de sua humilde residência.

Uma música tranquila, com uma pegada *soul*, saía baixinho pelos alto- falantes embutidos nas paredes enquanto a gente jantava. Christopher tinha mesmo cozinhado para mim — ainda não era o *brownie* — e eu fiquei impressionada como a cozinha era toda adaptada para a altura dele. Por falar em cozinha, eu poderia passar o resto da minha vida naquele ambiente com piso bege marmorizado, forno e fogão embutidos e armários brancos com detalhes espelhados que iam de uma parede a outra. A janela larga e alta era recuada e encostada ao vidro havia uma bancada do mesmo revestimento que o piso. Banquetas de metal possibilitavam que alguém tomasse café da manhã enquanto observava aquela vista magnífica do trigésimo andar.

Nós tínhamos ido para a sala de jantar e eu degustava do filé de peixe ao molho de uvas que ele preparara para nós dois. Acada garfada, uma explosão de sabores em minha boca. Bonito, rico, inteligente, romântico e cozinhava bem. O homem

era perfeito para mim.

— Com a discussão lá na empresa, não tive oportunidade de dizer isso antes. — Seus olhos azuis passearam pelo meu corpo. — Mas você está ainda mais linda hoje.

— Obrigada. — Sorri, segurando minha taça com vinho branco. Christopher não estava me acompanhando na bebida por causa da dose de *whisky* que tomou no escritório. —Então, você mora aqui há muito tempo?

— Neste prédio há três anos, a construção é nova. Antes, morava num quarteirão acima. De qualquer forma, desde que assumi a empresa passei a morar aqui no *Upper East Side* .

Espetei uma uva com o garfo enquanto encarava as janelas diante da mesa de jantar, parcialmente fechadas com cortinas pesadas.

— Você disse que não sai muito, mas o que costuma fazer de bom aqui dentro?

— Eu leio bastante e sou viciado em filmes. Também recebo amigos todas as terças. —Ele sorriu. —Nossa noite de jogo. Faço meus exercícios duas vezes por semana com meu personal, tenho minhas sessões de fisioterapia e quando sobra tempo, também pratico *crossfit*. Trago trabalho pra casa de vez em quando... — Ele encolheu os ombros. —Mantenho-me ocupado, sempre tenho o que fazer.

—*Crossfit*? — Eu não queria parecer uma ignorante total no assunto, mas foi impossível não ficar surpresa com aquela informação. Eu achava que nem tinha disposição para fazer crossfit, agora conhecia um cadeirante que era mais ativo do que eu. Que vergonha, Rosa.

— É bem legal — Christopher respondeu e piscou, todo *sexy*. — Precisamos manter esse corpinho enxuto.

Ele repousou os talheres no prato vazio e se aproximou da minha cadeira, encostando o braço no meu.

—Tem muito tempo que não faço uma coisa que é a melhor de todas. —Sexo — declarei.

Ele riu.

—Eu sabia que você diria isso. Mas não. —O Gato Motorizado me olhou com uma expressão divertida. — Ficar o dia todo sem fazer nada, ao lado de alguém que a gente gosta.

Torci a boca, concordando mais ou menos com a visão oferecida por ele.

—Se eu tivesse o seu dinheiro, ficaria sem fazer nada em Paris, em Milão... — Quer jantar em Paris amanhã?

Engasguei-me com o vinho e quase cuspi o líquido sobre a mesa. Eu nem passaporte tinha e o maluco falava aquilo com a maior naturalidade. Muito normal mesmo, dar um pulo em Paris só para jantar uma comidinha diferente.

— Não sou tão exigente assim. Você pode cozinhar de novo algo delicioso e já estarei satisfeita —falei, engolindo o último pedaço de peixe.

Christopher beijou meu ombro e descansou o queixo no local, enquanto me observava tomar o restinho do vinho. Queria encher a taça novamente, mas fiquei sem graça por ser a única a beber. Tomando coragem, levantei-me da mesa para recolher as coisas, mas ele segurou minha mão.

—Deixe tudo aí. Amanhã tem quem arrume isso.

— Eu não me importo de arrumar — avisei, mas Christopher envolveu minha cintura com um braço e me puxou para o colo dele. Soltei um gritinho de surpresa, mas acabei rindo conforme ele se movia comigo. —Não é porque você está numa cadeira de rodas que esse tipo de situação não pode se configurar como assédio!

—Me processa.

—Ai! —O filho da mãe mordeu meu ombro. Com força!

Quando passamos por uma das salas, fingi não ter visto Guapo enroscado no chão com a manta branca que ficava em cima do sofá. Ele levantou a cabeça para me olhar e voltou a deitar quando se certificou de que sua dona não estava sendo realmente atacada. Traidor!

—Onde você comprou aquela manta de pelos? — perguntei.

—Não lembro.

Que pena. Não poderia nem substituir a nova pela velha.

Christopher entrou comigo no quarto de hóspedes —um dos cinco quartos da cobertura linear — que tinha oferecido para eu usar enquanto estivesse ali e

parou aos pés da cama. Olhei para o jornal de Guapo, que coloquei num cantinho ao lado da porta do banheiro e... nada! O filho da mãe tinha decidido fechar aquele cu.

Antes de jantarmos, eu tinha levado minhas bolsas para lá e já desarrumara um pouco os lençóis e as cobertas. Sim, no plural, porque tinha camadas e mais camadas de roupa de cama. Até então, eu achava que só existia o lençol do colchão e aquele que usávamos para cobrir o corpo.

—Vou deixá-la sozinha porque tomarei um banho, mas sinta-se à vontade. — Levantei-me do colo dele e ajeitei o vestido que tinha subido um pouco. — Pode andar por aí, explorar o apartamento. Também fique à vontade se quiser ir até meu quarto, ficar nua, deitar-se na cama... Enfim, qualquer coisa.

— É só isso que você quer? — Eu o encarei com um desafio velado. — O senhor deseja mais alguma coisa?

Christopher saiu rindo e eu aproveitei para tomar um banho rápido, afinal, o perfume não ia disfarçar o cheiro de pet shop para sempre. Enquanto me ensaboava, admirei os detalhes da decoração do banheiro, mais feminina que o restante da casa. Esperava que aquela suíte não fosse reservado para as mulheres, mesmo que poucas, que ele costumasse levar ali. Eu já me sentia um pouco ciumenta.

Quinze minutos depois, enrolada num roupão mais macio que um urso panda, abri minha bolsa com as roupas e pensei no que vestir. O conjunto branco com cinta liga me encarou, mas ainda não estávamos em clima para que eu o usasse. Aquele conflito, mesmo que já resolvido, pareceu jogar um pouco de água sobre a fogueira que estava acesa entre nós.

Optei por vestir um *baby-doll* de seda preta que também tinha lá o seu encanto. Tirei a maquiagem, passei meu hidratante, escovei os dentes e fui para o quarto de Christopher.

Puta que pariu, ele tinha um teto espelhado sobre a cama.

Fiquei alguns segundos com os olhos grudados no teto, que possibilitava qualquer um ter uma visão completa da cama master-queen-king. Confesso que eu não era nem um pouco puritana e já tive minhas cotas de posições sexuais diferentes, mas era a primeira vez que eu transaria — sou otimista, já pensando no futuro —e teria minha bunda refletida num espelho. Que momento tenso! Olhei em volta, mas não vi Christopher. Pelo barulho que vinha do banheiro, ele ainda devia estar no banho. Caminhei pelo quarto com decoração minimalista, acompanhando os mesmos tons claros do restante da casa e puxei um lado da cortina com o dedo, conferindo o visual do lado de fora daquelas janelas. Devia ser demais dormir com todas as cortinas abertas e a vista da cidade iluminada.

Descobri a entrada para o *closet* dele e não resisti à curiosidade de dar só uma espiadinha. E aí, quando entrei, quase caí para trás. Christopher era um impostor se fingindo de organizadinho. A impressão era que um furacão havia passado ali e espalhara roupas, meias e sapatos para todos os lados. Tapei a boca para evitar soltar uma gargalhada, chocada demais com aquele segredinho dele. — Christopher! —chamei do quarto, sem querer invadir a privacidade dele

no banheiro. —Posso usar seu computador?

— Claro!

Subi na cama maravilhosa e peguei o MackBook que estava sobre o travesseiro. Abri o navegador e meus dedos pairaram sobre o teclado, com uma coceirinha danada de vontade para digitar o nome de Christopher no Google. Será que eu encontraria muitas fotos?

Não me controlei e comecei a pesquisá-lo. As fotos que mais se repetiram eram em grande parte, de eventos empresariais em que ele participara. Sempre lindo e muito elegante, mas quase tive um orgasmo com algumas fotos dele dentro de um *smoking*. O cara era absurdamente gato. Eu precisava fazer outra pesquisa quando estivesse com meu *notebook*, assim poderia criar uma pasta dedicada a

ele e ficar admirando em meus momentos de solidão — isso, claro, mostrar para todas as coleguinhas recalcadas que eu tinha.

Por um instante fui tola, achando que Christopher teria fotos de noitadas vazadas na internet. Como a gente sempre esperava ver em casos de homens muito ricos e muito jovens. Mas ele sempre me surpreendia. Era certinho demais.

Percebi que o barulho do chuveiro tinha cessado. Fechei a aba das fotos e comecei a ler alguns artigos sobre a *Ocean's King*, vendo tudo que a empresa tinha conquistado. Queria conhecer mais da vida dele sem ter que ficar enchendo-o de perguntas. Li um pouco também sobre a forma como ele administrava a empresa, sobre a vida dele e... Franzi a testa e cliquei num link que apareceu.

— Por que você está na minha cama e não está nua? — perguntou, saindo do banheiro e esfregando uma toalha no cabelo úmido. —Eu não me fiz levar a sério?

—Por que você está na lista Forbes dos 30 maiores bilionários americanos? — perguntei, com a voz mais esganiçada do que eu gostaria. — Você é bilionário, Christopher? Bilionário?

Ele deu de ombros como se eu tivesse descoberto sua comida favorita. Ofeguei, olhando de novo para a tela do computador. Eu não era muito boa em economia, mas a fortuna de dois dígitos dele era maior que o PIB de alguns países sul-americanos.

— Por que isso a incomoda tanto? — ele perguntou, aproximando-se da cama. —Você tem uma séria aversão a dinheiro.

— Não tenho aversão, só que não estou acostumada com isso. Rico, ok. Mas nunca conheci um milionário. Quem dirá um bilionário. O que vocês comem, como respiram, sabe? Parece surreal. — Repousei o *notebook* no travesseiro e olhei para ele, puxando meu cabelo para o lado. — Você comprou um presente pra mim. Mas se eu quisesse comprar algo pra você, nem saberia o que dar. Existe algo que você não posso comprar?

—Não posso comprar uma coluna nova. Já tentei.

Revirei meus olhos e me sentei na beira da cama. Nossos joelhos se tocaram quando ele se aproximou mais de mim.

— Agora eu entendo o que você quis dizer sobre a sua ex que era interesseira. — Eu me inclinei e segurei os braços dele ao encará-lo com bastante seriedade. — Espero que você saiba que eu não estou atrás do seu dinheiro. Quando te conheci eu sequer sabia em qual departamento você trabalhava.

Eu estava apaixonada por Christopher e não queria correr o risco de entregar meu coração e depois me decepcionar. Era um clichê muito realista, homens ricos demais que se envolviam com mulheres de classe inferior e todos ao redor achavam que havia interesse envolvido. E, como ele já tinha passado por uma situação daquela, tive medo de que nunca pudesse confiar totalmente em alguém.

— Não tenho dúvidas sobre você, Rosa. — Ele sorriu e puxou a barra da camisa preta.

— Espero mesmo que não. — Cruzei meus braços, ainda um pouco temerosa. — Lembre-se que eu paguei minha conta no...

Antes que eu terminasse de falar, Christopher tirou a camisa e a jogou no chão. Perdi a linha de raciocínio por vê-lo tão exposto pela primeira vez. O homem era um filho da mãe bonito e saradinho que deu a cartada final para me deixar louca. Não fiz questão de fingir que não estava observando todos os detalhes do corpo dele.

Quando se inclinou e apoiou as mãos em meus joelhos, seus dedos deslizaram delicadamente pela minha pele e sua boca cobriu a minha. Toquei o rosto dele, arranhando a barba com minhas unhas e sugando seus lábios.

—Você disse que eu falo demais. —Ele estalou a língua ao afastar o rosto. — Mas acho que você é pior do que eu.

Sorri, deslizando minha mão pelo seu queixo, passando pelo pescoço e ombro. Christopher fechou os olhos e respirou fundo, acomodando as costas novamente na cadeira. Ele estremeceu quando meus dedos tocaram a pele acima

do umbigo, mas eu subi a mão novamente para o peito dele. Do lado direito,

acima das costelas, havia uma tatuagem preta, um texto, escrito com belas letras cursivas. Estava em castelhano e eu entendia um pouco do idioma.

“*Si nada nos salva de la muerte, al menos que el amor nos salve de la vida”*.

— Que lindo! — Toquei a tinta preta, encantada com a frase tão poderosa. — Além de tudo, você é um poeta também?

Ele olhou para minha mão cobrindo uma parte da tatuagem e balançou a cabeça.

— Eu sou ótimo em muitas coisas, mas não nisso. É uma frase de Pablo Neruda. Fiz antes do acidente, na época em que achava que minha ex era minha alma gêmea. —Ele riu com escárnio.

—E você deixou de acreditar no que está escrito?

Christopher respirou fundo e inclinou a cabeça, me observando.

— Talvez minha crença esteja um pouco adormecida, mas não deixei de acreditar totalmente.

— Eu achei mesmo muito bonita. Tenho vontade de me tatuar, mas nunca decidi por nenhuma frase tão importante pra eternizar na pele. — Aproveitando que já estava por ali, alisei o bíceps dele, sentindo os músculos não tão exagerados na parte detrás dos ombros. —Tem mais alguma tatuagem?

Ele girou a cadeira e parou de costas para mim, inclinando-se um pouco para a frente. Em suas costas, na linha de sua coluna vertebral, Christopher tatuou números romanos que seguiam até mais ou menos a altura do seu cóccix. —O que os números significam?

— A data do meu primeiro nascimento e a data do acidente, o segundo nascimento. — Ele levou uma mão até as costas e tocou nos números. — Se você olhar com atenção, vai conseguir ver as cicatrizes das cirurgias debaixo dos números.

Deslizei o dedo indicador pelos números e a respiração de Christopher se intensificou. Ele cerrou os punhos e baixou um pouco a cabeça.

— Isso incomoda? — perguntei, parando com o dedo na altura das suas costelas.

— Muito pelo contrário — murmurou ele, com uma respiração pesada. — Venha cá, Rosa...

Christopher virou a cadeira de frente e me puxou pelas mãos, fazendo-me levantar da cama. Seus dedos afundaram na minha cintura enquanto ele posicionava suas pernas entre as minhas. Minhas coxas se separaram quando a

mão dele a apertou por trás e me puxou para seu colo.

— Isso é seguro? — perguntei ao me sentar de frente para ele, minhas pernas para fora da cadeira, os pés balançando no ar.

Ele não precisou responder porque eu já estava completamente envolvida. O cheiro de loção pós-barba de gente rica me seduziu e meu corpo todo se arrepiou quando Christopher afastou o elástico do meu short e preencheu suas mãos com minha bunda.

Toquei em seus ombros e me afastei um pouco, precisando muito interromper o momento porque tinha algo importante para fazer.

—Você espera só um minutinho? —pedi, levantando do colo dele e saindo meio tonta do quarto.

Corre, Rosa, corre! Agradeci pelo tapete grosso que não me deixou escorregar no meio do corredor entre os quartos. Agora que eu sabia que Christopher estava animadinho, não podia desperdiçar a chance de usar a cinta liga. Tinha custado uma grana!

Entrei no quarto e balancei a bolsa de cabeça pra baixo sobre a cama. Catei as peças do conjunto branco e tirei meu *baby-doll* com um pouquinho de pressa. Tinha receio que Christopher pegasse no sono ou coisa parecida.

A parte do sutiã e calcinha era simples, mas deslizar as meias finas e deixá- las certinhas com os laços para frente, era um saco! Precisei sentar na cama e ter um pouco de paciência para desenrolar o tecido. Levantei quando venci! Estava quase suando, por pouco não desfiei a meia com minha unha, mas o que importava era que eu estava gostosa para cacete.

Parei entre a porta e a parede e coloquei só a cabeça para dentro do quarto. Christopher tinha se deitado, ainda estava sem a camisa, mas ligara a televisão do quarto. E, para meu espanto, estava assistindo o que estava passando... de óculos de grau!

—Oi —falei, sem me mexer.

—Você está bem? —Ele parecia preocupado de verdade, com aquela testa

franzida linda. —Não fui atrás de você porque achei que pudesse ser uma dor de barriga.

Se eu não estivesse tentando surpreendê-lo, teria entrado no quarto às pressas e dado uns tapas nele.

—Você achou que eu estivesse com dor de barriga? Sério?

— O que mais poderia ser? — Ele ria, estava claro que se divertia às minhas custas. — Nós dois sabemos que você não saiu correndo por medo de algo que eu tenho entre as pernas. Sou inofensivo. Anão ser que você agite.

Que droga, ele parecia todo relaxado, com o *notebook* sobre as pernas, os óculos que o fazia parecer um nerd e estava passando um seriado cômico na tv.

O clima tinha ido embora enquanto eu me trocava. Fiquei um pouco constrangida de entrar.

—Por que você está escondida? —Ele tirou os óculos e estreitou os olhos. Pensei em voltar para o outro quarto e vestir de novo o *baby-doll*, mas depois de todo o trabalho que tive em ajeitar aquela cinta liga, eu me sentiria uma idiota se não mostrasse a ele. Então, respirei fundo e dei dois passos para dentro do quarto.

Christopher desligou a televisão pelo controle remoto que parecia um *tablet* e tirou o *notebook* de cima das pernas.

—Queria aproveitar o clima — pigarreei.

Ele abriu um sorriso enorme e piscou o olho.

— Eu achava que você não podia ser mais *sexy* do que já era. — O Gato Motorizado bilionário mordeu o lábio inferior e passou uma mão pelo cabelo. — Seria ótimo se você começasse a se aproximar...

Caminhei na direção dele, ciente de que os olhos azuis acompanhavam até a minha respiração. Eu era uma pessoa extrovertida, mas tudo que envolvia Christopher era novo e diferente para mim. Engoli em seco e levei minhas mãos ao cabelo, dividindo-os na nuca e puxando as duas partes para frente, sobre os ombros.

Cravei os olhos no abdômen sarado e subi aos poucos, até encarar Christopher novamente. Ele parecia... ansioso.

—Você é muita areia para o meu caminhão —disse ele, sorrindo.

Eu subi na cama e engatinhei até parar ao seu lado. Antes que me sentasse, Christopher segurou em minha mão e me fez sentar em seu colo.

— É pura impressão minha ou você está um pouco tímida? — Ele alisou meus braços e me deu um selinho.

—É que nunca usei nada assim —falei, com a boca seca. —E agora que o clima esfriou, estou me sentindo a safadona.

—Mas você *é* safada.

Ele me encarou tão sério que, por um instante, pressionei meus lábios pensando se dava na cara dele ou não. Então Christopher gargalhou e passou os braços ao meu redor, derrubando-me sobre seu peito.

— Estou brincando — sussurrou, com a boca grudada em minha orelha e depois virou o rosto para me olhar. — Você está maravilhosa, mas se quiser trocar de roupa, troque. De qualquer forma, não vai acontecer nada que você não queira.

Eu dei um coice mental em mim mesma por estar fazendo todo aquele show. Qual era o meu problema? Tinha esperado por aquele momento e justo na hora resolvi virar uma banana? Espantei a vergonha e me ajeitei, sentando sobre

as coxas dele.

—Deixa de ser frouxo, homem! A essa altura já era pra você ter arrancado tudo isso!

Christopher me lançou um olhar ferino e puxou meu pescoço para me beijar. Seus lábios alcançaram os meus com urgência, sugando cada pedacinho da minha boca, enquanto uma mão deslizava pelas minhas costas e brincava com o fecho do sutiã. Ele não teve dificuldade e a peça se afrouxou em pouco tempo, ficando sustentada pelas alças finas.

Minha boca foi abandonada pela dele quando seus lábios desceram pelo meu queixo, passaram pelo pescoço e pararam sobre a renda que cobria meus seios. Christopher lambeu o vão entre os dois e levou os dedos até uma das alças. Arfei quando ele liberou meu peito esquerdo e o segurou por baixo, tocando de leve a ponta da língua em meu mamilo.

Eu agarrei seus bíceps quando uma mão envolveu minha cintura e me puxou um pouco para trás, deixando meu corpo à mercê dele, que se inclinou em minha direção. Na posição em que eu estava, com a cabeça jogada para trás, tinha visão privilegiada do espelho no teto. A cena que se desenrolava entre nós era linda de se ver.

— Você é toda gostosa... — a voz saiu abafada contra minha pele, mas Christopher não parecia se importar. Ele puxou o pedaço de sutiã que ainda me cobria parcialmente e o jogou atrás de mim. Sua boca se revezou entre meus seios e cada vez que ele me chupava, meu corpo se arrepiava.

—Chris... —chamei, arranhando seus ombros largos.

Ele levantou os olhos para me olhar, uma cara típica de homem safado, enquanto tocava minha barriga com a mão livre. Um dedo acariciou meu umbigo e depois desceu, puxando o elástico da calcinha e soltando, estalando-o contra minha pele.

Queria tocá-lo e aproveitar um pouco do momento, mas ele não deixava que eu conseguisse raciocinar direito. Meu corpo mole em seus braços me traía. Por fim, quando me soltou e se recostou à cabeceira, eu me vi livre para explorar. Meus seios estavam ultrassensíveis e latejavam quando me ajoelhei e espalmei minhas mãos no peito dele. Mas Christopher deslizou o corpo para baixo, escorregando na cama até quase ficar deitado e então, segurou com força em meus quadris e me puxou para mais perto.

— Quem disse que eu te liberei? — perguntou, a voz rouca e o dedo esfregando o tecido da calcinha contra meus lábios vaginais. Ah, senhor.

Minhas mãos se enterraram no cabelo dele quando senti que aquela boca maravilhosa estava tão perto. Alíngua passou pela minha virilha. Eu não gostava que homens a olhassem tão de perto, mas sequer tive tempo de protestar.

Christopher lambeu um lado, depois o outro. Um dedo estimulava meu clitóris ainda sobre a calcinha e meus joelhos tremiam.

Como se ainda não estivesse me torturando o bastante, ele enfiou um dedo em mim, levando a calcinha junto e me enlouquecendo com o atrito. Eu me contorci, deixando os gemidos escaparem, necessitando de mais.

Achei que fosse ter um segundo de descanso quando ele afastou os dedos, mas foi para arrebentar as tiras laterais da minha calcinha e jogá-la no chão. Eu estava um pouco desnorteada, então não ofereci resistência quando Christopher me puxou mais para perto e tocou meu joelho por trás.

—Passe essa perna por cima do meu ombro — ordenou.

— Quê? — Aí já era demais, não? Até eu tinha certos limites para uma primeira vez, não pretendia me abrir toda na cara dele.

Mas ele, sedento e com meu sexo todo livre, enfiou um dedo novamente em mim e o puxou de volta, fazendo-me estremecer.

—Quero te chupar, meu amor. —Sorriu. —Facilite pra mim.

—Não pode ser deitada? —perguntei, morrendo de vergonha.

— Assim é melhor, confie em mim. — As mãos dele apertaram minha bunda e um dedo deslizou entre as nádegas, penetrando minha vagina de novo, por trás.

Eu sentia quão úmida estava, enlouquecida com aquele contato, mas um pouco envergonhada para ficar tão exposta a Christopher. Não me sentia mais tão experiente perto dele. Sabia que ele desistiria da ideia se eu não quisesse, mas a sede em seus olhos era tanta que decidi me jogar de cabeça.

Eu me mexi e ele me ajudou a dobrar meu joelho em cima do seu ombro, de forma que o rosto dele ficasse grudado entre minhas pernas. A boca na altura da minha vagina. E não pude me preparar, porque fui pega de surpresa com sua língua abrindo caminho entre meus lábios.

— Ah!

Procurei lugar para me segurar e apoiei as mãos sobre a cabeceira acolchoada, sem muitas condições de me manter em pé. Christopher explorou cada centímetro externo com a língua, alternando entre chupadas em meu clitóris, antes de me penetrar.

Um dedo continuou estimulando meu ponto mais sensível enquanto a língua dele ordenava estocadas em mim, remexendo em meu interior e puta que pariu, fazendo-me gemer alto demais. Quando menos percebi, estava esfregando o quadril naquele rosto perfeito.

—Chris... —gemi, levando uma mão até seu cabelo negro. — Ai...

Fechei os olhos, doida para sentir ele por inteiro dentro de mim. Os músculos das minhas coxas tremiam com meu corpo perdido em prazer. Ora

Christopher me dedava, ora me lambia, ora fazia as duas coisas ao mesmo tempo.

Ele afastou o rosto e me encarou, os lábios brilhando, lubrificados, e fechou uma mão em volta dela. Enfiou um dedo novamente e esfregou a palma por toda a extensão interna dos lábios. Meu clitóris protestou, cedendo de vez àquela sensação única enquanto meu corpo explodia, minhas pernas fraquejavam. Ele voltou a me chupar incansavelmente enquanto eu gozava, gritava e choramingava, não sei ao certo. Não me lembrava de um oral como aquele.

Caí mole em seus braços quando me puxou e me deitou atravessada em seu peito. Minha respiração ainda estava ofegante e minhas coxas ainda se apertavam uma contra a outra. Eu queria mais.

—Que bucetinha deliciosa. — Ele passou a mão pelo queixo, se limpando enquanto me encarava. —Poderia fazer isso o dia todo...

Pisquei, atônita, e venci a letargia. Fiquei novamente de joelhos e alisei o corpo dele. Christopher se ajeitou na cama, voltando a se sentar com as costas eretas e inclinou a cabeça. Olhei em volta, buscando por algo que estava faltando à nossa vista.

—Você tem camisinha? —perguntei, ansiosa.

Ele sorriu.

— Na cômoda à sua esquerda tem uma caixa... Se ainda estiver dentro da validade.

Ignorei o comentário e pulei da cama. A caixa quase cheia estava lá na gaveta indicada e eu passei a mão em dois pacotinhos. Quando virei para voltar, Christopher estava deslizando a calça pelo quadril. Agora eu podia ver como ele fazia para se vestir ou despir, precisava empurrar os braços contra o colchão e usar uma mão para puxar a roupa.

Subi na cama e o ajudei a se livrar também da cueca. Fui novamente agraciada pela presença ilustre do pau do Senhor King, que era apetitoso. Por mais que Christopher possuísse suas limitações, o corpo dele era incrível. Todos os exercícios que ele praticava faziam muito bem aos seus músculos. Posicionei-me entre as pernas abertas dele e encarei o pau bonito, mas sem ereção.

— Rosa, não crie tantas expectativas... — disse ele, deslizando uma mão pelo abdômen até alcançar o próprio membro. Ele o olhou e o envolveu entre os dedos, movimentando-se devagar. — Se eu tivesse certeza que isso aconteceria, teria comprado um medicamento específico que ajuda bastante.

Eu peguei no membro flácido e afastei a mão dele. Comecei a masturbá-lo colocando bastante pressão em meus dedos, enquanto Christopher parecia mais preocupado em ver meus peitos balançando. Depois de um tempo, saí daquela

posição e me ajoelhei ao lado dele, para beijar sua boca enquanto o alisava com minha mão.

O pau ainda não dava sinal de vida, mas eu não desistiria tão rápido. Beijei o pescoço de Christopher, sentindo a mão dele apertar meu peito e a outra procurar o ponto entre minhas pernas. De novo! Se eu deixasse ele me tocar lá embaixo, perderia o foco, então fechei as pernas e estalei a língua para ele.

—É a minha vez —falei, incisiva.

Ele sorriu e, lentamente, pegou minha mão e a colocou sobre o próprio mamilo. Quando rocei meu dedo ali, Christopher fechou os olhos e estremeceu, gostando

do contato. Parei um pouco com a masturbação e ocupei minha outra mão com o outro mamilo. Testei lambê-lo naquela região e ele gemeu um pouco ofegante.

Finalmente eu encontrara algo que parecia muito prazeroso a ele. Então me sentei sobre seu colo, esfregando meu corpo no dele, minha umidade em seu pau e minha boca deixando alguns chupões em seu pescoço. Meus dedos brincavam com os mamilos enrijecidos enquanto a cabeça de Christopher pendia para trás, apoiada na cabeceira e com as costas arqueadas.

O corpo forte não parava de tremer sob minhas mãos e os olhos azuis estavam grudados no espelho, observando tudo que acontecia.

—Isso é bom? — perguntei.

— Sim. — Ele me encarou com olhos transbordando desejo e alisou meu cabelo. —Volte até a gaveta e pegue um plástico redondo. Tipo um anel grande.
Arrastei-me para fora da cama, sentindo meu corpo arder de excitação. Meu sexo latejava e a cada passo que eu dava, a umidade tocava a parte interna das minhas coxas. Ao abrir a gaveta, fiz questão de empinar o traseiro na direção da cama porque eu tinha certeza que Christopher estava olhando.

Encontrei o acessório que ele pediu e o entreguei, curiosa. Ele começou a se masturbar com mais prática que eu, e mais rápido. Apertava o pênis em regiões estratégicas e dava para notar o progresso, mesmo que ainda lento. Voltei para o seu lado e continuei com os estímulos nos mamilos, região que eu notara ser a mais excitante para ele. Christopher puxou o ar pela boca e expirou com força, quase estrangulando a cabeça do pau.

— Posso? — perguntei, mordendo meu lábio, morrendo de vontade de experimentar.

—Ainda não está ideal... —ele murmurou, se esforçando.

Afastei a mão dele e o tomei com a minha, passando um dedo em volta da glande e me curvando.

—Você não sente, certo?

Quando Christopher confirmou, eu caí de boca, envolvendo só a cabecinha

com minha boca e chupando. Desci por toda a extensão, comprimindo aquele corpo o máximo que eu podia e complementando com minha mão na base do pênis. A sucção que eu fazia com minha boca ajudava, mas era muito cansativo para as bochechas.

Alternei masturbação com oral, insistente, durante vários minutos. Ele já apresentava uma ereção mediana — e grande — quando Christopher afastou meu rosto com delicadeza e colocou a camisinha com rapidez, para em seguida, deslizar o anel plástico em volta do membro, descendo até a base. O acessório apertou a região como num garrote.

—Vem! —Ele me ajudou a levantar e se deitou totalmente na cama. Posicionei-me sobre ele e desci, deixando que me penetrasse. Eu era péssima em fazer sexo por cima, mas teria que aceitar o que me era dado. Christopher olhou para o teto e depois me encarou com um sorriso torto.

Inclinei as costas para trás e apoiei minhas mãos no colchão movendo meu corpo sobre o dele e sentindo-o me preencher. Eu me sentia no cio, louca para experimentar a sensação de ter Christopher dentro de mim e agora sabia como era. Ele não podia se mover, mas a forma como me comia com os olhos pelo espelho era incrivelmente estimulante.

— Rosa, não posso usar o anel por muito tempo — avisou, alisando meu joelho.

Eu me curvei para frente e espalmei minhas mãos no peito dele, cavalgando seu pau com urgência. Levei uma mão para o meio das pernas e brinquei com meu clitóris. Christopher substituiu minha mão pela dele e me fez gemer.

— Goza no meu pau, meu amor... — pediu, os olhos grudados no ponto onde nossos corpos se fundiam.

Droga. Eu sentia o orgasmo pertinho, querendo chegar, mas o desgraçado não vinha. Meus movimentos se tornaram erráticos, meus joelhos tremiam e eu estava cansada. Christopher puxou meus braços e me fez deitar, colando nossos corpos. Continuei mexendo meus quadris, rebolei sobre ele, mas não conseguia gozar. Minha mente agora só pensava no tal anel prendendo a circulação dele enquanto eu me preocupava com meu prazer.

Por fim, dei-me por vencida e saí de cima de Christopher. Retirei o anel, mais aliviada do que ele, e desenrolei a camisinha. Antes que me afastasse, ele me puxou pelas pernas e me fez cair de costas na cama.

Senti seus dedos me penetrarem antes que pudesse reclamar e eu estava tão sensível à espera do próximo orgasmo, que Christopher não teve que trabalhar muito. Bastou colocar dois dedos dentro de mim e rodá-los, alcançando meu ponto g, para que eu explodisse novamente em prazer, apertando a mão dele entre minhas pernas.



Acordei babando na fronha de fios egípcios — ou seja lá qual for a nacionalidade —de Christopher. Aluz estava apagada, mas a televisão ligada no volume baixo iluminava o quarto. O corpo ao meu lado se mexeu e Christopher sorriu para mim. Tinha adormecido ali mesmo no quarto dele simplesmente porque minhas pernas estavam preguiçosas demais.

Ele alisou minhas costas e eu logo lembrei que ainda estava nua, vestindo apenas as meias da cinta liga.

— Olá, bela adormecida — sussurrou ele e apontou o controle para a televisão. —O som do filme te acordou?

—Não... —respondi, passando uma mão para enxugar a baba.

Arrastei-me pelo colchão até conseguir deitar a cabeça no peito dele. Acompanhei sua respiração tranquila e alisei sua barriga, descendo até o elástico da calça que ele recolocara. Não ousei tocar mais pra baixo porque ainda sentia um grande peso na consciência. Só me aconcheguei melhor naquele corpo e tentei fechar os olhos de novo.

Dedos alisaram minha têmpora e afastaram o cabelo do meu rosto.

— Sei que nos conhecemos há pouco tempo, mas você é muito transparente. — Amão quente fez um carinho em minhas costas e eu suspirei, de olhos ainda fechados. —Por que está tão quieta e calada?

— Eu não sei te dar prazer. Não... do jeito que eu conheço — sussurrei contra a pele dele, minha boca esmagada. —Você me deu dois orgasmos e eu te dei... nada.

Ele desligou a televisão e eu franzi a testa quando acendeu a luz do abajur ao seu lado. Levantei o rosto para olhá-lo.

—Não é tão simples, Rosa. Você me deu prazer sim, só é algo diferente da ejaculação, do orgasmo como você conhece.

Contornei com meus dedos o abdômen levemente marcado, sentindo as pequenas protuberâncias de alguns músculos. Eu queria que tudo que ele sentisse comigo pudesse ser incrível.

—Isso que você está fazendo agora, já me dá prazer.

—Mas não era bem isso que eu tinha em mente...

O tremor do riso fez minha cabeça balançar. Passei uma perna por cima do quadril dele e puxei a coberta para cima de mim.

—Nós transamos hoje pela primeira vez, ainda estamos conhecendo nossos corpos. Quando eu pedi para você não criar tantas expectativas, era isso que tinha medo que acontecesse.

Arranhei a pele dele com minhas unhas e me movi para apoiar os cotovelos no colchão. Encarei Christopher e me estiquei quando ele se curvou e pegou meu rosto. Nos beijamos sem pressa, os lábios preguiçosos e molhados, as línguas explorando ambas as bocas. Quando ele me soltou, afofei um travesseiro sob minha cabeça e me deitei, admirando o perfil daquele homem que estava me deixando louca.

Os olhos azuis continuaram me encarando mesmo quando eu tentava forçar meu corpo a dormir. Virei de barriga para cima e me observei pelo espelho. Modéstia à parte, eu ficava muito bem ao lado daquele deus grego maravilhoso. Estava coberta até a cintura com meus seios expostos e Christopher, que também me encarava através do espelho, passou as costas dos dedos sobre a curva do meu seio esquerdo.

—Tudo bem, eu preciso perguntar. Qual é o lance desse espelho no teto?

Ele sorriu com aquela cara de safado e fechou a mão em volta do meu seio. — Atualmente, o impacto visual é muito importante pra mim, já que não sinto mais como antes. É prazeroso poder ver tudo desse ângulo.

Eu tinha que confessar que, por mais que no início me pareceu algo um pouco constrangedor, acabou sendo bastante interessante nos admirar durante o sexo.

Christopher se remexeu na cama e virou de lado, apoiando a cabeça numa mão e descendo a outra, livre, pela minha barriga. Eu resmunguei e fechei as pernas, virando-me de frente para ele também.

— Não me diga que está cansada. — O Senhor King me lançou um olhar desafiador e circulou meu umbigo com o dedo. — Cadê toda aquela disposição que vi no domingo?

Fiz uma careta e toquei seu corpo, aproximando-me mais até nos colarmos um ao outro. Passei minha mão pelas costas largas e macias, abrindo bem meus dedos para alcançar o máximo de pele.

—Você não está cansado? — perguntei.

— Cansado? — Christopher abafou uma risada. — Meu bem, estou há um ano e meio sem me deitar com uma mulher. Acho que tenho fôlego pra fazer isso sem parar o final de semana todo.

Sorri e ele puxou minha cabeça para beijar meu queixo. A língua percorreu a linha da minha mandíbula, indo até a orelha e me fazendo sentir calafrios. A mão boba começou a passear novamente em direção ao meu ventre, aproximando-se da minha vagina.

—Christopher... —sussurrei, mantendo as pernas fechadas.

— Chris. — Ele levantou o rosto e me fitou com olhos doces. — Gostei quando me chamou de Chris.

Eu também gostava de Chris, mas ainda estava presa ao costume de usar o nome inteiro porque o achava tão charmoso. Porém, podia fazer um esforço para chamá-lo de vez em quando pelo apelido.

Levei minha mão até a dele e a segurei, entrelaçando nossos dedos e puxando-a para cima. Ele me olhava com um ponto de interrogação no meio da testa.

— Não me leve a mal, mas não quero ser a única ganhando alguma coisa aqui... —declarei, inconformada com a situação.

— Mas quero chupá-la mais uma vez. Bem devagar até que me implore para que te faça gozar.

Estremeci, sem um pingo de dúvida de que Christopher era mesmo capaz daquilo. As lembranças daquela boca e da língua dentro de mim ainda

esquentavam meu corpo e umedeciam meu sexo. Mas ao contrário do que ele queria, eu passei minha perna esquerda por cima do quadril dele e me joguei, empurrando-o de costas na cama e escalando seu corpo másculo.

O lençol ficou por algum lugar no meio do caminho, pois senti que minha bunda estava de fora e os dedos dele não demoraram para agarrar meus culotes. — Em qual lugar que você sente mais prazer? — perguntei, alisando o abdômen perfeito, correndo as mãos para a área das costelas e observando Christopher passar a língua pelos lábios. Mas ele estava mais interessado em meus peitos. Homens.

— Mamilos — respondeu, soltando meus quadris e tocando de leve em meus bicos.

Dei um tapa em suas mãos e me abaixei, deitando meu corpo sobre o dele. Não era comum ficar chupando os mamilos dos caras com quem ficava, mas tudo naquela noite estava sendo diferente. Christopher tinha um peitoral levemente musculoso, nada muito exagerado, mas era lindo. As aréolas eram bem clarinhas

e pequenas e os mamilos estavam completamente enrijecidos. Circulei o pontinho duro com a ponta da minha língua e depois coloquei a boca toda, chupando e arriscando umas mordidinhas de leve. Revezei minha boca entre os dois mamilos, ouvindo os suspiros satisfeitos daquele macho maravilhoso.

— Isso é muito... bom... — Senti a mão dele alisar meu cabelo. — Na nuca... também...

Porra, aí ele queria me foder. Como eu ia usar minha boca em dois pontos tão diferentes? Abafei uma risada contra o peito dele e saí de cima do seu corpo. Puxei os braços dele para que se sentasse e Christopher tentou protestar, mas eu o chamei novamente de frouxo. E preguiçoso.

Eu me sentei com as costas apoiadas na cabeceira macia e abri minhas pernas, pedindo para que ele se sentasse entre elas.

— Estou me sentindo a mulher da relação — estalou a língua, trazendo o corpo para trás.

— Pare de reclamar — pedi e passei meus braços ao redor da cintura dele, espalmando minhas mãos em seu peito. — Se as mulheres fossem remotamente parecidas com você, eu já teria mudado de time.

Fiz Christopher inclinar um pouco a cabeça para frente e lambi a nuca dele, causando-lhe arrepios. Brinquei com seus mamilos e beijei cada pedaço do pescoço dele, alternando com lambidas atrás das orelhas. Fiz questão de esfregar bastante os meus seios em suas costas, arrancando alguns palavrões do homem. Gemi baixinho contra a orelha dele e puxei uma de minhas mãos para o espaço entre nós. Toquei meu clitóris, abafando minha respiração contra a pele

de Christopher, roçando meus dentes pela sua nuca. Quando senti meus dedos bem melados, devolvi minha mão ao peito dele, lambuzando um mamilo com minha lubrificação.

Senti o corpo dele estremecer com mais força e seu tronco pesar contra o meu corpo quando Christopher tirou o apoio de uma mão para segurar a minha. Ele a esfregou pela própria barriga e se deitou sobre mim, apoiando a cabeça em meus seios.

—Obrigado... por tudo isso... —sussurrou com a voz lânguida.

Passei meus braços pelo pescoço dele e encostei meu rosto em seus cabelos cheirosos.

—Você sentiu alguma coisa boa? — perguntei.

Ele alisou minhas coxas, pressionando os polegares contra minha pele e rindo.

— Senti muitas coisas boas, mas não saberia descrevê-las com exatidão. Não é como um orgasmo, mas é o que consigo sentir... são sensações muito boas. Agora, por favor, venha aqui pra frente e me deixe vê-la gozar mais uma vez. Antes que eu pudesse pensar em algum protesto, Christopher enfiou uma

mão por dentro da calça preta e se tocou.

— Você quer isso? — perguntou com a voz rouca. — Vem buscar. Quero que se esfregue em meu pau.

Isso não se faz... Meu sexo latejou e nós trocamos de lugar, Christopher levantou os quadris para que eu puxasse de novo a calça pelas pernas dele.

Ele deixou o tronco um pouco inclinado e me sentei sobre seu membro relaxado. Apoiei minhas mãos nos ombros dele e rebolei, fechando os olhos, sentindo a fricção dos pentelhos dele entre minhas pernas.

Eu sentia Christopher me observar com um sorriso no rosto e fiquei mais motivada a continuar. Com movimentos para trás e para frente, deixei um rastro úmido sobre o material dele, sem esperar por nada mais.

— Deite-se para trás, Rosa. — Ele segurou meus quadris. — Abra minhas pernas e se deite entre elas. Deixe-me brincar um pouco...

Não eram pernas leves, então precisei mover cada uma com minhas duas mãos e, em seguida, deitei-me ao contrário. Ciente do quanto estava exposta, evitei sentir vergonha quando Christopher passou os braços por trás dos meus joelhos e puxou meu corpo um pouco mais para cima.

Com dois dedos, ele afastou meus lábios e fechei os olhos, sentindo meu sexo

piscar para o homem que me consumia aos poucos.

— Chris! — Agarrei os tornozelos dele quando enfiou em dedo em mim e tirou com tanta rapidez. Eu me contorci, pedindo por mais.

As carícias no ponto mais sensível começaram e ele me enlouquecia ali,

com outro dedo entrando e saindo de dentro de mim. Aumentou o ritmo e acrescentou mais um dedo. Não, mais dois. Senhor! Ele me abria e fazia-me contrair de prazer, esfregando meu corpo no lençol.

—Rosa —chamou e abri os olhos. —Veja pelo espelho...

Ensandecida, ainda encontrava forças para olhar o teto. Mordi o lábio quando vi Christopher segurar o pênis e deslizar a cabeça pela minha umidade. Aquele espelho realmente dava um puta tesão!

Eu mesma fiz questão de subir mais o corpo. Chris sorriu e vi pelo teto, ele deslizando o pau até minha entrada, sem largar o dedo do meu clitóris. Imaginei como seria se ele me penetrasse naquele momento e assim o fez, com os três dedos. Gemi, gritei, apertei-me em volta dele. Rebolei, enlouquecida com aquele entra e sai que se mexia dentro de mim.

Minhas costas descolaram do lençol e fechei minhas pernas enquanto gozava, tentando prender os dedos de Christopher mais um pouco ali.

— Aiiii — gemi, mexendo meus quadris e esquecendo do mundo por um instante.

Ponto positivo para Christopher foi ter permanecido quieto no mesmo lugar até que eu terminasse de me satisfazer. Se tinha algo que eu detestava quando alguém me masturbava, era que me largasse quando eu começava a gozar.

Aos poucos, relaxei as pernas e fechei os olhos, sem forças. Ele puxou a mão e pelo som que fazia de prazer, tinha quase certeza de que estava lambendo os dedos.

— Quantas vezes será que consigo fazer você gozar essa noite? — ouvi a voz dele, mas eu estava com o pensamento nas nuvens.

Christopher King Davis acabaria me matando.

∞

Não lembrei de sentir vergonha enquanto fiquei lá, naquela mesma posição, por quase meia hora. Eu respirava tranquilamente e Christopher fazia massagem nos meus pés. Acho que seria capaz de ficar para sempre deitada naquela cama com ele.

— Preciso de água, posso pegar lá na cozinha? — perguntei, sentindo a boca seca.

—Deixá-la com sede é que não posso, não é? —Ele beijou a sola do meu pé. Nunca um homem beijara o meu pé. —Sinta-se em casa.

Sorri e me levantei devagar, ciente de que estava completamente nua — até minhas meias ele rasgou. Procurei pela cozinha, um pouco perdida nos corredores da cobertura e quando encontrei, parei um pouco para apreciar a

cidade pela enorme janela. Grande parte dos prédios residenciais estavam apagados. Tinha perdido a noção da hora, mas imaginava que fosse no máximo umas duas da manhã.

Dei a volta pela bancada que ficava no meio da cozinha e abri a geladeira para procurar a água. Sem sucesso, fechei-a novamente só para me dar conta de que havia um dispenser na porta. Claro.

Enchi meu copo ali e estava dando o primeiro gole quando uma mordida na minha bunda quase me fez infartar. Virei-me para dar de cara com um Christopher sorridente, com uma expressão de quem tinha acabado de fazer arte. —Que visão! —disse, mordendo o lábio inferior.

Imediatamente, eu me dei conta do quanto estava exposta na cozinha acesa, com o rosto dele a centímetros da minha intimidade. Coloquei o copo na frente, inutilmente.

—O que está fazendo aqui? —perguntei, tentando passar ao lado dele para correr para o quarto. —Se queria alguma coisa eu podia levar.

Christopher bloqueou meu caminho com sua cadeira, mantendo o sorriso travesso no rosto. Uma mão alisou minha perna, subiu pela minha coxa até a parte interna e parou quando os dedos tocaram minha virilha.

—O que são essas marquinhas? —Meu corpo se retesou com a percepção do que ele enxergava e Christopher percebeu a reação.

— Sequelas do meu passado. — Para me ver livre dos olhos que me examinavam, eu me sentei de lado sobre as pernas dele. —Não é... Hum, não se preocupe pois não é nada contagioso.

Ele afastou meu cabelo e beijou meu ombro, trilhando um caminho úmido até minhas costas. Christopher pegou o copo quase vazio de minhas mãos e tomou um gole, depois colocou-o sobre a bancada e saiu comigo da cozinha.

—Não pensei que fosse algo contagioso, querida. Só fiquei curioso. Quando passamos pela sala, eu vi e ele também, que Guapo já considerava

a manta branca como propriedade dele. Meu cão dormia confortavelmente sobre o tecido que devia ser raro e caríssimo.

— Eu me preocuparia com aquilo, mas já que você caga dinheiro, talvez possa comprar outra depois.

— Eu não cago dinheiro — disse, sério, parando de mover a cadeira. Eu o encarei, arrependida das palavras usadas e pressionei os lábios. — Como veterinária, esperava que você conhecesse melhor as funções fisiológicas de um organismo. Não tem como eu cagar isso. Posso, claro, limpar a bunda com notas de cem dólares. Acho que você deveria ter usado essa frase.

Conforme eu o encarava, o riso saiu sem que eu conseguisse segurar e quase babei. Esfreguei minha mão no rosto dele e, se ele tivesse sensibilidade, eu

teria apertado suas bolas.

— Eu odeio quando não sei se você está falando sério ou zoando com minha cara!

Christopher continuou dirigindo para o quarto, alisando meus braços, minhas costas, qualquer pedaço do meu corpo ao qual suas mãos tivessem acesso. Baixei os olhos, sentindo o cansaço e sono chegarem de mansinho. Meus olhos percorreram minha perna, observaram as mãos de Christopher coladas em mim. Olhei para uma marquinha redonda. Observei o semblante tranquilo dele, sem um pingo de avaliação e resolvi contar meu segredo.

— Quando eu tinha sete anos, nós morávamos na casa ao lado dos meus tios. Meu primo, Afonso, tinha dezesseis anos e era meu herói. Eu o seguia para todos os cantos, ficava grudada nele sempre que podia e amava quando meus pais precisavam trabalhar em horários parecidos e Afonso ficava cuidando de mim. — Respirei fundo e o encarei. Christopher me ouvia calado, a testa franzida. — Ansiava pelas nossas brincadeiras, até de boneca ele brincava comigo. Só que, em algum momento, não sei se eu o incentivei de algum modo, as brincadeiras dele mudaram.

Christopher jogou a cabeça para trás e esfregou a testa de olhos fechados. Era a primeira vez que eu contava aquilo para alguém com quem estava saindo e não sabia como seria sua reação. Nós já tínhamos voltado ao quarto dele e eu poderia muito bem me deitar e dormir. Talvez fosse melhor.

—Posso parar a história, se preferir —avisei. —Não é muito interessante. Os olhos azuis queimaram os meus.

—Faço questão de ouvir.

Seus braços envolveram minha cintura e ele me grudou ao seu corpo, encostando o rosto no meu braço. Procurei coragem lá no fundo da minha alma para terminar de contar aquilo que até hoje me envergonhava.

— Um certo dia, ele chegou pra tomar conta de mim e disse que tinha brincadeiras novas. Pediu que eu me sentasse no colo dele e, óbvio, eu fazia tudo que pedia. Quando me fez pegar no pênis dele, eu me assustei, tentei afastar a mão, mas Afonso dizia que era legal. Que primos que se gostavam faziam aquilo e não era nada demais. Então eu fiz, deixei que ele mexesse minha mão, achei engraçado ver como mudava, que ficava mais duro aos poucos. Por algumas semanas, ficamos só naquilo. Ele ia lá em casa, a gente brincava normalmente por um tempo e antes de ir embora ele me colocava no colo e pedia pra fazer carinho nele.

“Aos poucos o carinho foi mudando e ele começou a me tocar. Começou com a mão por cima da calcinha até colocar os dedos em mim. Foi aí que passei a não querer, a me sentir estranha. Toda a mão dele era bruta demais pro meu

tamanho. Então, quando eu comecei a evitar, a tentar fugir dele, ele se tornou mais agressivo.

Um dia, Afonso me amarrou quando tentei correr. Prendeu minhas mãos e meus pés e tirou meu *short* e minha calcinha. Era a primeira vez que ele me colocava deitada e me deixava exposta daquela forma, então eu gritei. Ele tirou um maço de cigarro do bolso e acendeu um. Disse que me queimaria se eu não parasse de gritar. Obviamente, eu gritei ainda mais, assustada.

Apesar de me tocar com aqueles dedos nojentos, ele não conseguiu fazer muita coisa porque eu estava fazendo um verdadeiro escândalo. Afonso me soltou e saiu correndo, mas acho que ele pensava que eu ficaria quieta como sempre fiquei. Só que ele me deixou morrendo de medo dele. Então, de noite, quando meus pais já estavam em casa, eu contei tudo. No início eles não acreditaram, meu tio era irmão da minha mãe e a família se amava. Eles tinham o Afonso como um segundo filho. Então, como criança não tem muita noção das coisas, baixei minha saia na frente deles e mostrei as provas, as marcas de cigarro. Foi horrível, por muitos dias. Meu pai queria matá-lo, mas ao mesmo tempo, nem ele nem minha mãe queriam me expor. Eu já estava psicologicamente abalada e passar pelos exames, pela polícia, a única coisa que eu queria era o colo da minha mãe e meu primo longe de mim. Ela só me levou na ginecologista em quem confiava, para eu ser consultada e confirmar se ainda era virgem. Então, em menos de um mês, nós nos mudamos pra cá.”

Respirei fundo, contei até cinco e soltei o ar. Já tinha passado muito tempo e eu me sentia infinitamente melhor. Porém, sempre que tocava no assunto ou pensava nele, uma sensação de pânico tentava se estabelecer dentro de mim. Era preciso empurrá-la para longe e lembrar que agora eu estava bem, que não corria perigo. Que Afonso estava longe e não tinha acesso a minha vida.

Christopher levantou a cabeça e me olhou em silêncio. Ele apertou os braços ao meu redor e soltou um deles para deslizar a mão por minha perna. Notei o tremor em seus dedos quando eles tocaram um dos círculos redondos da queimadura em minha virilha.

—Seu primo ainda está vivo? —ele perguntou com uma voz dura e áspera. — Não sei dele nem do meu tio. Nunca busquei informações sobre eles. Meu tio apareceu para o enterro dos meus pais, mas ele não se aproximou de mim nem eu dele. — Sorri, passando a mão pela sua barba. — Sei que é chocante, mas hoje isso não me afeta tanto. Só contei porque você chegou perto o bastante para notar.

— Você se importa que eu pesquise sobre ele? — perguntou, o maxilar tenso sob minha mão. Se eu soubesse que ele ficaria daquele jeito, não teria contado. Não queria que sentisse pena de mim. — Só por... curiosidade.

Conheço umas pessoas que podem levantar informações sobre ele. Aqui mesmo em Nova York tenho um contato quente. Tenho certeza que Pietro Greco saberá onde achá-lo.

—Por quê? Quer matá-lo? —Revirei meus olhos e sorri.

Christopher sorriu de volta e virou o rosto de lado para beijar a palma da minha mão.

— Você é extraordinária, Senhorita Martínez. — Ele puxou o elástico de cabelo que estava em meu pulso e segurou minha juba no alto, amarrando-a de uma forma um pouco desajeitada. —Você é forte.

Nos aproximamos da cama, mas eu não senti vontade de sair do colo dele, de seu abraço.

— Pode ser, mas acho que isso, de alguma forma, afeta um pouco meus relacionamentos. Talvez, inconscientemente.

Christopher estalou a língua duas vezes e alongou os braços ao se espreguiçar. Em seguida, deu dois tapinhas de leve na minha coxa e estreitou os olhos para mim.

—Lá vem você com esse papinho de que tem algum defeito que espanta os homens. — Ele revirou os olhos todo fofo e apertou minha perna. — Para contrariá-la, façamos o seguinte. Estou há um tempo fora do mercado e não sei se ainda usam essa palavra. Namoro. Usam?

Graças ao meu bom Deus eu estava sentada. Meu coração parou de bater e eu me esforcei muito, muito mesmo, para olhar aquele homem sem demonstrar um desespero estampado no rosto.

— O quê? — foi tudo que consegui dizer, pois era melhor falar pouco do que falar idiotice.

— Namore comigo, Rosa. — Ele sorriu. — Você já notou que tenho um probleminha nas pernas, mas posso compensar isso com meus dedos e minha língua.

Agora que eu já sabia que não adiantava afetá-lo abaixo do quadril, apertei os mamilos dele e o fiz resmungar. Christopher segurou minhas mãos, gargalhando.

— Que malvada! Beliscando um paraplégico! — Ele segurou meus pulsos com uma mão e com a outra, me surpreendeu, tocando no meio das minhas pernas. Soltei um gritinho. —Gosta de provocar, não é? Levante-se e suba nessa cama para eu poder te dedilhar mais um pouco.

Quando me levantei, Christopher me deu um tapa na bunda e eu, assanhada, subi de quatro na cama, fazendo questão de balançar a bunda na cara dele.

—Você só está me provocando assim porque não posso levantar agora e te comer nessa posição.

Ri baixinho e corri para o meio da grande cama antes que ele pudesse me alcançar.



O quarto ainda estava todo escuro, mas um vestígio de claridade tentava passar no espaço em que a ponta da cortina tinha sido afastada pelo meu dedo na noite anterior. Esfreguei meu corpo pelos lençóis macios, bocejando e sentindo uma preguiça enorme de levantar da melhor cama que eu usara na minha vida. Ao meu lado, Christopher ainda dormia, com um semblante tranquilo. Fiquei tentada a esticar a mão e ajeitas o cabelo que caía na testa e quase tocava seus olhos, mas não queria acordá-lo por enquanto, pois tinha uma ideia para colocar em prática.

Levantei com o máximo de cuidado e vesti a camisa que ele usara naquela noite. Caminhei para a cozinha, queria preparar um café da manhã maravilhoso para ele, mas, quando passei pela sala principal, meu queixo caiu.

—Guapo! —sussurrei, doida para esganá-lo. —Meu Deus, Guapo! O que você fez?

Era horrível gritar cochichando, mas agora mesmo que eu não podia acordar Christopher. Guapo tinha colocado as moedas para fora. No tapete bege que havia entre os sofás. A merda estava lá, nem dura demais, nem tão mole, mas o suficiente para deixar o tapete sujo.

— Era pra você ter feito no jornal! — Apontei o dedo para cara dele, que rebolou, achando que eu estava brincando. Realmente, ele nunca me viu brigar com aquela voz. — Malvado!

Corri até o banheiro mais próximo e voltei com um rolo de papel higiênico na mão. Primeiro catei o cocô — aproveitei para conferir se todas as moedas estavam ali — e depois fui procurar um lugar para descartá-lo. Utilizei a lixeirinha do banheiro e puxei o saco, dando um nó para jogá-lo fora o quanto

antes. Encontrei uma lata de lixo maior na área de serviço e deixei o saco ali do lado.

Em seguida, procurei por alguns produtos que pudesse usar para limpar a mancha. Eram tantos armários e gavetas, que demorei um pouco até achar o que precisava. Alguns minutos depois, ajoelhei-me no tapete e encarei o pedaço sujo. Espirrei um pouco de produto e fui passando a escovinha.

— Não tenho esse tipo de fetiche. — Parei de esfregar. Claro que Christopher

me flagraria. — Essa coisa de Cinderela esfregando o chão... Você pode se esfregar em mim. Só não... assassine meu tapete.

Eu me levantei e virei de frente, vendo-o se inclinar um pouco de lado para observar a mancha atrás de mim. Antes que eu pudesse explicar, um interfone tocou e ele deslocou a cadeira até o *tablet* mais próximo.

—Guapo fez cocô no tapete, desculpe. Estou tentando limpar.

Chris sorriu para mim e digitou alguma coisa no aparelho.

— Bom dia, pode subir. — Ele estava falando com alguém? Tentei me aproximar, mas ele já estava soltando o *tablet* sobre um móvel e se dirigindo à porta.

Na parede, mais ou menos na altura da maçaneta, havia um teclado número e um espaço para digital logo abaixo. Vi quando Christopher digitou o que devia ser uma senha e colocou o polegar. Ele tinha feito a mesma coisa dentro do elevador.

— Minha diarista está chegando. — Ele voltou a me olhar e veio até mim, esticando a mão e segurando a minha. — Isso me lembra que preciso te cadastrar. Vamos até o escritório?

—Hoje? Você trabalha aos sábados?

—O escritório aqui de casa. —Ele riu. —Não o da empresa.

Eu me soquei mentalmente para deixar de ser tão estúpida e ele me puxou para o colo dele. Passei os braços pelo seu pescoço e aproximei meu nariz para sentir seu cheiro matinal. Christopher abriu a porta quando a campainha tocou e uma mulher da minha idade ou, talvez, uns cinco anos mais velha, entrou no apartamento.

Ela não era nenhum clichê de empregada gostosona, mas também não era feia. Tinha cabelo loiro escorrido preso num rabo de cavalo alto, pernas compridas e lábios exagerados. Vestia uma *legging* preta e uma camisa branca simples. Não tinha muito peito ou bunda, era bem magrinha, mas meu alerta paranoico já tinha sido ligado.

—Eva, Rosa —Christopher fez as apresentações. —Rosa, Eva.

—Olá. —Ela sorriu, mascando chiclete.

— Oi. — Sorri também, apertando mais meus braços em volta do pescoço

do meu macho.

— Eva, peça por favor para que venham buscar o tapete persa para higienização.

Foi então que a loira notou a outra presença dentro daquela casa: Guapo. Ela arregalou os olhos e demonstrou querer correr para longe do cachorro. Provavelmente pediria um aumento pra Christopher só pelo fato de ter que conviver com um ser de quatro patas ali dentro. Mas o choque maior foi quando ela viu a sujeira no tapete.

— Meu Deus — exclamou, com uma mão no peito. — Logo no persa? O senhor está bem, Senhor King?

Desviei os olhos, sentindo o peso da palavra persa. Guapo não entendia droga nenhuma de decoração, mas obviamente, ele tinha que escolher as coisas mais caras da casa.

— Só providencie isso o quanto antes e me avise sobre o prazo que eles derem —ele pediu e girou a cadeira, levando-nos de volta pelo corredor. Passeamos pelo labirinto de portas e entramos no escritório dele, tão diferente do escritório da empresa. Os móveis ali eram mais antiquados, em madeira escura e densa. As duas paredes laterais estavam ocupadas por estantes de livros. De frente para a porta ficavam duas das grandes janelas e a mesa na frente, com um iMac enorme.

— Hum, por que ela perguntou se você estava bem? — Eu quis saber enquanto Christopher nos levava para trás da mesa. —O quanto você é apegado a esse tapete?

Seus lábios repuxaram num sorriso e ele esfregou a testa. Estava um pouco tenso, era impossível não notar.

— Christopher?

— Eu fui até o Oriente Médio pra comprá-lo num leilão — confessou, ligando o monitor em cima da mesa. — Mas não se preocupe, ele vai voltar limpo.

— Num leilão? — Engoli em seco. — Não me diga que ele é alguma raridade, por favor.

— É um persa do século 16 e me custou 4 milhões e meio. — Ele deu um tapinha na minha perna enquanto digitava uma senha no computador.

Senti vontade de vomitar porque meu cachorro cagara moedinhas num objeto que eu nem conseguia entender um motivo para ser tão caro. Pessoas jogavam dinheiro fora por nada. O tapete era feio e velho demais!

—Eu estava esfregando um tapete do século 16. —O que eu não quis dizer em voz alta foi que eu podia ter esfarelado o tapete em minhas mãos. — Não posso trazer meu cachorro novamente aqui. Nem eu deveria ser autorizada a

entrar aqui.

— Rosa, está tudo bem. A empresa de higienização sabe trabalhar com persas. — A mão dele apertou meu ombro tenso e ele me beijou no rosto. — Caramba, por isso não queria falar nada. Sabia que você surtaria.

Balancei a cabeça negando o comentário dele e tamborilei meus dedos no tampo da mesa. Dei meu melhor sorriso.

— Estou bem, não surtei. — Precisava descobrir quais os outros objetos daquela casa que custavam acima de cinco dígitos, para passar bem longe deles. —O que você quer cadastrar?

—O seu dedinho lindo.

Observei Christopher mexer em alguns programas no computador e abrir algo com vários quadradinhos, além de um teclado numérico no centro. Ele digitou o que devia ser novamente a senha e me olhou firme.

— Apesar de não ter respondido minha pergunta ontem, não vou deixá-la sem o direito de ir e vir sem mim. Vou cadastrar suas digitais, pois só assim você

consegue fazer o elevador subir e abrir minha porta. O mesmo vale na hora de pedir o elevador aqui em cima.

— Ou seja, se quiserem assaltar o apartamento, basta cortarem meu dedo. — Sorri, esticando meu polegar para ele.

—Tem que digitar a senha e, depois, pressionar a digital. —Ele puxou um pedaço de papel e anotou alguns números. —Decore quando puder.

Antes que ele pressionasse meu dedo no aparelho ao lado do teclado, eu segurei seu rosto e sorri.

—Tem certeza que quer me cadastrar? —Aquilo não era como dar a chave do apartamento para outra pessoa? Passei minha língua pela boca, tentando me fazer entender sem soar errado. —É que... Não quero que se sinta obrigado a me dar esse tipo de acesso. Sei que é algo que envolve sua segurança.

Christopher apoiou as mãos nas minhas coxas e me olhou com a cabeça inclinada. O aparelho de captura de digitais piscava sobre a mesa, esperando pelo meu dedo.

—Talvez eu esteja me apressando e assustando você, mas sim, quero fazer isso. Anão ser que não queira de jeito nenhum.

Colei meu rosto ao dele, nossas bocas quase unidas. Beijei levemente o cantinho dos lábios e segui na direção da orelha. Christopher se arrepiou e quando deslizei minha mão pelo peito dele, o rapaz se animou e foi explorando minha coxa.

—A resposta para aquela sua pergunta, a propósito, é sim. Quero namorar. Eu teria dito sim se você tivesse perguntado no dia do restaurante japonês... Pretendia continuar falando e excitando-o com algumas sacanagens, mas a

mão dele puxou meu cabelo e trouxe meu rosto para invadir minha boca. Ele deixou vários beijos molhados em minha pele antes de se virar de novo para o computador e apertar meu dedo sobre o aparelho.

∞

O domingo foi um dia chuvoso e cinza, sem nada de bonito na paisagem vista

pelas janelas da cobertura. Eu me sentia preguiçosa, com as pernas enroscadas no corpo de Christopher, deitada na cama com ele enquanto assistíamos a um filme. Ou melhor, eu cochilava várias vezes e ele assistia ao filme.

Não lembrava da última vez em que estivera mais feliz, radiante, sentindo- me a mulher mais sortuda do mundo. Aquele homem passou o final de semana todo me mimando com carinhos, comida deliciosa — provei o famoso *brownie* — e muitos orgasmos. Além disso, ele parecia sempre saber o momento certo em dizer algo mais doce e me tratar com uma delicadeza que me fazia sentir como um cristal.

O céu lá fora já estava escuro quando o filme acabou e ele desligou a enorme televisão com tela curva. Eu, que não era tão obcecada por tecnologia, tinha babado, abraçado e prometido amor eterno ao aparelho.

— Se você ainda trabalhasse pra mim, nenhum dos dois sairia dessa cama amanhã. — Christopher alisou minhas costas e beijou minha cabeça. — Não estou com a menor disposição para deixá-la ir embora.

—Por falar em trabalho, obrigada por anular a justa causa. Admito que fiz besteira das grandes, mas sempre fui uma funcionária exemplar para aquele idiota raivoso.

— Acredito em você, Rosa. E sinto muito que tenha acontecido, querida. Vou prestar atenção em Evan Mitchell a partir de agora, ver se ele comete algum deslize. Hoje não tenho motivos para demiti-lo, mas adoraria ter esse gostinho. — Por incrível que pareça, estou muito satisfeita com meu novo trabalho.

— Olhei para Christopher e franzi os lábios. — Eu sei que parece muito pouco para quem tem diploma de veterinária, mas sinto mesmo que vou ser feliz lá. Uma mão tocou minha testa e puxou meu cabelo para trás, enquanto ele puxava meu rosto um pouco mais para cima e sorria para mim. Eu me estiquei toda e dei um selinho em seus lábios antes de me aconchegar novamente.

—Não é muito pouco, se você se sente bem.

—Você não acha degradante? — perguntei.

—Ganhar seu próprio dinheiro com trabalho suado? —Levantei os olhos e vi

Christopher franzindo a testa. — Lógico que não. Degradante é roubar,

mentir, passar por cima de outras pessoas...

Fechei os olhos para manter presa aquela imagem de homem perfeito que Christopher me passava. Ele era bom demais para ser real, não? Eu sempre achava que ele não tinha mais como melhorar e pronto, vinha e me surpreendia com algum pequeno gesto ou palavras.

Aproveitei o cafuné que começou a fazer em mim e estava quase cochilando quando seus dedos se afastaram do meu cabelo.

— Adoro tê-la em meus braços, mas preciso tomar banho — Christopher avisou e eu me espreguicei. Não queria deixá-lo levantar. — Daqui a pouco volto para te dar uns amassos.

Eu resmunguei, mas deixei que se levantasse. Ele se encaminhava para o banheiro quando me surgiu uma ideia ótima. Fui atrás do meu mais novo namorado, com minha camisola vermelha transparente.

—Adoraria me juntar a você... — cantarolei.

Chris parecia surpreso quando virou a cadeira e me encarou. As duas sobrancelhas arqueadas e a boca entreaberta demonstravam que eu o pegara desprevenido. Ponto para mim!

—Você já não tomou banho agora pouco? —perguntou, confuso.

— Qual o problema? — Dei de ombros e me aproximei, passando meus braços pelos ombros dele ao me curvar. Toquei seus mamilos e beijei seu pescoço. — Esse vai ser muito mais interessante. Eu posso ajudar...

Ele suspirou e resmungou alguma coisa, movendo a cadeira para frente e entrando no banheiro. Entrei atrás e observei Christopher se aproximar do box. O banheiro era completamente adaptado para ele. Muito amplo, com paredes em mármore, sem excessos pelo caminho.

A pia era mais baixa e não possuía armário, de forma que a cadeira não tivesse obstáculos na hora de se aproximar. O espelho sobre a pia era levemente

inclinado na direção do chão, o vaso era ladeado por barras largas em inox e o box... tão grande que seria possível cinco pessoas tomarem banho ali dentro, confortavelmente.

—Não sou muito sensual tomando banho —resmungou ele, mais uma vez, enquanto tirava a calça. — Eu também adorava tomar banho com companhia, mas não é mais a mesma coisa.

— Você não entendeu. — Estalei a língua e me curvei na frente dele, apoiando minhas mãos em seus joelhos e o presenteando com a visão do meu decote. — Eu não quero transar no chuveiro, só quero tomar banho com você. Christopher tinha uma autoestima muito maior do que vários homens que

eu já conheci. Mas, de vez em quando, eu sentia que ele se desmotivava um pouco por sua condição. Tinha mais a ver com a virilidade do que realmente com

mobilidade.

Lambi meus lábios e abri as pernas, sentando de frente para ele.

—Só para esclarecer, eu te acho sensual até dormindo. —Peguei uma mão de suas mãos e a coloquei entre minhas pernas. Ele moveu os dedos para sentir que eu já estava úmida mais uma vez. —Você é gostoso pra cacete!

Senhor King brincou um pouco com meu sexo antes de sorrir e segurar meus quadris com as duas mãos.

—Mulher, vou precisar comprar um extintor pra dar conta desse fogo todo. Gargalhei e me levantei correndo antes que ele ficasse animadinho demais e adiasse o banho. Abri a porta de vidro do box e observei o painel digital do chuveiro para descobrir como fazê-lo funcionar. Ali dentro, acoplada à parede havia um assento largo em acrílico com pequenos furos para escoamento da água. A ducha era tão larga que pegava toda a extensão do assento mais um pouco.

Antes de me molhar, corri até o quarto onde minhas coisas estavam guardadas e peguei uma esponja macia que tinha visto lá naquele banheiro. Ao voltar para a suíte de Christopher, tirei minha camisola na frente dele e pendurei no cabideiro fora do box.

— Vai demorar muito? — perguntei ao ligar o chuveiro. Christopher me observava, atento, talvez pensando se entraria ali ou não. — Se não quiser mesmo, em hipótese alguma, eu saio.

Ele balançou a cabeça como se eu tivesse vencido e aproximou-se para fazer a transferência, afastando a cadeira em seguida.

— Que fique bem claro que eu nunca deixei ninguém fazer isso — ele começou a falar enquanto eu ligava o chuveirinho — além da minha mãe e enfermeiras. Ainda não sei se vou gostar.

Sorri e peguei o frasco de sabonete líquido. De pé na frente dele, espalhei o sabão pelos seus ombros e peito, massageando com a esponja enquanto observava seu rosto. Christopher estava tão sério que eu sentia vontade de rir, mas me controlei.

— Se não gostar — falei, alisando o pescoço dele com minhas mãos ensaboadas. Com a esponja, eu empregava uma pressão maior. — Prometo que nunca mais insisto nisso.

Ele respirou fundo e me olhou nos olhos enquanto lavava suas orelhas. Aproveitei para beijá-lo no ombro e, em seguida, passei a esponja pelo meu corpo, bem lentamente. Os olhos azuis começaram a seguir o caminho que minhas mãos faziam e quando eu passei sabonete em meus seios, ele esticou a mão para tocá-los.

—Shh! —Dei um tapinha no atrevido. —Estou tomando banho.

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou, sacudindo meu corpo junto. Depois me olhou com um sorriso atrevido e apoiou as mãos no assento. Christopher se arrepiou várias vezes enquanto eu o lavava naquelas regiões

do pescoço, ombros e peito. Passei para os braços, sem perder cada detalhe, fazendo os mesmos movimentos no meu corpo também. Ele suspirava cada vez que eu me tocava e tinha certeza de que estava se controlando muito para não tirar a esponja da minha mão e usar a própria língua.

—Você gosta de me torturar, não é? —a voz dele saiu rouca.

— Não sei do que está falando — murmurei sem olhar para ele. Meu foco agora seria seus quadris.

Eu me levantei e afastei as pernas dele, me ajoelhando entre elas. Segurei seu pênis com delicadeza e deixei a esponja de lado para usar a mão. Sentia os olhos azuis arderem na minha direção, observando cada gesto meu.

— Você mexe muito comigo — contei, enquanto me ocupava daquela região. — E eu te acho muito bonito... Por inteiro, independente do que você consegue ou não fazer.

Também afastei minhas pernas e me ensaboei de forma lenta enquanto o encarava. Dei o gostinho a ele de me ver sentir prazer enquanto passava a mão entre as pernas e mordia o lábio. Mas depois, voltei a me ocupar do corpo de Christopher.

—Acho que você está se aproveitando de mim, isso sim. —Ele brincou ao me ver pegar seus testículos e eu sorri. —Está me bolinando...

Pisquei para ele e terminei aquela região. Antes de passar para as pernas, posicionei-me ao seu lado para dar atenção às costas largas e a uma bunda que até então eu não tivera muitas chances de ver.

— Rosa, eu lavo minha bunda — ele falou, segurando minha mão com a esponja. —Ainda não chegamos a esse nível, querida.

Achei melhor não protestar porque já tinha conseguido muita coisa com Christopher. Se ele não se sentia à vontade, então tudo bem. Eu podia aproveitar para dar privacidade a ele e ir buscar o meu roupão que estava no outro quarto. Avisei que voltaria logo e saí do box.

—Você está muito molhada, Rosa!

Ia me virar para avisar que não tinha problema, que eu podia secar o que ficasse molhado, mas meu pé escorregou e eu me vi caindo para trás. Bati de bunda no chão, com as pernas para o alto e meu orgulho na lixeira.

— Rosa! — Sentei-me rapidamente, esfregando o cóccix dolorido e olhei para

trás. Christopher tinha desligado o chuveiro e se enxugava com pressa. — Eu avisei.

— Estou bem — tentei tranquilizá-lo porque parecia que o homem logo

infartaria. —Foi só um escorregão de nada.

Aos poucos, eu me levantei, evitando gemer perto dele. Realmente não tinha sido nada demais, todos os meus ossos estavam no lugar. Mas Christopher já tinha se enrolado em seu roupão preto e se transferia para a cadeira de rodas. Ele veio até mim e me puxou para o seu colo, tocando na base das minhas costas, onde estava mais dolorido.

—Podia ter se machucado de verdade —ele sussurrou. —Não me dê mais um susto desse...

—Só ia buscar um roupão — murmurei.

Quando comecei a lembrar do acontecido, comecei a rir de forma descontrolada. Christopher franziu a testa e esfregou minhas costas, ainda preocupado. O meu único arrependimento era deixá-lo assim, porque eu mesma não estava ligando, sabia que estava bem. Não tinha sido o primeiro tombo espetacular da minha vida.

—Não acredito que caí de bunda, pelada, bem na sua frente —ri, tapando o rosto. —Que momento decadente!

— Meu amor, existem muitas coisas que podem ser chamadas de decadentes e essa não é uma delas. — Ele me abraçou e beijou meu ombro. — Você é gostosa até na hora de cair. Mas, da próxima vez, eu prefiro que caia em cima de mim. Pelada, lógico. Com essas lindas pernas abertas e em cima da minha boca.

—Cale-se! —Empurrei o rosto dele com minha mão, mas não resisti e dei um beijo. —Você é meio depravado, sabia? O que já me fez fazer nesse final de semana...

— O quê? — Os olhos azuis brilharam em provocação enquanto nós saíamos do banheiro. —Conte em detalhes.

— O jeito que você fez sexo oral em mim... — Mordi o lábio e borboletas dançaram em meu estômago. —Aquilo foi novidade.

—Eu percebi que você estava hesitante no começo. Você nunca fez um 69? — Nãooo! Não! — Estalei a língua. — Eu sei que tenho fogo e pode parecer que faço sexo todos os dias da minha vida, mas não é bem assim. Sou muito básica.

Já no quarto, eu me levantei e peguei uma camisa de Christopher de cima do recamier aos pés da cama. Passei ela pela cabeça e me senti recuperar um pouquinho do orgulho que ficara pelo banheiro.

— O que você quer dizer com ser básica? — ele perguntou, dando seu sorriso torto.

— Ah, você sabe. — Revirei os olhos. — Papai e mamãe, etc, etc... Nem sempre me sinto muito à vontade com sexo oral.

— Por causa das marquinhas? — As mãos dele tocaram em meus joelhos, mas mantive minhas pernas fechadas. —Porque se for por isso, é bobagem. E se a incomoda tanto, hoje em dia tem muito tratamento a laser que pode melhorá- las.

Christopher recuou com a cadeira e pegou meu pé, massageando-o e subindo as mãos pela minha canela. Ele beijou minha pele lentamente, me causando arrepios, até que a soltou e fez o mesmo com a outra. Eu me joguei de costas na cama, deixando que fizesse o que bem entendesse com meu corpo.



Eu me sentia maravilhosa! Esplêndida! Um raio de sol! E foi com um sorriso do tamanho da lua que cheguei no trabalho na segunda-feira.

Tinha dormido na cobertura de Christopher e um pouco antes das oito da manhã ele pediu que o motorista me levasse para casa. Tive tempo de me arrumar, alimentar Guapo e separar a roupa que precisava lavar.

Meu sorriso não passou despercebido. Dylan foi a primeira que me lançou um sorrisinho cúmplice e assobiou uma canção de amor enquanto apontava o secador para uma bolinha de pelos marrons que se contorcia sob a mão dela.

—O que foi? —perguntei, sem evitar sorrir.

— Ah, nada. Só que você parece ter ido até a lua e voltado. Qual o nome dessa lua?

Tuck, o meu cliente da vez, olhou para mim com seus olhos escuros e uma cara de quem sabia o que ia acontecer. Era um vira-lata charmoso demais, com orelhas longas e um focinho que parecia um feijão e eu não conseguia parar de apertar.

— A lua se chama Christopher — respondi, doida para poder mostrar aquele homem maravilhoso para todo mundo. — E sim, estou vendo fogos de artifícios até agora!

—É seu namorado?

— Desde sábado. — Abri um sorrisão quando ela me olhou e levantou o polegar, contente.

Tuck se sacudiu e o sabão espirrou em cima de mim. Precisei segurá-lo melhor para evitar que ele pulasse e corresse pelo pet shop. Passei a mão pela sua boca, mas só serviu para me sujar ainda mais.

—Seu malvado! —ralhei com ele, que abanou o rabo pra mim.

—Tuck parece não ter gostado da concorrência. —Dylan riu.

Consegui fazer o engraçadinho parar de me dar banho e terminei ali com ele —e com metade da minha camisa molhada. Enquanto eu o entregava para a dona e chamava o próximo cliente, chegou um casal desesperado, com um pastor alemão sendo carregado pelo homem.

A Dra. Elizabeth foi chamada às pressas e ouviu que o cão acabara de ser atropelado na esquina. Ela o levou para o consultório e depois seguiu com ele para o centro cirúrgico, pois precisava passar por uma cirurgia de emergência. Voltei para dentro do pet shop com o coração apertado ao ver os donos chorosos e tão preocupados. Comecei a dar banho num *bulldog inglês* gigante e cheio de dobras quando Eleonor irrompeu pelo pet shop chamando por mim.

— Rosa! Precisamos de você lá na frente! — Ela não me esperou, saiu correndo.

Olhei para Dylan, que encolheu os ombros.

—Vai lá!

Coloquei o *bulldog* dentro do canil do pet e fechei o trinco antes de correr para a recepção da clínica. Havia uma mulher com um *beagle* no colo, mas ele não parecia muito um *beagle* porque sua cara estava enorme e deformada.

— Por favor, eu não sei o que houve! — Ela me olhou apavorada, sacudindo o cachorro como um bebê. Devia ter no máximo um ano. — Eu o deixei sozinho na varanda e quando vi, ele estava assim, todo inchado.

Eu me virei para a recepção, onde Eleonor esperava em pé, com os dedos na boca e os olhos arregalados.

—Chame a Dra. Elizabeth! —Resisti à vontade de estalar os dedos diante do rosto dela.

— Eu já chamei, mas ela está em cirurgia. — A funcionária encolheu os ombros. —Ela mandou que chamasse você.

O quê? Eu quis gritar, mas não podia demonstrar tamanho pavor na frente da cliente e dos donos do pastor que estava sendo operado, pois já estavam angustiados demais na recepção. De costas para aquelas pessoas e de frente para Eleonor, arregalei meus olhos e ela arregalou os dela de volta para mim.

Respirei fundo, contei até dez e pensei nas minhas opções. Podia acatar a ordem da Dra. Elizabeth ou correr de volta para o pet shop. Eu sabia fazer aquilo, tinha me formado para situações como aquela.

—Estou com medo que ele pare de respirar —a dona chiou. —É possível

isso acontecer?

Eu me virei de frente para ela e coloquei um sorriso calmo e confiante no rosto.

—Qual o nome dele?

— Bob.

— Vamos levar o Bob até o consultório, ok? — Coloquei uma mão nas costas da mulher e a incentivei a entrar na sala. —Vou dar uma olhada, ele pode ter sido picado por algum inseto. Há colmeias ou ninhos por perto da sua residência?

Lancei um olhar de aviso para Eleonor e esperei que ela desse o recado para a Dra. Elizabeth, de que eu atenderia o animal. Fechei a porta do consultório 2 e coloquei Bob sobre a mesa de exames.

As bochechas estavam enormes de tal forma que o pobre coitado nem conseguia ficar de olhos abertos. Segurei seu rosto entre as mãos e olhei bem de perto, procurando por qualquer vestígio de ferrão.

— Ele vai ficar bem? — a dona perguntou olhando por cima dos meus ombros.

—Claro que vai! Bob é um garotão esperto!

Afaguei a cabeça dele e me virei para a bancada de instrumentos. Abri as gavetas e peguei uma lanterna. Abri a boca de Bob e dei uma olhada para conferir se suas vias respiratórias estavam desobstruídas e percebi estar tudo bem.

— Ele provavelmente foi picado, mas o inseto não deixou nenhum ferrão. Podia ser mais grave caso Bob mordesse o inseto e fosse picado na língua ou na garganta, mas não foi o caso.

Abri o armário de medicamentos e dei uma lida nos rótulos, procurando por algum anti-histamínico. Quando achei o vidrinho, preparei uma injeção e apliquei no cachorro. A dona ainda não tinha se dado por satisfeita, tinha medo

que Bob caísse duro diante dela. E eu a entendia perfeitamente.

—Bob vai ficar bem, mamãe. —Sorri e o peguei no colo, entregando-o em seus braços. — Talvez fique um pouco sonolento pela injeção, mas você vai notar o inchaço diminuir. Qualquer coisa, traga-o de volta, mas não acho que vá precisar.

Eu me sentei na cadeira e apoiei minhas mãos na mesa. Precisava preencher a ficha para pagamento, mas não fazia ideia de quanto custava a aplicação do remédio. Precisei deixar a cliente no consultório e falar com Eleonor, que me informou todo o procedimento.

Alguns minutos depois, eu voltava para o pet shop depois de atender meu primeiro paciente. Estava empolgada e, mais do que nunca, com a certeza de que

eu tinha feito muito bem em aceitar o emprego ali na clínica. Nem me incomodei em tomar banho junto com os próximos clientes que atendi. Por mais cansativo que fosse, eu me sentia leve e feliz com tudo na minha vida parecendo dar certo.

Meus dedos deslizavam pela tela do celular enquanto o sorriso ainda estava estampado no meu rosto. Tinha acabado de trocar de roupa e estava pronta para ir para casa, quando vi a Dra. Elizabeth sair de um consultório e piscar para mim.

— Rosa, quero falar com você! — ela avisou, parando-me no meio do corredor interno da clínica.

Enviei a mensagem pra Christopher e guardei meu celular no bolso da calça jeans.

5:32 pm

Atendi uma emergência hoje aqui na clínica! Foi incrível, preciso te contar!

Beijos!

Dra. Elizabeth segurou meu braço e eu abri um sorriso para ela. Precisaria agradecer por todo o carinho que aquela mulher dispensava para mim.

—Obrigada por ter quebrado o galho hoje cedo —ela disse, suspirando. — Eu

não estava errada sobre você.

—Sou eu quem tenho que agradecer pela confiança, doutora.

A mulher de rosto simpático passou o braço por dentro do meu e caminhou até a recepção, onde o Dr. Parker conversava com a recepcionista do turno da noite. A clínica estava sem clientes naquela hora, então paramos os quatro no meio da recepção.

— Eu sei que posso estar me adiantando, mas falei por telefone com o Dr. Miller. Sobre você. — Elizabeth deu um tapinha em minha mão. — Sem nenhuma pretensão, é claro. Só contei um pouco sobre nossa nova funcionária. Eu ri e Parker estalou a língua ao olhar Elizabeth, mas também parecia se divertir.

— Estou sabendo das novidades de hoje por aqui — falou, empolgado. — Se depender da gente, Dr. Miller vai ter muita dificuldade em contratar qualquer outro veterinário.

— Vocês são muito gentis. — Sorri, sem conseguir esconder minha felicidade. —Mas não fiz nada demais. Mesmo. Era só um quadro alérgico.

— Não seja tão humilde, Rosa! — Elizabeth me deu um beijo no rosto e apertou a mão de Parker, jogando um beijo no ar para ele. —Eu já vou antes que

meu marido reclame que fiquei até tarde mais uma vez.

Ela se despediu de todos e eu estava fazendo o mesmo, quando senti o celular em meu bolso vibrar. Lembrei da mensagem que tinha enviado para Christopher e peguei o aparelho. Tinha resposta dele que fez meu coração bater mais rápido.

Christopher – 5:50 pm

Já saí do trabalho e estou na rua. Quer carona?

Eu sei que mora quase do lado, é só pretexto para beijar sua boca. **5:51 pm**

Quero!!!! Vou ficar te esperando!

Estava em êxtase! Não achava que fôssemos conseguir nos encontrar durante a semana porque Christopher parecia ser do tipo que ficava até mais tarde na empresa —e foi desse jeito que o conheci —e eu não tinha como ficar dormindo todo dia na casa dele. Guapo era meu melhor amigo e eu não gostava de deixá-lo sozinho à noite.

Resolvi sentar ali mesmo na recepção para esperar por ele. Parker tinha entrado no consultório e logo em seguida chegou um senhor de idade com um gatinho na caixa de transporte. Quando o veterinário veio chamá-lo, ficou surpreso por me ver ainda por ali.

—Está esperando alguém, Rosa?

—Sim. —Sorri. —Meu namorado vem me buscar.

— Quer acompanhar o atendimento enquanto isso? — Ele meneou a cabeça, indicando o consultório no qual o senhor tinha entrado. — Pode ser útil para o futuro.

Ele não precisava perguntar uma segunda vez. Peguei minha bolsa e fui com Parker escutar o caso do gatinho Storm. O animal era um pouco arredio e eu ainda aproveitei para ajudar Parker a segurá-lo durante a consulta. O veterinário suspeitou que ele estivesse com uma doença chamada esporotricose, de nome feio, mas com tratamento efetivo. Ele fez a solicitação de alguns exames e, quando Storm e seu dono iam embora, meu telefone apitou.

Christopher – 6:21 pm

Estou aqui fora!

— Obrigada por me deixar acompanhar, Dr. Parker. Eu já vou — avisei, pegando minha bolsa e acenando para ele. —Boa noite!

Ele me respondeu enquanto girava sua cadeira de frente para o computador e anotava algo na ficha de Storm. Saí da clínica e sorri quando vi o sedã preto estacionado na porta, com o motorista/segurança do lado de fora do carro. Ele abriu a porta quando me aproximei e vi Christopher ali dentro, digitando no celular.

— Rosa — Virei para trás e vi Dr. Parker vindo na minha direção. — Que bom que te alcancei. Escute, acho interessante que você vá se familiarizando com a rotina da clínica e das consultas. Não sei como é a sua rotina, mas quando você tiver tempo disponível para ficar até mais tarde, pode acompanhar meus plantões por uma, duas horas.

— Sério? — Uau, aquilo era demais. Fiquei imaginando os casos que deviam aparecer durante a madrugada. Não que eu estivesse disposta a ficar de madrugada na clínica. — Isso seria muito bom, com certeza vou querer ficar alguns dias.

—Estou à disposição. —Ele deu um sorriso que devia valer um milhão de dólares de tão bonito que era e tocou meu cotovelo. —Veja quando prefere e me avise.

—Obrigada, Dr. Parker.

Quando o homem voltou para dentro da clínica, eu me virei para entrar no carro. Christopher já tinha guardado o celular e encarava a porta de vidro da *Pets Life & Health*. Sentei-me ao lado dele e apoiei minha mão em seu joelho. Mesmo que ele não sentisse, eu adorava tocá-lo em todos os lugares do corpo.

— Meu dia foi ótimo! — falei, dando um beijo no rosto dele. — Por onde eu começo? Hum... Atendi um cachorro com um processo alérgico, recebi elogios, acompanhei um atendimento agora pouco...

— Porque você é incrível. — Chris beijou minha mão. — E inteligente. E uma ótima veterinária.

—E o Dr. Parker me convidou para acompanhá-lo em alguns plantões!

—É o homem que veio falar com você na calçada? —perguntou, sem ficar um segundo sem prestar atenção em mim. Eu podia querer algo mais?

— Sim. — Eu me sentei de frente para Christopher, empolgadíssima e fazendo diversos planos. —Seria um pouco puxado ficar até mais tarde, mas eu já fazia isso na *Ocean's King* e não estava investindo no meu futuro. Acho que poderia muito bem ficar três dias na semana de plantão com ele. Seria uma baita experiência.

Christopher colocou uma mecha de cabelo rebelde atrás da minha orelha e se inclinou para me beijar. Segurei o rosto dele entre as mãos e correspondi, sentindo-me completa com o contato dos seus lábios, a língua tocando a minha e me fazendo esquecer do que eu estava falando antes.

Quando se afastou, ele olhou de relance para frente enquanto o motorista dobrava a esquina. Em seguida, voltou a me encarar e sorriu, passando um braço pelos meus ombros e me puxando para mais perto de seu corpo.

—Se é bom para você, então acho que deve experimentar. Fique uma noite e veja se gosta.

—Farei isso. Acho que começarei amanhã mesmo!

E, para nossa tristeza, nós paramos na porta do meu prédio. Era o inconveniente de morar tão perto do trabalho. Não dava nem para aproveitarmos um pouquinho durante o percurso. Christopher suspirou ao meu lado e fechou os olhos, encostando o rosto no meu.

—É pedir demais que você durma na minha casa? —perguntou, baixinho. — Bem... — Franzi meus lábios, desanimada. — Tenho que cuidar um pouco da minha casa também. Infelizmente.

Ele resmungou e abriu os olhos ao se afastar e me soltar. Senti falta imediata dos braços em volta de mim e precisei resistir à vontade de me jogar no colo dele e pedir que me sequestrasse. Relutante, passei uma mão pelo cabelo negro lindo e o beijei rapidamente.

—Se o convite estiver de pé para o final de semana... —Mordi meu lábio. —Eu aceito.

— Para minha namorada o convite está de pé todos os dias. — Ele piscou. — Durma bem, princesa.

Não só dormi bem naquela noite como acordei muito disposta. Tinha saído de casa preparada para ficar na clínica até por volta das dez da noite, que foi o horário estipulado por mim mesma como o máximo que meu corpo poderia aguentar sem que eu surtasse de cansaço.

Meu dia melhorou por ter a companhia de Kiara durante o caminho até o trabalho. Minha amiga, que era formada em Direito, tinha sido chamada para uma entrevista de emprego num escritório de advocacia que ficava próximo da *Ocean's King*. Compramos cafés gigantescos para nos abastecer e caminhamos tranquilas pela calçada. Kiara tinha esperanças de finalmente dar sorte com alguma entrevista.

—Eu já rezei pro meu anjo da guarda —disse ela, jogando o copo vazio no lixo — mas se você puder, reze pro seu também. Estou precisando de muita ajuda.

— Tenho fé que você irá arrasar! Você é foda e eles vão enxergar isso. — Balancei meu copo me certificando de que ainda tinha café dentro. — Não esquece de me mandar uma mensagem assim que sair da entrevista. Quero ser a primeira a ouvir a boa notícia.

Ela sorriu e me abraçou quando chegamos na porta da clínica. Tentei ao

máximo passar boas vibrações para minha amiga, pois sabia como ela estava desesperada para arranjar logo um emprego. Há alguns meses ela estava se mantendo apenas com o dinheiro que os pais mandavam mensalmente. Eles não eram ricos, mas conseguiam ajudar um pouco na atual situação. O que não significava, no entanto, que Kiara estivesse satisfeita em ser sustentada pelos pais. Ninguém gostava disso.

Ajeitei o blazer dela e avaliei o visual completo. Estava elegante, vestida como uma advogada deveria se vestir. Se eles não notassem o potencial que aquela garota tinha, então quem sairia perdendo seriam os idiotas.

— Boa sorte! — gritei quando ela deu uma corridinha para aproveitar o sinal fechado e atravessar a rua.

∞

Dylan ficara boquiaberta com a minha notícia. A garota mais estilosa que eu conhecia estava sentada num banquinho dentro do banho e tosa, com o batom vermelho na mão e metade da boca pintada. Ela ficou tão surpresa que parou de pintar os lábios para me olhar.

— Isso é sério? Que máximo! — falou, desviando o olhar para o espelho que segurava na outra mão e se dando conta da pintura inacabada. —Estagiar e aproveitar o plantão ao lado do gostoso do Dr. Parker!

Dylan abriu um sorriso e olhou na direção da porta, conferindo se ninguém mais tinha escutado. Depois, franziu a testa para mim e bateu com os pés.

—Ai, desculpa. —Ela entortou os lábios. —Esqueci que você começou a namorar.

—Tudo bem. —Ri enquanto rodava o meu copo de café nas mãos. — Sou apaixonada pelo meu namorado, mas não sou cega. O Dr. Parker é bonito mesmo. Mas, não é nisso que estou interessada.

Ela terminou de passar o batom e se levantou, colocando-o num cantinho do armário de produtos para banho.

—Eu sei que não. E sério, acho que vai ser ótimo pra você, como um plus a mais para quando o Dr. Miller voltar.

Como nós duas ainda tínhamos alguns minutos antes dos primeiros clientes chegarem, também me sentei e esperei que Dylan terminasse sua arrumação diária. Enquanto a observava, cruzei minhas pernas e tomei o restinho do café. Depois do almoço eu compraria outro para ir me abastecendo para a noite.

—Como ele é, Dylan? —perguntei. —O Dr. Miller?

—Gato. Gostoso. Solteiro.

Sorri e ela se virou para me olhar, revirando os próprios olhos e se sentando

na minha frente.

—Queria saber mais no sentindo... profissional.

— Controle-se Dylan! — ela resmungou como se falasse sozinha. — Você tem namorado.

Eu estava mesmo perdida com as minhas amizades. Eram todas loucas!

—Ele é muito inteligente, é simpático, um ótimo patrão. Sempre me tratou muito bem, é educado, cordial... O que mais? — Ela apoiou os cotovelos nos joelhos e ficou encarando os pés, pensativa. — Você vai gostar dele. É impossível não gostar.

Notei que Dylan, que era bem branquinha, foi ficando com o rosto vermelho à medida que tecia elogios para o Dr. Miller. Quando terminou de falar, ela arregalou os olhos para mim e deu um sorrisinho sem graça.

— Bem, eu tinha mesmo uma queda pelo patrão. — Revirou os olhos. — Até conhecer meu atual namorado.

—Eu entendo.

E entendia mesmo, porque afinal, Christopher tinha sido meu patrão por algum tempo, mesmo que eu não fizesse a menor ideia daquilo. Não quis contar esses detalhes para Dylan, então mudei de assunto e comecei a falar sobre nossos clientes que estariam atrasados se não chegassem nos próximos cinco minutos.

A garota voltou ao seu estado normal no instante em que uma menina com uma labradora marrom entrou na sala sendo arrastada por ele. Era meu primeiro cliente do dia. Agradeci a todos os santos por Minnie ser um doce de cachorra e adorar água. Foi um dos banhos mais fáceis que eu dei desde meu primeiro dia no banho e tosa. Apesar de ser muito grande e peluda, eu preferia mil clientes como ela do que um pequenino e irritado.

O dia não foi tão agitado e pude aproveitar um pouco para ter algumas aulas rápidas com Dylan. Ela me ensinou a arte da tosa, principalmente algumas técnicas para conseguir tosar animais mais agitados. Observei também o trabalho mais caprichado que ela fez num poodle que saiu de lá com pompons nas patas e no rabo —a dona achava lindo.

Um pouco depois de voltar do almoço, ouvi meu telefone apitar sobre a mesa e enxuguei minhas mãos na calça para poder mexer no aparelho. Tinha algumas mensagens de Kiara e deslizei logo o dedo pelo aplicativo para poder ler, torcendo para que fossem boas notícias.

Kiara – 1:27 pm

A entrevista foi ótima e acho que mandei bem. UHUUUU!!!

Kiara – 1:29 pm

Ai que merda. Já estou nervosa. Será que serei chamada? Não vou aguentar esperar pelo telefonema. Help!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Kiara – 1:30 pm

Vou fazer compras e esfriar a cabeça antes que enlouqueça.

Aboa notícia era a entrevista ter sido um sucesso. Amá seria ter uma Kiara ansiosa, se enchendo de café e gastando o que não poderia gastar. Queria muito sair do trabalho e ir encontrá-la onde estivesse, poder distrair um pouco minha amiga, mas não era possível. Pior ainda, eu só a veria bem tarde da noite, pois já tinha avisado para Parker que ficaria no plantão daquele dia.

1:33 pm

Você vai conseguir, tenho fé! Passo mais tarde no seu apê. Te amo!

Ao contrário do que eu esperava, minha primeira noite na clínica foi um pouco decepcionante. Até as dez horas, Parker só atendera dois pacientes que não apresentavam nenhum quadro diferenciado. Nada que eu já não tivesse visto. Quando terminei de trocar de roupa para ir embora, vi que Christopher tinha mandado mensagem, curioso para saber como estava sendo minha experiência. Eu respondi rapidamente, avisando que não foi nada tão empolgante e avisei que estava indo para casa.

Antes de entrar no meu apartamento, toquei a campainha de Kiara e quase fui derrubada por ela no corredor, quando abriu a porta. Aquela figura pequena pulou em cima de mim e me balançou, aos gritos.

— Me ligaram! Porra, me ligaram! — Ela estava enlouquecida, abraçada comigo. Comecei a pular junto com ela e ouvi Guapo latir atrás da minha porta. —Sou a mais nova advogada com emprego fixo!

—Eu sabia que daria certo!

Parei de pular um pouco porque eu não era exatamente uma pessoa esportista. E tinha trabalhado em pé o dia todo, estava um pouquinho cansada. Mas segurei Kiara pelos ombros e a abracei de novo, agradecendo mentalmente por ela ter conseguido dessa vez.

— Parabéns! — falei, sorrindo. — Precisamos sair para comemorar amanhã.

— Sim, por favor! Vamos comemorar todos os dias da semana, pois começo na segunda. Você podia chamar o seu bonitinho, eu chamo o meu bonitinho e a gente faz uma bagunça amanhã.

Fiquei tentada a pedir para Kiara não comparar o meu bonitinho, que na

verdade era maravilhoso, gostoso, sensual e irresistível, com Johnny, o bonitinho do chá de bebê vulgo atual namorado dela. Os dois estavam ocupando níveis muito distantes. Mas, pensei que talvez uma noite conversando com Christopher pudesse render a Johnny algumas lições de como satisfazer uma mulher na cama. E, no fim, quem sabe minha amiga não se desse bem?



Eu equilibrava o celular entre o ombro e o rosto enquanto caminhava para o trabalho e falav20a com Christopher. Não conseguimos conversar muito quando cheguei em casa porque ele teve que falar rápido, estava com os amigos na tal noite de jogos que mantinha todas as terças.

— *Lógico que vou adorar comemorar com seus amigos* — disse ele e preferi não o corrigir sobre a parte de Johnny não ser meu amigo. — *Será que eles não gostariam de vir aqui em casa? Posso preparar um jantar.*

O problema era que, tudo estava acontecendo tão rápido que eu esqueci de contar pra Kiara sobre a condição financeira de Christopher e sua conta bilionária. Tampouco sabia se um jantar chique dentro de um apartamento era a ideia de comemoração que ela tinha em mente.

— Eu não sei. Talvez seja melhor algo mais informal. Eu posso procurar por algum lugar bem acessível para não termos problema.

—*Tudo bem, basta me passar o endereço depois.* — Ele assobiou alguma música que não consegui identificar e suspirou. —*Só assim eu mato a saudade e te agarro um pouco.*

—Só um pouco? Espero que você me agarre muito! Anoite toda. Christopher riu do outro lado da linha e nós dos despedimos com promessas

de muitos beijos e amassos durante a noite. Eu mal podia esperar, passei a contar as horas e minutos.

Não poderia ficar até tarde no plantão com o Dr. Parker, mas como Kiara marcou o encontro num *pub* em TriBeCa para as oito horas, decidi que esticaria

um pouco e iria encontrá-los direto.

Foi uma das melhores decisões que tomei, pois um pouco depois das cinco e meia da tarde, entrou um casal na clínica com uma cachorrinha em trabalho de parto. Corri para ajudar Parker com o parto normal e aquilo foi a coisa mais emocionante que eu já tinha vivenciado na minha profissão.

O veterinário me mostrou como fazer nos dois primeiros filhotes e deixou que eu comandasse o nascimento do terceiro. Meu coração bateu acelerado no peito enquanto eu rompia a bolsa amniótica que envolvia aquele minúsculo ser vivo e cortava o cordão umbilical. Só depois de olhar para todos os cinco peludinhos minúsculos, vivos e saudáveis, percebi que o suor em meu rosto era, na verdade, meu choro silencioso. Eu amava minha profissão.

—Foi sua primeira vez?

Dr. Parker perguntou depois que ficamos sozinhos no consultório e eu me virei para ele, segurando numa mão o pano com o qual estava limpando a bancada.

—O quê? —Ele estava mesmo sendo tão invasivo assim? —Minha prim... —O primeiro parto que você testemunha. — Ele se sentou em sua cadeira

e cruzou as pernas.

Ah! Era sobre aquela outra primeira vez que ele estava falando. Respirei aliviada, mas não deixei transparecer que tinha entendido tudo errado. Eu me virei de novo para a bancada e terminei de limpar um pouco da sujeira que fizemos.

— Não foi o primeiro. Mas eu estava estagiando no hospital veterinário e tive que dividir a sala com mais uns dez colegas. Não consegui chegar muito perto e muito menos participar, de fato.

Quando me dei por satisfeita com a higienização do lugar, aproximei-me de Parker e juntei minhas mãos, sem conseguir conter minha felicidade. Talvez Dr. Miller decidisse não me contratar, mas eu já me sentia realizada pelo pouco que fiz. E sabia que, independente da clínica onde estivesse, iria sempre trabalhar com o que amava.

— Obrigada pela oportunidade, Dr. Parker. Foi maravilhoso poder trazer um dos filhotes ao mundo!

Ouvimos a batida na porta do consultório e, como eu estava mais perto, abri para a recepcionista.

— Tem um senhor na recepção — ela disse, franzindo a testa. — Hm... Christopher? Acho que é isso.

Christopher? Saí da sala e fui até ele, que sim, estava ali na frente, todo lindo, arrumado e cheiroso. Eu estava descabelada, suja de sangue e outras secreções. Antes que me aproximasse, ele franziu os lábios e depois esboçou um

sorriso diante do que estava vendo.

— Acho que não estou vestido para a ocasião. — Riu, correndo os olhos pelo meu corpo. —Seja ela qual for.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei e me inclinei na direção dele, dando um selinho. Não quis abraçá-lo para não sujar sua roupa.

— Pensei em vir te buscar. E, mocinha, são sete e meia. — Ele deu de ombros. —Acho melhor trocar de roupa.

—Eu sei, já estou indo. Depois tenho que contar o que fiz hoje!

Eu me virei para ir me arrumar e dei de cara com Parker, que chegava por trás de mim. Ele sorriu e olhou na direção de Christopher, fazendo com que eu me lembrasse de apresentar os dois.

—Dr. Parker! Esse é meu namorado, Christopher. —Virei de frente para o Gato Motorizado gostoso e sorri para ele. —Esse é o Dr. Parker.

Christopher se aproximou e esticou uma mão para o veterinário, que apertou a dele e os dois se cumprimentaram. Era uma pena que Elizabeth também não estivesse por ali. Gostaria muito que Christopher a conhecesse.

— Obrigado por deixar que Rosa acompanhe seus plantões. Ela está bastante animada.

—Não está sendo nenhum sacrifício —Parker respondeu, rindo e olhando pra mim. — Rosa é uma excelente profissional e conquistou todos nós muito rápido.

—Você e a Dra. Elizabeth me receberam de braços abertos e eu só tenho a agradecer — declarei, sentindo meu ego inflar. Receber elogios era sempre muito bom.

Mas quando Parker colocou uma mão no meio das minhas costas e os olhos de Christopher seguiram o movimento com atenção, eu murchei um pouco. Não era esse tipo de interação que eu queria promover entre os dois.

— Tem sido um prazer tê-la aqui e torço para que consiga fazer parte do quadro de veterinários da clínica.

Sorri, pensando na melhor forma de sair daquela conversa e correr logo para trocar de roupa. Fui agraciada com uma mulher entrando na clínica e pedindo por uma consulta de emergência. Dr. Parker precisou pedir licença e seguir para

o consultório e eu aproveitei para me ausentar também.

Quinze minutos mais tarde, Christopher e eu estávamos sentados dentro do carro, de mãos dadas. Achei que ele estava um pouco quieto, pensativo, com o olhar perdido pela janela do carro. Eu passei minha perna sobre a dele e toquei sua nuca, alisando aquele cabelo negro que eu amava.

—Como foi seu dia? —perguntei e ele virou o rosto, dando seu sorriso tão charmoso.

—Sem grandes emoções. O que você queria me contar que fez no trabalho hoje?

— Ajudei no parto de três cachorrinhos. — Senti que estava sorrindo que nem uma criança que ganhava presente de Natal. — O Parker deixou que eu cuidasse do último. Cortei meu primeiro cordão umbilical, Chris.

—Então hoje nós precisamos comemorar duplamente.

Aproximei meu nariz do pescoço dele e cheirei seu perfume, sentindo-me muito feliz.

— Sua presença aqui já é minha comemoração! — falei, sentindo o braço dele apertar meu corpo. —Mas sim, acho que posso tomar algumas hoje.

∞

O pub escolhido por Kiara já estava cheio e com música alta quando chegamos. Ela já tinha tomado conta de uma mesa, junto com Johnny, e agradeci mentalmente por não ter se esquecido de que Christopher precisava de espaço para a cadeira.

Eu me sentei ao lado dele, depois de apresentar os dois homens um para o outro e nós fizemos nosso pedido. Kiara já estava um pouco alegre e me perguntei há quanto tempo ela estaria bebendo.

— Aos nossos empregos — brindou, levantando a garrafa de cerveja bem alto — que nos arrancam a pele e aos salários que a gente mal enxerga na conta bancária!

Nós brindamos, eu e Johnny com cerveja e Christopher com seu *whisky* Blue Label que só a dose custava 70 dólares. Minha intenção era manter em segredo a condição financeira dele, mas ficava difícil quando o home tinha gostos tão exigentes. Isso, fez, inclusive, com que Kiara mudasse o discurso enquanto olhava para ele.

—Quero dizer, os *nossos* salários. —Ela balançou a cerveja e apontou para mim e Johnny. —Você tem cara de quem ganha muito bem, Christopher.

— Cara, onde você trabalha? — o lesado acompanhante de Kiara perguntou, enchendo a mão de amendoim e jogando tudo na boca.

— Ocean's King. — O burro ficou encarando Christopher, com a testa franzida, de forma que meu namorado precisou explicar melhor. — Setor de construção naval.

— Ah! Eles constroem barcos! — Johnny bateu com a garrafa no copo de Chris. — Show!

Meu bilionário parecia se divertir com a inocência do outro. Ele abriu um sorriso e balançou a cabeça, confirmando tudo. Barcos. Barcos! Christopher

fabricava até submarinos. Ele me olhou de soslaio e eu colei o gargalo da cerveja contra os lábios para evitar cair na gargalhada.

A noite foi ótima, leve, descontraída e com um papo bom. Até mesmo Johnny conseguiu manter uma conversa decente e empolgada com Christopher, principalmente quando entraram em assunto de carteado. Parece que o namorado de Kiara também curtia um pôquer vez ou outra e os dois trocaram altas histórias.

Em algum momento, o *pub* ficou muito cheio e muito agitado. Passei a notar que Christopher estava um pouco mais calado e imaginei que pudesse ser justamente pela agitação do lugar. Encostei meu ombro no dele e aproximei meu rosto, ignorando o coração que Kiara fazia com as duas mãos na minha direção. — Quer pedir outra coisa pra comer? — perguntei, olhando para o pedaço

de costela que estava pela metade no prato dele. —Você não gostou?

E eu percebi que tinha alguma coisa errada quando ele virou o rosto para me olhar, com um sorriso que não era o dele.

—Tenho que ir embora, Rosa —disse, baixinho, segurando minha mão. — Você não precisa ir, volte com Kiara.

— O quê? — Olhei para o outro lado da mesa e vi que o casal não estava prestando atenção na gente. Kiara e Johnny se beijavam como se não houvesse amanhã. —Se você for, eu vou.

Christopher balançou a cabeça e puxou a carteira. Ele tirou duas notas de cem e colocou sobre a mesa, chamando a atenção dos outros dois. Kiara franziu a testa e olhou pra mim, sem entender.

—Vocês já vão?

—Hum... Acho que sim — respondi.

— Não, Rosa vai ficar. — Christopher me encarou e passou a mão pelo meu queixo. — Só preciso ir para casa pois não estou me sentindo bem. Quero que fique e termine sua comemoração.

— Você não está passando bem? — Passei minhas mãos pelo peito dele, sem saber o que aquilo significava. Estava sentindo dor? —Agora mesmo é que não vou ficar aqui.

Observamos em silêncio enquanto Christopher digitava no celular e eu sabia que estava chamando o motorista — que devia ter estacionado em algum lugar próximo. Também notei a testa dele franzir e sua respiração ficar um pouco mais ofegante.

— Chris, quer esperar lá fora? Pegar um pouco de ar... — Toquei a testa dele e senti que estava gelado.

— Pode ser. — Ele tentava se controlar. Guardou o celular e a carteira e apoiou as mãos nos joelhos, inspirando e expirando lentamente.

Levantei da mesa e peguei minha bolsa, ajeitando-a no ombro antes de me virar para Kiara. Ela já estava se levantando também e veio até nós, se inclinando para

abraçar Christopher.

—Espero que melhore e que Rosa me dê notícias depois.

—Você pode dar uma passada lá em casa só pra ver se está tudo bem com Guapo? —perguntei, tirando a minha chave da bolsa e entregando na mão dela. —Vou dormir na casa de Christopher.

—Eu olho o babão, pode deixar.

Dei um beijo nela e me despedi também de Johnny, antes de sair atrás de Christopher, que guiava sua cadeira tendo que se desviar dos bêbados pelo caminho. Quando chegamos do lado de fora do *pub*, ele parou na calçada e virou de frente para mim. Seu semblante deixava nítido que não passava muito bem.
— Rosa, prefiro que você não me acompanhe — declarou, desviando os olhos.
—Não estou mesmo me sentindo bem e não vou conseguir te dar atenção. Um sedã preto se aproximava e eu já sabia que era o carro dele. Apoiei minhas mãos nos joelhos ao me curvar de frente para Christopher e segurei o rosto dele.

—Eu não preciso que me dê atenção, quero apenas cuidar de você. Não me afaste.

O carro parou e o motorista logo saiu e abriu a porta traseira. Antes que ele fosse embora e me deixasse ali sozinha, dei a volta por trás do carro e entrei pelo outro lado.

Christopher estava com a cabeça apoiada no encosto do banco e fechou os olhos enquanto aguardava que o motorista terminasse de cuidar da cadeira de rodas. Apoiei minha mão sobre a dele e deslizei meu polegar pela pele gelada. —O que está sentindo?

— Enjoo — respondeu ele, abrindo os dedos para receber os meus. — A comida não me caiu bem.

— Tudo bem, podemos parar e comprar algum remédio. Você costuma tomar algo específico?

Nós já estávamos em movimento e as luzes da cidade passavam depressa pelas janelas do carro. Felizmente, o trânsito não era muito ruim naquele horário e não

demoraríamos para chegar na cobertura de Christopher.

Imaginei que seria ideal ele tomar alguma coisa, jogar uma água no rosto e descansar. Eu poderia ajudar com aquilo. Ao contrário do que ele podia estar pensando, não era uma idiota completa.

—Rosa... —Christopher soltou minha mão e se curvou, agarrando o banco do motorista. —Pare, preciso vomitar.

O motorista teve que ligar o alerta e encostar junto à calçada, mas

Christopher nem conseguiu esperar que o automóvel parasse por completo. Ele abriu a porta e eu passei meus braços ao redor da cintura dele quando se inclinou e vomitou.

Senti as contrações de seu corpo cada vez que ele fazia força e esperei que terminasse. Comecei a alisar o braço dele, em silêncio, até que o corpo relaxou um pouco e ele se encostou no banco. Fechou a porta do carro e não precisou dar nenhuma ordem, o motorista entendeu o recado e voltou a dirigir.

— Você está suando frio — falei, limpando a boca de Christopher com a mão por falta de outra coisa.

—Rosa. —Ele virou o rosto para não me olhar. —Estou sujo...

— Já cansei de me sujar com vômito, merda e xixi de um monte de bicho. Acha mesmo que me importo com isso?

Eu queria dar um tapa nele para deixar de ser besta, mas me contive e me afastei um pouco. Não adiantava ficar enchendo o saco e pressionando uma pessoa que está passando mal. Deixaria que Christopher tivesse o seu espaço e ajudaria se ele precisasse de mim.

Ele pegou o celular e discou um número com o nome de uma pessoa que eu não conhecia.

— Julian, vou precisar de você em dez minutos. — Franzi a testa, mas depois lembrei do funcionário que ele mantinha no prédio. — Aguarde lá embaixo, por favor.

Confesso que fiquei um pouco ressentida por ele desprezar minha ajuda e preferir a do funcionário, mas fiquei quieta. Não demorou para que encostássemos o carro diante do prédio e um homem alto e forte se aproximar com agilidade. Eu saí assim que o carro parou, indo ajudar o motorista a tirar a cadeira do porta-malas e montá-la. Quando Christopher estava recebendo ajuda daquele que devia ser Julian, senti-me mais atrapalhando do que ajudando e saí do caminho.

—Julian, essa é minha namorada —Christopher nos apresentou, com a voz preguiçosa. — Rosa.

— Prazer, Rosa. — O homem que devia ser só um pouco mais velho que meu namorado, sorriu e esticou uma mão para mim. — Se Christopher gosta de você, então sei que é uma boa pessoa.

Apertei a mão dele e encolhi meus ombros enquanto a gente esperava por um elevador.

—Eu não reciclo meu lixo, não devo ser tão boa assim.

Quando Christopher gargalhou junto com Julian, senti-me um pouquinho melhor. Podia não ser muito útil no trabalho pesado, mas estava ali para dar algum apoio moral. Nem que fosse para fazê-lo rir.

Foi só quando entramos no espaço fechado do elevador que senti um cheiro estranho. Olhei em volta, mas tudo naquele prédio era impecavelmente limpo. E então, entendi. O cheiro estava vindo de Christopher e se eu podia sentir, ele também sentia.

Pensei que fosse só um enjoo comum e ao vê-lo vomitar achei que isso o ajudaria a melhorar um pouco, mas tudo indicava que ele tinha perdido o controle do intestino. E, provavelmente, por isso tenha chamado por Julian.

Foi um alívio quando chegamos ao andar dele, pois não queria que se sentisse tão mal com minha presença ali. Aproveitei para ser útil e me adiantei, abrindo a porta com minha digital e deixando que os dois passassem. Quando Christopher saiu em direção ao corredor que dava para os quartos, ele parou e olhou para mim, com os ombros caídos.

—Só peço que nos deixe um pouco a sós —pediu, enquanto Julian seguia em frente sem esperar por ele. —Prometo que depois eu te chamo.

— Vou ficar por aqui. — Sorri para tranquilizá-lo e deixei que fosse embora.

Como eu tinha tempo de sobra e nada para fazer, fui até a cozinha e procurei pelos armários para ver se encontrava algum chá. Seria bom que ele tomasse um pouco mais tarde, mas logo descobri que Christopher não era uma pessoa que bebia chá. Portanto, passei a mão na minha bolsa e fui até a rua. Havia uma farmácia no mesmo quarteirão do prédio. Comprei chá de camomila e um vidro de mel, para usar com o limão que eu tinha visto num dos armários. Era uma receitinha caseira que eu mesma já tomara várias vezes. Quando voltei para a cobertura, tudo estava muito quieto. Preparei o chá

sem pressa, escolhi uma xícara bonita e levei até o quarto dele. Bati na porta fechada e esperei que Julian aparecesse. Ele não demorou nem um minuto e abriu para mim, mas bloqueou a passagem com o próprio corpo.

—Estou cuidando dele —avisou. —Christopher pediu para que espere um pouco.

— Eu sei, tudo bem. Só faça com que ele tome um pouco de chá. É bom para acalmar a irritação do estômago.

Julian pegou a xícara da minha mão e murmurou um obrigado antes de fechar novamente a porta e me deixar sozinha no corredor. Suspirei e fui para o quarto onde tinha guardado minhas coisas no final de semana anterior. Arrependi-me de não ter deixado nenhuma roupa ali, pois gostaria muito de tomar um banho e vestir algo confortável.

Quando abri a porta do quarto, no entanto, surpreendi-me com algumas bolsas de lojas famosas sobre a cama. Não conseguia acreditar que Christopher tinha pensado em tudo para a minha próxima visita.

Eu me dei um tempo para curtir os presentes e abri cada bolsa, experimentei todas as roupas. O que mais me deixou surpresa foi ver que Christopher não me rotulou de um determinado jeito ou outro. Ele tinha comprado *lingerie* sensual e camisolas fofinhas, pijama de flanela, camisetas e *shorts* básicos, assim como

dois vestidos de arrasar quarteirões. Para o momento, separei um *short* de seda azul marinho e uma camiseta branca antes de ir para o banho.

Não fiz nada com pressa porque sabia que Christopher precisava do tempo dele. Aproveitei o banho quente e hidratei minha pele com um dos cremes que estavam sobre a bancada de mármore do banheiro. Vesti a roupa nova, feliz por ser do meu tamanho, apesar de um dos vestidos lindos ter ficado um pouco apertado nos quadris.

Quando saí do quarto fui conferir se Julian ainda estava na cobertura ou se já tinha ido embora. A porta do quarto de Christopher estava entreaberta e achei melhor bater antes de colocar a cabeça para dentro.

—Entre —ouvi a voz dele e suspirei de alívio.

Meu namorado estava deitado na posição que, provavelmente, tinha sido pensada por Julian. Um daqueles travesseiros compridos e enormes estava por baixo de vários outros, de forma que Chris estivesse com o tronco levemente inclinado. Ele estava sem camisa e vestia calça de moletom cinza e largou o controle da televisão quando me aproximei.

— Oi, amor — derreti-me quando ele sussurrou para mim, sorrindo. — Desculpe pela noite.

O quarto estava aconchegante, com apenas alguns spots de luz acesos, deixando o ambiente numa penumbra média. E Christopher estava tão cheiroso! Eu me sentei ao lado dele e beijei seu rosto, aspirando o perfume do *shampoo* em seu cabelo úmido.

— Não precisa se desculpar. Também já vomitei algumas vezes e, geralmente, isso acontece na frente de um monte de gente.

— O problema não é apenas o vômito. — Ele me lançou um olhar que deixava claro que não precisava disfarçar nada. — Vamos só... torcer para que não aconteça de novo essa noite.

— Você tomou o chá? — perguntei enquanto deslizava meus dedos pelos fios negros. —Eu deixei com Julian.

Christopher estava quase fechando os olhos por causa do meu cafuné, mas sorriu e o peito estremeceu com a reação. Ele apoiou uma mão na minha coxa e alisou minha pele. Era um carinho que, normalmente, já me deixaria alerta para possíveis incêndios entre minhas pernas, mas naquele momento, eu só queria que ele descansasse.

—O chá estava horrível. Tenebroso. Mas eu tomei.

— É um remédio caseiro — estalei a língua. — Não foi pensado para ser gostoso. Quantos anos você tem? Oito?

— Obrigado. — Christopher levantou os olhos e sorriu. — Você não precisava ter vindo, Rosa... Não queria estragar sua noite.

Suspirei e passei as pernas por cima das dele, sentando sobre meus calcanhares. Segurei o rosto de Christopher em minhas mãos e aproximei o meu, lançando para ele um olhar bem firme.

— Você acha que eu ia deixar o cara que amo voltar pra casa sozinho, passando mal, enquanto eu fico bebendo com amigos?

O sorriso dele foi alargando aos poucos até que todos os dentes perfeitos estivessem expostos para mim.

—O cara que você o quê? —perguntou, apertando minha coxa.

— Quê?

—Você disse “o cara que eu...” —explicou, piscando todo debochadinho e a ficha caiu para mim.



Eu disse que o amava? Não foi bem isso, foi? Falei que era o cara que eu amava, mas não fui *tão* direta assim. Franzi meus lábios enquanto ele se divertia me encarando, ansioso para ouvir novamente a confissão. Claro que eu já amava Christopher. Não lembrava com exatidão quando o sentimento se concretizou, mas já o sentia enraizado em meu peito. Isso não significava que eu queria ser a primeira a admitir. Portanto, continuei de boca fechada por alguns segundos, sustentando o olhar fixo dele em cima de mim.

Christopher parecia gostar daquela brincadeira de ficar encarando e ele não costumava ceder com facilidade. Pude contar quase um minuto enquanto o silêncio pairava no ar e, por fim, ele balançou a cabeça, rindo.

—Amo você, Rosa.

Acho que deixei meu queixo cair enquanto o olhava e digeria a declaração. Podia contar nos dedos de uma só mão quantas vezes eu tive o prazer — ou o desprazer em alguns casos — de ouvir a frase da boca de um homem. Estava acostumada a ser a única emotiva da relação.

— Não precisa dizer só porque eu disse. — Eu me curvei para frente e beijei sua boca, dando uma mordidinha no lábio inferior antes de me afastar. — E sim, talvez eu tenha dito que te amo. Eu e minha mania de me envolver tão rápido. Contei sobre isso, não contei? E tenho quase certeza que dei oportunidade para você correr de mim. Várias vezes.

Aqueles braços pareciam de um polvo quando ele me abraçou e me puxou para frente. Caí, desequilibrada, naquele colo maravilhoso e apoiei meu queixo no peito dele, sem me preocupar com a posição nada confortável. Os braços de Christopher ao meu redor faziam tudo valer a pena.

— Eu não sou homem de desperdiçar palavras. Se disse que amo você, é porque sinto isso. — Meu namorado maravilhoso estreitou os olhos e depois abafou uma risada. — Só não disse antes porque tinha medo de parecer meloso demais. Há muito tempo não vivo nada tão intenso como tem sido nossa relação. —Ah! Claro! Dizer que me ama não pode, mas encher a cama de presentes

é normal, né? —Revirei meus olhos. —Por que os homens são tão estranhos? Christopher deu de ombros e observou meu corpo. Acho que só então ele tinha reparado que eu estava usando as roupas que comprou para mim. Um dedo escorregou pelo tecido macio do meu *short*, apalpando de leve a minha bunda enquanto sorria.

— Comprei apenas pela certeza de que tudo ficaria ótimo em você. Seria um desperdício deixar essa seda longe da sua pele.

— Se você não estivesse com essa cara de cansado, talvez eu pudesse deixar que visse a seda deslizar pela minha perna. — Fiz minha melhor voz sedutora e alisei seu peito nu, roçando meu dedo em seu mamilo. —Até o chão. Christopher pareceu engolir com alguma dificuldade e até chegou a levar

uma mão ao pescoço quando afastei meu dedo e lhe dei um sorriso angelical. Ele balançou a cabeça lentamente, encarando-me como se eu fosse muito levada.

— Fique à vontade para fazer isso a hora que desejar porque ainda não estou cego.

Mordi meu lábio, prendendo o riso. Adoraria provocá-lo a noite toda, mas via em seu olhar que estava cansado. Ele ainda tentou me prender ali naquela posição, mas consegui me esquivar e me sentei ao seu lado. Dobrei minhas pernas e encostei minha cabeça em seu ombro. Pousei minha mão sobre a dele e, por uns segundos, desfrutei da sensação gostosa dos nossos dedos entrelaçados. — Eu não queria que viesse comigo essa noite porque não gosto de ser

visto assim, tão vulnerável e incapaz. Não queria parecer impotente na sua frente, mas significou muito pra mim você não ter corrido na direção oposta. — Levantei meus olhos para poder observá-lo, mas Christopher encarava nossas mãos. —Eu te amo, mas confesso que estou com medo que você... — Suspirou e fez uma pausa. Apertei os dedos dele em silêncio, incentivando-o a continuar. Então, ele virou o rosto e me encarou com olhos brilhantes de lágrimas acumuladas. — Que você em algum momento perceba todo o trabalho e dor de cabeça que vai ter por estar comigo.

— Você acha que é o único que tem problemas? Da forma como você se coloca, até parece que sou perfeita. Eu te amo, Chris. Nossa, tô amando muito. Modo psicótica obcecada mesmo.

Levei um susto com a gargalhada altíssima que ele soltou, apertando meu rosto entre suas mãos e me puxando para beijar minha boca. Quando afastou o rosto depois de me deixar acesa, sorriu e mordiscou o lábio, com uma expressão de menino feliz.

—Não sei a quem tenho que agradecer por você ter surgido diante de mim. Se for a Deus, posso até passar a frequentar missas diárias.

— Não acho que precise de tanto — falei, revirando meus olhos. — Use a energia de se deslocar até uma igreja, para se embolar comigo na cama e nesses lençóis. Tenho certeza de que Deus vai entender.

— Além de tudo, é pecadora. — Christopher estalou a língua e balançou a cabeça, soando divertido. —Onde eu fui me meter com essa mulher?

—Meter? Agora?

Coloquei minha melhor expressão de safada-tarada no rosto e pisquei para ele, que voltou a gargalhar. Claro que eu estava apenas brincando, mas toparia se Christopher quisesse meter muito a noite toda. E isso me lembrava de uma coisa muito importante.

—Você comentou sobre um remédio que pode ser tomado para... hm...

—Manter a ereção? —Ele já parecia me conhecer bem demais, pois estava com um sorriso divertido. — Sabia que você voltaria a esse assunto em algum momento. E, como eu sou um namorado muito dedicado, comprei o remédio ontem mesmo.

— Mentira!

— Verdade! — disse ele, piscando todo sensual. — Podemos usar quando você quiser. Que tal, agora?

Era a oportunidade perfeita, mas eu tinha um pouquinho de noção das coisas. Por mais que Christopher se mostrasse animado — e eu acho que ele sempre estaria disposto a fazer tudo que eu quisesse — seus olhos diziam o contrário. Não que ele estivesse fingindo, mas o psicológico dele tinha sido

sobrecarregado naquela noite e, mesmo que eu ainda não conseguisse compreender totalmente sua condição, imaginava que o físico também. Queria vê-lo relaxado e descansando.

Foi pensando nisso que saí de perto dele e pulei da cama. Parei de frente para ele, com as mãos na cintura, recebendo um olhar questionador.

— Não vamos transar hoje, ok? Não foi só você que se desgastou, mas eu também me preocupei. Queria só ficar relaxando — falei, mentindo um pouco, mas por uma boa causa. —Pode ser?

— Mas é claro, Rosa. — Christopher franziu a testa. — Podemos fazer o que você quiser. O fato de sempre sentir vontade de estar com minhas mãos em você e, principalmente, minha boca, não diminui a vontade de só curtir sua companhia.

Caramba, o homem era perfeito demais. Provavelmente, o cara lá de cima percebeu que eu já tinha cumprido toda minha cota de penitência e decidiu que era meu momento de ser feliz.

Respirei fundo, observando aquele espetáculo deitado todo gostosinho e olhando na minha direção. Queria lamber cada centímetro de sua pele, mas me controlei de forma elegante.

— Que tal você me deixar preparar algo para que possa comer? — perguntei, sentindo muita vontade de ser útil e mimá-lo bastante. — Quase não comeu lá no *pub* e o pouco que colocou pra dentro, acabou vomitando. Christopher fez uma careta ao franzir a testa e o nariz.

— Não sei se é uma coisa inteligente a se fazer. Realmente está batendo fome, mas ainda me sinto um pouco e enjoado. Não quero dividir a cama com você e acordar de madrugada para descobrir que fiz merda. — Ele sorriu. — Literalmente.

—Ah, tudo bem —falei, meio que ronronando e tentando parecer sensual, enquanto engatinhava novamente para cima do corpo dele. — O pior que pode acontecer será eu vomitar em cima de você. Mas, ei! Já estaremos ambos na merda de qualquer forma.

Ele abriu um sorriso enorme e balançou a cabeça, enquanto eu mordiscava seu queixo.

—Essa conversa não é muito romântica. Você tem sérios problemas, Rosa. — Estou ciente disso — respondi.

Nós nos encaramos por alguns segundos antes que nossas bocas começassem a devorar uma a outra. Senti os dedos de Christopher entrarem pelo meu cabelo e suguei os lábios macios dele. Por fim, passei meus braços por trás da cabeça dele e grudei meu rosto ao lado do dele, no mesmo travesseiro.

— Eu me sinto muito à vontade com você. Para falar sobre qualquer

idiotice —confessei, passando a ponta da minha língua pela orelha dele.

— Entendo perfeitamente o que você quer dizer. Antes eu me esforçava demais

para fingir virilidade o tempo todo, para não deixar que ninguém descobrisse minhas vulnerabilidades, sempre tentando ser alguém que eu não era de verdade. Tudo para que a coisa do “paraplégico e cadeira de rodas” passasse despercebido. O que, convenhamos, é impossível. —Fechei meus olhos quando ele virou o rosto e alisou minha bochecha, em seguida, meu nariz. —Você foi a primeira a me desarmar. E eu tampouco senti necessidade, em momento algum, de vestir com você a máscara que costumava usar.

Apenas sorri, porque estava muito emocionada e achava que se tentasse abrir a boca, começaria a chorar. Pressionei meus lábios e abri os olhos para encontrar Christopher me encarando. Seu semblante era doce e atencioso.

— Agora você entende por que nunca deu certo com nenhum outro cara? —Ele piscou. —Porque estava destinada a mim.

Ok, pelo amor de Deus, o homem estava tentando me matar. Precisei respirar fundo e me sentei na cama para oxigenar melhor meu cérebro. Aqueles olhos azuis parados sobre mim não estavam ajudando em nada.

— Caramba, Senhor King, se a gente já não tivesse transado eu diria que está querendo me levar pra cama — assobiei, sentindo-me envergonhada com o peso das palavras dele. —Mas tudo bem, eu caso. Onde está o anel?

Ele estalou a língua e sorriu. O tiro de misericórdia foi passar a mão pelo cabelo negro, daquele jeito bem de galã de novela. Meu coração não aguentava coisas assim.

—Ah, Rosa, Rosa... Você nunca imaginaria o tipo de pedido de casamento que eu seria capaz de fazer...

— Ah sim. Considerando que você me convidou para jantar em Paris, imagino que pra pedir em casamento deva me levar ao Taj Mahal.

Os olhos lindos brilharam e antes que a gente se aprofundasse ainda mais naquela conversa de bêbado, dei um tapinha na coxa dele e me levantei. Estava arrumando meu cabelo num rabo de cavalo enquanto saía do quarto.

—Vou descolar alguma coisa para comermos — avisei.

—Pare onde está, Rosa!

Eu me virei na direção da cama, assustada pelo tom de voz usado, e vi Christopher se ajeitando melhor para encostar as costas na cabeceira. Ele deu aquele seu sorriso inigualável para mim.

— Que tal mostrar essa bunda deliciosa para mim? Já me arrependi de comprar roupas pra você, preferia que andasse pelada.

Eu ri, lembrando da primeira vez que estive na casa dele e quando me flagrou nua na cozinha, deixando-me toda envergonhada. E como eu adorava

provocar, além de já ter perdido a vergonha de uma vez por todas —, decidi me despir do short e mantive somente a camiseta. Estava sem calcinha, o que propiciou uma bela visão para Christopher.

— Já volto — falei, rebolando ao sair do quarto e ouvindo ele praguejar algum palavrão.

Concordava que Christopher não devia comer muito, tampouco podia ingerir qualquer coisa pesada. Portanto, separei num potinho algumas uvas que estavam bem docinhas, framboesas e uma maçã. Para mim, fiz um sanduíche prático com muito queijo e um *bacon* que fritei rapidinho e me preparei para voltar ao quarto.

Estava passando pela sala, próxima a porta de entrada do apartamento, quando me assustei com uma pessoa parada ali em pé e deixei meu sanduíche cair no chão.

— Caralho! — gritei, soltando o pote com as frutas sobre a mesa ao meu lado e pegando uma cadeira para me defender. —Quem é você?

A mulher de cabelo escuro e curto, casaco de pele responsável pelas mortes de muitos coelhinhos e botas de pontas muito finas me encarou ao mesmo tempo em que arqueou uma sobrancelha. Aquele gesto me fez estremecer porque logo bateu uma compreensão petrificante: eu sabia quem era.

— Faço a mesma pergunta, queridinha. Quem é você? — ela mandou, na lata, curta e grossa.

—Mãe? —Ouvir Christopher proferir aquela palavra que me tirava de vez qualquer dúvida que tinha restado, quase me fez desmaiar. Eu estava com a porra da minha xoxota de fora! —O que está fazendo aqui?

—Isso é jeito de me receber, Christopher? —a mulher perguntou, soltando sua bolsa de gente muito rica sobre a mesa e se aproximando do filho. — Acabei de pousar em Nova York e decidi fazer uma surpresa. Não sabia que estava recebendo visitas.

Por que eu ainda estava com os pés grudados no mesmo lugar? Já era para ter corrido para bem longe daquela mulher e vestido uma roupa decente, na esperança de manter um pouco de dignidade. Se é que eu ainda tinha alguma perante ela. Felizmente, Christopher olhou na minha direção e meneou a cabeça, muito discretamente, para que eu voltasse à realidade e fugisse para o quarto. E foi o que fiz assim que ele girou a cadeira para ficar entre mim e sua mãezinha.



Estava que nem uma idiota me olhando no espelho depois de ter vestido novamente o *short*. Até que percebi que não adiantava mais cuidar da imagem, depois que a mulher já tinha visto minhas partes íntimas. Francamente, Rosa, tantos momentos para andar pela casa ventilando a perereca e você escolhe justamente o dia em que a sogra vem visitar. Não tinha azar maior que o meu. Respirei fundo, parei na porta do quarto e tentei ouvir alguma coisa lá na sala. A mãe de Christopher não parecia ser alguém que fale alto, então não me surpreendi por não conseguir escutar nada que eles podiam estar conversando. Tomei coragem e fui até lá.

—Aí está ela! —disse ele, animando-se ao me ver e esticando a mão para mim. —Essa é Rosa, minha namorada. E essa é minha mãe, Margareth.

Ele tentou me puxar para me sentar em seu colo, mas preferi o sofá, do outro lado da cadeira de rodas. Mantive a mão de Christopher na minha e sorri para minha querida sogra.

—É um prazer —falei, querendo furar os olhos dela para que esquecesse o que viu. —Sinto muito por... hm...

— Não se desculpe, Rosa — Christopher foi incisivo ao olhar para a mãe. —Já disse que ela está errada em sair entrando dessa forma. Não é porque tem a senha que pode chegar achando que é sua casa, mãe.

—Quis fazer uma surpresa, Christopher.

—Seria uma grande surpresa se o porteiro ligasse anunciando sua presença — respondeu ele.

Cocei meu pescoço, incomodada. Não passou despercebido que Margareth ainda não tinha dirigido a palavra a mim. Era como se eu não estivesse bem diante do nariz dela. Como eu era o novo membro ali entre os três, decidi me esforçar um pouquinho. Não custava nada.

—O que a trouxe até Nova York? —perguntei, lembrando-me de sorrir de forma bem simpática.

—Meu filho —respondeu, sem sorrir. —Instinto de mãe parece que nunca falha.

O que ela quis dizer com aquilo? Comecei a me preocupar. Eu era um amorzinho de pessoa com quem me tratava bem, mas se a pessoa me irritasse, ela receberia de volta. E tudo que eu não queria era ser grossa com a mãe de Christopher.

Respirei fundo e me preparei para falar, mas acho que meu namorado percebeu que eu não estava feliz e apertou meus dedos.

— Mãe, estou realmente feliz por vê-la depois de quase meia década, mas está um pouco tarde. —Ele inclinou a cabeça de lado, sorrindo. —Não é melhor ir para seu hotel e marcarmos um almoço amanhã?

O queixo dela caiu, mas pelo menos a mulher parou de me avaliar e encarou o filho.

—Hotel? Desde quando você me manda para hotéis, Christopher?

— Desde o momento em que passamos quatro anos sem nos vermos e minha vida de lá pra cá mudou bastante.

—Mas tem quartos livres aqui, Christopher.

Margareth parecia muito surpresa com a recusa do próprio filho em hospedá-la. Então, tentei ser um pouco boazinha e ganhar uns pontos com a mulher.

— Ela pode passar esta noite aqui, Chris. Também já está tarde para ir a algum outro lugar.

Devia ter permanecido calada, pois ao abrir a boca, fiz a mulher se lembrar da minha existência e focar aqueles olhos de lince sobre mim.

—O que faz da vida, Rosa?

—Sou veterinária —respondi, com orgulho, omitindo apenas a informação de que não trabalhava exatamente como veterinária. Mas isso estava perto de

acontecer!

Margareth franziu os lábios como se eu tivesse dito que era mendiga. Percebi um leve empinar de nariz e quis socar aquele rosto para deixar de ser tão seboso. Como podia uma pessoa maravilhosa como Christopher ter saído de dentro de alguém tão...

—Cuida de bichos?

Sim, mas ainda não atendo vacas como a senhora. Pensei, mas me contive. — Rosa é uma excelente profissional — Christopher comentou, alisando

meu braço. —E muito inteligente.

—Por que não seguiu medicina, se gosta da área da saúde?

—Porque na maioria das vezes, eu prefiro muito mais os animais do que os

humanos. —Sorri, esperando que ela entendesse minha indireta.

— Ah, você é uma dessas ativistas? — a megera perguntou, usando de um tom meio condescendente. Eu queria era voar nela e dar uns tapas naquele rosto cheio de botox.

Foi nesse momento que Christopher girou a cadeira no espaço entre o meu sofá e a poltrona dela, pegando toda atenção para si mesmo. Acho que ele já me conhecia o suficiente para saber que não estava levando a mãe dele numa boa. E nem ela a mim, obviamente.

— Bom, vamos fazer como Rosa aconselhou — disse meu Gato Motorizado. — Passe a noite aqui, mãe. Amanhã, posso ligar para reservar algum hotel pra você. Pretendo ficar quantos dias?

—O tempo que for necessário —respondeu ela.

E eu me perguntei: necessário para o que exatamente? Afastar-me do filho dela? Muito provavelmente.

Permaneci imóvel no sofá enquanto a megera seguia Christopher corredor adentro, puxando sua mala de rodinhas. Ao correr os olhos pela sala, meu coração se apertou em ver as frutas e o sanduíche que tinha caído no chão, agora sobre a mesa. Não rolaria sexo, mas nossa noite tinha tudo para ser perfeita. Suspirei, frustrada, levantando-me para levar aquilo para a cozinha. Ainda tentaria fazer Christopher comer algumas daquelas frutas, mas eu mesma tinha perdido a fome.

Voltei para o quarto dele, carregando o potinho. Não demorou muito para que ele se livrasse de sua mãe e viesse para o quarto. Após se transferir da cadeira para a cama, passou a mão pela minha coxa, atraindo meu olhar.

— Sinto muito por toda essa confusão — pediu, parecendo mesmo arrependido, como se fosse culpado por ter uma mãe supervaca. — Sempre nos falamos por telefone, mas ela em momento algum deu a entender que viria me visitar.

— Por acaso, você comentou alguma coisa sobre mim nessas conversas pelo telefone?

Christopher parou por uns segundos, coçando a nuca e exibindo um semblante meio derrotado. Ele tinha falado de mim! Era por isso que a megera caiu em Nova York sem mais nem menos.

—Posso ter dito algo sobre ter encontrado a mulher da minha vida...

—Christopher! —gemi, desolada. Deitei minha cabeça sobre o peito dele e suspirei. — Ela veio proteger o filho das garras de alguma interesseira. Que no caso, pelo visto, sou eu. Ainda bem que não falei o que realmente faço lá na clínica.

Senti os dedos dele em meu cabelo e fechei um pouco os olhos para aproveitar o carinho. Apenas ficar ali com Christopher, quietinha, curtindo o momento a dois, já era fenomenal. Eu sentia tanta falta de carinho, de contato pele a pele... E ele tinha tudo que eu precisava.

— Minha mãe não é uma pessoa fácil, Rosa. Nunca foi e acho que você já percebeu isso. Para ser bem sincero, quero avisar que ela não vai facilitar sua vida. — Abri, mas fechei a boca. Não queria xingar a mãe dele. — Porém, eu nunca deixo que ela interfira em minha vida. Não sou o tipo de homem que fica igual a um idiota entre a mãe e a mulher, sem saber o que fazer.

—Ela não gostou de mim.

—Foda-se a opinião dela —respondeu ele, fazendo-me sorrir e apoiar meu queixo em seu peito para encará-lo. —Sério. Amo minha mãe, mas foi ela quem decidiu seguir uma nova vida longe de mim. E sabe, o acidente fez com que eu desenvolvesse minha independência muito rápido porque eu nunca quis ser aquela pessoa que fica dependente de tudo e todos.

Suspirei com aquele homem que me deixava cada dia mais apaixonada. Montei em seu colo e segurei seu rosto em minhas mãos. Beijei de leve a ponta do nariz dele e depois rocei o meu em seu pescoço.

— Não quero que brigue com sua mãe por minha causa nem nada do tipo. Mas fico feliz em saber que esse não será um daqueles casos em que uma relação termina por intromissão de terceiros.

— Meu bem, ela só está dormindo aqui porque você pediu pra que eu abrisse

essa exceção. Por mim, teria ligado para meu motorista e mandando que despachasse minha mãe em algum hotel.

Nós dois rimos e nos beijamos, sem percebermos as horas passarem. Caí no sono ali mesmo no colo dele e despertei no meio da madrugada. Rolei para o lado e puxei a coberta para cima de nossos corpos. Mas antes de pegar novamente no sono, admirei um pouco o perfil lindo de Christopher, que dormia como um anjo.

∞

Graças a Deus era dia de semana e eu tinha a desculpa de acordar muito cedo para passar em casa antes de ir trabalhar. Portanto, levantei e fui tomar banho antes mesmo de Christopher acordar. Assim que fiquei pronta para sair, dei um pulo até o quarto dele e me sentei do seu lado. Dei um beijo em sua bochecha e notei os olhos azuis sonolentos se abrirem lentamente.

—Bom dia, Gato Motorizado —falei, revelando meu segredinho. —Quê? — perguntou, sorrindo e se espreguiçando.

—Ah, é só um apelido que criei pra você. Nada demais.

Christopher então, notou que eu estava vestida com a roupa da noite anterior e começou a se sentar na cama, deixando que a coberta deslizasse e me presenteasse com a linda visão do seu peitoral.

—Está indo embora?

— Sim, preciso passar em casa antes de ir para o trabalho. A gente se fala mais tarde?

—Se você não fugir de mim depois de ter descoberto que sou filho de uma esnobe, então sim, nos falamos em breve.

Ri, calando aquela boca que só falava besteira, porém, também trazia algumas verdades.

Foi difícil me soltar de Christopher e ir embora, mas saí correndo antes que a megera acordasse. Se dependesse de mim, cruzaria com a mulher só em momentos necessários, tipo o dia do meu casamento com o filho dela.

Ao contrário da minha noite, meu dia parecia que seria ótimo. Tudo porque assim que coloquei os pés na clínica, a Dra. Elizabeth me recebeu com um sorriso enorme no rosto.

— Bom dia, querida! — falou, retribuindo meu abraço. — Tenho uma ótima notícia para dar.

Meu coração acelerou, meio que já imaginando do que se tratava.

— Por favor, conte-me antes que eu infarte por ansiedade — pedi, apertando a mão dela.

— Dr. Miller voltou de viagem, Rosa. Ele ficou de vir até a clínica ainda hoje, mas só na parte da tarde. Vai ser ótimo que você já irá conhecê-lo.

Eu queria poder gritar e pular de tão animada que estava, mas me controlei para não surtar na frente dos funcionários. Agradeci imensamente a Dra. Elizabeth, que demonstrava estar tão ansiosa quanto eu e segui para me trocar. Fiz meu dia render bastante, atendendo a todos os clientes com meu nível máximo de animação. Até Dylan foi contagiada e, em algum momento,

dançamos e cantarolamos enquanto dávamos banho em dois vira-latas lindinhos que pareciam não viver um sem o outro.

Saí para almoçar na companhia dela e contei um pouquinho mais sobre Christopher. Dylan queria que a gente tentasse marcar um encontro de casais, mas depois que comentei sobre o que aconteceu na noite anterior, ela se dispôs a fazer algum programa caseiro, se fosse mais confortável para Christopher.

— Ei, não vamos nos atrasar — disse ela, limpando a boca com o guardanapo. —O Dr. Miller disse que iria à clínica depois do almoço e você não vai querer falar com ele antes de escovar os dentes.

—Deus me livre, não.

Voltamos com pressa, pois que queria estar limpinha e apresentável quando fosse apresentada ao chefão e Dylan me ajudou a tirar o cheiro de cachorro molhado do cabelo.

Já passava das duas da tarde quando a Dra. Elizabeth bateu na portinha da sala de banho e tosa e colocou a cabeça para dentro, com um sorriso no rosto.

—Rosa! Venha comigo!

Dylan me sussurrou um desejo de boa sorte e saí acompanhada de Elizabeth. Minhas mãos suavam e precisei esfregá-las no jeans, pois tudo que não precisava era apertar a mão do Dr. Miller com minhas palmas pegajosas.

— Lógico que eu falei por alto sobre você, ele já sabe um pouco o que esperar, mas agora é contigo. — Ela piscou para mim e me deu um tapinha no ombro quando paramos diante do consultório dele. —Vai lá, garota. Boa sorte! Respirei fundo, segurei a maçaneta e abri a porta. O homem sentado na cadeira levantou o rosto, sorrindo, mas ao me ver, seu semblante se fechou. E minhas pernas quase viraram gelatina. Não podia ser!



Eu não conseguia acreditar no que meus olhos estavam vendo. Será que em algum momento durante o trabalho algum cão me atacou e eu desmaiei? Aquilo tudo poderia ser consequência de uma grave concussão? Ou quem sabe eu tivesse sofrido um acidente no percurso entre casa e clínica e, agora, estava em coma?

—Elizabeth me falou sobre uma Rosa incrível, excelente profissional e um monte de coisa, mas esqueceu de dizer seu sobrenome — disse Afonso, com o queixo apoiado nas mãos. —Que mundo pequeno.

Diante de mim estava meu primo que eu fiz questão de esquecer que existia. Ele não tinha mudado nada, apenas acumulou alguns sinais ganhos com o passar do

tempo, como fios grisalhos no cabelo, algumas rugas pelo rosto e, como item novo no cardápio, uma barba espessa.

—Sabe que meu pai sofreu muito com o silêncio de vocês, né? —Eu devia ter me mexido quando vi Afonso levantar da cadeira e dar a volta na mesa, mas meus pés não me obedeceram. — A família era tudo pro velho, mas vocês fizeram o possível para sumirem do mapa.

Minha família era de pessoas altas, então meu primo ainda conseguia ser maior que eu. Portanto, precisei levantar o rosto quando ele parou na minha frente e esticou uma das mãos para se apoiar na porta atrás de mim.

—Perdeu a voz com o passar dos anos, Rosa?

Respirei fundo. Ele não faria nada comigo bem dentro da clínica que era dele.

— Desde quando... — Pressionei meus lábios quando senti que estavam tremendo. Não queria demonstrar medo. — Desde quando seu sobrenome é Miller?

Ele abriu um sorriso vitorioso, como se soubesse que aquilo era um grande trunfo.

— Ah! Eu me casei e adotei o sobrenome de minha falecida esposa. Não uso o Martínez. Os americanos preferem confiar em profissionais que não os

faça pensar em imigrantes.

Eu sentia que estava passando mal, hiperventilando. Tudo que mais desejava era abrir a porta e respirar ar puro. Portanto, virei-me de costas e puxei a maçaneta, mas Afonso não retirou a mão que a segurava. Empreguei mais força, porém, ele não se mexeu. E de repente, senti seu corpo muito perto do meu, o rosto dele roçando meu cabelo.

— Rosa, nunca quis machucá-la. Você sabe disso, eu te amava como uma irmã.

O que tornava tudo ainda mais doentio, pensei, com vontade de vomitar. Estremeci quando senti dedos pousarem em meu ombro.

—Se você não me deixar sair agora, farei um escândalo —avisei e, só para deixar claro que não estava brincando, aumentei o tom de voz e dei um soco na porta. —Deixe-me sair, Afonso!

Meu primo recuou rapidamente e consegui me livrar, correndo para o corredor que levava à recepção. Eu sabia que minha bolsa e meus pertences estavam na salinha de funcionários, mas meu cérebro não registrou a informação a tempo. Apenas passei pela porta principal e saí para a rua, ignorando os chamados de Eleonor, que não deve ter entendido nada.

Fiz tudo no automático e nem sei como consegui chegar em casa viva, sem ter sido atropelada. Jurava que tinha atravessado algum semáforo aberto, pois ouvi muitas buzinas ao meu redor.

Porém, só consegui me livrar daquele transe quando me sentei em meu sofá e Guapo pulou no meu colo. Graças a Deus eu e Kiara sempre mantínhamos chaves reservas num esconderijo só nosso, assim, nenhuma das duas ficaria trancada para fora se perdesse sua chave principal.

Meus dedos tocaram a bola peluda e fofinha que era meu cachorro, enquanto meus olhos ardiam. Estava chorando. Deitei-me ali mesmo, apertando meu cachorro em meus braços e agradecendo por ele ficar quietinho. Só precisava de um tempo, uns minutos para me recuperar.

∞

Acordei e senti dificuldade para abrir os olhos, de tão inchados que estavam. Não lembrava em que momento caí no sono, mas meu corpo estava dolorido por ter ficado muito tempo numa posição desconfortável, no sofá que não era grande o suficiente para mim.

Sentei-me, desfazendo e refazendo meu rabo de cavalo, olhando em volta e encontrando Guapo dormindo na porta da cozinha. O apartamento estava escuro, o que significava que eu tinha ficado bastante tempo apagada.

Puxei o celular que estava no bolso traseiro do meu *jeans* e descobri que havia dez ligações perdidas. Tinha o costume de manter o aparelho no modo silencioso enquanto estava no trabalho e esqueci de colocar o som novamente. As ligações eram quase todas da *Pets Life & Health*, ninguém devia ter entendido a minha

saída repentina. Eu não ia mesmo voltar a trabalhar ali, mas se quisesse, duvido que depois daquele episódio lamentável de fuga, continuaria no quadro de funcionários.

As outras duas ligações perdidas eram de Christopher. Retornei o quanto antes e ele atendeu no primeiro toque.

— Tudo bem? — perguntou. — Sei que não pode ficar atendendo no trabalho, mas estranhei não ter respondido nenhuma mensagem minha.

Eu nem tinha visto as mensagens.

—Chris... O Dr. Miller é meu primo —falei de uma vez, porque precisava desabafar.

—Como assim?

— Sua mãe já foi para um hotel? — perguntei. — Queria ir para sua casa, mas minha bolsa ficou na clínica e não vou voltar lá. Não quero ficar sozinha.

—Rosa, calma —pediu ele e notei um tom de voz apreensivo. — Explica isso melhor. O Dr. Miller é o dono da clínica, certo?

— Sim. Chris, você pode vir me buscar? Eu explico tudo no caminho, por favor.

—Chego aí no máximo em vinte minutos —avisou e se despediu. Aproveitei para tomar um banho rápido e vestir um conjunto de moletom,

pois não estava com disposição de me arrumar ou pensar em escolher roupa.

Fiz uma bolsinha para levar as coisas de Guapo e no horário marcado, desci com ele no colo. Christopher era sempre pontual e assim que chegou, eu me joguei dentro do carro, controlando meu cachorro histérico que queria lamber a cara do meu namorado.

Dei um beijo rápido nele e deitei minha cabeça em seu ombro, sentindo-me acolhida com um braço ao meu redor.

—Estou preocupado, meu amor. O que está acontecendo?

Respirei fundo, de olhos fechados.

—O Dr. Miller voltou de viagem e esteve na clínica —contei, sentindo um frio na barriga. —Eu fui conhecê-lo...

—E isso não é bom? —Precisei levantar a cabeça e olhei para Christopher, que exibia um vinco no meio da testa, sem entender nada. — Ah, não me diga que ele não gostou do seu currículo? Posso redigir uma carta de recomendação, de próprio punho.

— Chris... — Toquei o rosto dele e se calou. — Lembra do meu primo

Afonso, aquele que...

—Lembro perfeitamente.

—Afonso e o Dr. Miller são a mesma pessoa.

Inicialmente, eu teria dado um ponto por ele não ter se horrorizado tanto e nem feito uma careta. O raciocínio tinha sido rápido. Mas então, Christopher franziu os lábios.

—Quê? — perguntou.

—Absurdo, eu sei. Também demorei a assimilar as coisas. —Ao relembrar aqueles minutos angustiantes e a proximidade de Afonso quando tentou me prender na sala, estremeci e acabei deixando o medo tomar conta de mim novamente. —Não... Não quero voltar lá.

Afundei no abraço dele quando me puxou para perto e solucei, chorando por um monte de coisa. Principalmente pelo fato de que eu não pisaria de novo naquela clínica. Tinha amado tanto o lugar, os profissionais, o clima do estabelecimento e dei duro para fazer alguma diferença por lá. A certeza de que eu seria contratada ou, pelo menos, de que permaneceria um pouco mais de tempo no banho e tosa, era grande demais.

— Não tem que voltar lá, Rosa. Mas me diga se ele fez ou tentou fazer alguma coisa.

—Ele... Sim. Tentou me intimidar. Chris, deixei tudo meu lá, saí correndo e por sorte meu celular estava no bolso.

— Isso a gente resolve facilmente — disse, beijando minha testa ao erguer meu rosto. — Vamos para minha casa, você se acalma e depois eu passo na clínica. Encerro tudo por você e pego suas coisas, ok?

Guapo se agitou no meu colo e Christopher o pegou, deixando que lambesse seu rosto, finalmente, matando a vontade do cachorro babão. Por fim, meu namorado aproximou a cabeça de Guapo da sua e o encarou.

—Muito bem rapaz, tomou conta da sua mãe enquanto eu não chegava, né? — Na verdade, ele estava dormindo.

Christopher sorriu e colocou Guapo do seu outro lado, onde havia mais espaço para que ele olhasse pela janela.

— Isso é o que você pensa. Tenho certeza que ele estava prontíssimo para atacar quem entrasse em casa.

—Sei. Atacar com os peidos fedidos, só se for.

Quis sorrir pela conversa idiota, mas baixei a cabeça e fitei minhas mãos. O medo tinha passado por causa da presença de Christopher, mas dera lugar a uma frustração imensa. Eu estaria novamente desempregada. E não queria voltar a trabalhar na *Ocean's King*, por mais que eu tivesse quase certeza de que o Gato Motorizado fosse oferecer justamente isso.

— Pretendia fazer um levantamento sobre o paradeiro do seu primo, mas meu contato que poderia fazer isso para mim, está na Itália — disse ele, entrelaçando seus dedos aos meus.

—O tal do Pietro Greco que você falou? É algum amigo seu?

— Não acho que Pietro tenha amigos. — Christopher sorriu. — Além de sua família, que é bem... grande. Mudando de assunto, Miller sempre foi o sobrenome do seu primo ou ele mudou?

— Disse que é da esposa. Nunca vi nenhuma foto dele na clínica... Não passaria nunca pela minha cabeça que um dia Afonso cruzaria novamente o meu caminho.

— O trabalho no banho e tosa é informal ou você preencheu alguma ficha de RH? Afonso tem como conseguir seu endereço?

Gelei com aquela hipótese. Se já tinha sido ruim demais ficar cara a cara com ele num local cheio de outras pessoas, quem dirá na minha porta. Graças a Deus, eu não era uma funcionária contratada oficialmente. Tudo que eu e Dra. Elizabeth combinamos era que eu ficasse por lá até o retorno do Dr. Miller.

— Não preenchi ou assinei nada — constatei, para meu alívio. — Conversei muito com Dylan e com Elizabeth, mas em nenhum momento entramos em assunto sobre moradia. Não tem como ninguém saber meu endereço.

—Menos mal.

— Ah, não — murmurei, querendo vomitar de tanto nervoso. Vi meus dedos tremerem quando levantei as mãos e tapei o rosto. — No dia que levei Guapo para a consulta de emergência... Precisei preencher um cadastro.

Não podia ser uma coisa legal, visto que Christopher ficou em silêncio e apenas beijou minha testa, apertando-me com o braço sobre meus ombros. Deitei a cabeça ali, torcendo para chegar logo na casa dele e encher a cara para esquecer tudo. Pelo menos por uma noite.



Quando abri meus olhos naquela manhã, senti rapidamente a consequência de uma longa noite de choro. Meus olhos estavam inchados e minha cabeça pesava

um pouco. Sentei-me na cama vazia e me dei conta de que Christopher devia ter ido trabalhar e não quis me acordar. O que explicava muito bem o fato de Guapo estar deitado no travesseiro dele.

— Você pega intimidade rápido, hein — reclamei para o cão, que abriu os olhos para fechá-los em seguida e voltar a dormir. —Não sei a quem puxou.

— Sabia que tinha que ter algum defeito. — O Gato Motorizado surgiu no quarto, sua voz carregada de ironia e um sorriso no rosto. —Bonita e inteligente demais. Agora descobri que fala sozinha.

—Você está em casa!

O sorriso dele aumentou diante da minha mais óbvia constatação. Em minha defesa, eu tinha acabado de acordar e o cérebro ainda não estava em pleno funcionamento.

Logo comecei a reparar em Christopher. Ele deu a volta na cama até parar ao meu lado. No colo, equilibrava uma pequena bandeja com frutas, torradas e café. Meu peito se aqueceu, pois nunca na vida eu tinha recebido café da manhã na cama.

— Decidi não ir para a empresa hoje. Acho que você precisa mais de mim do que aqueles tubarões engravatados. — Mordi o lábio, querendo explodir de felicidade. Christopher, que parecia tão certinho, estava abrindo exceções por mim. —Bom dia, meu amor.

—Bom dia, muito bom mesmo! —respondi, tirando a bandeja do colo dele e a colocando sobre a cama. Em seguida, ocupei o lugar que antes era dela e me sentei, enroscando meus braços no pescoço do meu namorado. — Obrigada! Ninguém nunca fez nada assim para mim.

— Está falando do café da manhã ou de faltar trabalho? — perguntou, divertindo-se.

Beijei de leve sua boca, mas Christopher estava animadinho e aprofundou nosso beijo, sugando meu lábio inferior com os seus e fazendo meu corpo esquentar.

— Hum... — Lambi meus próprios lábios com o gosto dele e sorri. — Sobre sua

pergunta, acho que posso dizer as duas coisas. Nunca ganhei bandejas na cama e só namorei homens que se faltassem os trabalhos, seriam demitidos. Christopher sorriu como uma criança e movimentou as sobrancelhas, brincalhão.

—Viu como são muitas as vantagens de namorar um tubarão?

—Você não é um tubarão qualquer. É um megalodon.

—Um... o quê?

—Um tubarão gigante —respondi, vendo-o com a testa franzida. — Sério, você nunca viu nenhum filme?

O bilionáriozinho gostoso negou. Pelo visto, ele não era bom em tudo, pois não assistia filmes de tubarão.

—Biologia nunca foi meu forte —disse, encolhendo os ombros sem tirar o sorriso do rosto.

— Então temos uma tarefa para hoje: fazer você assistir pelo menos um filme espetacular com um megalodon.

— Você gosta mesmo de tubarões, né? — Ele estalou a língua. — Entendi tudo. Aquele discurso sobre a empresa e tubarões... Quem desdenha quer comprar!

Bati no peito dele e me levantei para pegar o controle da televisão e procurar algum filme na Netflix. Mas assim que me virei de frente para a cama, dei de cara com um Guapo muito do atrevido e sonso lambendo a manteiga de uma das torradas.

— Você não fez isso! — ralhei com ele, que abocanhou a torrada inteira e desceu correndo da cama. —Guapo seu filho da mãe!

—Deixa ele, Rosa. —Senti a mão de Chris em minha perna e me virei de novo, sentando-me na cama. — Como você está, de verdade? Custou tanto a dormir...

— Não sei — confessei. — Acho que, acima de tudo, o que mais sinto é frustração, sabe? Porque eu gostava muito da clínica e do pessoal que trabalha lá.

Peguei a xícara de café antes que esfriasse e beberiquei um pouco, apreciando o gosto forte e marcante de alguma especiaria que Christopher deve ter colocado ali.

— Sei que é cedo para pensar nisso e você está abalada. Mas por que não começa a se organizar para abrir sua própria clínica? Não era justamente isso que

você queria?

—Querer não é poder. Sim, estou guardando dinheiro para isso, mas ainda é pouco. — Pela forma como Christopher me olhava, eu já tinha certeza do que ele estava prestes a propor. Eu o conhecia há pouco tempo, mas ele era muito transparente. —Nem tente se oferecer para abrir algo para mim. Sério. Não vou aceitar.

E eu estava certa, pois ele riu e ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Culpado! — falou e mordeu o lábio, tão irresistível. — Mas, não seria nada demais você me deixar ajudar. Eu tenho os meios, Rosa.

— Não. — Inclinei-me e segurei o rosto dele entre as mãos. — Obrigada, você é maravilhoso. Mas, não. A última coisa que quero é colocar dinheiro no meio do nosso relacionamento. Eu não me sentiria bem em aceitar.

— Você pode ir me pagando aos poucos, caso a faça se sentir melhor. Considere como um empréstimo.

—Você nunca vai aceitar que eu pague, Chris. Tentaria me enrolar.

— Claro que não. Faríamos tudo de forma oficial, por meios de contratos. Quase como um empréstimo bancário, mas sem juros para você. —Ele segurou minha mão e beijou meus dedos. Por que o filho da mãe tinha que ser tão perfeito? — Deixe-me ajudá-la, amor. Eu sei que você é completamente capaz de fazer isso sozinha, mas posso facilitar e muito o processo.

Era uma proposta extremamente sedutora. Ter minha tão sonhada clínica, assim, num piscar de olhos. Eu sabia que aceitar a ajuda de Christopher proporcionaria uma estrutura e assessoria muito melhores do que eu poderia pagar, mas por

outro lado, eu sempre sentiria que aquilo só foi capaz por causa dele, não por mérito meu.

—Prometa que vai pensar —pediu ele. —Não dê a resposta agora. —Ok, prometo pensar.

Ele sorriu e girou a cadeira.

—Vou tomar um banho rápido e depois, quero conhecer o tal megadolon. — Megalodon! — corrigi, rindo. — Pelo amor de Deus, Chris! Você lida

com engenharia naval!

— E o que isso tem a ver com animais marinhos? Eu não pratico mergulhos! — Antes de entrar no banheiro, ele se virou e exibiu os lábios franzidos num bico. — Se bem que adoraria mergulhar numa banheira com você. Vou providenciar isso!

Revirei os olhos, rindo enquanto ele sumia banheiro adentro. Aproveitei para comer um pouco e senti meu coração mais leve. Christopher King era um excelente remédio. Curava qualquer mazela.

∞

Eu já sabia que meu namorado era capaz de qualquer —ou quase — coisa para me mimar, mas para tudo há um limite. Nós tínhamos terminado de almoçar e eu reparei que ele estava trocando muitas mensagens no celular. Deve ter percebido minha atenção, pois sorriu e encolheu os ombros, mostrando-me a tela do aparelho.

— Estou dispensando meu fisioterapeuta para hoje e ele não parece muito feliz com isso.

— Você tem sessão de fisioterapia hoje? — perguntei, dando-me conta de que eu ainda não estava tão por dentro da rotina dele.

—Sim... Mas hoje o dia é todo seu.

A última coisa que eu queria era que Christopher modificasse a vida dele por

minha causa. Desde que a gente se conheceu, muita coisa da sua rotina já tinha sido alterada. Era uma pessoa que precisava de horários para quase tudo e eu era um tsunami de problemas e confusão.

— Não desmarque nada, Chris — pedi, segurando a mão dele e o encarando. — Vou aproveitar o tempo em que você estiver ocupado e darei um pulo em casa. Eu também preciso falar com a Kiara.

Ele não respondeu, apenas ficou me olhando como se ponderasse tudo que eu disse. Coloquei um sorriso no rosto para passar mais confiança, pois não queria ser vista como uma mulher indefesa que necessitava de cuidados intensivos. Eu nunca tinha sido assim.

—Sério. Avise ao seu fisioterapeuta que a sessão está de pé.

—Vai voltar para cá depois? — perguntou.

Dei um sorriso bem tranquilo, plácido, calmo. Era óbvio que eu voltaria. Será que ele não fazia ideia de que eu já estava completamente viciada em seu cheiro, seu toque, sua presença? O que me fazia pensar na velocidade com a qual nossa relação estava caminhando. Éramos duas pessoas carentes de amor e afeto e alguém precisaria pisar um pouco no freio para desacelerar um pouco.

Eu me levantei e fui me sentar em seu colo, deslizando meus dedos pela sua barba que precisava ser feita, mas que eu achava o maior charme.

— Voltarei antes que você consiga sentir saudade — falei, enfiando meu nariz em seu pescoço e fazendo a pele dele arrepiar. —Quando eu retornar, acho que quero testar aquele medicamento que você comprou...

Estremeci quando suas mãos percorreram minha pele sob a camisa e seus dedos apertaram minha cintura, enquanto o danado exibia um sorriso perigoso, safado demais.

—E se eu desmarcar a fisioterapia e nós usarmos o remédio agora?

—Não, senhor! —Pulei do colo dele antes que conseguisse me convencer. — Você vai manter sua rotina bonitinha e eu vou sair.

Corri para o quarto onde minhas coisas ficavam e troquei de roupa rapidamente, sem me dar ao trabalho de perder muito tempo com isso. Fiz um coque alto e calcei minhas sapatilhas confortáveis. Em seguida, fui conferir o potinho de água do Guapo e enchi mais um pouco, tentando ignorar o fato de que ele me olhava com a expressão que sempre fazia quando achava que ia sair. — Não — falei com meu cachorro. — Você vai ficar fazendo companhia

para o... seu... pai. Isso, pai.

Ele ficou de pé nas patas traseiras e arranhou meu *jeans* com as dianteiras, pedindo por colo. Até que se cansou e voltou a sentar, com a língua quase toda para fora.

—E se ele precisar comer? —Christopher apareceu, com um sorriso muito chantagista. —Não entendo muito de cachorros.

— Ele não vai morrer de fome se ficar sem comida só por algumas horas. De qualquer forma, Guapo come duas vezes por dia e hoje de manhã ele já fez sua primeira refeição.

Chris se preparou para contestar, mas eu me aproximei e o calei com um beijo. Quando me afastei, ajeitei minha bolsa no ombro e pisquei para ele.

—Sério, não vou demorar.

— Tudo bem. — Ele suspirou e deu tapinhas nas pernas, o que Guapo entendeu como convite e pulou em seu colo. — Os dois machos da casa ficarão esperando pela mulher da vida deles.

Eu já estava com a mão na maçaneta da porta, mas até cheguei a perder o fôlego. Christopher não podia soltar pérolas como aquela de repente, sem nem avisar. *Mulher da vida dele?*

Ainda de costas, respirei fundo e me virei para olhá-lo ao mesmo tempo em que abria a porta.

—Eu... hm... volto logo!

Corri para fora do apartamento e quase me joguei dentro do elevador, sentindo

meu coração galopando dentro da caixa torácica. Mulher da vida dele. Mulher da vida... Opa. Notei a câmera de segurança bem ali diante do meu rosto e me virei de costas.

— Ai caralho, ele vai me pedir em casamento! — falei sozinha, tapando meu rosto com as mãos e controlando um gritinho histérico.

Precisava me acalmar, deixaria para pensar no vestido ideal depois. No momento, tinha muita coisa para resolver, como, por exemplo, meu trabalho que eu larguei. Queria contar tudo para Kiara e, quem sabe, conseguir convencê-la de ir até a clínica e pegar meus pertences que ficaram largados por lá. Não queria

pedir isso a Christopher, porque tinha medo que meu primo cruzasse o caminho dele e algum atrito rolasse entre os dois.

Minha cabeça girava com tantas possibilidades e eu nem vi o tempo passar dentro do táxi. Até que me assustei com a buzina e olhei para o motorista, que não parecia feliz.

— Moça, vai sair ou não? — perguntou ele, com uma carranca. — Estou perdendo tempo aqui.

— Sim, desculpe-me. — Paguei com o dinheiro que Christopher me emprestou e desci do carro. Eu ainda estava com a mão na maçaneta quando o taxista acelerou para ir embora. —Apressado filho de uma égua, seu nojento! Assim que fechei a porta do meu apartamento e me sentei no sofá, tomei coragem de ligar o aparelho de celular que estava desligado desde a noite anterior. Eu sabia que surgiriam dezenas e mais dezenas de notificações de mensagens, ligações perdidas e tudo mais.

Deixei o telefone sobre a mesa e fui para meu quarto, escolher algumas roupas que levaria para a casa de Christopher. Peguei também itens de necessidade básica como calcinhas, desodorante, perfume e pensei se valia a pena ou não colocar algum sutiã na bolsa. Peguei somente um, caso a gente saísse.

Quando voltei novamente para a sala e peguei o celular, suspirei com a quantidade de mensagens. Chateava-me muito ver que a Dra. Elizabeth havia ligado insistentemente para mim, isso era o pior de tudo. Eu realmente gostava muito dela. E foi por isso que tive coragem de discar seu número e aguardar na

linha até que atendesse.

— *Rosa! Meu Deus, menina, o que houve com você?* — Quis chorar pelo tom tão preocupado dela, mas me contive. —*Estamos que nem loucos tentando contato desde ontem. Você está bem?*

— Boa tarde, Dra. Elizabeth. Sim, fisicamente, eu estou bem. — Respirei fundo e me aconcheguei entre as almofadas do sofá, fechando os olhos. — Mas não voltarei à clínica, sinto muito.

Pude ouvir um pequeno suspiro em tom de surpresa do outro lado da linha. — *Você estava tão contente aqui, Rosa. Não entendo o que aconteceu... Logo agora que o Dr. Miller retornou e que você teria a oportunidade de entrar para o quadro de veterinários...*

Eu podia simplesmente dizer que havia mudado de ideia ou que tinha conseguido emprego num lugar melhor. Ou podia apenas agradecer e desligar. Mas eu sentia que aquela mulher merecia um tratamento melhor do que eu tinha dado.

—Asenhora foi muito boa comigo e me estendeu a mão num momento em

que eu precisava. Portanto, se quiser conversar em algum café, podemos nos encontrar e eu explicarei tudo. Eu tenho um motivo muito forte para não voltar à clínica, mas prefiro não contar por telefone.

—*Sim, tudo bem* —respondeu ela e me senti melhor ao perceber um alívio no seu tom de voz. — Se é tão importante, podemos nos encontrar após meu expediente.

Marquei o encontro para a próxima semana para ter tempo de digerir o que aconteceu. Dei o nome de uma cafeteria que não era tão próxima da clínica, pois não queria correr o risco de esbarrar com meu primo pelos arredores.

Terminei de arrumar minha pequena malinha e apaguei todas as luzes do apartamento. Estava na sala a caminho da porta quando a campainha tocou e eu gelei. Sabia que Kiara estava trabalhando e ela e Christopher eram as únicas pessoas que me visitavam.

Soltei a mala e fui até a porta, o mais silenciosamente possível, para ver pelo olho mágico. Ali estava Afonso, com as mãos nos bolsos da calça e um sorriso psicopata, como se aquilo fosse suficiente para que eu o deixasse entrar em minha casa.

—Rosa, sei que está aí, pois a vi chegando!

Ele me viu? Então estava de tocaia à minha espera? Tapei a boca e recuei devagar, tentando descobrir se a madeira da porta era forte o bastante para evitar um arrombamento. Considerando a espelunca onde eu morava, duvidava muito.
— Eu ia esperar que você saísse para poder falar contigo, mas como está demorando muito, resolvi subir. Abra a porta.

Apertei meu celular entre os dedos e pensei no que fazer. Podia ligar para Christopher, mas eu acabaria atrapalhando a fisioterapia que eu tanto insisti para que fizesse. Além disso, não morávamos tão perto um do outro. Ele levaria no mínimo vinte minutos para chegar e eu duvidava que teria todo esse tempo para me livrar do meu primo.

Acampainha soou estridente e insistentemente, até que ele começou a bater na porta.

— Sabia que está todo mundo confuso lá na clínica? Por causa do seu showzinho de sair correndo? As pessoas sabem que você estava no consultório comigo minutos antes de ir embora. O que quer que eu diga, hein?

Polícia. Eu podia ligar para a polícia. No entanto, em quem eles acreditariam? Num cara aparentemente rico, com um certo *status*, dono de uma clínica veterinária de grande porte ou na pobre e desempregada prima dele? Levei o celular ao peito, pensando nas minhas possibilidades. Então, corri

até o quarto e abri minha janela. Era maluquice, pois aquele tipo de coisa só dava certo em filmes. Mas, não custava tentar. Coloquei as pernas para fora e

pulei com delicadeza na escada de ferro. Não podia fazer barulho para que Afonso não percebesse que eu estava saindo pelos fundos.

Droga! Droga! Droga! Minha chave de casa tinha ficado na fechadura da porta. Mesmo que em algum momento eu buscasse minha chave principal na clínica,

não conseguiria utilizá-la por causa da outra ocupando o mesmo espaço. *Que idiota, Rosa!*

Teria que contratar um chaveiro ou arrombar a porta, o que fosse mais fácil. Mas aquele era o menor dos meus problemas.

Já na rua, agradecida por não ter torcido nenhum pé enquanto descia a escada de emergência, corri o mais rápido que pude até me afastar o bastante do meu prédio. Parei para recuperar o fôlego e fiz sinal para o primeiro táxi que passou.

Dei o endereço de Christopher e atendi o telefone quando um número que eu não conhecia me ligou.

— *Olá, Rosa. É a sua sogra quem está falando*. —Ah, mas que ótimo. Me livrei de um psicopata e caí nas mãos de outro. — *Estou ligando para convidar você e Christopher para jantarem comigo essa noite.*

—Hm. Olá —pigarreei, nervosa. —Jantar. Claro...

Concordei cedo demais e depois fiquei pensando se meu namorado já sabia e se tinha aceitado.

— *Ótimo. Passarei em breve o endereço do restaurante e horário da reserva.*

E desligou na minha cara, sem se dar o trabalho de se despedir. Que dia!



Era muito com o que lidar, por isso, quando cheguei na casa de Christopher, decidi deixar de lado o assunto Afonso e focar no assunto sogra. Tudo indicava que eu tinha caído como um filhotinho ingênuo na armadilha da mulher.

Descobri que em momento algum ela pedira meu número para o filho e, o grande xis da questão era justamente este: como a velha rabugenta tinha descoberto o número do meu celular.

— Como eu podia adivinhar que você não sabia de nada? — perguntei, enquanto ele parecia mais disposto a enfiar as mãos num ninho de vespas do que encontrar com a mãe. — Aconteceu tudo tão rápido que eu nem parei para pensar, Chris. Desculpe-me.

O que eu não disse foi que minha mente estava agitada demais, muito turbulenta devido a minha fuga desesperada, para raciocinar com o que estava acontecendo ao meu redor. Quando atendi aquela ligação, eu só queria me livrar dela o mais depressa possível para voltar a respirar com tranquilidade.

—Não estou culpando você, meu amor.

—Podemos cancelar —respondi, encolhendo os ombros.

— Tarde demais. Ela já fez a reserva e se não aparecermos nesse jantar, daremos muitos motivos para que use isso contra nós.

—Contra mim, você quer dizer. —Sorri, apavorada.

Felizmente, um dos presentes que Christopher havia me comprado era um vestido tubinho num tom de vinho bem fechado, com decote quadrado, clássico. Era lindo, mas aquele tipo de roupa que eu nunca compraria porque devia custar uma fortuna. A gente sente a diferença de preço somente pela textura e acabamento de uma peça.

Estava terminando de me arrumar, xingando-me mentalmente por ter sido pega desprevenida e aceitado o tal jantar com a sogra. Quando cheguei e contei para Christopher, ele ficou surpreso porque não estava sabendo de nada. Até tentou ligar para a mãe e inventar uma desculpa, mas perdeu a coragem quando ela enfatizou que as reservas estavam feitas. Num dos restaurantes mais caros da

cidade.

— Como estou? — perguntei, parando de pé diante dele e alisando a cintura. — Não posso ser confundida mais uma vez com uma garota de programa. Isso daria

conteúdo de uma vida toda para sua mãe falar de mim. Observei o sorriso espontâneo se desenhar no rosto lindo de super-herói e suspirei. Pelo menos, ele aprovava.

—Você está divina. Não, minto. Você é sempre assim.

—Obrigada, mas sua opinião não conta muito. —Fiz pose me fingindo de gente fina e coloquei uma mão na cintura. — Pareço uma mulher rica que não precisa do dinheiro do namorado?

Christopher gargalhou, mas eu estava falando muito sério. Não queria que Margareth me confundisse com uma interesseira.

— Está parecendo que seus pais limparam sua bundinha de bebê com lencinho de fios de ouro —disse meu namorado incrível e muito criativo.

— Você também não está tão mal... — brinquei, avaliando o monumento dentro de um terno chumbo *Dolce & Gabbana* que só podia ter sido feito sob medida, para um caimento tão perfeito.

—Pois é, estou tentando ficar à sua altura. — Meus joelhos quase viraram gelatina com a piscadinha que ele me lançou, seguida de seu sorriso exuberante. —Podemos ir?

Assenti, passando a mão na minha bolsa e acompanhando Christopher até o elevador.

Fomos os primeiros a chegar ao restaurante e considerei aquilo como uma intervenção divina, porque o cardápio era todo escrito em francês e eu não conhecia porcaria de prato nenhum.

— Ajude-me a escolher alguma coisa logo, para quando chegar a hora de fazer o pedido, eu fingir que estou entendendo tudo — pedi, piscando sensualmente para o Gato Motorizado, que parecia achar muita graça da minha cara.

—Está falando sério?

—Claro que sim! Não pretendo passar vergonha na frente da sua mãe. Agradeci mentalmente por ter aprendido a ordem adequada de todos os talheres de um

serviço completo quando, numa época em que precisava de dinheiro, trabalhei por quatro meses num restaurante chique.

Prestei atenção nas rasas explicações de Christopher sobre alguns itens do menu e tentei decorar o que queria. Escolheria uma *Bouillabaisse* porque com sopa a gente nunca erra. Sopa era sopa em qualquer lugar do mundo, certo?

— Amor... — Christopher, que estava sentado ao meu lado, pousou a mão sobre a minha. — Não fique tão nervosa. Eu não dependo de aprovação de mãe

para amar você.

— Eu sei. — Sorri, pensando se aquele homem era mesmo de verdade. — Mas não seria muito ruim se ela gostasse de mim, né?

Bufei com a expressão no rosto de Christopher. Aquela era a minha resposta; a jararaca nunca gostaria de mim. No entanto, precisei colocar um sorriso no rosto quando ela apareceu na nossa frente, com um perfume muito forte e a pele carregada de maquiagem. Ela esperou que o *maître* puxasse sua cadeira para se sentar e ajeitou a bolsa Chanel na cadeira ao lado.

—Boa noite —disse ela. —Estou surpresa por chegarem antes de mim. — Olhou para mim, arqueando a sobrancelha direita. —Ao menos já sabemos que você é prestativa.

—Prestativa? —perguntou Christopher.

—Sim, querido. Em ajudá-lo.

— Por acaso, a senhora está insinuando que chegamos pontualmente porque Rosa ajudou a me vestir? — Surpresa, olhei para meu namorado, que tinha o semblante duro e os braços cruzados. — Rosa é minha namorada, não minha babá.

—Eu sei, meu querido, mas não é vergonha nenhuma precisar de ajuda de vez em quando.

—Eu sempre ajudarei Christopher no que for preciso —falei, sabendo que não devia me meter na discussão dos dois, mas não aguentei ficar calada. — No

entanto, seu filho é mais autossuficiente do que a maioria das pessoas que conheço.

Ele pegou minha mão e a levou até a boca, beijando meus dedos e sorrindo para mim, demonstrando ter aprovado o que eu disse. Inspirei profundamente e torci para que o olhar ferino que minha sogra nos lançou não fosse o suficiente para queimar minha pele.

Os minutos seguintes foram milagrosamente saudados com o silêncio depois que ela se ocupou em escolher o que iria pedir. Eu fingi minha concentração, como se estivesse em dúvida do que comeria, para logo em seguida pedir, de forma muito elegante, minha *Bouillabaisse* com uma pronúncia de dar inveja —crédito do Chris.

—E então, Rosa, por que não me conta mais sobre sua vida? — perguntou ela, com um sorriso falso. —Afinal, onde trabalha?

Abri a boca, mas fechei. Estava desempregada e se dissesse a verdade, aí sim que a mulher me enxergaria como uma golpista. Christopher, no entanto, saiu em minha salvação:

— Rosa está se ocupando com sua nova clínica veterinária — disse ele, quase me fazendo engasgar com saliva.

—Você tem seu próprio negócio?

— Hum, ainda não — respondi, nervosa. Eu ia matar um cadeirante. — Estou em processo de abertura do estabelecimento.

—Mãe, como a senhora descobriu o número de telefone da Rosa? Margareth deu de ombros e olhou para o filho como se fosse algo muito corriqueiro descobrir coisas do tipo o tempo todo. Como se ela fosse uma agente da CIA.

—Liguei para sua secretária. Imaginei que a Rosa, em algum momento, já tivesse trabalhado na *Ocean's King*. Você não é de sair muito e tampouco os dois parecem frequentar os mesmos ambientes.

Por favor, Deus, faça com que essa megera se engasgue com a comida. Amém e obrigada.

—Rosa sabe que você nunca poderá dar filhos a ela?

Estava bebericando meu vinho e tive que engolir a contragosto para não fazer uma cena e cuspir a bebida em cima da mulher. Porém, meu sangue era quente e àquela altura já estava em ponto de ebulição. Christopher que me perdoasse, mas nunca fui do tipo que leva desaforos para casa.

—Desculpe-me, Margareth, mas não lhe diz respeito saber se Christopher e eu já conversamos sobre esse assunto. —Levantei-me da mesa e, educadamente, dobrei meu guardanapo e o larguei ao lado da taça. — Se em algum momento você passar a enxergar seu filho como o homem maduro e independente que ele é, e por milagre, decidir me tratar como uma mulher decente, aceitarei de bom grado um novo convite para jantar.

Eu quis dizer que meu cachorro era uma companhia muito melhor para aquela noite linda, mas como a boca da jararaca já estava escancarada com o queixo lá no chão, decidi encerrar meu discurso ali mesmo para não a chocar ainda mais.

Virei-me de lado, para Christopher, que tinha os lábios franzidos enquanto me encarava.

— Aproveite o jantar, amor. Vou procurar outra coisa para comer. Depois nos falamos. — Pisquei para ele, deixando bem claro que meu problema era só com a sua mãe.

— Vou com você — disse, surpreendendo-me e levando as mãos à cadeira para se mexer. — Eu te amo, mãe, mas espero que faça bom uso dos conselhos de Rosa.

Se Margareth tinha ficado chocada com minha cena, não preciso dizer que ela parecia prestes a infartar depois que viu que estava perdendo o apoio do próprio filho. Vi que ainda abriu a boca para dizer alguma coisa, mas talvez tenha pensado melhor antes de falar a besteira que desejava e logo se voltou para

a frente, toda séria.

Estufei o peito, saindo do restaurante ao lado de Christopher e feliz por ter deixado a conta para a insuportável pagar.

— Eu não costumo agir dessa forma com as pessoas, sabe? Mas me desculpe, Chris... Sua mãe me tirou do sério e eu não consigo ficar quieta nessas horas.

— Rosa... — Nós dois paramos do lado de fora, enquanto ele digitava no celular e chamava o motorista. — Não é preciso se desculpar comigo. Para ser sincero, eu estou empolgadíssimo por vê-la se impor com minha mãe. Poucas foram as mulheres que passaram pela minha vida, mesmo antes do acidente, que não abaixavam a cabeça diante dela.

—Jura que você não ficou nem um pouquinho chateado?

—Zero por cento —respondeu ele, abrindo um sorriso lindo e, em seguida, encolheu os ombros. —Por mais que eu tente ter pulso firme diante das manias dela, de qualquer forma ela continua sendo minha mãe. Nem sempre eu consigo ser totalmente franco e direto como você foi. E isso é muito bom.

Inspirei profundamente, aliviada. Nem todo mundo reagiria positivamente depois do que fiz, mas eu nem devia me surpreender, afinal, Christopher já tinha demonstrado não ser nada parecido com um filhinho da mamãe mimado. Quando o carro chegou e nós nos acomodamos, estiquei minhas pernas sobre o colo do meu namorado e sorri para ele, que estava ocupado alisando minha pele.

— Sabemos que comecei com o pé esquerdo com a sogra. E agora, nem poderei terminar minha noite provando a tal *Bouillabaisse.*

— Se serve de consolo, eu conheço poucas pessoas no mundo que se dão bem com minha mãe — disse ele, dando uma risada maligna. — E a *Bouillabaisse* você pode provar ainda hoje, basta encontrarmos outro restaurante.

— Não precisa. — Encolhi os ombros. — Eu me contento com algo mais simples mesmo. Até um sanduíche serve. E que história foi aquela do senhor dizer que estou abrindo minha clínica, Christopher? Nós combinamos que eu teria tempo para pensar no assunto. Quer contribuir para sua mãe me achar uma vigarista de mão cheia?

— Você prometeu pensar na minha proposta — respondeu ele, com a cara mais deslavada do mundo.

—Eu prometi, mas não parei para fazer isso, de fato. —Suspirei, ciente de que precisava compartilhar com ele o que tinha acontecido mais cedo. Cruzei meus braços, sentindo-me repentinamente com frio só de pensar em Afonso. — Meu primo esteve em meu apartamento hoje à tarde.

Por muito pouco eu não ouvi o pescoço de Christopher estalar conforme ele virou a cabeça. Suas sobrancelhas estavam arqueadas em surpresa e eu me arrependi de não ter explicado melhor.

—Como assim? O que ele fez a você?

— Nada. — Toquei os dedos que Christopher levou até meu rosto e o acalmei. — Eu não o deixei entrar, apesar da insistência dele. Morri de medo, Chris. Quis ligar para você, mas sabia que não adiantaria nada porque sua casa não é tão perto da minha. Então, fugi pela escada de incêndio.

— Você o quê? — O queixo do Gato Motorizado caiu, mas ele logo abriu um sorriso que parecia transbordar orgulho. — Você é uma mulher foda, meu amor! — Ele curvou o tronco até nossos rostos se aproximarem bem e beijou minha boca, para, em seguida, olhar-me de perto. — Gostaria que tivesse me contado isso antes, mas estou feliz em saber que você sabe se cuidar muito bem. Imagino que tenha ficado com medo ao ponto de precisar fugir.

— Fiquei apavorada — admiti, empurrando-o de volta para o lugar dele e me aninhando em seu peito. —Não sabia o que ele faria comigo se conseguisse entrar em minha casa.

—Venha morar comigo.

O carro freou junto com meu coração acelerado, quando paramos na garagem de Christopher. Contei até dez antes de levantar os olhos para o encarar, sem acreditar que ele tinha mesmo dito o que disse. Pela sua expressão, ele já sabia que aquele pedido me surpreenderia e seu sorriso dizia que esperava que eu rebatesse o que falou.

—Você não está falando sério —disse eu.

—É claro que estou. Sei a hora certa de brincar e a de falar sério.

— Christopher, não acha que estamos indo muito rápido em tudo? Eu normalmente sou apressadinha, mas por incrível que pareça, ainda tenho alguns limites. Estamos juntos há muito pouco tempo para darmos um passo tão grande...

Ele ia responder quando o motorista abriu a porta e precisei sair. Aguardei até que Christopher estivesse em sua cadeira e o segui até o elevador. Depois que entramos, sozinhos, ele se virou para mim e deu de ombros.

— Num minuto eu sonhava que estava esquiando nos Alpes Suíços com minha namorada e, no minuto seguinte, estava perdendo a consciência, num emaranhado de braços, pernas e ferragens do carro. Daquele dia em diante, entendi que a vida é muito curta para esperar o tempo passar. Se tenho vontade, vou lá e faço.

Ele estava mesmo falando sério. Nós entramos no apartamento e Guapo nos recebeu cheio de alegria, latindo e pulando que nem um bonequinho de pilha. Eu

me ajoelhei e deixei que ele me cheirasse e me lambesse, sentindo a presença de Christopher bem atrás de mim. Até que meu cachorro me largou e foi fazer festa para ele. Virei-me a tempo de ver Guapo pular sem cerimônia no colo do meu namorado e roubar um beijo.

— Está na cara que seu primo vai voltar em algum momento ao seu endereço — disse ele, depois que meu cão se acalmou e se ajeitou em seu colo. —Você vir para cá será como unir o útil ao agradável.

— Você está me convidando para morar aqui por causa de Afonso ou porque quer morar comigo?

—A última opção. —Ele piscou e Guapo pulou de seu colo. —Mas achei que usar seu primo como um dos motivos seria uma forma de fazê-la aceitar mais rápido.

Aproveitei o lugar vazio e me sentei de lado em suas pernas, passando meus braços ao redor do seu pescoço.

— Eu amo você, mas precisamos ser realistas e concordar que nosso relacionamento é muito recente. Por isso, vou aceitar seu convite, mas, por

enquanto, não vou entregar meu apartamento.

Christopher abriu um sorriso enorme.

—É justo, mas tenho certeza que você nunca mais voltará lá.

—Nunca mais? —Sorri também, tocando a ponta do meu nariz no dele. — É uma afirmação muito forte e definitiva.

—Nunca mais.

Soltei um grito quando a boca de Chris atacou meu pescoço, pronta para me deixar com um chupão muito visível. Tentei me levantar e correr dele, mas seus braços agarraram minha cintura e fui novamente capturada.

— Agora você vai parar de me enrolar, Senhorita Martínez, pois vamos testar a porra do remédio que comprei.

— Nós vamos transar? — perguntei, fascinada, enquanto ele guiava a cadeira em direção ao quarto. — Aleluia! Quantos comprimidos por noite você pode tomar?

— Rosa, eu não pretendo terminar a noite num necrotério. Vamos com calma.

Pulei da cadeira em movimento antes mesmo de chegarmos no quarto e corri, já tirando meu vestido para esperá-lo pronta na cama.



Eu me sentia uma criança indo ao parque de diversões pela primeira vez na vida, enquanto observava Christopher deitado na cama, lançando-me um olhar esfomeado. Ele havia ingerido o medicamento e esperávamos fazer efeito, ao

mesmo tempo em que eu me esfregava em seu corpo delicioso.

—Você escapou por muito pouco de ser enquadrada como ninfomaníaca — disse ele, gargalhando e enroscando os braços em minha cintura quando cheguei mais perto. —Ainda vai me matar, Rosa...

—De prazer!

Rebolei quando uma de suas mãos foi parar entre minhas pernas e ele me tocou com intensidade. Deixei o gemido escapar e enfiei meu rosto em seu pescoço, lambendo sua pele quente e arrepiada. Por mais que houvesse certas limitações em nosso sexo, coisa que com o tempo tiraríamos de letra, ainda assim o toque de Christopher e a energia que rolava entre nós era surreal. Eu nunca tinha me sentido daquele jeito com outro homem.

— Amor... — ronronei, abrindo-me para receber mais daquele toque. — Desse jeito eu vou acabar gozando logo...

— Não vejo nenhum problema nisso — disse, mordendo o lábio enquanto me encarava com um olhar carregado de luxúria. — Você não gosta de gozar várias vezes seguidas? É algo chato mesmo, melhor parar...

Brincando e me instigando demais, Christopher puxou a mão e levou os braços para trás da cabeça. Foi o suficiente para me deixar louca e me fazer roçar ainda mais no pau dele. Agarrei os fios de cabelo mais crescidos e puxei sua cabeça, arrancando um sorriso engraçadinho.

— Você nem é louco de parar agora! — Segurei em seu bíceps, tentando puxar seu braço de volta. — Se não tratar de descer essa mão, vou me esfregar na sua cara!

Ouvi a gargalhada muito alta e Christopher usou as duas mãos para se apoiar no colchão e escorregar pelo lençol. Deitei-me junto, mas montei em seu quadril, rebolando, orando para que o remédio fizesse logo o trabalho que prometia fazer.

—Que sacrifício vai ser, ter que ficar de boca aberta enquanto você esfrega essa boceta linda em mim. Vem fazer um meia-nove, meu amor!

Àquela altura do campeonato, Christopher poderia propor qualquer numeração

que eu aceitaria. Tratei de inverter a posição e abri minhas pernas ao redor da cabeça dele. Suas mãos fortes apertaram meus culotes quando me puxou para baixo. Um uivo bem longo e baixo saiu pela minha boca quando senti a saliva quente e a ponta da língua em meu clitóris. Benditos Adão e Eva! — Ah, Cris... — gemi, rebolando o máximo que conseguia, louca para sentir mais daquela boca e língua que me tocavam e me causavam arrepios insanos, fazendo meu interior latejar de prazer.

Enquanto era agraciada com o oral incrível que Christopher sabia fazer como ninguém, ocupava-me de manejar o membro que começava a emitir sinais de vida. Bati uma punheta intercalada com algumas chupadas e gozei com ele dentro da minha boca quando dois dedos de Christopher me invadiram. Se eu já não estivesse deitada me desmancharia com o orgasmo violento.

— Que gostosa! — sussurrou o Gato Motorizado, dando uns tapinhas de

leve na minha bunda enquanto eu me remexia, ainda lânguida. —Isso sim é um rabo digno de umas palmadas! Você é muito maravilhosa, Senhorita Martínez. Apreciando os elogios, dei uma balançadinha safada com meu traseiro bem diante do nariz dele e parei de estimular aquele pau lindo que eu estava louca para montar.

Saí da posição e me joguei de novo sobre Christopher, roçando nossos sexos enquanto beijava sua boca com ansiedade.

—Te amo! —falei, sorrindo, feliz demais.

Os dentes perfeitos do meu namorado entraram em evidência com o sorrisão que exibiu para mim. Aproveitei o momento para encaixar-me sobre o pau dele, agraciada pela ereção e pelo remédio milagroso. Da primeira vez que o montei, usávamos apenas o tal do anel peniano e a ereção não estava tão plena como agora. Portanto, gemi de prazer ao senti-lo se enterrar bem fundo em mim conforme eu rebolava.

— Está bom? — perguntou, preocupado, alisando meus joelhos. — Posso colocar também o anel se...

—Não quero o anel. Não quero nada que te machuque.

—Não é tão ruim...

— Christopher, cale a boca e me coma — pedi, ganhando um olhar afiado em resposta.

Abaixei o tronco sobre ele e lambi seu pescoço enquanto corria minhas unhas, bem levemente, por seus mamilos. Brinquei com sua excitação na região, combinando também com algumas mordidas em suas orelhas.

— Que delícia... — ele murmurou e eu voltei a me sentar para deixar que brincasse com meus peitos. —Você gosta de cavalgar meu pau, né safada?

— Demais! — Lambi meus lábios, sabendo que ele apreciava muito o visual. Joguei meu cabelo para trás e rebolei, gemendo alto. — Ele se encaixa tão bem em mim, Chris...

Levei minha mão ao seio esquerdo e me toquei, atraindo ainda mais a atenção dele. Christopher se arrepiou e estremeceu, deixando um gemido escapar ao fechar os olhos.

— Caralho! — murmurou, com uma expressão de quem acabava de gozar, apesar de eu saber que as coisas não funcionavam da mesma forma para ele. — Ah, Rosa... Você me enlouquece...

Inclinei meu corpo um pouco para trás até apoiar minha mão em seu joelho e a outra eu desci pela barriga até meu sexo. Comecei a me tocar, brincando com meu clitóris enquanto me movia sobre Christopher, que tinha os olhos vidrados em mim.

—Gosta do que vê? —perguntei, sensual.

—Muito. Quero que goze no meu pau.

Acelerei meus movimentos ao ouvir o pedido, ansiando por este momento. Cavalguei, subindo e descendo, remexendo-me sobre ele, sentindo que me preenchia totalmente enquanto meu clitóris sensível me levava à outra dimensão. Apertei-me ao redor do pau do Gato Motorizado, jogando os dois braços para trás e deixando que ele tivesse uma visão privilegiada.

Senti os tremores me inundando a mente e alma, além de cada partícula do meu corpo. Acho que eu era mesmo viciada em sexo. Ou talvez eu me sentisse essa gata no cio com Christopher porque ele me proporcionava orgasmos alucinantes.

Enquanto minha respiração normalizava, voltei a me ajeitar e me deitei sobre Chris, que se ocupou em desgrudar os meus fios de cabelo de minha pele suada. Ainda em transe, senti suas mãos percorrerem minhas costas até o início da bunda, onde recebi um apertão forte.

—Amo você, *hermosa* .

Levantei o rosto e ri.

—Alguém andou aprendendo espanhol, né? — Pisquei.

—Tenho minhas cartas na manga —respondeu ele, encolhendo os ombros. — Mas você sabe que falo inglês, né meu bem? *No hablo muy bien español* .

Christopher revirou os olhos e roubou uma mordida no meu queixo. Gargalhando, rolei de lado para fugir dele e me levantei, doida para beber um pouco de água. O curto espaço de tempo que levei para ir até a cozinha e voltar foi o suficiente para algo acontecer.

Quando cheguei no quarto, Christopher estava com uma expressão terrível no rosto, aparentando muita dor, enquanto tentava se sentar na cama para ir até a cadeira. Eu corri até ele e o toquei nas costas, apavorada.

—O que houve?

—Preciso que pegue meu celular e ligue para Julian — pediu ele, levando a mão até a lateral do abdômen e se contorcendo. —Peça para vir aqui... Porra! Christopher soltou um grito abafado e se jogou de volta no colchão, enquanto eu corria até o celular dele e selecionava o número de Julian na agenda. Ele atendeu bem rápido e nem fez nenhuma pergunta, apenas avisou que estaria lá em dois minutos.

— Chris, o que está acontecendo? — perguntei, aproximando-me dele e afastando o cabelo da testa. —Julian está vindo.

—Espasmos... —murmurou e eu me arrependi de fazê-lo se desgastar para me responder. — Acontece...

Pensei se não deveria vestir uma roupa nele, mas antes precisava fazer o

mesmo por mim. Corri até o quarto de hóspedes e peguei uma calça e camisa simples e me vesti com pressa. Foi o tempo certo para que Julian chegasse e eu o levasse direto ao quarto de Christopher.

Diferentemente da outra vez em que testemunhei ele passando mal, agora Chris não se opôs à minha presença no quarto. Pude ver enquanto Julian administrava um medicamento injetável e começava um trabalho de massagem na região lateral do abdômen, descendo até o início do fêmur.

Permaneci o tempo todo em silêncio, mas acabei saindo do quarto e os deixando um pouco a sós para lhes dar mais privacidade. Sentei-me no sofá e Guapo pulou ao meu lado, vindo se deitar no meu colo. Enquanto o tempo passava, ficava pensando no motivo para Chris ter passado mal. Teria algo a ver com o sexo?

Deitei-me no sofá e abracei meu cão, mas devo ter pego no sono, pois só lembro de ser levemente sacudida e enxergar o rosto de Christopher diante do meu assim que abri os olhos.

— Está dormindo há bastante tempo nesse sofá. Venha para a cama, amor — pediu, alisando meu braço. —Gostaria de pegá-la no colo para poder levá-la sem que acordasse, mas... Não é possível.

Aproveitei para dar uma leve espreguiçada e me levantei, um pouco sonolenta. Christopher tentou me puxar para seu colo, mas recuei, lembrando que há pouco tempo ele estava com dor.

—Não quero te machucar.

—Por sentar em meu colo? —perguntou ele, com um sorriso bobo. — Não comece a me enxergar como alguém fragilizado, meu bem.

— Não é isso. É que... — Ele me puxou com força e eu deixei que me levasse para onde quisesse. Apoiei minhas mãos em seus ombros enquanto Chris nos guiava para o quarto. —Por que você acha que teve aquela crise?

— Porque é uma situação corriqueira em pessoas com lesões desse tipo — respondeu, beijando meu rosto e me fazendo sentir cócegas. — Hoje em dia as crises estão até mais brandas, já sofri muito mais com essas dores da espasticidade.

— Certo.

Paramos diante da cama e me levantei do colo dele para subir no colchão. Christopher se aproximou, segurando minhas coxas e acariciando minha pele em movimentos circulares com os polegares.

— Se isso a deixa mais tranquila, estou estudando um novo tratamento, bastante inovador, que ainda nem chegou aos Estados Unidos.

—Do que se trata? —perguntei, muito interessada e curiosa. Seria possível que Christopher, um dia, se recuperasse da paraplegia?

— Não se iluda de que vou voltar a andar, amor — disse ele, com uma expressão divertida e debochada no rosto. — A intenção é recuperar um pouco da sensibilidade que perdi e ter um pouco mais de autonomia nos movimentos. Mas que tal encerrarmos esse assunto por hoje e nos deitarmos, como você enroscada em mim?

Pedindo daquele jeitinho, eu não tinha como recusar. Principalmente depois que Chris puxou minha calça e, em seguida, tirou minha camiseta, ocupando a boca com meus seios. Estava pronta para aceitar dormir, mas pelo visto, Christopher tinha outros planos. Ele puxou meu corpo novamente para a cadeira e se aproximou até encostar os joelhos na cama e travar as rodas.

— Jogue seu corpo para trás — pediu, deslizando a mão grande pela extensão do meu ventre, causando-me arrepios.

Eu inclinei as costas como ele pediu, deitando meu tronco no colchão e mantendo meus quadris no colo de Christopher. Gemi quando esfregou a palma da mão na minha buceta já pronta e animada para o que ele tinha em mente. Em seguida, sem aviso prévio, enfiou um dedo em mim, fazendo meu corpo se contorcer perante ele.

Rebolei, agarrei meus peitos e enlouqueci quando ele passou os braços por trás dos meus joelhos e ergueu meus quadris, aproximando a boca da minha intimidade. Sem desfazer o contato visual comigo, Chris me chupou com maestria, ora sugando meu clitóris, ora chupando meus pequenos lábios, ora deslizando a ponta da língua por cada curva do meu sexo.

Os espasmos tomaram conta dos meus músculos das coxas quando ele começou um vai e vem frenético com o dedo ao mesmo tempo em que me estimulava.

—Goza pra mim, Senhorita Martínez.

Cada vez que Chris enfiava o dedo em mim, sentia meu corpo se abrir mais e mais para receber o que ele tivesse para me dar. Ao adicionar mais um dedo e aumentar o ritmo, ele acertou em cheio no meu ponto mais sensível, levando-me à beira da insanidade.

Soltei palavrões que nem eu sabia que existiam ao mesmo tempo em que gozava com a investida rápida e perdia meus pensamentos em algum lugar da consciência. Christopher não parou de me dedilhar enquanto eu não parei de tremer, de gemer, de me remexer em suas mãos. Por fim, ele me ajudou a deitar totalmente na cama e veio se ajeitar ao meu lado, com um sorriso de satisfação.
— A lesão me fez perceber que não há prazer maior do que ver nossa mulher gozar com nosso toque — falou, mas eu ainda estava em transe para consegui responder.

Contentei-me apenas em ficar deitada com a cabeça no peito dele,

apreciando nossas respirações tranquilas até cairmos no sono profundo.



Os dias iam passando tão depressa que estava difícil acompanhar. Mas sorri, feliz. Sabe quando você acorda indisposta, sem perspectiva de vida, desanimada com tudo ao seu redor? Então, não era meu caso, depois de uma noite intensa de muitos orgasmos. Assim estavam sendo todas as minhas noites. Espreguicei-me, feliz em ver que Christopher ainda estava deitado ao meu

lado e me aninhei no corpo dele, passando a perna direita por cima das suas.

— Bom dia, gatinha manhosa — falou de olhos fechados, mas bem desperto.

— Bom dia! — Tateei o rosto dele com meus dedos, delineando os lábios sorridentes. — Acho que vou dar um pulo na clínica agora de manhã para finalmente pegar minhas coisas. Também tenho um encontro com a Dra. Elizabeth.

A informação foi suficiente para fazer com que Christopher virasse o rosto para mim e abrisse os lindos olhos azuis. Um vinco se formou em sua testa e ele franziu os lábios.

— Não pode esperar? Tenho duas reuniões importantes esta manhã, mas depois do almoço estarei livre e posso ir com você.

— Não precisa, amor — respondi, sentando-me na cama e dobrando as pernas. Enquanto prendia meu cabelo com o elástico velho em meu pulso, os olhos de Christopher passeavam sem cerimônia pelo meu corpo nu. — Acordei corajosa e quero que Afonso pense que não tenho mais medo dele. Se estamos na mesma cidade, é possível que uma hora ou outra a gente acabe se esbarrando,

então prefiro enfrentá-lo de uma vez por todas.

— Rosa, não tenho dúvida de que você é muito corajosa. Mas isso não impede que tenha uma companhia para encarar o infeliz.

Ele alisou meu joelho e eu me estiquei sobre seu corpo para beijá-lo na boca. Senti as mãos safadinhas em minha bunda e sorri, sem afastar o rosto.

— Amo você e sou grata por todo o apoio que me dá. Porém, não quero precisar ter um homem ao meu lado para enfrentar outro homem. Sou perfeitamente capaz.

O sorriso de Christopher se alargou e os olhos brilharam enquanto ele me encarava.

—Eu sei que é —respondeu, soltando minha bunda para alisar meu rosto. — Rosa Martínez é um mulherão da porra!

E, acabando com o romantismo de uma vez, ele me deu um tapa gostoso na bunda. Ri, mas me levantei para evitar que a gente acabasse se embolando naqueles lençóis e a manhã que idealizei terminasse antes mesmo de começar. Não recusei, no entanto, o convite para tomarmos banho juntos. Até me surpreendi, visto que da primeira vez que sugeri, Christopher meio que aceitou de má vontade. Aproveitamos bastante, um momento de muito carinho e devoção, principalmente quando ele começou a cuidar de mim, mas não estendemos a brincadeira.

Ao sairmos de casa, ele me deixou na cafeteria onde eu tinha marcado o encontro com Elizabeth. Ela apareceu pouco depois e notei a felicidade genuína em seus olhos, quando me viu. Ganhei um abraço apertado e depois fizemos nossos pedidos para o café da manhã.

— Menina, você nos deu um baita susto — disse ela, cruzando os braços sobre a mesa e me encarando. —Lembro que no telefone, falou sobre não querer contar o que tinha acontecido. E agora? Acha que consegue desabafar? Alguém a tratou mal na clínica?

— Mais ou menos. A história é um pouco complicada e você vai se surpreender — encolhi os ombros —, talvez, até mesmo não acreditar em mim ou me julgar. Só marquei esse encontro porque você foi muito amável comigo o tempo todo e acho que devo um pouco de satisfação sobre minha conduta.

—Estou ficando assustada e muito preocupada, Rosa. —Elizabeth esticou os braços sobre a mesa e segurou minhas mãos que estavam entrelaçadas. — Conte-me. Pode confiar em mim. Eu a tratei do jeito que a tratei porque sempre senti muita empatia por você. Não irei julgá-la isso ou aquilo.

Sorri e agradecemos à garçonete que trouxe nossos pedidos. Esperei ficarmos novamente a sós e respirei fundo. Nunca era agradável relembrar a história, muito menos em voz alta, mas ter tirado alguns dias para me acostumar

com a presença de Afonso na mesma cidade que eu, ajudou a controlar meus nervos.

Primeiro, contei tudo que aconteceu na minha infância e o que passei com meu primo. Em nenhum momento citei o nome dele, pois queria que Elizabeth soubesse da história em si, sem se afetar por uma pessoa que ela já conhecia há algum tempo.

— Minha querida, eu nem imagino o inferno que tenha sido para você — ela sussurrou, com a voz embargada e eu sabia que estava sendo sincera. — Pela forma como expõe os detalhes, vejo que, por mais que ainda doa e seja difícil falar, parece que lutou bastante para superar isso.

—Sim, é verdade. —Sorri. —Hoje eu já não choro toda vez que relembro nem vivo mais com medo. Para ser sincera, há muitos anos não me deixo afetar por isso. Sou feliz, me considero uma mulher resolvida e independente, adoro sexo...

Nós duas sorrimos e Elizabeth ainda deu uma piscadinha.

—Que bom! Isso é muito bom! E acho que já entendi tudo. Algum cliente ou até mesmo um funcionário assediou você na clínica. Não foi?

— Não. — Neguei, balançando a cabeça. — Gostaria que fosse simples assim. Acontece que meu primo se chama Afonso.

Foram precisos alguns segundos para que a Dra. Elizabeth assimilasse o que eu tinha acabado de lhe confidenciar. Conforme sua expressão mudava de confusa para surpresa, a mão direita foi direcionada ao peito, como se levasse um choque.

— Afonso? O Dr. Miller é o seu primo? — perguntou num fio de voz, olhando para os lados como se a cafeteria estivesse cheia de espiões.

Assenti.

—Infelizmente, sim. Como não há nenhuma foto dele na clínica e eu nunca soube o seu primeiro nome, só fui descobrir que eram a mesma pessoa no dia em que fui apresentada. Ele contou que adotou o sobrenome da esposa.

— Sim... — confirmou, ainda atônita. — Ex-esposa. Ela... faleceu há dois anos. Foi encontrada morta dentro de casa, enquanto Miller estava num Congresso em Londres.

Nossos olhares se cruzaram e eu cheguei a me arrepiar com a informação recebida. Afonso seria capaz de assassinar a própria mulher? Quis me chutar só por ter cogitado a inocência dele. Claro que o infeliz seria capaz.

— Entende por que saí com tanta pressa? — perguntei, mordendo um pedaço do meu *muffin* de chocolate e o engolindo rápido para falar. — Afonso me encurralou na sala dele e me ameaçou. Eu não só não aguentei ficar mais um segundo diante dele como não pretendo nunca mais a voltar a trabalhar na

clínica. Semana passada, naquele mesmo dia em que liguei pra você, ele esteve em meu apartamento.

—O que ele queria?

— Não sei, não abri a porta e fugi pelos fundos. Mas acho que ele não se deu ao trabalho de pegar meu endereço e ir até lá só para pedir desculpas ou dizer que sentiu saudade.

Elizabeth apoiou os cotovelos na mesa e enterrou a cabeça entre as mãos. —É tudo tão terrível... Como vou conseguir ir trabalhar, ciente do que ele é capaz e do que já fez contigo?

— É aí que entra a segunda parte dessa conversa. — Sorri. — Vou abrir minha clínica veterinária.

A doutora levantou o rosto e os olhos brilharam para mim. Ela segurou minhas mãos mais uma vez e sorriu, muito feliz. Eu realmente estava certa de que a mulher era uma ótima pessoa.

— Que maravilha, Rosa! Fico muito feliz por você! Tenho certeza que é uma profissional incrível.

— Obrigada — respondi, radiante. Ainda não tinha contado para Christopher que decidira aceitar a proposta dele. —Mas vim com a intenção de chamá-la

para trabalhar comigo. É tudo muito recente ainda, tenho uma grana guardada e também pegarei um empréstimo, mas sempre soube que tipo de profissional eu ia querer ao meu lado quando meu sonho saísse do papel. Quero levar você e Dylan para lá.

— Nossa! Estou surpresa com esse convite! — Ela arregalou os olhos e levou ao mão ao peito novamente.

— Sei que provavelmente não conseguirei igualar o salário que ganha atualmente, mas tenho boas intenções e sou ambiciosa. Inicialmente, seríamos apenas nós duas no atendimento e você, a única cirurgiã.

— Conversaremos melhor sobre esses detalhes — disse, dando tapinhas leves em minhas mãos. — Mas, definitivamente, é melhor do que ficar desempregada, certo? Eu agradeço muito pelo convite, querida.

—Fique tranquila que não a envolverei nos meus problemas —avisei, pois nunca pensei em prejudicá-la. — Com o Afonso, resolvo eu. Você não perderá seu emprego por minha causa.

—Agradeço a preocupação, mas você acha que eu continuarei trabalhando para um abusador de menores? Nem sabemos se ele fez com mais alguém o que fez com você. Se me autorizar a contar sua história, ainda falarei com todas as mulheres que trabalham lá. E Parker... Meu Deus, quando ele souber... A mãe dele sofreu abuso na infância.

— Não tenho mais problema em me expor se for para que Afonso pague

pelo que fez. Ele era uma página virada na minha vida, sabe? E agora reapareceu, querendo me desestruturar, mas não vai conseguir.

Nós duas ainda permanecemos mais um tempo na cafeteria e ao nos despedirmos, combinamos de manter contato sempre que possível. Eu ainda tinha muito o que resolver antes de ter minha própria clínica funcionando a todo vapor.

Aproveitei que ainda estava cedo e mandei uma mensagem para Kiara, marcando de almoçarmos juntas. Enquanto esperava as horas passarem, dei um pulo numas lojas de decoração que eu adorava. No entanto, me entristeci ao

perceber que não podia ficar comprando as bugigangas de sempre se eu iria morar naquele apartamento imaculado de Christopher. Devolvi o cofrinho roxo em formato de sapato à prateleira e quando ia saindo da loja, meus olhos focaram num outro objeto.

Carreguei feliz pelas ruas de Manhattan a sacola com o quadro lindo com várias raças de cães em posições de ioga. Seria a primeira aquisição para minha clínica veterinária e não via a hora de mostrá-lo à Kiara e ao Chris.

∞

Minha melhor amiga já esperava no restaurante quando cheguei e se levantou para me dar um abraço apertado. Antes de me soltar, ela me segurou pelos ombros e me encarou com um olhar assassino.

— Não andou sendo surpreendida novamente pelo seu primo não, né? — perguntou.

Eu tinha demorado a contar sobre Afonso e Dr. Miller serem a mesma pessoa porque nossos horários não estavam batendo direito desde que ela começara a trabalhar. Acabei contando tudo numa noite em que estava deitada na cama de Chris, sozinha, e fiz uma videoconferência com ela. Kiara quase saiu pela tela do celular de tanta raiva que sentiu e me xingou por eu não ter a deixado a par da situação no mesmo dia.

—Não o vi desde o dia em que foi até minha casa — respondi.

— Mas ainda precisa que eu quebre os joelhos do filho da puta? — perguntou, oferecendo seus serviços. —Porque você sabe muito bem que eu sou boa no *krav maga* .

— Não será preciso — respondi, revirando os olhos e rindo. Kiara usava aquela história das artes marciais para quase tudo na vida. — Não quero que você estrague ou quebre uma unha. Nem isso o Afonso merece.

Nós nos sentamos e eu chamei o garçom, pedindo por um cardápio. Não estávamos em nenhum restaurante chique, era um bistrô descolado que já

tínhamos frequentado anteriormente e gostamos bastante da comida e do

atendimento. Pedi uma massa carbonara, mas já pensando no *cheesecake* de *blueberry* que eles vendiam e era maravilhoso.

Quando terminei minhas escolhas e dispensei o garçom, notei que estava sendo observada muito atentamente. Kiara me olhava com atenção e parecia pronta para me socorrer caso eu me quebrasse.

—Então... Como você pretende que façamos isso?

—Isso o quê? —perguntei, sem entender nada.

— Ué. Matá-lo — ela respondeu, muito objetiva, fazendo com que eu expelisse pelo nariz a água que bebia do copo dela.

Usei um guardanapo para me limpar, enquanto achava graça da cara com a qual Kiara me olhava. Imaginei minha amiga vestida toda de preto, como um ninja, invadindo a casa de Afonso e o sufocando com um travesseiro.

— Tudo bem, senhorita samurai, vamos com calma. Deixaremos para pensar nisso em outro momento, porque quero esquecer meu primo babaca e focar em outro assunto, muito mais importante.

—Você tá grávida!

— O quê? — Quase caí da cadeira com o susto, mas aí lembrei que se estivesse grávida seria a primeira a saber, não Kiara. —Claro que não.

— Foi pedida em casamento? — De olhos esbugalhados, ela olhou para minhas mãos como se procurasse por uma aliança.

—Também não —respondi, desanimada. —Você vai me deixar contar ou ficará tentando adivinhar?

Ela sorriu e cruzou os braços, em expectativa. Kiara era uma das pessoas mais ansiosas que eu conhecia e sabia que aquele suspense todo estava quase fazendo-a surtar.

—Vou abrir minha clínica veterinária! —contei, sentindo que meu sorriso nem tinha mais para onde se expandir, de tão feliz e decidida que estava. — Já

comprei meu primeiro objeto de decoração.

—Não acredito!!! —Kiara se levantou, com os lábios apertados e eu sabia que estava contendo um grito. Quando se aproximou da minha cadeira, se jogou em cima de mim num abraço todo torto. — Eu sabia que você conseguiria! Eu sabia! Eu sabia! Parabéns, amiga!

Ri, dando tapinhas nas costas dela e sussurrei em seu ouvido:

— Obrigada, mas acho melhor você voltar ao seu lugar. Tem um casal ali na mesa de trás nos olhando com umas expressões de desgosto.

Kiara ajeitou a postura e, barraqueira como uma boa baixinha costumava ser, levou as mãos à cintura e olhou em volta.

— Devem ter medo que a gente comece a se agarrar. — Então, a louca

apertou meus peitos. — Gostosa! Pelo menos a gente transa bastante, coisa que eles não parecem fazer.

Claro que ela disse a última frase num volume alto o suficiente para as quatro mesas ocupadas ao nosso redor escutarem. Eu quis me enfiar no buraco mais próximo, mas como não era possível, usei meu cabelo para me esconder. Enquanto nossa comida chegava, contei tudo para Kiara. Desde a proposta

de Christopher até minha ideia de convidar Elizabeth para trabalhar comigo. Fizemos vários planos e Kiara deixou bem claro que me mataria se eu não a incluísse em todo o processo de decoração do lugar. Senti medo do nosso descontrole, pois ela conseguia ser pior do que eu.



Voltei para a casa de Christopher antes da chegada dele e resolvi preparar uma surpresa. Comprei um vinho para mim e cerveja sem álcool para ele, mesmo sem saber se ele gostava ou não. Eu não me considerava uma *chef* na cozinha, mas sabia fazer uma coisa ou outra mais diferenciada. Portanto, decidi que prepararia *bruschettas* com *muzzarela* de búfala, muito tomate e manjericão. Faria também um risoto de beterraba, receita antiga da minha vó e que ficava uma delícia.

Tomei um banho demorado, vesti uma roupa bonita e me arrumei. Assim que entrou em casa, um pouco depois das cinco, apareci correndo na sala e me sentei de lado em seu colo.

—Bem-vindo! —falei, ganhando um cheirinho no pescoço.

—Nossa! É dessa forma que serei recebido todos os dias? — Chris sorriu, alisando minha coxa ao subir um pouco meu vestido com a mão. — O que fiz para merecer toda essa beleza?

— Vamos apenas comemorar a vida e, claro, minha futura clínica. — Quando notei que seu sorriso se ampliou, encostei meu dedo indicador nos lábios dele e avisei: — Iremos conversar sobre isso. Mas antes, vamos livrar você desse terno.

Seus olhos brilharam quando comecei a desfazer o nó da gravata e as pontas dos dedos apertaram a carne da minha coxa. Em seguida, abri os primeiros botões da camisa azul-marinho que ele estava usando e deslizei minha mão pelo seu peito musculoso. Christopher inspirou profundamente, fechando os

olhos e jogando a cabeça levemente para trás, enquanto eu aproximava minha boca e trilhava um caminho com os lábios pelo seu pescoço.

— Estou sentindo um cheiro ótimo vindo da cozinha, mas desse jeito, a única coisa que vou querer comer será você — falou, com uma voz mais grave do que o habitual.

— Não senhor! — Pulei rápido do colo dele, porque não ia deixar que me levasse para a cama antes de provar minha comida. Eu tinha feito tudo com muito carinho e dedicação. — Eu me oferecerei como sobremesa. Você pode ir pro quarto e se trocar ou até mesmo ficar assim se preferir. Enquanto isso, vou terminar os preparos na cozinha.

—Vou tomar um banho e já venho — avisou.

Ao me virar de costas, levei um tapa na bunda e Christopher moveu a cadeira com pressa para não sofrer nenhuma retaliação.

O tempo que ele demorou foi o bastante para terminar o preparo do risoto e a montagem das *bruschettas*. Arrumei a mesa para nós dois e abri a garrafa de vinho quando Christopher chegava à sala de jantar. O homem era lindo demais, mesmo se arrumando com pressa. Tinha trocado o terno por uma camisa de malha branca e justa, com mangas longas, que contrastava com o cabelo muito escuro, os olhos azuis e o *jeans* preto.

— Você gosta de cerveja sem álcool? — perguntei, indo até a cozinha e aumentando a voz para ele me ouvir. —Porque eu comprei algumas caso queira me acompanhar.

Voltei com o *pack* de seis unidades e o balancei para meu namorado, que sorria e balançava a cabeça.

—Se vamos jantar e comemorar seu empreendimento, irei tomar uma taça de vinho com você.

— Tem certeza, Chris? — Franzi meus lábios, receosa. — Não quero que passe mal por causa da minha bebedeira.

Ele riu e se aproximou da mesa, pegando a garrafa e servindo as duas taças que eu já tinha deixado ali. Encheu uma mais do que a outra e me entregou a que tinha mais conteúdo.

— Só tomarei um pouquinho — respondeu, piscando. — Deixo o restante da garrafa para você. Não me importo que beba.

Sendo assim, deixei as cervejas sobre o aparador e brindei com Chris, sentando-me na cadeira posta para mim. Conversamos primeiros sobre amenidades e achei um amor quando ele começou a falar sobre seu dia na empresa. Não era bem isso que pessoas que moravam juntas costumavam fazer? *Muito bem, Rosa, você está mesmo evoluindo!*

Durante esse papo, eu fiquei sabendo que Mitchell ainda continuava babaca

e sua nova secretária, contratada logo depois de minha demissão, tinha feito uma reclamação formal por ele a obrigar a fazer hora extra todos os dias. O homem realmente não tinha jeito e ia ser escroto o resto da vida. Talvez tenha sido providência divina eu ter cometido aqueles erros e ser demitida.

— Então, agora vamos falar sério — disse ele, pousando os talheres no prato e usando o guardanapo. — Esse risoto está maravilhoso. Não sabia que cozinhava tão bem.

—Não tão bem. —Ri, lembrando das gororobas que já fiz. —Essa é uma receita de família, não tinha como dar errado. Sei fazer esse risoto desde os meus doze anos.

—Sim, tem razão, mas eu também tenho. Tem gente que simplesmente não possui talento algum na cozinha, mesmo seguindo a mesma receita sempre. Minha mãe, por exemplo, quando eu era criança, lembro que aos sábados ela sempre fazia ovos mexidos para o café da manhã e sempre ficava uma merda. São ovos mexidos! Como é possível errar uma refeição tão simples?

Claro que eu não diria em voz alta, mas pensei que era perfeitamente plausível. Dizem que comida se faz com amor e o sentimento fica impregnado no sabor, no tempero, no resultado final. Margareth não deveria mesmo ser capaz de cozinhar algo gostoso.

Christopher se ajeitou na cadeira e olhou firme para mim.

—Vamos falar da sua clínica? O que resolveu, afinal?

Ajeitei meu vestido, como se minha aparência fosse interferir em alguma coisa. Na verdade, eu estava nervosa. Christopher era um empresário bilionário que entendia tudo dessa parte mais burocrática e eu, um girino nadando em meio aos tubarões.

O sonho de abrir uma clínica veterinária sempre esteve em meus pensamentos desde muito nova, quando eu já dizia que ia crescer e cuidar de bichinhos. O tempo só fortificou ainda mais a minha meta, mas querer e realmente poder fazer eram coisas muito diferentes na minha realidade. Eu achava que levaria ainda uns dez anos juntando o dinheiro na poupança para poder pensar em dar início a esse projeto.

E então, eis que Christopher surge e tudo começa a acontecer rápido demais.

— Vou aceitar sua ajuda, desde que façamos tudo de forma oficial, com envolvimento de banco e advogados. Quero a responsabilidade de pagar todo o empréstimo de volta, mesmo sabendo que você irá suavizar em muitas prestações a se perder de vista.

— Ah, eu vou, é? — Ele riu, divertido. — Estava pensando em algo como três vezes sem juros. No máximo.

—Claro que não! —Belisquei o pulso dele, que estava próximo a mim. — Você vai parcelar em pelo menos umas cento e vinte prestações.

Christopher gargalhou, levando-me junto. Eu amava a forma que ele fazia eu me sentir, leve, descontraída, com a certeza de que era correspondida plenamente. O bonitinho segurou a taça de vinho que estava bebericando devagar e a ergueu no ar.

—Um brinde à sua clínica veterinária, que será um sucesso!

— À minha clínica! — brindei, feliz. — E ao homem mais maravilhoso e perfeito que já conheci!

Chris olhou ao nosso redor, com uma sobrancelha arqueada e voltou a me encarar.

—Onde está ele?

Sorri, mordendo meu lábio, doida para atacá-lo e tirar suas roupas. Porém, contentei-me apenas em me levantar e sentar no colo dele. Beijei seu rosto de leve e ele abraçou minha cintura.

— E sobre vir morar aqui de forma definitiva? Vai me dar esse prazer ou não? — perguntou ele.

—Achei que já estivesse fazendo isso há alguns dias.

— Não, senhorita. — Ele fez um biquinho charmoso com os lábios. — Você está apenas ficando, despretensiosamente, mas nunca chegou a me dar uma resposta oficial.

— Certo. — Ri. — Então, minha resposta oficial é que sim, vou vir morar com você. Mas mantendo aquela ideia em mente, de não entregar logo o meu apartamento. Também preciso tirar um dia para ir em casa e começar a empacotar as coisas.

Estremeci com a mão forte que deslizou pela minha coxa e se direcionou até minha bunda, fazendo o vestido se embolar totalmente na altura dos meus quadris. Sem se preocupar em me deixar com a calcinha à mostra, Christopher acariciou minhas costas por dentro da roupa e mordiscou meu ombro. Era o suficiente para me fazer sentir a umidade entre minhas pernas.

Eu o observei com atenção enquanto ele se dedicava à minha pele exposta pelo decote do vestido. Quando parou e me olhou, seu olhar estava intenso.

—No que tanto pensa? — perguntei.

—Nada demais. —Sorriu. —Só estou tentando descobrir a melhor forma de pedir você em casamento.

A única reação que eu podia demonstrar era gargalhar, porque a outra seria agarrar ele e gritar um sim para o prédio todo ouvir. Mas eu sabia que não passava apenas de uma das brincadeiras do meu namorado, que adorava me deixar nervosa. *Calma, Rosa, ainda não é a hora.*

Christopher também sorriu, mas em silêncio. Por fim, ele deslizou os dedos

pelas minhas sobrancelhas, pensativo.

—Você pensa em ter filhos?

Pressionei meus lábios diante da pergunta. Era alguma pegadinha e teria uma resposta correta para dar? Porém, era com Christopher que eu estava. Uma pessoa que sempre foi muito transparente comigo e com quem eu sempre me senti extremamente à vontade. Não tinha motivo para ficar pensando em certo ou errado.

— Acho que eu não nasci com aquele chamado da natureza que a maioria das mulheres possuem, sabe? De sentir uma necessidade absurda de ser mãe, como se fosse uma corrida contra o tempo. Seria feliz com ou sem filho.

— Tem certeza que não pensa assim só por causa da minha condição? — perguntou ele. — Entenda que não é uma pergunta para julgá-la, é só que... — suspirou —eu vejo em você a mulher para passar a vida ao meu lado, mas quero que saiba que não posso dar filhos biológicos e você tem todo o direito de ponderar isso.

— Cacete! E eu achava que era a apressada da relação! — Abracei o pescoço dele e dei um selinho em seus lábios, sentindo seu sorriso se alargar. — Eu preparei esse jantar para falar de negócios e morar junto, você já está nos casando e pensando na prole. Continue, por favor. Onde está o anel?

O Gato Motorizado soltou uma gargalhada mais rouca e enfiou os dedos por dentro do meu cabelo, puxando um pouco minha cabeça para trás de forma que pudesse ter um acesso mais livre ao meu pescoço.

—Não me provoque, Senhorita Martínez. Você não sabe se eu já tenho um anel guardado ou não.

Sorri, querendo entrar naquele joguinho atrevido, mas o assunto em pauta era muito sensível para que eu deixasse passar batido. Segurei o rosto de Christopher entre minhas mãos e o olhei seriamente.

—Eu estou com você e não finjo que não sei das coisas. Seria hipocrisia de minha parte se dissesse que nunca parei para pensar se você poderia ou não ter filhos. Apesar de nunca termos conversado sobre esse assunto, a partir do

momento que comecei a me envolver e te amar, sabia que haveria uma possibilidade de não engravidar. E sinceramente? Estou bem com isso, Chris. Não preciso ter filhos para ser feliz. E, se algum dia, nosso relacionamento ficar mais sério e voltarmos a falar sobre isso, há outras formas de sermos pais. Um filho biológico ou adotivo seriam igualmente amados.

— Uau. — Ele suspirou e arregalou os olhos. Parecia surpreso com meu discurso. Sua mão alisou minha coxa enquanto tomava um tempo. — Bem, não esperava por tudo isso. Eu já sei o quão incrível você é, mas mesmo assim, me

surpreendo cada dia mais. Eu só toquei nesse assunto porque é sim um ponto importante pra mim. Já me acostumei ao fato de não poder ser pai do jeito tradicional, porém, precisava saber sua opinião a respeito disso. — Ele sorriu, com um brilho forte nos olhos. — E sim, eu penso em adotar. Não sabia se em algum momento eu poderia dar esse passo tão grande, por não me enxergar ao lado de alguém capaz de dividir algo dessa magnitude comigo. E aí você apareceu. Agora eu não só me vejo fazendo isso como tenho certeza que, um dia, você será uma ótima mãe.

Eita que a conversa ficava cada vez mais séria. Se aquilo não era uma puta declaração de amor, então eu não sabia o que era. Christopher estalou a língua e balançou a cabeça. Eu sentia que ele estava tão emocionado quanto eu. O peso das palavras que tínhamos acabado de trocar era forte demais.

Para devolver a leveza da noite, ele deu um sorrisinho sacana e mordeu o lábio enquanto encarava meus peitos.

—É claro que sempre podemos surpreender a ciência. Talvez se tentarmos muitas vezes, incansavelmente, eu consiga colocar um espermatozóide pra nadar em você.

—Essa é a desculpa mais romântica que alguém já usou para me comer — falei.

Suspirei com a língua quente contra minha pele e levei minha mão direita até o pau dele. Sabia que Christopher não sentia, mas era um gesto quase automático. Ele, no entanto, me surpreendeu. Ao ver o que eu fazia, animou-se e devolveu o gesto, enfiando uma de suas mãos entre minhas pernas e me alisando sobre a calcinha.

— Temos alguém animadinha aqui? — perguntou, rindo. — É mesmo ninfomaníaca. Isso não era um jantar para discutir negócios, Rosa?

— Hum. — Rebolei no colo dele, afastando meus joelhos e dando mais liberdade ao seu toque. — Quem começou a falar de relacionamento e filho foi você...

Sem que meu namorado esperasse, eu me virei e me sentei de frente em seu colo. Àquela altura, meu vestido já estava na cintura e minha calcinha toda exposta. Rocei meus dedos pela barra da camisa de Christopher e a puxei pela

cabeça dele, deixando-o de peito nu. Os olhos azuis se estreitaram quando fiz o mesmo com minha roupa e ele foi agraciado com meus peitos libertos.

Tentou chupá-los, afoito, mas empurrei sua cabeça para trás e colei meu corpo ao dele. Deixei que meus mamilos roçassem em seu peito enquanto nos beijamos, sem pressa, apenas degustando um do outro. As mãos de Chris passeavam pelas minhas costas e desciam até minha calcinha, ao mesmo tempo em que minha língua percorria cada pedaço da pele dele e o causava arrepios.

Até que ele venceu a guerra e me agarrou pelos ombros, afastando meu corpo para poder cair de boca nos meus seios. Deixei que minha cabeça pendesse para trás conforme meu corpo esquentava mais e mais. Christopher alternava língua e dentes e me enlouquecia com seu toque. Incentivada pelo fogo que me consumia, desci minha mão pela barriga até enfiá-la por dentro da calcinha e me tocar.

Ele parou quando reparou o que eu estava fazendo e me surpreendeu, abrindo o zíper de sua calça e puxando seu pau para fora da cueca.

— Toque em mim — pediu, sussurrando, cheio de desejo. — Desde o acidente, você foi a única pessoa que me fez voltar a gostar de ser masturbado. Eu me surpreendi com aquela confissão e se não estivesse tão excitada, poderia até ter me emocionado e estragado o clima. Mas deixei o sentimentalismo de lado e deslizei um pouco para trás, envolvendo seu pau em meus dedos e iniciando um vai e vem lento. Meus gestos eram observados atentamente por Christopher.

Ele inspirou profundamente quando levei minha mão livre até meu clitóris e depois a esfreguei em seu peito, deixando-o melado com minha lubrificação. Quando seu membro começou a apresentar alguma ereção, decidi pular da cadeira e me ajoelhar entre suas pernas. Daria um espetáculo para Chris, que praguejou baixinho quando percebeu o que eu faria em seguida.

— Ah, Rosa... Que visão espetacular! — falou, enquanto eu o chupava, com meus olhos voltados para os seus.

Como o visual contava muito para ele, passei a língua devagar pela glande e deixei que um pouco de cuspe caísse bem no centro, para então voltar a engoli-lo totalmente. Permaneci um bom tempo ali, intercalando mãos e boca, no sexo oral mais teatral da minha vida. E senti quando Christopher chegou ao orgasmo,

do jeito dele, silencioso e contido. Em sua condição, ele nunca ejaculava, mas seu corpo relaxava de uma tal maneira que não foi difícil aprender sobre seu prazer.

Voltei rápido ao colo dele, aproveitando a ereção que eu sabia que logo acabaria, sem remédio, sem anel peniano. Esfreguei-me em seu pau, sentindo meu cltoóris sensível e recebendo um beijo de língua gostoso. Chris passou um braço forte pela minha cintura e fez meu corpo se erguer um pouco, de forma que seus dedos pudessem me penetrar ferozmente.

— Porra! — gemi naquela posição, sentindo minhas pernas estremecerem, enquanto Chris me fodia com dois dedos e ainda esfregava meu clitóris com o polegar.

Quando comecei a tremer com a chegada do orgasmo, Christopher enfiou o terceiro dedo, estocando mais forte e mais fundo, prendendo-me com o outro

braço sem deixar que eu caísse. Gemi e gritei, alucinada com o gozo arrebatador, enquanto ele girava os dedos dentro de mim.

— Hmmm... — Não consegui manter a cabeça em pé e virei gelatina nos braços do meu amado, até que ele me soltou e me deixou sentar de volta, abraçando-me tão apertado que até me tirou o ar.

—Tão linda!

Senti que ele beijava minha cabeça e movia a cadeira, mas meus olhos fechados não me deixavam prestar atenção no caminho. Torci para que estivéssemos indo para a cama, repetir isso tudo mais umas três vezes antes de dormir.

Capítulo 26

Estava parada de pé diante da *Pets Life & Health*, encarando o letreiro da famosa clínica das redondezas. Mais de duas semanas tinham se passado desde que saí correndo daqui. Usei aqueles dias para digerir melhor a presença de Afonso tão perto de mim e me sentia muito mais preparada para ficar cara a cara com ele. Eu nem sabia se estava atendendo naquele dia, uma quinta-feira véspera de feriado, mas, se o encontrasse, não teria medo.

Aprimeira pessoa que me viu foi Dylan, que estava passando pela recepção bem no instante em que entrei na clínica. Ela arregalou os olhos e correu para me abraçar. Retribuí seu carinho, apertando-a forte entre meus braços e quando nos afastamos, a tosadora abriu um sorriso enorme.

— Que bom ver você de novo, Rosa! Nossa... — Dylan suspirou e seus ombros caíram um pouco e ela se inclinou, como se tivesse um segredo para me confidenciar. — A Dra. Elizabeth me contou tudo, mas me pediu para ficar de boca fechada.

—Sim. —Olhei em volta e sorri para a recepcionista que eu não conhecia. — Podemos conversar em particular?

— Claro que sim! — Dylan agarrou meu braço e me puxou para a direção

do espaço de tosa. — Não tenho ninguém para atender pelos próximos vinte minutos. Vamos lá!

Só quando ela fechou a porta e nos sentamos uma de frente para a outra, é que Dylan pegou minhas mãos e deixou que seu semblante exibisse seu humor real.

— Sinto muito pelo que você passou — disse ela. — Talvez, se fosse qualquer

outra pessoa me contando o que eu soube e se não conhecesse você, custaria a acreditar. Aquele cafajeste enganou todo mundo com a carinha e a pose de bom samaritano rico. — Eu tentei falar, mas Dylan parecia uma metralhadora. — Já estou procurando outro emprego, sabe? Só não saí daqui ainda porque não posso correr o risco de não encontrar nada tão rápido e ficar sem salário, mas estou louca para dar uma banana pro Dr. Miller. Ele nem merece ser chamado de doutor!

Eu sorri, pensando no fôlego que ela precisou usar para dizer aquilo tudo de uma vez.

— Você está certa mesmo, não pode tomar nenhuma decisão precipitada, tendo contas pra pagar. Mas acho que Elizabeth não contou tudo que conversamos.

—Tem mais? —perguntou ela, chocada e boquiaberta.

— Tem, mas nada pior do que o que você já sabe. Na verdade, creio ser uma boa notícia, visto que você quer sair daqui. Vou abrir minha própria clínica e quero tê-la no quadro de funcionários.

Dylan, que já estava com a boca escancarada, quase levou o queixo ao chão. Seu assombro deu lugar à um sorriso bobo e ela levou as mãos ao cabelo. —Está falando sério?

—Estou! Não será algo que vai acontecer da noite para o dia, claro. Ainda não consigo estimar em quantos meses a clínica começará a funcionar, mas quero que saiba que você será muito bem-vinda. E como eu não entendo nada de tosa, vou precisar de umas dicas em relação ao espaço.

Dylan se levantou e veio me abraçar, muito entusiasmada, mas fomos interrompidas pela menina da recepção que colocou a cabeça para dentro da sala e olhou para ela.

—Dylan, consegue encaixar um banho agora? Tem um cachorro lá fora. Eu me levantei para não a atrapalhar e me despedi com um beijo no rosto.

— Atenda, pois tenho que ir buscar minhas coisas. — Pisquei para ela. — Vamos nos falando por telefone pra você ficar a par de tudo.

—Se precisar de ajuda lá em cima, pode me chamar —disse ela, deixando claro que estaria pronta se eu precisasse de socorro.

Sorri em resposta e saí atrás da recepcionista, que voltou ao balcão.

Aproveitei para perguntar se o Dr. Miller se encontrava na clínica e quando ela respondeu que ele ainda não tinha chegado, respirei um pouco mais aliviada. *Rosa, você está se saindo uma boa covarde, isso sim!*

Felizmente, minhas coisas continuavam intocadas no mesmo lugar em que as deixei. Não perdi tempo e juntei tudo, descendo os degraus com pressa para sair logo dali. Imaginei que Elizabeth estivesse em atendimento e achei melhor falar com ela depois.

Quando passei de novo pela recepção a caminho das portas de vidro que davam para a rua, estaquei. Afonso chegava naquele momento, de roupa social e óculos escuros, parando bem diante de mim e sorrindo.

— Rosa, bom dia — falou, tirando os óculos e me lançando um olhar penetrante. —Que surpresa vê-la aqui.

Respirei fundo e não pensei em nada do meu passado. Ele não iria me afetar. Não daquela vez.

— Já estou de saída. — Queria passar, mas ele bloqueava o caminho. — Com licença.

— Vamos à minha sala. — Meu primo segurou meu braço pelo cotovelo, tentando me puxar. —Você me deve uma conversa. Não acha?

— Eu não devo merda nenhuma a você, Afonso! — gritei, puxando meu braço e me afastando dele. O infeliz ficou pálido, talvez envergonhado por termos plateia. —Nunca mais ouse tocar em mim, está entendendo?

O casal que aguardava nas poltronas da recepção, com seu gato a tiracolo, passou a nos olhar com muito interesse. Assim como a menina da recepção e Dylan, que veio correndo lá do banho e tosa. Meu primo mudou o peso de uma perna para a outra, posicionando-se de lado para o público e sorrindo com as mãos na cintura.

— Não sei qual é o seu problema, mas se ficar descontrolada desse jeito, terei que pedir para se retirar. Está na TPM, Senhorita Martínez?

— Agora eu sou senhorita? — perguntei, com asco, aumentando o tom de voz. — Esqueça a minha existência, Afonso, ou eu o denuncio de uma vez por todas como o bom abusador pedófilo que você é!

Sua expressão endureceu porque, obviamente, o peso daquelas palavras atingiram a todos os espectadores. Dylan, provavelmente, foi a única que não se surpreendeu com minha acusação.

Afonso deu um passo à frente, na minha direção, mas deve ter entendido que não era sensato me ameaçar na frente de tantas pessoas e recuou. Porém, eu não tinha terminado.

— Passei minha infância e adolescência achando que tinha algo de errado comigo, tive relações fracassadas por causa dos traumas que você me deixou. E

se eu achar que há a remota possibilidade de você estar repetindo o que fazia comigo, com outra pessoa, acabo com sua reputação. — Virei o rosto para o casal que observava tudo e apontei para meu primo. —Tem certeza que querem gastar seu dinheiro no estabelecimento de um abusador sexual? Porque foi o que ele fez comigo, quando eu tinha sete anos.

Afonso me agarrou pelos ombros e me sacudiu, o rosto vermelho de tanta raiva.

—Pare com isso! Está louca?

— Ei! — O homem que esperava com a mulher se levantou e se meteu entre nós dois, espalmando a mão no peito de Afonso. —Deixe a moça em paz, doutor.

Eu recuei, resistindo à vontade de erguer meu dedo do meio e mandar meu primo à merda. Vi quando a mulher com a caixa de transporte do gato se levantou e tocou o braço do marido.

— Vamos embora — pediu ela e, em seguida, olhou para mim. — Você precisa de alguma coisa?

—Não, obrigada. —Sorri, agradecida pela preocupação.

Lancei um olhar para Dylan, deixando claro que não queria que ela se intrometesse e saí pelas portas da clínica, esperando não precisar pisar novamente ali.

∞

Estava com a cabeça quente nos primeiros minutos após deixar o lugar onde trabalhei por tão pouco tempo. No entanto, sentia-me bem. Livre, como se tirasse um peso dos ombros. Eu sabia que não era tão simples, afinal, precisava pensar com calma sobre o que fazer a respeito de Afonso. Se valia a pena fazer uma denúncia depois de tantos anos ou se era melhor simplesmente fingir que ele nem existia.

Decidida a não pensar mais no filho da puta para não estragar meu dia, fui fazer compras. Passei num *sex shop* que ficava ali pelo bairro e que várias vezes senti vontade de entrar e conhecer. Queria apimentar as coisas com Chris e sabia que ele ia adorar uma novidade.

Uma hora mais tarde, depois de experimentar muita coisa, saí da loja com duas sacolas cheias de *lingerie*, alguns acessórios para apimentar nossas transas e duas fantasias: uma de diabinha e outra de marinheira. Queria conversar com Christopher sobre brinquedinhos, pois acabei falando demais com a vendedora que me atendeu e ela me contou sobre a existência de alguns acessórios sexuais para cadeirantes. A primeira coisa que eu faria quando chegasse em casa — na

dele, ainda não estava acostumada a chamar de “minha” casa — seria pesquisar na internet sobre tudo que ela falou.



Meus dias estavam corridos como nunca. Eu precisava entregar as chaves do meu antigo apartamento de uma vez por todas, mas o corretor estava atrasado para me encontrar. Enquanto esperava, digitei com pressa uma mensagem para o engenheiro que me aguardava para que eu aprovasse a planta final da clínica.

Há dois meses tinha comprado um imóvel que ficava, basicamente, no caminho entre nossa casa e a *Ocean's King*. O local possuía duzentos metros quadrados distribuídos em dois andares, onde funcionariam a parte de consultórios, centro cirúrgico e *pet shop* com banho e tosa.

Christopher esteve envolvido comigo durante todo o procedimento jurídico para abertura da clínica, mas disse que eu precisava participar ativamente e, sozinha, da idealização do lugar, já que era o meu empreendimento. Sendo assim, eu fiz o pobre do engenheiro fazer e refazer plantas até chegarmos ao que mais me agradava. E estava extremamente feliz. Meu sonho, finalmente, sairia do papel.

O corretor chegou afobado e suado, visto que a porcaria do elevador

continuava com defeito. Também tínhamos iniciado o mês de junho e o verão de Nova York já chegou mostrando que não estava para brincadeira. Agradeci aos deuses por não precisar mais morar ali e entrei com ele para que inspecionasse o apartamento.

Meu coração se apertou ao ver mais uma vez tudo vazio, sem minhas coisas de sempre. Tinha sido meu cantinho por muito tempo e me serviu bem, por mais defeitos que tivessem. Eu sentiria falta, principalmente, da minha vizinha e melhor amiga. Era a pior parte de morar com Chris, pois eu só conseguia ver Kiara nos finais de semana e, mesmo assim, não em todos. O trabalho exigia cada vez mais dela, que estava em seu momento de realização pessoal. Com

nossas vidas agitadas e atribuladas, ficava difícil simplesmente sentar para jogar conversa fora.

Ao me despedir do corretor, fui direto para a clínica. A *Medical Pet*, nome que dei para o estabelecimento, já estava cheia de pó e entulhos, pois foi preciso quebrar tudo antes de começar a obra. O prédio de dois andares era muito antigo e estava em péssimo estado de conservação, por isso optei por comprá-lo; estava com um preço muito abaixo do que realmente valia e eu podia construir tudo do zero, do meu jeitinho.

Assim que entrei, coloquei o capacete de proteção e a máscara no rosto e fui procurar pelo engenheiro. Charlie Hayes era o homem responsável pela idealização da *Ocean's King* e eu não podia estar em melhores mãos. Ele tinha sido muito paciente comigo e me abriu os olhos para muitas coisas que eu não conseguia idealizar com minha visão limitada a respeito de construções. Por fim, o projeto da *Medical Pet* tinha ideias de nós dois e eu tinha gostado muito da planta que ele veio me mostrar.

—Foi ótimo você ter pensado em deixar a clínica acessível, sabia? — disse ele, sorrindo. —Poucas pessoas se importam com isso. Arampa externa será um diferencial além de entregar um visual incrível com esse desenho que criei.

— Eu não tenho nem como não lembrar de incluir os cadeirantes, né? — Pisquei. Além de ter pensado nos clientes em geral, era óbvio que eu precisaria fazer algo cem por cento acessível para Christopher, pois queria que ele pudesse ir e vir a qualquer espaço da clínica.

Charlie riu e assentiu, pedindo licença e indo falar com alguns pedreiros. Girei o corpo, olhando em volta. Naquele momento tudo estava feio e sujo, mas eu conseguia imaginar perfeitamente a beleza que ficaria no final. Nunca imaginei que eu pudesse acompanhar de perto todo o processo de construção. Era como se estivesse observando um bebê ser gerado. Emocionante!

Estava saindo da obra quando esbarrei com Elizabeth na calçada. Ela me abraçou forte, pois não nos víamos há quase um mês e quando me soltou, abriu

um sorriso.

—Vim conferir de perto como está ficando —falou, parecendo ansiosa que nem

eu. —Algo me dizia que eu a encontraria por aqui também. Babando a cria, não é?

— Sim! — Ri, erguendo os olhos para o lugar onde o letreiro ficaria. — Vim resolver algumas pendências e já estou indo embora. Se tudo der certo, antes do Natal estaremos de portas abertas.

—Eu não vejo a hora!

E eu entendia a ansiedade de Elizabeth. Ela tinha pedido demissão no mês passado, por não suportar mais trabalhar com Afonso, e vinha fazendo alguns atendimentos em domicílio. Parece que a minha última visita repercutiu mais do que eu esperava e os boatos começaram a correr entre os funcionários. Somente quem sabia da verdadeira história era Elizabeth e Dylan, então o pessoal mais fofoqueiro passou a levantar mil e uma teorias. Sobre a tosadora, ela ainda estava lá, porque realmente precisava muito do dinheiro e estava apenas aguardando a *Medical Pet* ficar pronta, como combinamos.

Quando Elizabeth e eu nos despedimos, parei numa cafeteria para comprar um capuccino antes de seguir para casa. Ao entrar na portaria do prédio, quase enlouqueci quando um dos porteiros avisou sobre a encomenda que tinha sido entregue em meu nome. Pedi ajuda para que subissem com o pacote para mim e, ao fechar a porta de casa e ficar sozinha, sorri.

Era uma caixa grande, que eu abri com tanta pressa que cheguei a cortar o dedo no papel. Guapo se distraiu com a bagunça que deixei no chão, enquanto eu me sentava para tirar o conteúdo de dentro.

Tinha comprado pela internet um acessório erótico que nada mais era que uma cadeira híbrida. Ela se dividia em dois módulos, sendo um para o cadeirante homem se sentar e o outro, para a parceira. A cadeira que seria usada por Chris era simples, nem remotamente parecida com uma cadeira de rodas. Era baixa e de pernas flexíveis que possibilitariam ele se mexer durante o ato sexual sem cair; possuía uma engrenagem parecida com a de um balanço e eu me sentei para testar e ver se era mesmo segura. Já a minha parte, da mesma altura da cadeira, servia para que eu me deitasse de costas, encaixasse minhas pernas ao redor da cintura dele e pronto. O homem usaria a força do tronco para se movimentar pra frente e pra trás. Pelo vídeo demonstrativo que assisti, essa era apenas a posição principal, mas dava para inventar um monte de coisa.

Tudo bem que comprei para me beneficiar bastante do brinquedo, mas sabia que Christopher, às vezes durante o sexo, sentia falta de ter o comando ou de demonstrar aquela virilidade que o homem adora sentir na hora de pegar a mulher. Eu estava ansiosa para que ele visse a cadeira!

Comecei a catar a bagunça de papel rasgado que deixei no chão e tive que correr atrás de Guapo para arrancar um pedaço que ele estava mastigando. Quando escutei a campainha, eu nem me toquei para o fato de não ter sido avisada pela portaria. Simplesmente abri a porta e quase desmaiei ao ver a megera Margareth na minha frente. De novo, não!

— Olá, Rosa — ela me cumprimentou e passou por mim, esbarrando em meu ombro ao invadir o apartamento. — Vejo que está bem à vontade em sua nova casa.

Desde que a mãe de Christopher voltou para a Itália, meses atrás, não tínhamos muitas notícias dela. Para meu namorado era normal, pois ele disse que costumava ficar muito tempo sem falar com a mãe. Ela nunca foi daquele tipo que liga todo dia para o filho. Então, devido ao seu silêncio, achávamos que a diaba tinha finalmente nos deixado em paz e desistido de atazanar a minha vida. Alarme falso.

—Bom dia... —murmurei, desgostosa.

— Boa tarde, na verdade. Sou eu que cruzo o Oceano Atlântico e você é quem está perdida no fuso horário? — A bruxa encarou o relógio de pulso e o mostrou para mim, então, ela pareceu notar o elefante branco no meio da sala, ou melhor, o meu brinquedinho novo. —O que é isso?

— É... hm... — De forma alguma ela poderia saber do que se tratava de verdade. —Um aparelho de ginástica que comprei.

— Jura? — Sua sobrancelha ridiculamente pigmentada se arqueou quando ela se aproximou. —Nunca vi nada parecido com isso na Itália. É para exercitar qual área do corpo?

A xoxota, pensei.

— É uma atividade tão intensa que acho que beneficia todas as regiões musculares.

Margareth assentiu, demonstrando interesse. A mulher tinha mesmo caído na minha conversa. Só me desesperei quando ela simulou uma vontade de se sentar para testar, então peguei em seu braço e a puxei na direção do sofá, colocando um sorriso forçado no rosto.

— O que a traz de volta à Nova York? — perguntei, desesperada para me livrar logo da bruaca.

Margareth pareceu se dar conta de quem eu realmente era: sua concorrente ou inimiga ou seja lá o que a jararaca pense de mim. Seu olhar voltou a ser duro e frio e seu queixo se empinou quando ela se sentou num dos sofás.

Não levou nem dois segundos para que meu querido e sociável cão percebesse que tinha visita em casa e aparecesse correndo. Previ o desastre antes de acontecer, mas não tive tempo hábil para evitá-lo. Guapo galopou com toda a

sua banha na direção da mulher e deu um salto olímpico, caindo de pé sobre as quatro patas gordas, bem no colo da minha sogra, vestida dos pés à cabeça com um *tailleur* marfim.

Ela gritou e começou a estrebuchar no lugar, agitando as mãos e batendo os saltos finos no chão. Só que para um cachorro, isso soa como uma brincadeira muito animada, o que o incentivou a começar a lamber o rosto dela. Minha reação correta seria arrancar Guapo dali e socorrê-la, mas quando ela se calou e fez uma expressão de quem estava louca para vomitar, eu cruzei meus braços e degustei da cena.

— Sai daí, Guapo — falei, sem pressa, rindo internamente. — Não enfie sua língua no nariz da Senhora King. Menino malvado!

Adicionei uma nota mental para não deixá-lo me lamber sem antes lavar sua língua.

Suspirei quando vi que Margareth estava quase chorando e tirei Guapo de cima dela. O rosto da mulher estava vermelho e ela me olhava com tanta raiva, que tentei imaginar quanto tempo eu levaria para correr até o elevador e fugir, caso

resolvesse me assassinar.

— Que diabo é isso? — perguntou, tentando sem sucesso, arrumar o penteado.

— Isso? — Olhei para Guapo em meus braços, desesperado para voltar ao chão e recomeçar a brincadeira. — É um cão, também conhecido como cachorro. Trata-se de um mamífero carnívoro da família dos canídeos, subespécie do lobo.

O olhar assassino se agravou quando Margareth levantou e me encarou com o nariz empinado.

—Um selvagem, tal qual a dona.

— Concordo. Christopher diz a mesma coisa quando estamos na cama. — Sorri.

Eu entendi há algum tempo, que nada que fizesse reverteria a implicância que minha sogra tinha comigo. Não era um desentendimento qualquer ou um probleminha com aquela primeira impressão que eu deixei. Margareth simplesmente não gostava de mim. Ela achava que eu não servia para o filho dela.

A mulher respirou fundo e alisou a roupa, manchada de terra em vários lugares onde as patinhas de Guapo tocaram. Desde que me mudei oficialmente para lá, espalhei uns vasos de plantas no terraço da cobertura e meu cachorro sempre ia lá em cima para cavar a terra.

— Não pretendo demorar. Vim apenas resolver um problema e não vejo a hora de retornar ao meu hotel.

—Christopher está no trabalho —avisei, sem me importar com sua cara de cu. —Talvez seja melhor ligar para ele ou voltar mais tarde.

Eu adoraria que ela escolhesse a primeira opção. Mas, se decidisse voltar, eu trataria de arranjar algum compromisso à noite e a deixaria sozinha com o filho. Não ia mesmo ficar me torturando para tentar agradar alguém que não fazia questão de gostar de mim.

—O que tenho para resolver é com você, Rosa. Eu sei muito bem que meu filho é um homem trabalhador e, mesmo sendo muito rico, não deixa de ir trabalhar

para ficar em casa comprando coisas inúteis. É algo que vem de berço, por isso temos um patrimônio tão grande. —Acobra vestida com roupa de grife e com um perfume fedorento suspirou e abriu a bolsa, puxando um envelope lá de dentro. — Assim que soube que vocês decidiram morar juntos, percebi que precisava ter essa conversa com você. Christopher sempre teve um coração muito grande, sempre amou demais, sempre foi apaixonado pela vida e pelas pessoas que o cercavam. Ele se tornou um pouco mais maduro e reservado depois do acidente, mas nunca perdeu sua essência. É um menino de ouro e por isso, é passível de ser enganado.

Enganado? Foi minha vez de arquear a sobrancelha para ela. Coloquei Guapo no chão e cruzei meus braços, preparando-me para as próximas idiotices que sairiam daquela boca. Precisava me lembrar de controlar meu temperamento e não meter a porrada na minha sogra.

—Ele não teve muitos relacionamentos sérios desde que ficou paraplégico e imagino que a carência que sente seja muito grande. E o fato de estar carente faz com que ele se encante por qualquer coisa. Acha que qualquer mulher que sorri para ele é a mulher dos seus sonhos. Mas você *não* é a mulher do sonho dele, Senhorita Martínez. Meu filho nunca estaria contigo se não fosse deficiente, mas ele está, porque foi apenas isso que apareceu. E ele, atualmente, parece que tem se contentado com pouco. — O diabo de saia estendeu o envelope para mim e eu o peguei, sabendo perfeitamente o que tinha ali dentro. —Espero que isso seja suficiente para você não precisar mais sugar a vida dele e deixá-lo livre.

Com calma, abri o envelope e olhei o conteúdo. Eu sabia que se tratava de dinheiro desde que Margareth iniciou seu discurso ridículo, mas não havia motivo para alarde. Aintenção dela era justamente me desestabilizar.

— Fiz um cheque bem generoso e, caso tenha pressa, nem precisa esperar para descontar antes de começar a gastar. Tomei o cuidado de incluir uma quantia em espécie também.

Sim, era verdade. Além do cheque de cinquenta mil dólares, havia um maço grosso de notas de cem. Eu não tinha noção de volume, mas devia ter pelo

menos uns cinco mil ali. Olhei para ela e sorri, balançando o cheque na mão.

— Isso realmente veio em boa hora — falei, aproximando-me de Guapo e me

agachando. — Eu sempre soube que meu cão era muito especial para ficar sem limpar a bunda após cagar. E como sei que ele deve ter feito cocô recentemente...

Passei a folha de cheque pelo cu de Guapo, que amou a brincadeira e tentou comer o papel. Em seguida, rasguei em pequenos pedacinhos, diante de uma Margareth irritada e com lábios franzidos.

— Agora, esse dinheiro aqui... — Joguei o envelope vazio no chão e apalpei as notas novinhas e cheirosas. — Você devia ter usado para pagar mais uma sessão de *botox*. Já se olhou no espelho ao franzir os lábios? Não está legal...

Andando de costas, sem deixar de fazer contato visual com minha sogra, eu me aproximei da parede em vidro. Abri uma das portas de correr e joguei todo o dinheiro no ar. O vento fez as notas de cem dólares se espalharem enquanto caíam e eu tinha certeza que as pessoas lá embaixo adorariam o presente vindo do céu.

— Ops! — Sorri. — Sou muito desastrada mesmo. Mas se você correr, pode ser que dê tempo de catar alguma coisa lá na rua.

— Você acha que esses trocados me fazem falta? Acha que me afeta fazendo isso?

—Falta eu sei que não faz —respondi. —Mas você é materialista e gosta de dinheiro. Então eu a afeto, sim. Principalmente ao perceber que não pode e nunca vai me comprar. Já passei muito perrengue na vida, Margareth, minha casca é grossa e dura. Não tenho medo de você nem de ninguém que ache que o dinheiro compra tudo. Seu discurso pronto não me comove, não me amedronta, não me incomoda. Pelo contrário, isso só me faz amar ainda mais o seu filho, pois vejo como ele, por conta própria, se tornou um homem incrível, de boa moral e conduta, generoso e educado, mesmo sendo criado em terreno árido por uma mulher tão infeliz. Que bom que nem todos os filhos saem iguais aos pais!
—Eu devia imaginar que você não aceitaria tão pouco, podendo se casar e

ser dona de tudo que Christopher possui.

—Você sequer devia ter se dado ao trabalho de sair da Europa, querida. — Sorri e fui abrir a porta de casa, virando-me para ela. —Por favor, saia. Entendo que é a mãe de Christopher, então quando ele estiver aqui, você pode voltar.

— Quem você pensa que é para me expulsar da casa do meu filho? — A megera apertou a mão na alça da bolsa e me fuzilou com os olhos.

—A moradora desta casa, assim como seu filho. Se preferir, posso chamar os seguranças.

Pela cara que fez, ela sabia que eu estava falando sério, então caminhou lentamente até a saída. Ao passar pela soleira e se virar para me olhar, eu bati a porta com força, sem me preocupar se a machucaria.

Conhecendo a peste como era, antes mesmo de sentar e meditar um pouco, peguei meu celular e liguei para Christopher. Quando ele atendeu, avisei que sua mãe estava de volta à Nova York e nos fez uma visita, levando alguns milhares de dólares para tentar me comprar. Eu nunca seria aquela mocinha idiota que se dói por coisas do tipo e não conta o que aconteceu para a outra pessoa da relação. Gostava de tudo muito claro, com todas as cartas na mesa. Margareth seria exposta, sim!

Pela raiva que senti no tom de voz de Christopher, eu podia crer que a megera voltaria correndo para a Itália, com o rabo entre as pernas.



— Por quanto tempo terei que ficar vendado? — Christopher perguntou, sentado em sua cadeira, enquanto eu terminava de ajeitar minha fantasia de

diabinha.

—Deixe de ser tão ansioso —falei, rindo das caras e bocas que ele fazia. Naquela noite, depois que ele chegou em casa e conversamos rapidamente sobre

a mãe dele, decidimos que não nos deixaríamos abalar com nenhuma atitude que viesse dela. Chris fez uma ligação no viva-voz, colocou-a no seu devido lugar e deixou bem claro que não aceitaria a forma como ela me tratava. Portanto, se ela continuasse a agir desse jeito, ele se manteria afastado o tempo que fosse preciso.

Depois de jantarmos uma salada deliciosa preparada por ele, pedi que tomasse um dos seus remédios para manter a ereção e que fôssemos para o quarto. Amarrei uma venda ao redor dos olhos dele, pois era a noite de testar nosso novo brinquedinho.

— Como eu poderia não ficar ansioso se estou há vinte minutos vendado? Tenho medo de tirar essa venda e descobrir um circo armado aqui no quarto.

—Não é um circo, mas a noite será um espetáculo! —Brinquei, chegando por trás dele e puxando o nó da venda.

A primeira coisa que Christopher encarou foi a cadeira de dois módulos, colocada perto da cama. Então, passei para a frente e desfilei, sensual, sem esquecer de rebolar minha bunda no fio dental vermelho. Eu tinha comprado a fantasia há algum tempo, mas era a primeira vez que estava usando e, pelo visto, meu namorado aprovara o visual.

—Uau! —Ele sorriu e mordeu o lábio ao mesmo tempo em que me comia com os olhos. —Que rabo gostoso!

Christopher chegou a esticar a mão para me tocar, mas recuei e alisei meu corpo diante dele, instigando-o um pouco mais.

— Gosta do que vê? — perguntei. — Esta noite, talvez, você consiga me comer de quatro.

Pisquei para ele e joguei um beijinho ao mesmo tempo, indo até o brinquedo novo e deslizando um dedo pelo encosto da cadeira.

— E eu devo entender que essa... parafernália estranha... tem algo a ver com isso?

—Nunca viu essa cadeira, Chris?

— Deveria? — Ele deu um sorriso como se pedisse desculpas. — Com certeza eu me lembraria se já tivesse visto algo assim.

Isso significava que eu era mesmo a pervertida da relação. Será que nunca passou pela cabeça de Christopher que um cadeirante pudesse ter acesso a itens eróticos personalizados para eles?

— Bem, essa é a cadeira do prazer! — Sentei-me no colo dele e rocei minhas unhas em sua nuca. —E foi bem cara, não a chame de parafernália.

Levantei para pegar meu celular sobre uma das cômodas do quarto e voltei para seu colo, enquanto buscava na internet o vídeo que demonstrava a utilidade da cadeira. Entreguei o aparelho na mão dele e deixei que assistisse todo o vídeo, onde eram encenadas várias posições.

— Interessante... — pigarreou, alternando olhares do celular para o brinquedinho. —Como você descobriu isso?

—Amoça da loja onde comprei essa fantasia...

—Que por sinal eu adorei —ele me interrompeu, beijando meu ombro.

— Que bom. — Sorri. — Então, ela me disse que existiam alguns acessórios para cadeirantes e eu fui atrás pra descobrir. Acabei entrando num fórum online específico e a galera de lá me falou sobre a cadeira. A verdade é que existem sim muitos brinquedinhos eróticos para pessoas com deficiência, mas a maioria para mulheres.

—Fórum? —O sorriso de Christopher era enorme. Estava me zoando?

— Sim, comecei a participar de um para pessoas com lesões medulares e seus parceiros; esposas, maridos...

— O que eu fiz para merecer você, Rosa? — ele me perguntou, tocando minha nuca e puxando meu rosto para encostar a testa na minha. —Te amo.

— Também te amo. E sobre merecer, bem... Você faz umas coisas muito legais com a língua.

Pulei do colo dele no momento em que gargalhou e me aproximei da cadeira. Lentamente, abri meu sutiã, sentindo os olhos azuis me queimarem a pele e me ajoelhei no chão, de frente para Christopher. Engatinhei como gata manhosa até ele e apoiei minhas mãos em seus joelhos, sem interromper o contato visual.

—Vamos testar nosso novo brinquedo ou não?

—Com certeza. Mas antes, deixe-me chupar esse peitos lindos.

Sem nem ter o que discutir, pulei de volta em seu colo e deixei que me livrasse do sutiã vermelho de vinil, segurando meus seios com ambas as mãos e abocanhando um de cada vez. Agarrei seu cabelo, com a respiração ofegante e a sensação de prazer sentida por aquele toque de sua língua. Christopher me lançou um olhar safado quando deixei um gemido escapar e sorriu, com meu mamilo entre os dentes.

— Amo tanto cada pedaço do seu corpo... — murmurou. — Promete que será sempre minha, só minha?

— Eu prometo qualquer coisa que você quiser — respondi, puxando o cabelo dele para trás e beijando sua boca.

Enquanto nos beijávamos, senti a cadeira se mover lentamente, até que Christopher tocou minha cintura para me fazer levantar. Observei com gosto

enquanto ele se despia com tanta desenvoltura e sem deixar a sensualidade de lado, só para me provocar. Depois, eu o ajudei a se posicionar na cadeira erótica e ele a testou um pouco, balançando-se para frente e para trás. Notei quando o sorriso se alargou e quando me encarou, sabia que estava bastante empolgado. —Por que ainda está vestida? —perguntou, chamando-me com o dedo. — Venha cá.

Como aquela cadeira tinha uma estrutura menor que a cadeira de rodas, além de ser mais baixa, eu pude parar diante de Christopher, com uma perna de cada lado dele. Sua mão me tocou na calcinha de vinil e ele logo descobriu que ela possuía uma abertura na parte inferior. Ofeguei quando senti seu dedo me penetrar ao mesmo tempo em que Chris lambia minha barriga.

—Ah... Já estou convencida de que... valeu cada centavo! —Quase gritei a última palavra com a investida forte dos dedos dele dentro de mim. Apoiei minhas mãos em seus ombros e deixei minha cabeça pender para frente. — Isso, amor. Não pare...

Era muita informação para meu cérebro assimilar, pois estava sendo fodida pela frente e senti uma mão apertar minha bunda, com dedos resvalando para o interior das minhas nádegas. Quando pensei em falar alguma sacanagem, Christopher afastou a mão e começou a se masturbar, sem tirar os outros dedos de dentro de mim.

— Tão molhadinha... e quente... — sussurrou, com a voz embargada por tesão. — Quero te comer de quatro, amor. Amo sua buceta, mas hoje eu quero ver meu pau entrar lentamente nesse rabinho...

Senti que meu interior ficava cada vez mais apertado para as investidas dele e que meu corpo começava a emitir sinais de um orgasmo iminente. Só tinha feito sexo anal uma vez na vida e tinha sido péssimo, mas eu não tinha dúvidas de que com Chris, tudo era bom.

Com a mão que ele esfregava o pau, meu namorado começou a estimular meu clitóris enquanto aumentava o ritmo das investidas com os dedos. Eu queria me abrir mais, me sentar e pegar tudo que ele tinha para me dar, queria gozar no pau dele. Christopher parecia saber exatamente do que eu gostava, pois me puxou e me encaixou em seu membro ereto, deixando-me engolir toda sua extensão e apertá-lo com meu orgasmo.

Com o rosto enfiado na curva de seu pescoço, gemi baixinho, deliciada com a sensação de cavalgar meu homem. Ele puxou minha cabeça para trás e lambeu meu pescoço, traçando com a língua um caminho arrepiante até minha orelha.

—Delícia, pegue o lubrificante, por favor —pediu ele, acariciando minhas costas enquanto eu tomava um tempo para me restabelecer do gozo.

Ainda embriagada de prazer, levantei-me devagar e caminhei até a cômoda

próxima das janelas. Ali havia uma gaveta que separamos só para coisinhas que usávamos durante o sexo — eu sempre tentava inovar e Christopher adorava. Depois que entendi que ele não produzia sua própria lubrificação, isso se tornou

um item essencial para nossas aventuras. Portanto, peguei a bisnaga que estava bem ao lado de um mini estimulador de clitóris —incrível, por sinal —e voltei, sorrindo para meu Gato Motorizado.

—O que quer fazer com isso, Christopher? —instiguei, deixando meu tom de voz mais grave.

—Fique de quatro.

Ansiosa, posicionei-me do jeito que eu tinha visto no vídeo, entre as pernas de Chris, com mãos e joelhos no chão e o quadril extremamente empinado. Com certeza, depois disso, eu não precisaria me preocupar com exercícios físicos. Estremeci quando senti seus dedos abrindo minha bunda e passando o lubrificante em mim. Daquela posição, eu o deixava com acesso total para seu parquinho de diversões favorito. Christopher me tocou na buceta, enfiando um dedo, tirando, colocando dois em seguida e fazendo eu me remexer.

— Que cuzinho lindo você tem, Rosa — disse ele, dando-me um tapa na bunda.

Meus joelhos tremeram enquanto ele investia mais uma vez com os dedos e eu sentia que não tinha como ficar mais excitada do que já estava. Então, ao perceber que não duraria muito para alcançar mais um orgasmo, fui surpreendida com um dedo abrindo espaço no meu ânus e me arrancando um gritinho. Christopher o girou dentro de mim, segurando firme com uma mão em meu quadril sem deixar que eu me mexesse.

— Apertadinho aqui... — falou, com a voz rouca. — Farei um serviço bonito, amor, para deixar esse cuzinho arrombado.

Eu ficaria tensa se fosse qualquer outro homem falando, mas não Christopher. E relaxei, quando o senti começar a pincelar a ponta do pau em minha abertura. Ele usou meu corpo de apoio para fazer a cadeira balançar e comecei a gemer quando foi abrindo espaço e me penetrando. Aquilo era... fenomenal, sentir Christopher pela primeira vez me dominando por completo.

—Me come, amor —pedi, rebolando.

Ele saiu mais uma vez, besuntando-me um pouco mais com lubrificante e voltou a se enfiar dentro do meu cu tão apertado. Lentamente, fui sendo arregaçada pelo

pau gostoso do Gato Motorizado, que iniciava um ritmo cadenciado pelo vai e vem do balanço da cadeira. Não economizei no gemido quando ele apertou com força minha carne do quadril e colou nossos corpos ainda mais, enterrando o pau bem fundo em meu cu.

—Minha nossa senhora! —gritei, tentando manter os braços e pernas bem

firmes.

— É disso que você gosta, né safadinha? — perguntou ele, soltando um tapa estalado na minha bunda. —Gosta de ser comida de quatro!

—Só por você —ronronei, rebolando para ele, sentindo-me ser arrombada cada vez que Chris estocava forte. —Essa cadeira foi... o melhor investimento... de todos.

Tentei me tocar, mas perdi o apoio e quase caí. Mantive-me naquela posição, aguentando e recebendo as investidas dele, que parecia ter se empolgado bastante com o brinquedinho. Christopher tirava o pau várias vezes de dentro de mim e eu sentia calafrios toda vez que retornava, abrindo-me ainda mais, fazendo meus peitos balançarem pendurados.

— Você não imagina como é delicioso ver eu me enterrar dentro desse cuzinho, bem devagar, enquanto sua bunda me engole.

— Aham. — Estava alucinada, com a garganta seca, querendo gozar, esfregando-me o máximo possível nele.

Então, num ato de bravura ou loucura sem saber se daria certo, Christopher me puxou pelo meu rabo de cavalo e me fez ficar de costas eretas. Com ele ainda encaixado em mim, gemi forte com a mudança de posição e o novo ângulo que seu pau pegava. Gemi ainda mais quando ele mesmo desceu uma mão pela minha barriga e esfregou minha buceta ensopada. Ouvi Chris gemer com mais intensidade do que o habitual e estremecer, sabendo que era seu jeito de chegar ao clímax.

Seu toque forte e pesado no meu clitóris inchado me deixou ensandecida e, quando vi, já estava sentada no colo dele, com minhas costas grudadas em seu peito, balançando junto com ele na cadeira enquanto cavalgava seu pau. Gozei

com seus dedos me tocando em cada curva do meu sexo, sem pressa de sair de seu colo.

Joguei a cabeça para o lado quando sua boca começou a deixar alguns beijos em meus ombros e seguiu pelo meu pescoço. Ele mordiscou minha orelha e envolveu minha cintura com seus braços fortes.

—Que noite! —disse, suspirando em meu ouvido. —Foi superintenso pra mim.

— Pra mim também — respondi, virando o rosto e dando um beijo nele antes de me levantar.

Quando andei até a cama, senti um leve incômodo entre as nádegas e passei a mão. Achei que Christopher tivesse abusado em excesso do lubrificante, mas o líquido viscoso que veio em meus dedos não era do produto.

— Você ejaculou? — perguntei, mostrando meus dedos. — É a primeira vez que isso acontece, né?

Ele manuseou o membro, mas deu de ombros como se não fosse nada demais.

— É raro, mas os médicos sempre disseram que poderia acontecer vez ou outra. Nada que seja suficiente para gerar um herdeiro, no entanto.

Enquanto Chris puxava sua cadeira de rodas e se transferia para ela, eu observava seu semblante. Estava tranquilo e relaxado, mas eu sabia que a questão dos filhos era algo que sempre passava pela sua cabeça.

Sorri quando esticou a mão para mim.

—Vamos tomar banho juntos? —perguntou e eu, claro, aceitei na hora.



Eu sabia que aquela segunda-feira seria estranha desde que saí de casa e encontrei um dos porteiros do prédio parado na calçada, olhando para o alto. Parei ao lado dele e também levantei meu rosto, tentando descobrir no que ele tanto prestava atenção. Mas não havia nada de excepcional acontecendo.

—O que houve? —perguntei, pois o homem estava mesmo hipnotizado. Quando ele percebeu minha presença, aprumou-se e ajeitou o uniforme, dando um sorriso amarelo.

— Nada não, dona. É só que na semana passada, nesse mesmo horário, alguém jogou uma nota preta pela janela. — Quando ele arregalou os olhos, prendi o riso. — Tô só esperando pra ver se vão fazer de novo. Consegui juntar quinhentos dólares com o que catei pelo chão, pena que tinha muita gente em cima e não deu pra pegar mais.

—Hum, que estranho. Não sabem qual foi o andar?

—Não. Daqui não dá pra ter essa noção.

Eu me despedi e saí caminhando pela calçada em direção ao metrô. Era feriado e Christopher tinha pedido para que eu ficasse em casa, mas quis aproveitar que Kiara não estaria trabalhando e passar o dia com ela, coisa que não fazíamos há muito tempo.

Naquele horário os vagões não estavam tão cheios, então pude reparar bem no homem sentado a algumas cadeiras de distância. Ele parecia estar me observando, mas de um jeito que tentava soar discreto. Eu tinha quase certeza de ter passado por ele um quarteirão depois do prédio de Chris, o que me deixava um pouco ressabiada.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Kiara.

1:45 pm

Você pode me encontrar no caminho? Acho que estou sendo seguida... **Kiara — 1:45 pm**

Como assim? Seguida por quem? Sai daí agora!

1:46 pm

Estou dentro do metrô, Kiara. A não ser que eu quebre a janela e me jogue no trilho, não posso "sair".

Kiara —1:46 pm

Ok, vou te encontrar lá na estação! Procura um segurança e espere por mim.

Podia ser tudo um grande exagero, pois eu realmente não tinha como ter certeza de que o homem, que não parava de me olhar disfarçadamente, estava mesmo me seguindo. De qualquer forma, só por garantia, assim que as portas se abriram na estação do meu antigo endereço, eu saí em busca de algum agente da segurança do metrô.

O primeiro que encontrei não metia medo em ninguém. Era mais baixo e mais magro que eu, mas muito magro. E pior, ele achou que eu estivesse dando mole quando parei por perto, fingindo mexer no celular. Suspirei, entediada, ao receber um olhar 43 meio vesgo e um sorriso com dentes amarelados.

Eu não vi mais o homem do metrô. Não sabia dizer em que momento ele sumiu de perto de mim. Talvez fosse paranoia, então? Será que ele também pode ter achado suspeita a forma como eu o olhava a todo instante?

Não demorou muito para avistar uma Kiara afobada e descabelada, olhando para os lados à minha procura. Fui até ela e ganhei um mega abraço de urso que quase me derrubou no chão.

—Você está bem? Cadê o idiota? —Ela me soltou e olhou ao nosso redor. —

Espero que ele esteja preparado para meu *spray* de pimenta e...

—Ki, calma — eu a interrompi, segurando em seus ombros e sorrindo. — Acho que o homem sumiu.

A baixinha atrevida estreitou os olhos para mim e pressionou os lábios. Oh oh, eu conhecia muito bem aquela expressão. Significava que eu provavelmente levaria um puxão de orelha.

— Como assim você “acha”? Não acredito que o perdeu de vista, Rosa! E se esse maluco nos segue até em casa? — Kiara respirou fundo e colocou as mãos na cintura. —Muito bem, diga-me como ele está vestido.

— Não sei. — Sorri. — Talvez tenha sido coisa da minha cabeça. Sério.

Vamos embora, basta tomarmos cuidado no caminho.

Muito a contragosto, ela concordou. Depois de revirar os olhos e enroscar o braço no meu, Kiara me puxou para a saída da estação.

∞

Estávamos colecionando garrafas de cerveja vazias sobre a mesa, aproveitando o calor insuportável que vinha fazendo. Colocávamos o assunto atrasado em dia, quando minha amiga ficou séria e me encarou.

—Você sabe que logo estará casada, né?

— Eu? — Ri, quase cuspindo a bebida. — Claro que não! Estamos muito bem assim.

—Rosa, o Christopher a chamou para morar com ele num piscar de olhos. Vocês estão namorando há quanto tempo? Uns quatro meses, certo? É óbvio que ele vai pedir sua mão com menos de um ano de namoro. Eu não tenho dúvidas. — Também cheguei a pensar isso, mas agora eu moro lá, a gente já leva uma vida praticamente de casados. — Encolhi os ombros. — A diferença é que não há nenhum papel assinado e nem aliança no dedo.

—Tudo bem. Mas vamos supor que ele a peça em casamento. —Eu abri a boca

para retrucar mas ela esticou o dedo. — Há essa possibilidade, não pode negar. Se ele pedir, você aceitará?

Era aquela a pergunta que Kiara enrolou tanto para fazer? Nem parecia que me conhecia há anos, pois era óbvio que eu aceitaria na mesma hora.

—Claro! —respondi, abrindo uma cerveja nova.

—Sabia! Vocês são dois apressados!

Kiara riu e aquilo me colocou a pensar em como seria. Não achava que Christopher armaria nada muito elaborado e cinematográfico, pois não fazia muito o estilo dele. Talvez, se me pedisse em casamento, faria de forma bem discreta, durante um jantar romântico ou algum passeio. Algo somente nosso.

E, de repente, pensar na hipótese de colocar um anel no dedo me deu um comichão. Eu evitava pensar no assunto porque me deixava ansiosa demais, e aqui estava eu, criando mentalmente vários possíveis cenários para um pedido.
— Vamos abrir um vinho? — perguntou Kiara, arrancando-me das minhas viagens mentais. —Cansei de cerveja por hoje.

Aquilo fez eu me tocar de que já era tarde e ao olhar o celular, cheguei a me espantar. Já tinha passado das dez horas e queria chegar em casa antes de Christopher ir dormir.

— Vou embora, amiga. Está tarde. — Levantei-me e comecei a arrumar minha bolsa, ignorando o biquinho que Kiara fazia para me chantagear. — Não

posso mesmo ficar mais. Além disso, amanhã a senhorita trabalha, esqueceu?

— Gostaria de esquecer, mas não posso. Nem tenho do que reclamar também.

— Que bom! — Eu a abracei e a beijei no rosto. — Vamos tentar marcar pra você ir lá em casa. Tira um final de semana e dorme lá, tem um quarto de hóspedes te esperando.

—Por acaso seu namorado não tem nenhum amigo gostoso e rico para me apresentar?

Eu ri da cara de pau. Kiara tinha terminado com o mané da ejaculação precoce e atualmente estava solteira. Sabia que em menos de um mês ela já estaria namorando outro, mas prometi falar com Christopher.

Saí do prédio em direção à estação do metrô, que ficava há pouco menos de um quilômetro de distância. Porém, ao virar no quarteirão seguinte, senti uma sensação estranha. Olhei rapidamente para trás por cima do ombro e avistei um carro prata, andando bem devagar, com faróis baixos e vidro muito negro. Pelo horário, a rua estava quase deserta, então, apressei meus passos.

Controlei-me para evitar olhar para trás novamente, mas não resisti. Eu andava cem metros e olhava, andava mais cem e olhava de novo. Até que ficou muito óbvio que aquele veículo estava me seguindo. Dei uma corridinha, agradecida por não ter colocado salto alto para sair de casa e me aproximei de uma loja ainda aberta. Parei bem na porta e voltei a verificar minha retaguarda, mas o carro tinha ficado para trás.

—Você está mesmo ficando neurótica, Rosa —praguejei, agarrando minha bolsa e refazendo meu caminho.

Levei menos de cinco minutos de onde estava até o metrô e daquela vez, certifiquei-me de não estar sendo seguida por nenhum maluco. Mandei uma mensagem para Chris, avisando que já estava a caminho, arrependida de ter perdido a noção da hora na casa da Kiara.

Quando desci na minha estação, senti um calafrio percorrer minha espinha ao subir as escadas e assim que saí na rua, dei de cara com Afonso. O infeliz estava ali me esperando?

—Oi, Rosa.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, recuando mas parando ao notar que podia cair escada abaixo.

— Não foi difícil descobrir seu novo endereço — respondeu, estalando a língua e correndo os olhos de forma nojenta pelo meu corpo. — Seu namorado deixa que ande sozinha à noite com esta roupa?

Apertei minha bolsa no ombro e passei por Afonso, que me seguiu enquanto eu

tentava caminhar apressada. Apesar do movimento naquele horário

ser um pouco menor, ainda havia gente transitando nas ruas, logo, eu sabia que meu primo não me atacaria em público.

— Eu lembro muito bem de mandar você esquecer da minha existência — gritei sem parar de andar. —Me deixe em paz, Afonso. Eu não brinquei quando disse que tomaria medidas legais contra você.

Senti um aperto forte no braço e fui puxada com violência, de forma que meu corpo se chocou com o dele. Tentei gritar, mas o filho da puta tapou minha boca e me empurrou na direção da parede, pressionando o corpo no meu.

— Você não está com essa bola toda não, Rosinha — sussurrou, enfiando um joelho entre minhas pernas. —Pelo contrário, merece uns bons tapas por me fazer perder minha médica veterinária mais competente. E soube que anda espalhando coisas a meu respeito por aí, para meus funcionários. Eu tentei ser legal e deixei se achar a poderosa, mas você me prejudicou.

Meus dentes machucavam minhas gengivas de tanta força que ele colocava na mão em minha boca. Eu não conseguia sequer mordê-lo.

— Quero um pedido de desculpas formal lá na clínica, pois meus funcionários não me olham mais com o mesmo respeito. Não quero saber a mentira que irá inventar, desde que faça. Ou eu não aparecerei apenas para dar um aviso, sua putinha.

Estremeci quando sua língua nojenta deslizou pelo meu pescoço até minha bochecha. Então, Afonso me largou e se afastou com pressa. Esperei que meu coração voltasse a bater em seu ritmo normal e respirei fundo, antes de descolar as costas da parede e continuar meu caminho para casa, com as pernas bambas. Não foi preciso dizer nada para Christopher, pois assim que abri a porta de

casa e fui recebida por ele, sua sobrancelha se arqueou e ele puxou minha mão. —O que aconteceu para você estar pálida? —perguntou, puxando-me para

seu colo.

Eu me considerava forte, mas naquele instante, tudo que queria era chorar e me

deixar ser amparada pelo homem que eu amava. Porém, resisti. Inspirei, expirei, inspirei mais uma vez e o encarei. Senti suas mãos deslizarem em círculos pelas minhas costas e relaxei os ombros.

— Afonso... — murmurei, tentando conectar as palavras — Acho que ele me seguiu.

—Ele a seguiu? —Vi o vinco de raiva que se formou na testa dele.

— Não sei... Desde que saí de casa hoje, fiquei com a sensação de ser seguida. Mas antes, era um homem desconhecido. — Esfreguei meus olhos, sentindo-os arderem. —Depois, um carro... Então, Afonso.

— Ok. — Christopher segurou minhas mãos entre as suas e beijou minhas palmas. O toque dele era um antídoto para meu nervosismo. — O que ele fez,

Rosa?

— Me ameaçou — respondi, sentindo meus lábios tremerem. — Quer que eu vá até a clínica, peça desculpas e retire as coisas que foram ditas sobre ele.

—Ele a tocou? Você está machucada?

Balancei a cabeça para negar, mas estava confusa.

—Ele me lambeu e me apertou...

Enrosquei meus braços ao redor do pescoço do meu namorado e apoiei minha cabeça em seu ombro. Senti a cadeira de rodas se movimentar para o quarto.

—Tome um banho para ajudar a relaxar e, enquanto isso, vou preparar um chá pra você. Depois, conversaremos.

Assenti, deixando que ele tomasse as rédeas por mim. Sentei-me na cama por um momento e vi quando Chris levou o celular ao ouvido, saindo do quarto. — Boa noite, Senhor Moretti. Soube que Don Pietro voltou à Nova York e gostaria de marcar uma reunião em caráter de urgência com ele.

Eu ainda não sabia quem era aquele homem e que tipo de trabalho ele fazia, mas

algo me levava a crer que não era boa coisa. Enterrei o pensamento enquanto entrava no banheiro e jogava minha roupa no chão. Afonso merecia qualquer coisa que acontecesse a ele.

∞

Eu me sentia mais calma e a sensação de segurança dissipou qualquer outro pensamento que tive ao encontrar Afonso. Inspirei, agradecendo pelo quentinho da xícara de chá em minhas mãos. Estava com Christopher na cama, sentada entre as pernas dele e com minhas costas em seu peito.

—Eu sei que ele não seria capaz de ir tão longe, mas o tempo todo em que estava diante de Afonso, só conseguia pensar em você e sentir medo de não te ver nunca mais —desabafei, enquanto meu namorado mexia em meu cabelo.

—Você pensa assim, Rosa? —Christopher perguntou. —Lembro que você mesma me contou sobre a morte da esposa dele e sobre achar tudo muito suspeito. Ele pode sim ser perigoso e colocar sua vida em risco. Não quero mais que ande a pé e de metrô tão tarde da noite. Eu tenho motoristas à nossa disposição o dia inteiro.

— Essa é sua vida, não minha. Não fui criada andando com motorista, Chris. Minha realidade é a mesma do povão.

—Você mora comigo, divide a vida comigo. Essa é a sua realidade agora. Suspirei, querendo deixar aquele assunto se encerrar sozinho. Estava mentalmente cansada para entrar numa discussão sobre estilos de vida

diferentes.

Chris me abraçou pela cintura e apertou meu corpo nos braços, apoiando o queixo em meu ombro.

—Escuta, não podemos mais fechar os olhos para a questão do seu primo. Eu andei pesquisando e ainda há tempo legal para você entrar com uma denúncia de abuso durante sua infância. Mas, compreendo e aceito que você não queira seguir por esse caminho. Porém, amor, algo deve ser feito. A partir do momento em que Afonso a ameaçou, ele criou problema comigo. Quem vai resolver agora, serei eu.

—O que esse Pietro faz?

A respiração profunda fez o peito de Christopher movimentar também as minhas costas. Eu me virei de lado e o encarei, curiosa. O semblante dele estava pesado, muito sério, como eu nunca tinha visto.

— Você jamais, em hipótese alguma, pode deixar que esse assunto saia daqui desse quarto — avisou e eu assenti. — Pietro é o chefe de uma das maiores máfias do mundo.

—O quê?

Eu já imaginava que Christopher fosse me confidenciar de que o homem era perigoso, mas... máfia? Isso existia mesmo? Eu achava que era tudo coisa de filme e, de repente, senti um calafrio.

— Está falando sério? — perguntei ao perceber que ele não estava rindo. Não era uma de suas piadinhas.

— Muito sério. Não pretendia te contar isso, mas acho que é necessário visto que eu o contactei para cuidar do seu primo.

—Christopher! Você encomendou a morte de Afonso? —Assim que disse aquelas palavras, olhei em volta, assustada, achando que a polícia pudesse aparecer a qualquer momento. E então, sussurrei: —Sabe que isso pode colocar você na cadeia, né? Eu não quero ter que enfiar um celular na xoxota para levar pra você dentro do presídio.

A seriedade do homem deu lugar à uma gargalhada explosiva, tão forte e alta que chegou a me assustar. Ele agarrou meu rosto e me beijou na boca, para, em seguida, enxugar os próprios olhos.

— Você conseguiu transformar um tema sério em piada — disse ele, balançando a cabeça. — Meu amor, você é única. Mas não, óbvio que não encomendei morte alguma. Mesmo que encomendasse, você não entendeu a dimensão do poder de Pietro, minha cara amada. O homem manda em tudo, até na polícia. Não é um assunto que quero estender com você, digamos apenas que Afonso vai levar um belo susto e ser convidado a se retirar do país.

— Convidado?

Christopher encolheu os ombros e não disse mais nada. Eu entendi que aquela conversa tinha chegado ao fim e me aconcheguei novamente nos braços dele. Por mim, Afonso podia ir morar na China, bem longe, para que eu nunca mais precisasse ver o filho da puta.



Tinha dormido até tarde naquele sábado cinzento e chuvoso de setembro porque Christopher saiu cedinho para seu *crossfit* e eu fiquei com preguiça de me levantar e não ter nada para fazer. O que era uma mentira enorme que eu tentava contar ao meu cérebro, porque obviamente, eu tinha uma cacetada de compromissos. Precisava decidir os revestimentos que usaria na *Medical Pet* , pois Charlie estava me cobrando uma decisão. Precisava marcar a visita do *Fire Marshal*, que é a autoridade que compete sobre as regulamentações contra incêndio, que analisaria o projeto do engenheiro de proteção contra incêndio para receber a autorização de funcionamento.

Além disso, em algum momento eu teria que me sentar para começar a pesquisar preços dos equipamentos. Tínhamos passado da metade da obra e havia muita coisa a ser comprada: desde os móveis mais básicos de recepção aos aparelhos caríssimos de um centro cirúrgico. Eu queria poder equipar a clínica com tudo do mais moderno e excelente, sem ter que gastar uma fortuna capaz de me comprar um fígado novo. Por mais que Christopher tivesse me feito um generoso empréstimo, eu ainda era uma pessoa pobre que precisava ter limites. Sendo assim, quando ele me acordou naquele sábado, o fato de eu ainda

não ter aberto os olhos não significava que não estava acordada. Espreguicei-me, sentindo o cheiro gostoso de shampoo e loção pós-barba, enquanto dedos macios

percorriam a curva da minha cintura.

— Acorde, bela adormecida — ele ronronou, roçando o nariz em meu pescoço.

Então, passei uma perna por cima de seu quadril ao abrir meus olhos para o amor da minha vida. Christopher estava deitado de lado, apoiando a cabeça na mão e sorrindo para mim. Comemoramos seis meses de namoro na véspera e meu corpo ainda sentia os efeitos do sexo maravilhoso da noite passada.

—Bom dia — murmurei.

—Quase boa tarde, mas aceito o seu bom dia. —Ele beijou a ponta do meu nariz. —Fiquei com pena de acordá-la, mas tenho uma notícia empolgante para dividir com você, então não resisti. Quer tomar um café antes?

Christopher passou a me conhecer bem demais para saber que eu era uma pessoa extremamente curiosa. Claro que abri mão de me alimentar e me sentei na cama, arrumando o cabelo e encarando meu namorado.

—Pare com o suspense e conte logo a tal novidade!

Ele abriu um sorriso e deslizou pelo colchão até se sentar e apoiar as costas na cabeceira da cama. Observei enquanto seus dedos brincavam com sua cabeleira, indicando que estava nervoso e ansioso.

—Um pouco antes de nos conhecermos, meu médico me contou sobre um tratamento inovador de estimulação epidural, que vinha apresentando resultados muito positivos e chamando a atenção de uma parcela mais visionária da comunidade médica. Nós começamos a fazer contatos e também enviamos todo meu histórico médico para a Tailândia, onde é feito o tratamento. Agora recebi a notícia de que fui aprovado como um paciente que pode alcançar potenciais resultados e precisarei ir até lá para ser melhor avaliado.

Tailândia? Sorri, pensando se eu tinha entendido direito. Para um tratamento inovador como ele se referia, eu imaginei que se tratasse de algum lugar na Suíça ou algo parecido. Mas Tailândia? Isso era realmente uma novidade ou eu era uma ignorante.

— Uau! — Arregalei os olhos, digerindo o restante das palavras dele. — Isso é

incrível, Chris! Esse tratamento faz ser possível você voltar a andar?

— Não exatamente — respondeu, deixando a ansiedade de lado e soando muito mais confiante. — Cada pessoa, cada lesão, responderá de uma forma. Não significa que eu vá andar novamente, mas já seria um enorme avanço se, por exemplo, eu recuperasse alguma sensibilidade ou ganhasse mais autonomia em alguns movimentos.

—Na Tailândia? —Eu ainda estava implicando com aquilo.

Christopher riu e puxou minha perna, fazendo cócegas na minha sola do pé. — Sim, senhorita. Em Bangkok, para ser mais exato. Tire essa expressão incrédula do rosto. É um tratamento ultra avançado que ainda não existe em

nenhum outro lugar do planeta. Além disso, a capital possui um Instituto de Medicina que é referência no mundo inteiro. —Ele fez uma carinha de safado e torceu a boca. —Estava pensando em levar você comigo e curtirmos uma praia depois. Tem cada lugar afrodisíaco por lá...

— Por que você não falou isso antes? — Gargalhei, jogando-me em cima dele e agarrando seu pescoço. —Quando iremos?

Recebi um tapa na bunda e, como estava sem calcinha, os dedos pervertidos apertaram minhas nádegas e me deixaram excitada. Esfreguei meus quadris em Chris, que me apertou ainda mais.

— Marcarei a viagem o quanto antes, basta a gostosa abrir espaço na agenda.

—Agora falando sério, estou feliz por você! —disse, dando um selinho em seus lábios. — Independente da dimensão do resultado que esse tratamento possa ter, é maravilhoso que esteja tentando. E obviamente, estarei do seu lado pra comemorar cada pequena vitória.

— Eu sei disso. Que tal começarmos as comemorações agora, fazendo muito sexo?

Opa! Fugi dos braços dele antes que o safadinho me vencesse pela gostosura e pulei da cama.

—Não, senhor! Tenho muita coisa pra resolver e, se vamos passar uns dias fora, preciso correr com algumas questões da obra.

—Rosa Martínez me negando sexo? —Christopher me zoou, arqueando a sobrancelha. —Você está se sentindo bem?

—Estou ótima —respondi enquanto vestia uma cueca dele. —Caso não se lembre, transamos que nem coelhos no cio até três horas da manhã. E essa sua barba me deixou assada!

Atirei um travesseiro em cima dele quando o Idiota Motorizado caiu na gargalhada e encarou meu ventre. Revirei os olhos e parti rumo à cozinha para comer qualquer coisa prática e rápida antes de sair de casa.

∞

Meu dia tinha sido muito agitado e não consegui falar direito com Christopher até a hora que retornei ao apartamento, por volta das nove da noite. Precisei resolver as questões legais da obra com Charlie, que era um anjo caído do céu na minha vida e, depois, passei horas visitando algumas lojas de decoração. Eu era muito indecisa e logo percebi que precisaria me sentar com calma e decidir exatamente o que queria na clínica.

Entrei em casa e fui recebida por Guapo, que segurava um de seus

brinquedos entre os dentes ao mesmo tempo que abanava o rabo. Agachei-me para dar uns beijos nele — e me deixar ser beijada — e logo notei que havia mais gente no apartamento. A voz de Christopher, vinda da sala de estar, misturava-se a outra, também masculina.

Deixei minha bolsa e algumas sacolas com compras sobre o aparador e fui até lá para xeretar. Eu nem sabia do que se tratava a reunião, mas era muito curiosa para deixar passar em branco.

Meus saltos me denunciaram, pois antes mesmo de chegar, ouvi meu namorado:

—Boa noite, amor. Venha conhecer Don Pietro!

O tal homem de quem Christopher tanto falava! Finalmente eu o conheceria!

E ao chegar na sala e encarar o mafioso, minhas pernas chegaram a tremer com tamanha beleza. Puta merda. Um cara como ele não deveria ser feio, velho, com um nariz enorme e olhos que metiam medo em qualquer pessoa? Era assim que eu imaginava um mafioso. Não que eu estivesse reparando, amava Christopher e ele era perfeito pra mim, mas poxa... Ok, eu estava reparando, com todo o devido respeito à aliança grossa na mão do homem.

— É um prazer, Senhorita Martínez — disse o bonitinho de ombros muito largos, todo polido, esticando a mão. —O Senhor King fala muito de você.

Não entendia muito bem por que eles não se chamavam pelos próprios nomes se eram amigos. Mas então, lembrei de Christopher dizer uma vez que o homem não tinha muitos amigos. Retribuí seu cumprimento.

— O prazer é meu. — Sorri, observando as taças de vinho. — Vejo que Christopher serviu a bebida, gostaria de algo para comer? Vocês querem jantar?
— Não foi este tipo de visita que trouxe Don Pietro aqui, amor. — Meu namorado piscou para mim e Pietro sorriu, contido.

— Eu já estou de saída — disse o homem com forte sotaque italiano. — Obrigado pela sugestão, mas se não jantar com minha esposa, serei um *uomo morto e sepolto.*

Sorri, fingindo ter entendido, mas ele logo se traduziu:

—Um homem morto e enterrado, se é que me entende.

—Completamente —respondi. —Vou deixá-los a sós então. Com licença.
Christopher assentiu e voltei para pegar minhas coisas e levar para o quarto. Guapo me seguiu e eu achei melhor manter meu cão trancado ali comigo, para não acontecer nenhum acidente biológico enquanto a visita estivesse em casa. Fui tomar um banho e quando saí do banheiro, Christopher já estava no quarto, brincando com Guapo. Ele podia jogar o brinquedo longe dez mil vezes, que meu cachorro faria o mesmo vai e volta todas essas vezes, sem se cansar.

Parei, encostando-me à porta, observando os dois. Ficava muito feliz em ver como eles se deram bem desde o início e, principalmente, todo o carinho e cuidado que Chris tinha com o babão. Era um homem realmente muito especial.

— Sua mãe deve estar com ciúmes — cantarolou sem me encarar. — Está olhando pra gente há meia hora.

Revirei meus olhos e fui até a cadeira, obrigando-o a mover e abrir as pernas para eu me encaixar entre elas. Alisei seu cabelo escuro enquanto o olhava.

—Te amo —falei. —Caso ainda não tenha dito isso hoje.

— Você não tinha mesmo falado hoje. Antigamente, dizia isso a cada dez minutos só para me conquistar.

—Claro que não, você está muito equivocado. —Ri, vendo que seus dedos se enroscavam agilmente no cordão do meu roupão. — Eu sei que o conquistei dentro do elevador, no primeiro dia.

Fui tragada para seu colo e me sentei toda desajeitada, com meu roupão sendo puxado para fora dos meus ombros. Suspirei quando os lábios de Christopher tocaram minha clavícula e deixei minha cabeça cair enquanto ele chupava minha pele. Ah, senhor, como aquele homem era intenso! Seus dedos apertavam a carne da minha cintura e a boca começava a descer até meus seios, deixando-me completamente acesa.

—Só para constar, eu também amo você —disse ele, levantando o rosto e piscando, para em seguida mordiscar meu mamilo. —E vou deixá-la saber disso todos os dias da minha vida.

Delicadamente, Chris alisou minha coxa, enfiando a mão por dentro do tecido felpudo do roupão e tocando minha intimidade. Estávamos tranquilos e quis curtir aquele momento sem me empolgar demais. Meu clitóris foi estimulado devagar e nossos olhares cravaram um no outro. Suspirei, sentindo o toque ora leve ora mais pesado, ciente de que minha lubrificação aumentava a cada segundo.

Ajeitei-me no colo de Chris para dar mais acesso à mão dele e mordi meu lábio quando escorregou um dedo e me penetrou. Gemi, acariciando sua nuca e vendo-o fechar os olhos enquanto me dedilhava com tanto carinho. A respiração dele ficou mais pesada conforme minha boca se aproximava de seu pescoço. Assoprei sua pele antes de a tocar com a ponta da minha língua, contornando as curvas de sua orelha e sentindo a pele arrepiar.

Gemi quando ele aumentou o ritmo dos dedos e usou a mão livre para esfregar meu clitóris.

—Essa sua bocetinha macia me deixa completamente louco.

— Ela é toda sua — avisei, abrindo mais as pernas e recebendo mais um

dedo grande, que me fodia tão firme e gostoso. —Ah, Chris... Quero gozar... — Goze, grite, engula meus dedos, deguste o quanto puder de mim.

Deitei minha cabeça no ombro dele e senti seus movimentos circulares, abrindo-me, enterrando-se bem fundo, fazendo meus músculos convulsionarem de prazer. Seus lábios tocaram meu rosto enquanto eu mergulhava num delicioso caos de múltiplas sensações.



Cheguei à miserável conclusão de que estava com um pé bem próximo do alcoolismo. Infelizmente. Ou talvez fosse o fato de estar muito animada por andar, pela primeira vez na vida, num jato particular. Eu considerava o apartamento de Christopher luxuoso, mas nada se comparava àquela cabine com detalhes em mármore carrara e um banheiro com torneiras em bronze, provavelmente mais caras do que todo meu antigo apartamento. Não devia ser fácil ser bilionário.

— Tem certeza que não quer mais? — perguntou o meu namorado, segurando a garrafa de vinho quase vazia. Seria normal, se não fosse a segunda garrafa. Eu havia bebido tudo praticamente sozinha durante as quatro primeiras horas de voo.

—Absoluta —respondi, horrorizada. —Quero estar sóbria ao pousarmos.

—Ainda vai demorar bastante, Rosa...

—Eu sei. —Aconcheguei-me nele, apoiando minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos. —Quero dormir um pouquinho, estou com os olhos pesados. Eu apaguei, isso sim. Só acordei quando Christopher me chacoalhou e, pela janela, vi que tínhamos pousado no aeroporto.

Pelo caminho, tive que morder a língua diversas vezes por ter pensado que a Tailândia era muito atrasada. A capital, pelo menos, era surpreendentemente moderna, abarrotada com edifícios luxuosos. Dentro do carro que nos levava ao hotel, pudemos apreciar um templo budista que o motorista pronunciou como *Wat Arun*, às margens de um rio de nome muito mais difícil que eu não decorei. Com uma torre muito alta, ele podia ser visto de longe e soubemos que sua construção foi toda feita com conchas e pedaços de porcelana.

Fiquei emocionada por estar tão perto de uma construção tão rica e antiga, com grande teor religioso e que eu jamais imaginara conhecer. Mas meu queixo caiu mesmo foi quando chegamos ao hotel, com um *lobby* tão exuberante, rico e opulento que quase tive medo de arranhar o piso com meus saltos.

O *Siam Kempinski Hotel* foi escolhido por Christopher por sua acessibilidade a cadeirantes e, claro, todo o conforto. Fingi naturalidade enquanto meu namorado fazia o *check-in* e três funcionários esperavam à nossa disposição para levar as malas. Enquanto isso, apreciei as pilastras imensas com esculturas douradas — seria ouro? —que se desprendiam delas e iam até o chão. Prestei atenção na fonte que ficava bem no centro do amplo saguão, tentando lembrar em que momento da minha vida eu tinha entrado num hotel que possuía uma fonte na recepção. Nunca.

O quarto nem era nada tão absurdo, mas o banheiro em tons de preto e chumbo se tornou uma paixão à parte para mim. Enquanto Christopher fazia algumas ligações na varanda, eu me sentei no vaso e fiquei longos minutos sorrindo para aquele luxo todo. Meu xixi nunca esteve tão valorizado!

—Amor, você está bem? —perguntou meu namorado, batendo na porta. Percebi que estava demorando muito e levantei, lavando a mão e saindo do banheiro. Chris me encarou com um olhar preocupado e eu sorri.

— Estou ótima! Acabei de mijar num vaso que tem vários botões e joga água na xoxota! Quanto será que custa um desses? Podíamos abolir a ducha higiênica.

Ele riu de mim enquanto eu testava a cama, que era extremamente confortável e parou, perto da janela. A luz incrível do pôr-do-sol que entrava pelo quarto iluminava o rosto de Christopher e deixava seus olhos ainda mais lindos. Eu tinha muita sorte mesmo.

— Então, o hotel possui um restaurante 5 estrelas espetacular. Pensei em

jantarmos aqui mesmo e aproveitarmos o resto do dia para descansar e nos acostumarmos com o fuso horário. Minha consulta amanhã é bem cedo e depois ficamos livres para visitar alguns pontos turísticos e conhecer um pouco da cidade antes de irmos para Koh Samui.

Como eu estava cansada, nem pensei duas vezes antes de concordar com ele. Não tinha o costume de viajar, principalmente num voo longo como aquele. Apesar do cochilo gostoso que tirei no jatinho, meu corpo estava pedindo por uma cama macia como aquela.

Aproveitamos que ainda não era hora de jantar e fizemos um amorzinho básico nos lençóis de sei lá quantos fios, com o brinde de ver a cidade acendendo suas luzes aos poucos.

∞

Estava nervosa por Christopher, porque eu não tive todo o tempo que ele teve para processar e entender aquele tratamento. Meu namorado aparentava muita calma e tranquilidade quando entramos no complexo hospitalar especializado em lesões medulares. Confirmando o que Chris já tinha me dito, o local era ultramoderno e de última geração.

A equipe que nos recebeu foi muito simpática e os dois médicos que consultaram meu namorado, um deles sendo o cirurgião, nos passaram bastante confiança. Fiquei quieta na maior parte do tempo, prestando atenção em tudo que era dito e meu coração batia acelerado no peito. Estava empolgadíssima, pois, de acordo com o que soube e dei uma rápida estudada em casa, aquele era o tratamento mais avançado que existia. Infelizmente, uma ínfima parcela da sociedade teria

acesso devido seu custo altíssimo.

O tal tratamento se trata de um minúsculo aparelho que é implantado na região lombar da medula espinhal e funciona através de uma corrente elétrica fornecida por vários eletrodos microscópicos. Isso permite, na teoria, que os pacientes recuperem seus movimentos voluntários, voltem a andar e tenham algumas funções antes perdidas, então restauradas. Mesmo os pacientes que apresentam lesões completas, que era o caso de Christopher, conseguiam ter uma ótima resposta ao tratamento.

Meu Gato Motorizado ficou bastante tempo sendo avaliado e eu me ocupei lendo revistas na área de espera, recheada de depoimentos muito ricos em detalhes. Mesmo os que ainda não tinham recuperado a capacidade de ficar em pé ou andar contavam que tinham de volta seus movimentos dos membros. Superficiais ou não, devia ser incrível que Christopher pudesse ver sua perna voltar a se mexer, sentir a sensação de dobrar um joelho ou esticar os dedinhos

dos pés.

Esfreguei os olhos ao perceber que tinha acumulado lágrimas nos cantinhos e parei um pouco de ler. Queria voltar ao hotel com ele e ouvir tudo que tinha a dizer sobre o veredicto final dos médicos.

Já passava de uma da tarde quando Christopher veio me encontrar na sala de espera, com um sorriso no rosto. Esticou a mão que eu segurei e beijou meus dedos.

—Vamos embora? —perguntou. —Você deve estar morrendo de fome. —Estou mesmo, mas no momento quero saber como foi lá dentro.

— Conto no caminho. — O filho da mãe piscou e eu o segui para a saída, entrando no carro que nos esperava.

Chris deu o endereço do restaurante para onde íamos e alongou os braços, passando um ao redor dos meus ombros e me puxando para perto.

— Vou fazer a cirurgia, amor. Estou apto para o procedimento, marcamos para o início de novembro.

—Já? Isso é... daqui há um mês.

—Sim —respondeu ele, feliz demais.

Sorri, com meu coração transbordando felicidade e segurei o rosto dele entre minhas mãos.

—Isso é maravilhoso! Vai dar tudo certo!

— Sei que vai. Eu não acho que vá voltar a andar, sabe? Sou realista, juntando a gravidade da minha lesão, a região afetada e alguns resultados que meus exames apresentaram, eu não consigo me ver longe da cadeira de rodas. Mas os médicos garantem que eu recuperarei movimentos básicos e terei um grande aumento da sensibilidade. As dores neuropáticas também sofrerão uma diminuição considerável e, com o tratamento adequado, posso recuperar o controle da bexiga e do intestino.

— Isso significa que você tem grandes chances de começar a sentir meus chutes durante a noite? — Mordi meu lábio, fazendo graça. — Caso não tenha descoberto ainda de onde vem essas pequenas marcas roxas...

— Você me chuta? — De forma bastante exagerada, Christopher escancarou a boca. —Estou sendo agredido esse tempo todo e não sabia?

— Eu me mexo muito durante a noite — respondi, rindo pela cara que ele fez. —Ah, você nem sente. Qual o problema? São coices de amor!

Soltei um grito quando ele me surpreendeu, enchendo-me de cócegas na barriga. Nós duelamos um pouco dentro do carro, ignorando o motorista, até que Christopher segurou minha nuca e me beijou. Senti tanta coisa naquele beijo único e sentimental, que o abracei e mantive nossos lábios grudados por um tempo.

Por fim, colamos nossas testas e nos encaramos.

— Obrigado por me apoiar nessa nova aventura — ele agradeceu, com os olhos azuis emocionados. — Não seria a mesma coisa sem você, talvez eu nem me animasse a passar por todo o processo sem a sua companhia.

— Você é a pessoa mais importante pra mim, Chris. Eu fico feliz demais em poder fazer parte desse seu momento.

— Que bom, pois o pós-cirúrgico será de um mês morando aqui em Bangkok — disse ele, abrindo um sorriso que mais parecia um pedido de desculpa. — Após esse primeiro mês de acompanhamento intensivo, poderei voltar às atividades e aos Estados Unidos, mas precisarei retornar a cada quinzena... durante pelo menos três meses.

Naquele momento, eu senti vontade de dar um peteleco forte no nariz dele para deixar de me contar as coisas em etapas. Um mês na Tailândia? Christopher beijou as palmas das minhas mãos enquanto eu o fuzilava com o olhar.

— Eu sei que vai coincidir com a inauguração da clínica. Não quero que interfira na sua programação, ok? Eu posso vir e a gente dá um jeito de fazer videoconferências para matar a saudade ou, sei lá, você pode vir me encontrar uns dois finais de semana. Ou quando der.

— Pare — pedi, segurando o rosto dele. — Escuta, eu sei que você concordaria com qualquer decisão minha, mas a verdade é que nem clínica nem nada é mais importante que isso. Eu não preciso estar lá para que ela comece a funcionar, confio na Elizabeth. Posso, inclusive, adiar a inauguração. — O sorriso dele se alargou. — Não pense que vai se livrar de mim tão fácil, Senhor King.



Nunca pensei que existisse um lugar chamado *Koh Samui*, mas ali estava eu, admirando a beleza da natureza ao lado de um homem mais bonito que qualquer paisagem.

As praias da Tailândia eram muito frequentadas e possuíam uma vida noturna

bastante agitada, portanto, Christopher escolheu um lugar mais

reservado, o *Four Seasons Resort*, dentro da mata com uma fauna e flora incríveis. Ao pisar na varanda da nossa suíte, eu me senti encantada com todo aquele verde. Era possível avistar a faixa de areia e o mar tranquilo dali, mas a floresta era realmente o que mais chamava atenção.

Christopher me puxou para seu colo e me abraçou, enquanto ouvíamos o canto das aves e inspirávamos aquele oxigênio limpo e abundante.

— Se existe paraíso, esse lugar deve ser o que mais se aproxima dele — comentei. —Que lindo, amor. Obrigada por me trazer aqui.

—É lindo mesmo. Quando reservei, vi várias fotos, mas não chega perto do que é pessoalmente. — Estremeci com o arrepio que subiu por minha espinha quando os lábios dele roçaram de leve em minha nuca. — Porém, nenhuma paisagem é mais linda que o amor da minha vida.

—É mesmo?

—Sim —ele respondeu e eu me virei de lado, roçando meu nariz no dele. — Inclusive, eu andei estudando os ângulos dessa varanda e garanto que podemos transar aqui mesmo sem abrir mão da nossa privacidade.

— Aqui?

Olhei em volta, ressabiada. Avaranda era bem aberta e não havia nada além de mata e praia à nossa frente. Pelas laterais era possível avistar outras varandas mais abaixo de nós; Christopher tinha sido espertinho e reservado a mais alta e isolada.

Antes mesmo de eu responder e decidir entrar no jogo, o assanhado já estava desabotoando a calça e levantando meu vestido. Ele avançou em minha boca e quando me ajeitei de frente em seu colo, senti uma ereção se formando. — Em que momento você tomou remédio? — perguntei, surpresa com a pressa do homem.

— Enquanto você estava deslumbrada com a paisagem. — Ele sorriu e mordeu o lábio, apertando minhas coxas e procurando minha calcinha. — Monta de costas

pra mim, me deixa ver essa bunda deliciosa engolindo meu pau.

Nosso beijo já iniciou intenso, com uma dança de nossas línguas embriagadas pelo tesão. Rebolei no colo dele, deixando que seus dedos puxassem meu vestido para cima. Levantei meus braços e Christopher me despiu, para, em seguida, agarrar meus seios.

Arfei, ainda com os lábios grudados aos dele, chupando aquela carne macia, até ser abandonada por ela, que me trocou pelos meus peitos. Afundei minhas unhas nos ombros dele, enquanto o cavalgava mesmo por cima da calça.

Chris chupou meu bico direito, roçando os dentes levemente pelo mamilo intumescido, enquanto apertava o seio esquerdo com a mão.

— Hm... — gemi, inclinando-me e beijando o pescoço dele, lambendo seu

maxilar com a barba cerrada que me deixava excitadíssima quando ele se esfregava em minha buceta. —Você é tão gostoso...

Lambi sua orelha, fazendo-o estremecer com o toque e agarrei seu cabelo para que ele me olhasse.

— Tira a calça! — pedi, levantando-me e virando de costas. Dei um tapa em minha própria bunda e a empinei na cara dele.

— Pelo amor de Deus! — Christopher cravou os dedos na minha carne e me puxou. Soltei um gritinho assustado quando a língua dele deslizou pelo vão das minhas nádegas e suas mãos as afastaram.

Precisava me segurar em algum lugar, mas não havia nada diante de mim, então apoiei as mãos no joelho, desesperada. Chris tinha enlaçado minha cintura com um braço e usava a outra mão para enfiar e tirar o dedo em minha buceta, enquanto batia a ponta da língua em meus lábios úmidos de desejo.

Senti que seu rosto se afastou e suspirei, para ser novamente provocada com dois dedos que me penetraram e vibraram rápido antes de me abandonarem. —Senta, amor.

E eu me sentei, tateando seu pau ereto e lindo, cheio de veias grossas e cabeça

larga, sentindo que meus lábios se afastavam conforme ele ia deslizando fundo em mim. Encaixei-me, descendo até o talo e rebolando, com aquele volume todo me preenchendo. Sabia que Christopher queria ver minha bunda, mas primeiro eu iria aproveitar o momento.

—Ah, Cris... que gostoso... —Joguei um braço para trás, apoiando em seu pescoço e me mexi, dançando em seu colo, enquanto levava uma mão até meu clitóris e me tocava.

Ele me abraçou pelos peitos, brincando com meus mamilos enquanto eu fodia aquele cacete duro, só meu. Uma das maiores vantagens de transar com aquele homem, era o fato de que ele não sentia de fato a penetração, então se ocupava de explorar todas as outras partes do meu corpo e do dele. Isso tornava o sexo incrível e especial porque nunca ninguém se preocupou em me dar prazer de outra forma que não fosse a penetração em si. Eu adorava, de fato, cavalgar o pau de Christopher, mas todos os meus outros sentidos ficavam extremamente aflorados ao toque dele.

Quando percebi que estava perto de gozar, inclinei-me para a frente e deixei que degustasse da visão da minha bunda grande quicando sobre seu membro enquanto apoiava as mãos nos meus joelhos. Levei alguns tapinhas inofensivos, mas que estalavam e ardiam a pele na hora, aumentando minha excitação.

Gemi quando ele brincou com a ponta do dedo ao redor do meu cu, forçando só um pouquinho, suficiente para me deixar alucinada. Aumentei meu ritmo, sentindo o suor escorrer e pingar pelos meus peitos. Então, apertei o pau

delicioso, sentindo-o grande demais para mim, enquanto desabava para trás e o enterrava ainda mais fundo. Esfreguei meu corpo para trás e para frente, gozando gostoso e ouvindo a respiração ofegante de Chris.

—Maravilhosa! Vamos entrar porque quero lamber esse seu grelinho.

Fui carregada, ainda em êxtase, sem imaginar o que poderia ser melhor do que estar naquele paraíso, com Christopher ainda dentro de mim, gozada e prontíssima para ser chupada. Acho que morri e fui pro céu.

∞

Abri os olhos, notando que tinha escurecido do lado de fora. Pegamos no sono em algum momento depois de aproveitar ao máximo o efeito do medicamento de Chris. Eu me sentia até idiota ao lembrar que antes de conhecê- lo, não imaginava que pessoas com deficiências físicas como a dele possuíam uma vida sexual ativa. E porra! Acho que Christopher já tinha me feito gozar mais do que todos os outros homens que passaram pela minha vida. Juntos.

Por falar nele, estiquei o braço para seu lado da cama e notei que não estava deitado. Virei-me de frente para o espaço onde meu namorado deveria estar e congelei. Sobre o travesseiro dele, havia uma caixinha verde da *Tiffany & Co* . Sentei-me na cama, sentindo o coração quase saindo em disparada pelo peito. Não podia ser. Podia? Minha mão direita tremeu quando a levei até a boca para tapar o grito que quis sair. Olhei em volta, procurando por Christopher, mas ele não estava ao meu alcance.

Ai, caralho!

Antes mesmo de tocar na caixa, senti um nó em minha garganta e quis chorar. Meus dedos rasparam no couro macio e no tecido fino do laço que a enfeitava. E então, de repente, meu choque deu lugar à ansiedade e agarrei a caixinha de uma vez por todas.

Desfiz o laço com pressa e a abri, encontrando... nada. Acaixa estava vazia. Quê?

Inspire. Expirei. Ia matar um cadeirante filho da mãe que não sabia que não se deve brincar com o coração de uma mulher apaixonada. Era uma pegadinha? Só então me dei conta de que a varanda estava toda acesa e me levantei para procurar pelo namorado que eu queria matar. Encontrei Christopher lá fora, de costas para mim e fui ao encontro dele. Antes que eu me aproximasse totalmente, o belíssimo exemplar do sexo masculino se virou e me encarou.

— Algo me dizia que você viria atrás disso aqui — disse ele, tirando um anel de diamante enorme do bolso. —Achou mesmo que eu ia facilitar sua vida? Estaquei, engolindo em seco, sem conseguir falar. Pressionei meus lábios,

doida pra chorar, enquanto Chris movia sua cadeira e parava diante de mim. Ele levantou o rosto e esticou a mão, segurando a aliança entre os dedos.

—Casa comigo, Rosa Martínez?

Nos meus mais loucos sonhos, sempre me via fazendo um draminha básico antes de dizer o famoso “sim”. Mas, na vida real, eu desabei no chão e me enfiei entre as pernas de Christopher ao mesmo tempo em que as lágrimas rolavam pelo meu rosto.

— Isso é um sim? — perguntou, segurando minhas mãos e enxugando minha bochecha. —Poxa amor, eu é quem deveria estar ajoelhado, não você. Sei que é um pedido bem simples, eu até pensei em fechar um restaurante daqui, fazer uma megaprodução, mas estava ansioso para te surpreender e não aguentei ao ver você dormindo que nem um anjo.

Gargalhei em meio aos soluços, balançando a cabeça já que a voz teimava em não aparecer. Ele se inclinou para frente e grudou a testa na minha, sorrindo. — Sim... — falei, depois de pegar um pouco de fôlego. — Sim, mil vezes sim! Qualquer pedido seria perfeito simplesmente por ser você.

Então me levantei e me sentei em seu colo, agarrando seu cabelo e puxando sua boca para encaixar na minha. Nosso beijo foi tenro, cheio de carinho, transbordando a emoção que nós dois estávamos sentindo. Eu podia sentir o coração de Christopher extremamente acelerado, assim como o meu. Não sabia expressar o meu amor por aquele filho da mãe lindo. Desde que conheci Christopher e me entreguei de corpo e alma a ele, foi como se me redescobrisse uma mulher forte, segura, com mais amor próprio do que eu jamais tive. Chris me transformou na minha melhor versão apenas por me amar sem julgamentos, sem medo de se entregar. Ele me entregou muito desde o início e me recebeu com a mesma intensidade.

Funguei quando separamos nossas bocas e ele deslizou a aliança, com o corpo cravejado em diamantes e uma pedra enorme no meio. Eu só via alianças como aquela em filmes e notícias de gente famosa.

Coube perfeitamente, lógico, porque Christopher não fazia nada sem se prevenir de todas as formas.

— Agora, vá colocar uma roupa, sua safada! Como pode ser pedida em casamento assim, nua como veio ao mundo? — Revirei meus olhos e levei um tapa na bunda ao me levantar. — Quero sair pra jantar e você poderá exibir

bastante seu novo presente.

— Jura que você quer sair? — Franzi os lábios e dei uma corridinha até a cama, que ficava bem de frente para a varanda. Engatinhei pelo colchão, rebolando bastante. —Estou doida pra comemorarmos nosso noivado da melhor forma possível...

Ao olhar por cima do ombro, vi Christopher alisando o maxilar, enquanto me observava. Ele balançou a cabeça para os dois lados e se aproximou, devagar. — Seria interessante se o noivo permanecesse vivo até o casamento.

Eu me virei de costas e estiquei as pernas, afastando-as um pouco para que ele apreciasse a visão. Ele me chamava de safada, mas era igualzinho. Sequer olhava para meu rosto e sim, devorava com os olhos o que eu abria para ele.

— Talvez seja melhor nos casarmos logo então, só para garantir sua sobrevivência —falei, esfregando o pé direito em minha perna esquerda.

Meu noivo se transferiu para a cama e se deitou de lado, alisando minha coxa e levando a mão até minha virilha. Ele calou minha boca com um beijo e acariciou meu sexo latejante até que esquecêssemos da vida ali, cercados pela natureza exuberante daquele lugar.

∞

Quando acordei, na manhã seguinte, pulei da cama sentindo meu corpo cheio de energia. Coloquei um biquíni e despertei Christopher, que levantou um pouco mais sonolento. Ao notar o que eu estava vestindo, ele sorriu e assobiou. —É a primeira vez que a vejo dentro de trajes de banho. Não tenho certeza

se quero você desfilando esse corpo por aí.

—Nem brinca com isso —falei, despenteando o cabelo dele, que já estava uma bagunça. —Separei um *short* para você vestir. Quero mergulhar nesse mar lindo!

Ele suspirou, mas me obedeceu. Lambi os lábios ao apreciar aquele peitoral musculoso todinho meu e fiz um sinal de positivo com o dedo, pronta para sair. Desceríamos para tomar o café da manhã e de lá, era um pulo até a areia da praia.

Depois de vestir uma regata azul que destacava ainda mais aquelas pedras preciosas que ele chamava de olhos, nós saímos do quarto. Porém, no caminho para o elevador, passamos por um espelho de corpo todo e Christopher parou. Ele encarou as pernas brancas e pressionou os lábios. Nos últimos meses eu vi tantas fotos de cadeirantes que tinha aprendido que seus membros inferiores sempre atrofiavam em comparação aos superiores. Apesar das pernas de Chris não serem excessivamente finas, ainda era possível notar a enorme diferença delas para seus braços sarados.

Eu o via quase o tempo todo pelado, então não era mais nenhuma novidade e nunca foi algo que me incomodasse. Eu o achava lindo, viril, tão perfeito. Mas ele não parecia gostar do que estava vendo.

— Talvez seja melhor colocar uma calça... — falou, virando a cadeira na

direção do quarto.

—Nós vamos pra praia, Chris. Não faz sentido esconder o corpo. Não tem nada demais.

— Amor, o fato de você estar acostumada a ver minhas varetas, não significa que outras pessoas também estejam.

Eu o abracei por trás, enroscando os braços no pescoço dele e colando nossos rostos.

—Primeiro, você não tem varetas. E mesmo que tivesse, deveria agradecer por ainda tê-las no lugar. Muita gente não tem um, dois ou vários membros e você está aí desdenhando dos seus. Segundo, você me faz a mulher mais realizada do mundo com o seu corpo do jeito que ele é.

Senti seu peito subir e descer quando respirou profundamente. Chris jogou a mão para trás e alisou minha cabeça, virando o rosto para me dar um selinho. — Vamos lá, então, desfilar todo esse meu bronze —disse ele, soando mais confiante.

No fim das contas, a areia era fofa demais para a cadeira dele, que não era apropriada para praias. Christopher precisou ficar no limite do *deck* enquanto me

via mergulhar. Mas não o deixei de lado. Acabei arranjando um balde pequeno da recepção do hotel e, de vez em quando, eu o enchia de água e corria para jogar em cima dele, que me xingava todas as vezes.

Óbvio que fomos observados por algumas pessoas, mais por questão de curiosidade, mas não notei ninguém que o olhasse de forma preconceituosa. Uma hora mais tarde, eu já me sentia satisfeita quando me sentei em seu colo e o sujei de areia. Chris alisou minhas costas e começou a arrumar meu cabelo embaraçado. Suspirei com a beleza dele irradiada pela luz do sol. Os olhos azuis estavam ainda mais claros e, como esquecemos o protetor solar, dava para notar a ponta do nariz e as bochechas coradas.

—Amo você, Christopher King.

—Amo você, Rosa Martínez.

Fechei os olhos quando ele enterrou o nariz em meu pescoço e ficou ali, me cheirando e fazendo cócegas com a ponta da língua.



Esfreguei uma luva na outra para espantar o frio e peguei a tesoura que Christopher me entregou, cortando de uma vez por todas a fita que lacrava a porta da *Medical Pet*. Do lado de dentro, os garçons do serviço de *buffet* aguardavam que a festa começasse.

Meus amigos gritaram e bateram palmas e girei a maçaneta, pisando com o pé direito no interior da clínica e finalmente a inaugurando. Todos entraram rapidamente atrás de mim e a porta foi fechada, deixando a neve do final de janeiro cair do lado de fora. Kiara me abraçou e demos pulinhos sem sair do lugar. Eu estava nervosa, ansiosa, elétrica e morta de medo. Porque agora, era

concreto. Eu tinha um negócio para tocar, que nem gente grande mesmo. Quando me soltei da minha amiga, virei-me para meu noivo. Christopher

me observava de longe, deixando que eu curtisse meu momento. Não resisti e fui até ele, enfiando-me entre suas pernas.

—Parabéns, Dra. Martínez. Seus futuros pacientes serão muito sortudos. — Obrigada, Chris —agradeci, deslizando meus dedos por dentro dos fios

do cabelo dele. —Nada disso seria possível sem você.

—Não precisa me agradecer, desde que me pague o empréstimo. — Sorriu só para me sacanear.

—Ah, é? E todo aquele discurso de que queria se casar com comunhão de bens?

— Posso mudar de ideia até maio — disse ele, piscando. — É melhor me tratar muito bem até lá.

Eu me sentei de lado no colo dele e apoiei, despretensiosamente, minha mão em seu pau. Christopher acompanhou meu movimento e sorriu.

— Tenho certeza que posso pensar em muitas formas de tratá-lo, querido. — Olhei em volta, para me certificar que as poucas pessoas no local estavam ocupadas conversando, bebendo *champagne* ou explorando a clínica. Então, apertei a região, friccionando minha mão sobre o tecido fino da calça social. — Alguma vez eu o decepcionei?

Meu noivo inspirou profundamente.

— Nunca.

A título de curiosidade, sim, Christopher estava sentindo! Eu tinha adiado esta inauguração para o final de janeiro justamente porque ele operou e foi preciso passarmos todo o mês de dezembro em Bangkok. Aparte mais difícil foi ter que ficar longe de Guapo aquele tempo todo, pois as leis que regiam sobre a entrada e saída de animais de estimação na Tailândia eram muito complexas e eu não quis que meu filhote corresse nenhum risco. Deixei-o na casa de Kiara e quando voltei, ela me encheu o saco porque não queria devolvê-lo e só o entregou

porque ele, obviamente, ainda gostava mais de mim do que dela. O mundo estava mesmo perdido.

A cirurgia de Christopher tinha sido um sucesso e sua recuperação aconteceu conforme previsto pelos médicos. O tratamento ainda seria longo, tínhamos muitos meses de viagens entre Nova York e Bangkok pela frente, mas eu faria tudo de novo só por ver meu noivo daquele jeito, irradiando felicidade. Os resultados obtidos ainda não eram cem por cento satisfatórios, pois a cada consulta e avaliação, ficava evidente que ele realmente não recuperaria a capacidade de andar. Porém, nós comemoramos cada segundo a mais que ele conseguia se manter de pé durante as sessões de fisioterapia, mesmo que fosse com a ajuda de aparelhos de apoio. Chris também não conseguia ter uma ereção espontânea, mas era motivo de felicidade que ele pudesse sentir da cintura para baixo, mesmo que fosse uma sensibilidade mais superficial. A primeira vez que transamos depois que ele recebeu alta para manter relações sexuais, nós dois choramos enquanto chegávamos ao ápice do prazer. Como a vida não era perfeita, o problema da ejaculação continuava o mesmo e ainda era necessário usar remédio para estimular a ereção, mas... ele sentia! Ele podia apreciar cada toque mais forte empregado por mim.

Lembro exatamente da emoção que senti quando me sentei sobre ele

naquele dia, deixando que seu pau ereto deslizasse pelo meu interior. Christopher fechou os olhos e separou os lábios. Usei meu polegar para enxugar uma lágrima solitária que rolou para fora de seu olho esquerdo e me movi lentamente, cavalgando seu membro.

— Ah, Rosa... — sussurrou ele, apoiando as mãos em meus quadris. — Isso... isso é bom...

Não importava que eu estivesse com as pernas doloridas ou que meu prazer, naquele momento, não estivesse no ápice. Minha libido, no entanto, estava afiadíssima. Fodi meu noivo com força e rapidez, deixando até as marcas das minhas unhas em sua pele branca, pois queria dar tudo que pudesse fazê-lo sentir metade do prazer que sempre me proporcionava quando me penetrava.

Depois que ele gemeu com a chegada do primeiro orgasmo pós-cirurgia, pude relaxar em seus braços e o beijei tanto que começou a rir. Suas mãos alisaram minhas costas e desceram até minha bunda, enquanto eu lambia seu maxilar.

—Você é uma diabinha mesmo —falou, com uma voz carregada de alívio. — Como eu vivi esse tempo todo sem te conhecer?

—Amor, você estava apenas sobrevivendo. Sua vida só ganhou sentido no dia do elevador.

Christopher sorriu e me acariciou, enfiando a mão por baixo da minha bunda até alcançar meus lábios sensíveis. Suspirei com seu toque lascivo e recomecei a rebolar, deixando que ele me dedilhasse do jeito que gostava.

— Rosa?

Pisquei e o encarei quando as costas de sua mão alisaram meu rosto. Chris estava sorrindo, com o olhar perdido no meu. Voltei à realidade ao perceber que estávamos na clínica e não dentro do quarto. No entanto, aquela lembrança me deixou extremamente excitada e eu já estava pensando em como seria foder dentro do meu consultório.

— Está feliz? — perguntou e antes que eu pudesse responder o que ele mesmo já sabia, fomos interrompidos e obrigados a brindar.

Peguei a taça que Charlie, o anjo no corpo de engenheiro, me entregou após colocar uma também na mão de Christopher.

— Que este empreendimento seja de muito sucesso! — disse ele. — É sempre um prazer trabalhar com Christopher e foi igualmente com você, Rosa. — Obrigada!

Nós três brindamos e, quando Charlie se afastou, virei-me para meu noivo. — Topa ir até meu consultório para passar por uma... avaliação física?

—Você está brincando, né? —perguntou ele, arqueando uma sobrancelha e eu abri um sorriso safado. —Com toda essa gente aqui?

— É só trancar a porta por dentro — respondi, encolhendo os ombros. — Enquanto tiver bebida e comida, ninguém vai sentir nossa falta.

—Rosa, você geme tão alto que todos meus vizinhos já nos conhecem. —Que

mentira! —Dei um tapa no braço dele.

— Tem uma mulher no prédio, que é viúva, uma senhora já de idade. E quase todos os dias eu pego elevador com ela ao chegar do trabalho. Tenho certeza que os olhares que ela me lança são de condenação eterna.

— Ela deve odiar você por fazer com que traia o marido defunto em pensamentos. Não é fácil mesmo ter que encarar esse seu rostinho todo dia e evitar ter ideias pecaminosas.

Chris sorriu e negou, balançando a cabeça.

—Não acho que seja esse o caso. Amulher tem uns setenta anos.

— E você acha que velhinhas não transam? Não se masturbam? — Ele tapou os ouvidos e fez careta enquanto eu falava. — Não faça essa cara ou eu cancelo nosso casamento. Você acha que quando eu tiver a idade dela ou mais, vou parar de chupar seu pau? Não mesmo! Talvez eu tenha que usar uma boa cola na dentadura, mas...

Sabe quando você está falando alto por causa do barulho excessivo à sua volta? Então, foi naquele momento que eu percebi que o ambiente tinha caído num silêncio sepulcral e só minha voz estava sendo ouvida. O rosto de Christopher ganhou uma coloração avermelhada e ele pressionou os lábios, enquanto eu me virava devagar e observava muitos pares de olhos sobre nós.

— Pois é, a gente transa assim como todos vocês. Ou pensam que são santos? — perguntei e a galera começou a rir e voltar a fazer o que fazia antes. Pulei do colo do meu noivo e, aproveitando que já tinha passado vergonha, decidi usar a situação ao meu favor. Bati palmas e chamei a atenção de todos.

— Eu e Christopher estaremos inaugurando meu consultório da melhor forma possível — falei, batendo as costas de uma mão na outra para exemplificar. — Por favor, não sintam nossa falta. Obrigada pela presença de cada um, são todos muito importantes para nós dois.

Dylan soltou uma risadinha e olhou para o namorado. Certeza que tinha ficado inspirada. Kiara mandou um beijo de longe e Elizabeth piscou para mim. E por falar em Elizabeth, ela estava radiante em poder voltar a atender numa clínica e

já tinha uma agenda cheia para a semana seguinte. Para minha sorte, os clientes mais assíduos da *Pets Life & Health* acabariam seguindo a doutora depois que Afonso fechou a clínica e saiu às pressas dos Estados Unidos. Dizem alguns boatos que ele foi assaltado e espancado, passou algumas semanas internado, o pobrezinho do meu primo. Ele ficou tão traumatizado com a violência em solo americano que, assim que recebeu alta, decidiu se mudar para

a Espanha.

Tirei um segundo para olhar meus convidados mais uma vez e me sentir orgulhosa da minha clínica dos sonhos. Então, eu me virei, chamando meu Gato Motorizado com o dedo e saindo em direção ao corredor que levaria até minha linda sala, sabendo que o homem mais lindo do mundo estava me seguindo.



Primavera, Nova York

Nunca fui uma dessas mulheres que nascem e colocam o casamento como uma prioridade na vida. Para ser bem sincera, eu achava que nunca aconteceria comigo. Meu histórico de relacionamentos fracassados era tão grande que me acostumei a dizer para mim mesma que não precisava disso. Não precisava de um noivo, um vestido branco, uma troca de alianças. Alguns homens que passam pela nossa vida são tão escrotos que nos fazem esquecer da possibilidade de um casamento. Agente até perde a vontade e para de sonhar.

Então, encontrei Christopher. Um príncipe, um cavalheiro, um homem com h maiúsculo. Aquele destinado a me fazer a mulher mais feliz do mundo. E no momento em que eu disse sim para ele, sabia que queria tudo. Queria poder ter

tudo que um casamento poderia ter.

Sendo assim, escolhi o maior ícone e referência para casamentos em Nova York: *The Plaza*. Se era pra casar, eu queria que fosse inesquecível. Magnífico. Minha cerimonialista enlouqueceu quando escolhemos o local tão em cima da hora, visto que o *The Plaza* era o mais concorrido entre toda a nata nova- iorquina.

— Você está tão linda... — Kiara tocou meus ombros, por trás de mim, enquanto nós duas encarávamos meu reflexo no espelho. —Parece uma boneca. Quem vê assim nem imagina que seja uma pervertida.

Sorri, alisando meu vestido. Não quis nada muito extravagante nem com brilho, pois o luxo todo ficaria por conta dos detalhes da festa. Portanto, tive trabalho até achar a pessoa perfeita para desenhar o vestido dos meus sonhos. Fiz muita pesquisa até encontrar a estilista J. Kottvitz, uma brasileira não muito conhecida, que entendeu perfeitamente o que eu queria.

Ela fez meu vestido estilo princesa todo em seda, com a barra da saia bordada a mão e um decote baixo de ombro a ombro, dando uma falsa ideia de tomara que caia. Era perfeito, exuberante e ao mesmo tempo simples e clássico. Kiara, que era minha madrinha e usava um vestido de tule rosa bebê, ajeitou o véu preso em meu penteado e adornado com a tiara fina.

Ambas pulamos quando ouvimos uma batida na porta e minha amiga correu para segurar a maçaneta e evitar que alguém indesejado entrasse.

—Quem é?

— Christopher — disse e me fez sorrir. — Sei que estou proibido de ver minha noiva, mas só queria dizer que te amo, amor. Não vejo a hora de segurar sua mão na frente de todos os nossos convidados.

—Eu não posso chorar, Chris! —gritei, abanando meus olhos arregalados. — Deixa pra dizer as coisas bonitas quando eu já tiver tirado muitas fotos.

Ouvi a risada dele do lado de fora.

—Tudo bem, vou ficar te esperando. Não erre o caminho!

Revirei os olhos com a gracinha. Seria meio difícil acontecer já que tínhamos

reservado quartos no próprio hotel, optando pela comodidade.

Respirei fundo e voltei a me olhar no espelho. Estava me achando tão linda! Senti os braços de Kiara envolverem minha cintura quando ela parou de pé ao meu lado e beijou meu rosto de leve.

— Caso esteja nervosa e pensando que algo vai dar errado, lembre-se que toda noiva passa por isso horas antes do casamento.

— Eu estou ótima — falei, rindo. — Sério, estou mais ansiosa do que nervosa. Não vejo a hora de ver o Chris.

— Posso adiantar que ele está maravilhoso. — Minha amiga piscou e me

cutucou com o cotovelo. —Você escolheu muitíssimo bem, dona Rosa!

Sim, eu acertei em cheio. Mordi meu lábio, visualizando meu quase marido pelado, ansiosa pela nossa lua de mel na cidade mais romântica do mundo: Paris. A próxima hora passou tão rápido com Kiara sempre perto de mim, que quando vieram me chamar, eu até me surpreendi. Recebi ajuda para descer a escadaria de mármore com corrimão banhado a ouro. Em formato arredondado, conforme eu descia meu véu se abria atrás de mim e eu conseguia vê-lo deslizar pelos degraus.

Então, parei diante das portas duplas à espera do momento em que se abririam. Eu sempre achei que fosse resistente a tudo. Mas meu corpo inteiro se arrepiou e senti o choro querer chegar quando ouvi os primeiros acordes da Marcha Nupcial tocada inteiramente em violinos. Respirei fundo, sequei os cantinhos dos olhos com as pontas dos dedos e ergui a cabeça quando as portas me revelaram.

Decidi que entraria sozinha já que não teria meu pai para me acompanhar. Nossa ideia inicial era que Guapo carregasse as alianças até o altar, mas durante o treinamento que fizemos com ele, o filho da mãe comeu as alianças de mentirinha. Portanto, nada de cachorro.

Um passo à frente e não sabia se caminhava ou se me encantava com o que via. O local da cerimônia tinha sido todo decorado de forma que parecesse que galhos cresciam entre as fileiras de bancos, dando a impressão de copas de

árvores de folhas em tons de branco e creme. A iluminação baixa e intimista, deixava em foco as folhagens iluminadas. E lá no fundo, no altar, meu futuro marido me esperava, tão lindo num terno preto impecável. Ao lado dele, uma cadeira branca para que eu me sentasse, assim como ele estava sentado. Não queria diferença entre nós, naquele momento, perante Deus.

∞

Precisei de alguns minutos para que retocassem a minha maquiagem antes de ir para o salão onde aconteceria a festa. Estava sentada na cadeira do maquiador, com o rosto para cima e a mão de Christopher entrelaçada na minha. Ele disse que ficamos tempo demais afastados antes do casamento e que não me deixaria mais sozinha o restante da noite.

Porém, quando eu estava quase terminando e prestes a ser dispensada, meu marido se despediu e disse que precisava ir ao banheiro. Nos encontraríamos novamente dentro do salão, pois ainda precisávamos encenar nossa primeira dança. Eu me sentaria no colo dele e não sabia se daria muito certo, pois a saia do vestido tinha tecido demais.

— Está prontíssima! — O maquiador me liberou, piscando e abrindo a porta para que eu passasse. — Divirta-se!

Comecei a estranhar tudo ao ver Kiara parada na entrada do salão, como se fosse um cão de guarda. Ela enganchou o braço no meu e entrou comigo, sorrindo de forma descontrolada.

— Christopher preparou uma surpresa — disse ela, guiando-me para o centro da enorme pista de dança. —Sente-se e aguarde pacientemente. Nada de se levantar!

Ali havia uma cadeira chique, de encosto alto e toda adornada nas cores da festa. Eu me sentei como fui mandada e olhei em volta, vendo que os convidados começavam a se amontoar ao redor da pista, tão curiosos quanto eu.

A orquestra sobre o palco começou a embalar um instrumental que não me era muito desconhecido quando Christopher surgiu em sua cadeira e parou na outra extremidade. Ele sorriu e eu sorri de volta.

Então, quatro homens entraram na pista, puxando uma passarela, do tipo que havia nas sessões de fisioterapia de Chris, lá em Bangkok. Era uma estrutura com piso de madeira e ladeada por barras de metal. Numa das extremidades, havia um equipamento com elásticos grossos e eu já tinha visto meu agora marido, várias vezes naquele aparelho. Meu coração começou a acelerar muito rápido quando minha mente imaginou o que Christopher pretendia fazer.

Ele levou sua cadeira, sem pressa, até a estrutura. Subiu de um lado e travou as rodas. *Your Song*, de Elton John, começou a ser tocada pela orquestra. — Chris... — murmurei sem ser ouvida, levando uma mão ao peito, com medo de infartar.

Meu Gato Motorizado meneou com a cabeça me chamando e não sei como meus joelhos não cederam pelo caminho. Pisei na passarela, na extremidade oposta e o vi apoiar as mãos nas barras laterais. Ele flexionou os braços para ficar de pé e seu fisioterapeuta surgiu, puxando a cadeira de rodas e a levando embora.

Mordi meu lábio para evitar chorar, mas não resisti. O próprio Christopher, sozinho e sem ajuda, passou um braço de cada vez pelos elásticos que amparavam o peso do corpo e ficou totalmente ereto diante de mim.

— Seu louco — sussurrei ao me aproximar, chorando como um bezerro, passando meus braços ao redor da cintura dele. — Você escondeu essa façanha de mim esse tempo todo?

— Se eu contasse, não seria surpresa — respondeu ele, sorrindo e tocando minha testa. — Valeu cada minuto de esforço para poder sentir você desse jeito em meus braços.

Ele pressionou os lábios e vi que estava emocionado, com os olhos

marejados. Sorri, enxugando seu rosto e o beijando, enquanto éramos embalados ao som de *Your Song*. Encostei a cabeça no peito dele e o apertei em meus braços o máximo possível. Queria eternizar aquele momento, mesmo que estivéssemos em público; eu só sentia os flashes estourarem em cima de nós.

— Eu te amo tanto, Chris. Você é meu porto seguro. E estou tão, mas tão orgulhosa da sua força e sua evolução!

— Eu amo mais — disse ele e ouvi uma risadinha baixa. — E espero que não se

importe, mas vou provar isso a você todos os dias das nossas vidas.

—Eu não me importo.

Sorrimos e eu tinha certeza que nossas almas encerraram suas buscas uma pela outra. Há muito já estava escrito que nos pertencíamos, só demoramos a percorrer individualmente nossos respectivos caminhos.

Nossa dança não foi muito movimentada. Nós basicamente permanecemos em pé, no mesmo lugar. E foi a melhor dança da minha vida.

FIM

AGRADECIMENTOS

A ideia para esse livro surgiu num dia em que eu estava pensando sobre como devíamos ser mais agradecidos com o que tínhamos. Sou uma pessoa privilegiada de tantas formas, que chega a ser vergonhoso lembrar que eu sequer pensava como vivia uma pessoa com limitações. Sei que há diversos tipos de deficiência física, mas escolhi focar nos cadeirantes. Eu não conhecia nada do mundo deles, da rotina deles e, como a Rosa e a Kiara no início do livro, muitas vezes eu nem reparava neles. Ainda bem que eu decidi escrever esse livro, pois só dessa forma pude me tornar uma pessoa muito mais consciente.

Agradeço a cada pessoa que acompanhou a criação dessa história (especialmente do Wattpad) e me incentivou com comentários cheios de carinho. Agradeço às minhas meninas que foram as primeiras a terem contato com Rosa e Chris, lá em 2017. Raissa, Hayesha, Deisiane, Luiza, Glaucy, Gleici, Paulinha, Jéssica, Nayara, Samantha, Francielle e Crislei. Vocês foram importantes para que eu sentisse que estava no caminho certo!

Agradeço à minha querida Fernanda Terra, por ter me segurado quando o bloqueio surgiu. Nossas longas conversas foram extremamente importantes pro meu retorno.

Agradeço também à Izabely, uma querida que meu deu muitas dicas e tirou outras dúvidas a respeito da lesão do Chris.

Aquem está presente em todos os momentos da minha vida: minha família. E

Deus, sempre.

Gostou do livro? Espero que sim! E se essa for a resposta, por favor, não deixe de avaliar a história na Amazon. É muito importante para mim, pois dessa forma outros leitores poderão se encantar com esse casal lindo!

Fique à vontade também para indicar o livro para outras pessoas! Se quiser falar comigo, vem de rede social:

Instagram: @kelcosta.oficial Facebook: Kel Costa Twitter: @kelcosta_k

Site: www.kelcosta.com.br

Table of Contents

capitulo 1 capitulo 2 capitulo 3 capitulo 4 capitulo 5 capitulo 6 capitulo 7 capitulo 8 capitulo 9 capitulo 10 capitulo 11 capitulo 12 capitulo 13 capitulo 14 capitulo 15 capitulo 16 capitulo 17 capitulo 18 capitulo 19 capitulo 20 capitulo 21 capitulo 22 capitulo 23 capitulo 24 capitulo 25 capitulo 26 capitulo 27 capitulo 28 capitulo 29 capitulo 30 capitulo 31 capitulo 32 capitulo 33 epilogo